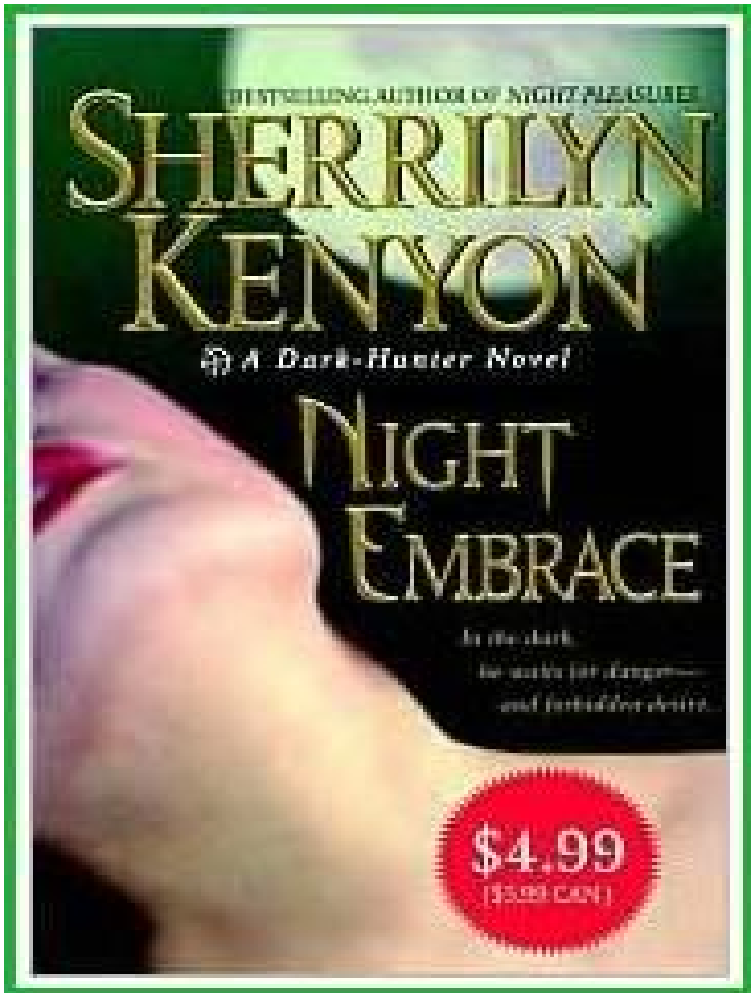




Abraço Noturno -

Dark Hunters 4 -Talon e Sunshine - Sherrilyn Kenyon

"Night Embrace"







Abraço Noturno

Sherrilyn Kenyon

Talon foi outrora um guerreiro celta amaldiçoado por seu antigo deus. Depois do assassinato de sua irmã, ao morrer Talon fez feito um trato com a deusa Artemisa. A ele foi dado um ato de vingança contra o clã que o traiu, em troca de sua alma e de seu serviço como um eterno Dark-Hunter. Talon foi empossado na luta contra os Diamons e prossegue salvando as almas humanas que são capturadas. Ele nunca teve motivos para lamentar esta escolha - até que ele conhece Sunshine Runningwolf. A excêntrica Sunshine para Talon é a mulher perfeita. Ela é bonita, sexy e não está à procura de um compromisso de longo prazo. Mas quanto mais tempo Talon passa em sua companhia, mais ele começa a sonhar com a ânsia de amar e o sonho de família que ele enterrou há séculos atrás. Mas amar Sunshine seria perigoso para ambos. Talon não está destinada a conhecer a paz ou felicidade, não enquanto seus inimigos ainda procuram destruir a ele e todo mundo perto dele ...

Disponibilização/Tradução: Sarah Gomes

Revisão: Adriana Bertoldo

Formatação/Revisão Final: Meli Dumbledore

Logo/Arte: Mare



Caro leitor,

A vida é grande para mim. Tenho meu café de chicória, o meu delicioso beignets, e meu melhor amigo no celular. Assim que o sol se põe, eu sou a pior coisa jogada na noite: Eu ordeno os elementos, e eu não conheço nenhum medo. Durante séculos, eu protegi os inocentes e vigiei a humanidade, garantindo que ficariam seguros em um mundo onde nunca nada é certo. Tudo o que eu quero em troca é uma mulher quente em um vestido vermelho, que queira nada mais de mim, senão uma noite.

Em vez disso, eu recebo uma caravana fugitiva do Mardi Gras* que tenta transformar-me em pasta e uma bela mulher que guarda a minha vida, mas não consigo lembrar onde ela colocou a minha calça. Flamejante e extravagante, Sunshine Runningwolf deveria ser a mulher perfeita para mim. Ela não quer nada mais que a noite passada, sem vínculos, sem compromissos de longo prazo.

Mas cada vez que olho para ela, eu começo a ansiar os sonhos que eu havia enterrado há séculos atrás. Com sua habilidade e formas não convencionais para despistar-me, Sunshine é o tudo que necessito. Mas para meu desespero amar significaria a morte dela. Eu nunca terei o direito de conhecer a felicidade, paz e o meu inimigo espera na noite de destruir-nos a ambos.

- Talon do Morrigantes

Mardi Gras um dos mais famosos Carnavais do mundo. Conhecido por suas máscaras de gesso, colares de continhas e paradas com bandinhas durante todo mês antes do Carnaval - a "terça-feira gorda" que é o mesmo que Mardi Gras só que em francês.

O Mardi Gras primeiro começou em Louisiana feito pelos colonizadores franceses. O primeiro Mardi Gras em registro é datado em 1699. **Nota da revisora final.**



PREFACIO

AD 558 GLIONNAN

Os fogos vermelhos do povoado ardiam à grande altura na noite, lambendo o céu escuro como serpentes enroscando-se através do veludo negro. A fumaça flutuou no ar através da escuridão brumosa, acre com o perfume de morte e vingança.

A vista e o aroma deveriam trazer alegria para o Talon.

Não o fez.

Nada lhe traria alegria outra vez.

Nada.

A amarga agonia que fluía dentro dele o deixava incapacitado. Debilitado. Era mais do que podia suportar e esse pensamento era quase suficiente para lhe fazer rir.

Ou amaldiçoar.

Aye, ele amaldiçoou do intolerável peso de sua dor.

Um por um, ele tinha perdido a cada ser humano na terra que alguma vez tinha significado algo para ele.

Todos eles.

Aos sete anos, ficou-se órfão e com a pesada responsabilidade de cuidar de sua irmã recém-nascida. Sem um lugar aonde ir e incapaz de alimentá-la, tinha retornado ao clã que mais uma vez tinha sido liderado por sua mãe.

Um clã que tinha banido a seus pais antes de seu nascimento.

Seu tio tinha estado em seu primeiro ano como rei quando Talon ingressou na força em seu grande salão.

A contra gosto o rei o tinha aceitado a ele e a Ceara, mas seu clã nunca o tinha feito.

Não, até que Talon os forçou a isso.

Eles não respeitavam sua ascendência, mas Talon lhes tinha feito respeitar sua espada e temperamento. Respeitar sua vontade para mutilar ou matar violentamente a qualquer que o insultasse.

Quando alcançou sua idade viril, ninguém se atrevia a desafiá-lo para burlar-se de seu nascimento ou impugnar a



lembrança de sua mãe ou sua honra.

Tinha crescido dentro das tropas de guerreiros e tinha aprendido tudo o que podia a respeito de armas, brigas, e liderança.

Ao final, tinha sido unanimemente votado como o sucessor de seu tio pelas mesmas pessoas que uma vez se burlaram dele.

Como o herdeiro, Talon tinha permanecido ao lado direito de seu tio, protegendo implacavelmente até que uma emboscada inimizada os tinha pegado despreparados.

Ferido e agonizando, Talon tinha sustentado em seus braços o seu tio Idiag enquanto morria de suas feridas.

— Cuida de minha esposa e da Ceara, filho —, seu tio murmurou antes de morrer. —Não me faça lamentar o te haver aceito.

Talon o prometeu. Mas uns poucos meses mais tarde, encontrou a sua tia violada e assassinada por seus inimigos. O corpo profanado e deixado como presa para os animais.

Menos de um ano depois, ele embalaria contra seu peito a sua preciosa esposa, Nynia, enquanto ela exalava seu último fôlego deixando totalmente só, despojado de seu terno e reconfortante contato.

Ela tinha sido seu mundo.

Seu coração.

Sua alma.

Sem ela, ele já não tinha desejo de viver.

Com seu espírito tão quebrado como seu coração, tinha colocado a seu filho nascido morto nos braços sem vida dela e os tinha sepultado aos dois juntos ao lado do lago onde ele e Nynia tinham jogado quando meninos.

Logo, fazia como lhe ensinaram sua mãe e seu tio.

Tinha sobrevivido para dirigir a seu clã.

Deixando a um lado sua amargura, tinha vivido só para o bem-estar do clã.

Como um cacique, tinha derramado bastante sangue para encher o mar vermelho e tinha recebido incontáveis feridas em



sua carne por sua gente. Conduziu a seu clã para a glória contra todos os clãs do centro e do norte que tinham tratado de conquistá-los. Com quase toda sua família morta, tinha dado a seu clã tudo o que tinha. Sua lealdade. Seu amor.

Ele até lhes tinha devotado sua vida para proteger-los dos deuses.

E em um batimento do coração, os membros do clã tinham tomado o último na terra que tinha amado.

Ceara.

Sua apreciada irmã pequena pela qual ele tinha jurado a sua mãe, pai, e tio que a protegeria a qualquer preço. Ceara com dourados cabelos e risonhos olhos âmbar. Tão jovem. Tão amável e confiável.

Para satisfazer a ambição egoísta de um, seu clã a tinha matado violentamente ante seus olhos enquanto ele jazia amarrado, incapacitado para detê-los.

Ela tinha morrido lhe chamando para que a ajudasse.

Seus gritos horrorizados ainda soavam em seus ouvidos.

Depois da execução, o clã se voltou contra ele e lhe tinha tirado a existência igualmente. Mas a morte ao Talon não o tinha aliviado. Ele havia sentido só culpa. Culpa e a necessidade para emendar as ofensas feitas contra sua família.

Essa necessidade de vingança havia transcendido tudo, ainda mesmo a morte.

— Que os deuses os condenem a todos vocês! — Talon trovejou à ardente aldeia.

— Os deuses não nos condenam, condenamo-nos nós mesmos com nossas palavras e ações.

Talon deu a volta abruptamente à voz atrás dele para ver um homem vestido tudo de negro. Chegando à pequena ascensão, este homem era diferente a qualquer um que ele tivesse visto antes.

O vento da noite formava redemoinhos ao redor da figura, ondulando a capa tecida enquanto caminhava com uma grande vara de guerreiro, sustentada em sua mão esquerda. A escura e antiga madeira de carvalho tinha símbolos esculpidos e a parte superior



estava decorada com plumas sustentadas por um cordão de couro.

A luz da lua dançava sobre o cabelo negro que tinha penteado em três longas tranças.

Seus olhos chapeados e brilhantes pareciam mudar como uma misteriosa névoa.

Esses olhos acesos eram estranhos e arrepiantes.

Parado tinha a medida de um gigante. Talon nunca antes tinha tido que levantar o olhar ante ninguém e este estranho tinha a altura de uma montanha. Foi quando o homem se aproximou que Talon percebeu que era só uns centímetros mais alto e não tão maior como ao princípio lhe pareceu. Certamente, seu estilo era o de um jovem que estava na preciosa soleira entre a adolescência e a maturidade.

Até que o viu mais de perto. Ali, nos olhos do desconhecido, jazia a sabedoria dos anos. Este não era um moço, era um guerreiro que tinha brigado duro e tinha visto muito.

—Quem é você? — perguntou Talon.

—Sou Acheron Parthenopaeus — disse com acento estranho, mas perfeitamente na língua celta natal do Talon. — Fui enviado pela Artemisa para te treinar para sua vida nova.

A Deusa grega havia dito ao Talon que esperasse a este homem que tinha vagado pela terra desde tempos imemoriais.

—E o que me ensinará você, feiticeiro?

—Ensinarei-te a matar violentamente aos Daimons que caçam na humanidade desventurada. Ensinarei-te a te esconder durante o dia a fim de que os raios do sol não lhe matem. Mostrarei-te como falar sem revelar suas presas aos homens e todo o resto que precise saber para sobreviver.

Talon riu amargamente enquanto uma dor cega o atravessava outra vez. Estava tão dolorido e ferido que escassamente podia respirar. Tudo o que queria era paz.

Sua família.

E eles já se foram.

Sem eles, ele já não tinha desejo de sobreviver. Não, ele não podia viver com este peso no coração.



Abraço Noturno -

"Night Embrace"

Dark Hunters 4 -Talon e Sunshine - Sherrilyn Kenyon

Olhou ao Acheron.

— Me diga, Feiticeiro, há algum feitiço que possa terminar com a agonia desta maldição?

Acheron lhe lançou um olhar duro.

—Sim, Celta. Eu te mostrarei como enterrar a dor tão profundamente que não te incomodará nunca mais, mas tenha em conta que nada é dado livremente e nada dura para sempre. Um dia algo virá para te fazer sentir outra vez e com isso virá toda a dor do tempo sobre você. Tudo o que escondeste sairá e não só poderia te destruir, mas também a qualquer um perto de você.

Talon ignorou essa última parte. Tudo o que queria por agora era um dia onde seu coração não estivesse quebrado. Um momento livre de sua tortura. Estava disposto que a pagar qualquer preço por isso.

—Está seguro que não sentirei nada?

Acheron assentiu.

—Lhe posso ensinar isso só se me escutar.

—Então me ensine bem, Feiticeiro... ensine-me bem.



CAPÍTULO 1

HOJE - NEW ORLEANS

— Tu sabes Talon, matar uma alma absorvida por Daimon sem uma boa luta, é como sexo sem copular. Uma total perda de tempo e completamente insatisfatória.

Talon grunhiu antes as palavras de Wulf enquanto se sentava em uma mesa de canto do Café Du Monde, na expectativa do regresso da garçonete com seu café preto com chicória* e beignets. Ele tinha uma antiga moeda saxão em sua mão esquerda a qual a fazia rodar entre os dedos enquanto olhava a escuridão da rua frente dele e vigiava a turística localização.

Havendo banido a maior parte de suas emoções há mil e quinhentos anos atrás, Talon só se permitiu desfrutar de três alegrias: mulheres fáceis, café de chicória e chamadas telefônicas com Wulf.

Nessa ordem.

Mas, em honra da verdade, houve ocasiões em que a amizade com Wulf significou mais para ele do que uma xícara de café. Esta noite, no entanto, não foi um deles.

Ele tinha despertado pouco depois de anoitecer para encontrar pateticamente baixo em cafeína, embora a teoria diz que os imortais não poderia ter vícios, ele nunca apostou nisso.

Quase não tinha tido tempo de colocar as calças e uma jaqueta de couro, antes de sair para procurar a deusa cafeína.

A fria noite em Nova Orleans estava desacostumadamente calma. Não havia muitos turistas na rua, que era incomum tão perto do Mardi Gras.

Além disso, era a época principal dos Daimons em Nova Orleans, logo os vampiros estariam espreitando aos turistas, fazendo vítima de um banquete aberto.

*café com chicória é uma famosa mistura francesa, a marca café Du monde é uma franquia de lojas. Como nova Orleans é de colonização francesa daí a preferência.



No momento, pensou Talon, estava contente que estivesse calmo assim, podia ocupar-se da crise do Wulf e alimentar o único desejo que não gemeria.

— Falando como um verdadeiro homem do norte — disse Talon em seu telefone celular. —O que necessita meu irmão, é água e mel, um vestíbulo com garotas te servindo e vikings preparados para lutar por seu caminho à Valhalla.

—Me conte sobre isso-Wulf concordou. — Sinto saudade das boas velhas épocas quando os Daimons eram guerreiros treinados para o combate. Os que encontrei esta noite não sabiam nada de briga, e estou totalmente aborrecido da mentalidade: “minha pistola solucionará tudo”.

—Dispararam-lhe outra vez?

—Quatro vezes. Juro... desejaria poder ter um Daimon aqui como Desiderius. Eu adoraria uma boa briga inescrupulosa uma vez sequer.

—Cuidado com o que desejas, poderia obtê-lo.

—Sim, sei. Mas demônios. Por uma só vez, não podem deixar de correr de nós e aprender a brigar como seus antepassados fizeram? Estranho a forma em que as coisas estavam acostumadas ser.

Talon ajustou seus óculos obscuros Ray Ban de predador, enquanto olhava um grupo de mulheres caminhando na rua próxima.

Agora havia um desafio no que ele poderia afundar suas presas.

Sob seus lábios fechados, passou sua língua sobre sua comprida presa esquerda enquanto observava a uma bela mulher loira vestida em azul. Ela tinha uma lenta e sedutora forma de caminhar que podia fazer sentir a um homem de mil e quinhentos anos como um adolescente.

Ele desejava tanto um pedaço disso.

Maldito Mardi Gras.

Se não fosse pela estação, ele não estaria pendurando com o telefone ao Wulf, estava correndo atrás dela para satisfazer seus desejos.



O dever. Como irritava.

Deixou que seus pensamentos retornassem à conversação.

—Direi-te que mais estranho são as Talpinas.

—O que são essas?

Talon jogou outro olhar às mulheres que rapidamente foram à deriva em sua linha de visão.

—Elas estiveram antes de sua época. Sendo mercenários no inferno dos Anos Escuros, estávamos acostumados a ter umas animadas escuderas cujo único propósito era cuidar de nossas necessidades carnisais.

Talon inspirou apreciativamente enquanto recordava às Talpinas e o conforto que uma vez lhe tinham proporcionado a ele e a seus irmãos caçadores.

—Homem, eram geniais. Elas sabiam o que éramos e estavam mais que felizes de deitar-se conosco. Diabos, elas até treinavam em como nos dar agradar.

—O que lhes aconteceu?

—Ao redor de cem anos antes que nascesse um Caçador Escuro cometeu o engano de apaixonar-se por sua Talpina. Infelizmente para o resto de nós, ela não passou a prova da Artemisa. Artemisa estava tão zangada, que se apresentou e tirou às Talpinas de nós, e implementou a maravilhosa regra de *podes-dormir-com-elas-uma-so-vez*. Ante a violenta reação, Acheron veio com a lei de *nunca-toque-a-seu-Escudeiro*. Digo-te, você não viveste até que trataste que encontrar uma noite decente nos anos setecentos da Grã-Bretanha

Wulf bufou.

—Esse nunca foi meu problema.

—Sim, sei. Invejo-te isso. Enquanto o resto de nós temos que nos afastar de nossas amantes, para que não traiamos nossa existência, você pode atuar despreocupadamente sem temor.

—Acredite-me Talon, não é tão certo como deveria ser. Você vive só por escolha. Tem idéia que frustrante é que ninguém te recorde cinco minutos depois que vai?

Wulf exalou um suspiro comprido, cansado.



—A mãe do Christopher se aproximou três vezes na última semana para encontrar-se com a pessoa com quem trabalha. Conheci-a por quanto? Trinta anos? E não me deixa esquecer essa vez dezesseis anos atrás quando voltei para casa e chamou os policiais porque pensou que tinha invadido minha própria casa.

Talon fez uma careta ante a dolorida voz do Wulf. Isso lhe recordou o porquê não se permitia sentir nada salvo prazer físico.

As emoções não tinham propósito na vida e ele estava muito melhor sem elas.

—Sinto muito, pequeno irmão-disse ao Wulf. —Pelo menos nos tem, e seu Escudeiro, quem te pode recordar.

—Sim, sei. Agradeço aos deuses pela tecnologia moderna. De outra maneira me voltaria louco.

Talon se moveu na cadeira.

—Não é por trocar o tema, mas sabe a quem recomendou Artemisa em Nova Orleans para tomar o lugar do Kyrian?

—Ouvi que era Valerius-Wulf disse com incredulidade. —No que estaria pensando Artemisa?

—Não tenho idéia.

—Kyrian já sabe? —perguntou Wulf.

—Por uma razão óbvia, Acheron e eu optamos por não lhe dizer que o neto viva imagem do homem que lhe crucificou e destruiu sua família, foi recolocado na cidade, justamente rua abaixo de sua casa. Infortunadamente, entretanto, estou seguro que se inteirárá cedo ou tarde.

—Homem, humano ou não, Kyrian o matará se alguma vez se cruzam seus caminhos, não é algo ao que precisa fazer frente nesta época do ano.

—Não me diga.

—Então, quem tem a tarefa do Mardi Gras este ano? —perguntou Wulf.

Talon soltou a moeda em sua mão enquanto pensava no antigo escravo greco-romano, que seria temporariamente trasladado à cidade amanhã para ajudar a batalhar com a explosão do Daimons que ocorria cada ano nesta época. Zarek era um conhecido caçador



que se alimentava de sangue humano. Era instável no melhor dos casos, psicótico no pior deles. Ninguém confiava nele.

E era simplesmente "sorte" do Talon ter ao Zarek aqui, especialmente que estava esperando que uma Guerreira Escura viesse de visita. A presença de outro Caçador Escuro podia esgotar seus poderes, ainda assim, ele preferia ter uma mulher atraente para olhar que lutar com a psicose do Zarek.

Além disso, para o que tinha em mente, ele e a guerreira não necessitavam seus poderes de Caçadores Escuros de qualquer modo...

—Estão importando ao Zarek.

Wulf amaldiçoou outra vez.

—Não pensei que Acheron lhe permitiria alguma vez deixar Alaska.

—Sim sei, mas a ordem veio da Artemisa, ela o quer aqui. Parecesse que teremos uma reunião de psicóticos esta semana... OH espera, é Mardi Gras Dos.

Wulf riu outra vez.

Por fim a garçonete trouxe seu café e um prato pequeno com três beignets que estavam revestidos com excessivo açúcar. Talon suspirou apreciativamente.

—O café chegou?

—OH, sim.

Talon tomou um gole de seu café, deixou a um lado, e alcançou um beignet. Mal havia mordido, viu algo através da rua, no lado direito do Jackson Square além do Pedestrian Mall.

—Ah, homem.

—O que?

—Merda, Fábio à vista.

—Ei, você não está muito longe do tipo tampouco, loiro.

—Me exclua Viking.

Vexado pela inoportuna aparição, Talon observou ao grupo de quatro Daimons espreitando a noite. Daimons altos e loiro dourados que possuíam a divina beleza de sua raça. reboavam como perus reais, bêbados de seu próprio poder enquanto



observavam aos turistas que foram matar.

Por natureza, os Daimons eram covardes. Só defendiam sua causa e brigavam contra os Caçadores Escuros quando estavam em grupos e só como último recurso. Porque eram muito mais fortes que os humanos, alimentavam-se abertamente deles, mas se tiver um Caçador Escuro perto deles, corriam para esconder-se.

Houve uma vez, um tempo em que não tinha sido assim. Mas as novas gerações eram mais cuidadosas que seus antepassados. Não estavam nem tão adequadamente adestrados, nem eram tão engenhosos.

Assim e tudo, eram arrogantes.

Talon estreitou seus olhos.

—Você sabe se fosse uma pessoa negativa, estaria seriamente incômodo agora mesmo.

—Soa mal para mim.

—Não, isto não é estar mal. Isto é estar brandamente perturbado. Além disso, deveria ver estes tipos — Talon deixou seu acento celta enquanto inventava uma conversa para os Daimons. Ele levantou sua voz a um tom antinatural. —Ouça grandioso George, acredito que cheiro um Caçador Escuro.

—OH não, Dick —, disse, baixando sua voz duas oitavas, - não seja desprezível. Não há nenhum Caçador Escuro aqui.

Talon retornou a seu falsete. —Eu acredito...

—Espera-disse Talon, outra vez com voz profunda. —Cheiro turistas. Turistas com grandes... fortes almas.

—Deterá-te?

—Falo de "mancha de tinta" —, disse Talon, usando o pejorativo termo que os Caçadores Escuros davam aos Daimons. Vai da estranha marca negra que todos os Daimons desenvolviam em seus peitos quando passavam de ser um Apolita a caçadores de humanos. —Demônios, tudo o que queria era tomar um café e um beignet pequeno.

Talon lhe jogou um lastimoso olhar a sua bebida enquanto debatia o que deveria ter prioridade.

—Café... Daimons... Café... Daimons...



Abraço Noturno -

"Night Embrace"

Dark Hunters 4 -Talon e Sunshine - Sherrilyn Kenyon

—Penso que neste caso é melhor que ganhem os Daimons.

—Se, mas é café de chicória.

Wulf estalou sua língua.

—Talon querendo ser torrado pelo Acheron por fracassar em proteger à humanidade.

—Sei-disse com um suspiro altamente indignado. —me deixe ir eliminá-los. Falo-te depois.

Talon parou, deslizou seu telefone no bolso da jaqueta de motoqueiro, e cravou ansiosamente os olhos em seus beignets.

OH, os Daimons pagariam isto.

Tomando um rápido gole de café que escaldou sua língua, rodeou as mesas e caminhou para os vampiros, que espreitavam o edifício Presbiteriano em construção.

Com os sentidos de Caçador Escuro alerta, Talon se encaminhou ao lado do posto da praça. Ele lhes cortaria a cabeça e se asseguraria que pagassem por suas formas de roubar uma alma.

E por seus beignets não comidos.

CAPÍTULO 2

Era uma dessas noites. Do tipo que o fazia perguntar-se a Sunshine Runningwolf por que se incomodou de deixar seu loft.

Quantas vezes pode se perder uma pessoa em uma cidade aonde viveu toda sua vida?

O número parecia infinito.

É obvio, ajudaria se ela pudesse concentrar-se, mas sua atenção tinha a duração de uma pulga doente.

Não, realmente ela tinha a atenção de um artista, que estranha vez ficava enfocada no aqui e agora. Como um tiro de funda fora de controle, seus pensamentos foram à deriva de um tema a outro e logo para trás outra vez. Sua mente constantemente estava vagando e repassando rapidamente novas idéias e técnicas, a novidade do mundo a seu redor e como



capturá-lo melhor.

Para ela havia beleza em todas as partes e em cada pequena coisa. Era seu trabalho mostrar essa beleza a outros.

E esse edifício que estavam construindo, dois ou três, talvez quatro ruas mais à frente, tinha-a distraído e levado a pensar sobre novos desenhos para sua peças de cerâmica enquanto vagava através do Bairro Francês para sua cafeteria favorita no St. Anne.

Não é que ela bebesse essa coisa nociva. Ela o odiava. Mas o retro-beatnik Stain Café, tinha bonitas ilustrações nas paredes e suas amizades eram partidárias de beber litros desse líquido.

Esta noite ela e Trina foram aproximar se...

Sua mente retornou ao edifício.

Tirando seu bloco de papel de desenho, fez algumas notas mais e dobrou à direita, para um beco pequeno.

Caminhou dois passos, e deu contra uma parede.

Só que não era uma parede, precaveu-se, enquanto dois braços a envolviam para evitar que tropeçasse.

Ao olhar para cima, congelou-se.

Ai, Caramba! ficou com o olhar fixo em uma cara tão bem formada que duvidava que nem sequer um escultor grego pudesse lhe fazer justiça.

Seu cabelo cor trigo parecia resplandecer na noite e os traços de seu rosto...

Perfeita. Simplesmente perfeita. Totalmente simétrica.

Sem pensar, pegou-lhe o queixo e voltou seu rosto para ver a de diferentes ângulos.

Não, não era uma ilusão óptica. Não importava o ângulo, seus traços eram a perfeição encarnada.

Wow, outra vez. Absolutamente perfeito.

Ela precisava esboçar isto.

Não. Óleo. Os óleos seriam melhores.

As pinturas pasteis!

—Está bem? —perguntou ele.

—Estou bem-respondeu. —Sinto muito. Não lhe vi parado ai. Mas sabe você que seu rosto é etinia pura?



Deu-lhe um sorriso com os lábios apertados enquanto aplaudia o ombro de sua capa vermelha.

—Sim, sabia. E sabia você, pequena Chapeuzinho Vermelho que o grande lobo mal está fora esta noite e está faminto?

O que era isso?

Ela falava de arte e ele...

O pensamento se desvaneceu assim que se precaveu que o homem não estava só.

Havia quatro homens mais e uma mulher. Todos insanamente belos. E os seis a olhavam como se ela fosse um bocado saboroso.

Ohh.

Sua garganta ficou seca.

Sunshine deu um passo para trás enquanto todos os sentidos de seu corpo lhe diziam que corresse.

Moveram-se ainda mais perto, encurralando-a entre eles.

—Agora, pequena Chapeuzinho Vermelho-disse o primeiro. — Não quererá ir tão logo, verdade?

—Oh, sim-disse ela, preparada para brigar. Pouco sabiam eles, que uma mulher que acostumava sair com motoqueiros, estava mais que capacitada para dar um rápido golpe quando o necessitava. —Penso que seria uma muito boa idéia.

Ele a tratou de alcançar.

Saído de nenhuma parte algo circular passou como um raio por seu rosto, roçando seu braço estendido. O homem amaldiçoou enquanto aproximava o braço que lhe sangrava a seu peito. A coisa ricocheteou como o chakram da Xena, e retornou à entrada do beco onde uma sombra a apanhou.

Sunshine olhou boquiaberta o contorno de um homem. Vestido todo de negro estava parado com suas pernas separadas com a postura de um guerreiro enquanto sua arma brilhou com maldade na tênue luz.

Embora ela não pudesse ver nada de seu rosto, sua aura cambiante era gigantesca, lhe outorgando uma presença tão surpreendente como poderosa.

Este novo desconhecido era perigoso.



Mortalmente.

Uma sombra letal simplesmente aguardando para golpear.

Ele se manteve silencioso, olhando a seus assaltantes, a arma sustentada despreocupadamente, mas em certa forma ameaçadora, em sua mão esquerda.

Logo, o caos total se manifestou enquanto os homens que a rodeavam se apressavam ao recém-chegado...

Talon tocou com o dedo o punho de sua adaga celta e pregou os três sinais de multiplicação em uma só adaga. Tratou de aproximar-se da mulher, mas os Daimons lhe atacaram em massa. Normalmente, ele não teria problema absolutamente em destruí-los, mas o código dos Caçadores Escuros lhe proibia revelar seus poderes a um humano não iniciado.

Maldição.

Por um segundo, considerou convocar à névoa para ocultá-los, mas isso faria a briga com os Daimons mais dificultosa.

Não, não lhes podia dar nenhuma vantagem. Em tanto a mulher estivesse ali, deveria brigar com suas mãos atadas às costas, e lhe dar a força sobre-humana e o poder aos Daimons, não era algo bom para nada. Sem dúvida, por isso era que o estavam atacando.

Por uma vez eles realmente tinham uma possibilidade contra ele.

—Corre—ordenou à mulher humana.

Ela começou a lhe obedecer quando um dos Daimons a pegou. Deu-lhe uma patada à virilha e um forte golpe nas costas quando ele se dobrou, deixou o Daimon cair e correu.

Talon arqueou uma sobrancelha ante seu movimento. Suave, muito suave. Ele sempre tinha apreciado a uma mulher que podia cuidar-se de si mesma.

Usando seus poderes de Caçador Escuro, convocou uma parede de névoa atrás dela para defendê-la dos Daimons, quem agora se tinha enfocado mais nele.

—Finalmente—disse ao grupo. —Por fim sós.

O que parecia ser o líder o atacou. Talon usou sua telecinesia



para levantar o Daimon, Ihe fez girar patas acima, e golpeou contra uma parede.

Dois mais se aproximaram.

Talon apanhou a uma com sua adaga celta, e ao outro Ihe deu com o joelho.

desfez-se de dois deles facilmente e estava alcançando a outro quando advertiu que o mais alto deles corria atrás da mulher.

A distração momentânea Ihe custou que outro Daimon o atacasse e o golpeasse no plexo solar. A força do golpe o atirou para trás, caindo.

Talon rodou pelo golpe, e saltou para parar-se.

—Agora! — gritou a mulher Daimon.

Antes que Talon pudesse parar-se completamente, outro Daimon o pegou pela cintura e o separou de um empurrão para trás, para a rua.

Diretamente frente ao caminho de um veículo gigantesco que ia tão rápido que nem sequer pôde identificá-lo.

Algo golpeou sua perna direita, fazendo-a em pedaços instantaneamente.

Atirando para frente, sobre o pavimento.

Talon rodou aproximadamente quarenta e cinco metros, até ficar sobre seu estômago sob uma luz da rua enquanto o veículo escuro seguia loucamente rua abaixo, fora da vista. Estava atirado com a bochecha esquerda sobre o asfalto e suas mãos estendidas aos lados.

O corpo inteiro Ihe doía e palpitava e mal podia mover-se de dor. Pior, sua cabeça Ihe pulsava enquanto lutava por manter-se consciente.

Fazê-lo era difícil.

Um Caçador Escuro inconsciente era um Caçador morto. A quinta regra do manual do Acheron veio a sua mente. Devia manter-se acordado.

Com seus poderes decrescendo pela dor de suas lesões, o escudo de névoa começou a dissipar-se.



Talon amaldiçoou. Em todo momento que começava a sentir qualquer tipo de emoção negativa, seus poderes diminuía. Essa era outra das razões pela qual as mantinha ferreamente guardadas.

As emoções eram mortais para ele, em mais de uma forma.

Lentamente, cuidadosamente, Talon se parou em seus pés no mesmo momento que via os Daimons escapando por outro beco. Não havia nada que pudesse fazer a respeito disso. Ele nunca os apanharia em sua condição atual, e ainda se o fizesse, o pior que lhes podia fazer seria sangrar sobre eles.

É óbvio, o sangue dos Caçadores Escuros era venenoso para os Daimons...

Merda. Ele nunca antes tinha falhado.

Apertando os dentes, Talon lutou contra o enjôo que o consumia.

A mulher a que tinha salvado correu para ele. Pela aparência confusa em seu rosto, podia dizer que ela não estava segura de como lhe ajudar.

Agora que a podia ver mais de perto, ficou prendado e com ar de bobo. Fogo e inteligência ardiam profundamente em seus grandes olhos escuros. Recordou ao Morrigan, a deusa escura a que lhe tinha jurado sua espada e lealdade tantos séculos atrás, quando ele havia sido humano.

Seu comprido cabelo negro caía em tranças de todos os tamanhos ao redor de sua cabeça. Tinha uma mancha de carvão vegetal através de uma bochecha. Impulsivamente, passou sua mão sobre ela e a retirou de seu rosto.

A pele era tão suave, tão cálida, e cheirava a algo como patchouli e terebentina.

Que combinação tão estranha. . .

—OH meu Deus, está bem? —perguntou a mulher.

—Sim-disse Talon quedamente.

—Chamarei uma ambulância.

—Nay-disse Talon em sua própria língua, seu corpo protestando o gesto. —Nenhuma ambulância-adicionou em inglês.



A mulher franziu o cenho.

—Mas está muito ferido. . .

Ele encontrou seu olhar.

—Nenhuma ambulância.

Olhou-lhe com cenho até que uma luz apareceu em seus olhos inteligentes, como se ela tivesse tido uma revelação.

—É um estrangeiro ilegal? —murmurou.

Talon se pegou pela única desculpa que lhe podia dar. Com seu acento pesado, antigo celta era natural assumi-lo. Assentiu.

—Sim — murmurou ela ao ouvido de enquanto lhe aplaudia amavelmente no braço. —cuidarei-te sem uma ambulância.

Talon se forçou a si mesmo a tirar-se da luz do poste que lhe machucava seus sensíveis olhos claros. Sua perna quebrada protestou, mas a ignorou.

Caminhou até apoiar-se contra uma construção de tijolos aonde pôde tirar a pressão da perna danificada. Outra vez o mundo se inclinou.

Demônios. Precisava ir a algum lugar seguro. Ainda era cedo na noite, mas o último que precisava era estar apanhado na cidade depois da saída do sol. Quando a um Caçador Escuro o ferem, ele ou ela sentia um antinatural estado de letargia. Era uma necessidade que lhe faria perigosamente vulnerável se não chegasse pra casa logo.

Tirou seu telefone celular para notificar ao Nick Gautier que estava ferido, e rapidamente se inteirou que seu telefone, a diferença dele, não era imortal. Parecia pedaços.

—Aqui-disse a mulher, movendo-se ao lado dele. —me deixe te ajudar.

Talon cravou os olhos nela. Nenhum estranho alguma vez o tinha ajudado. Ele estava acostumado a brigar suas próprias batalhas até depois que o tinham deixado só.

—Estou bem —lhe disse —vá-te.

—Não o farei! Não te deixarei-lhe disse ela. —Feriram-lhe por mim.

Ele queria discutir, mas seu corpo estava muito mal para se



incomodar.

Talon tratou de afastar-se da mulher, deu dois passos e o mundo começou a trocar de posição outra vez.

A seguinte coisa que soube, é que todo se voltou negro.

Sunshine apenas o apanhou antes que golpeasse o chão. Ela se cambaleou ante o tamanho e o peso dele, mas de alguma forma evitou que lhe caísse em cima.

Tão brandamente como pôde o baixou à calçada.

—Veja-disse ela tão brandamente como pôde.

Ele se estrelou contra o pavimento com bastante força, fazendo-a sofrer por ele enquanto a cabeça virtualmente fazia uma amolgadura na calçada.

—Sinto-disse ela, endireitando-se e olhando para baixo. —Por favor, me diga que não te fiz uma comoção.

Esperou não havê-lo machucado até mais tratando de ajudá-lo.

Que ia fazer agora?

O estrangeiro ilegal tipo motoqueiro vestido tudo de negro era enorme. Ela não se atrevia a lhe deixar na rua desatendido. O que ocorreria se seus assaltantes retornassem? Ou algum safado da rua se aparecesse?

Esta era Nova Orleans onde algo poderia lhe ocorrer a uma pessoa enquanto estava consciente.

Inconsciente...

Bom, não havia forma de dizer o que lhe poderiam fazer deixá-lo só não era uma opção.

Justo quando o pânico se estava levando o melhor dela, ouviu alguém chamá-la por seu nome.

Olhou ao redor até que viu o quebrado Dodge RAM azul do Wayne Santana subindo à sarjeta. Aos trinta e três anos, Wayne tinha uma cara grosseiramente atraente que o fazia parecer mais velho. Seu cabelo negro estava entrelaçado livremente com cinza.

Ela suspirou de alívio ao vê-lo aí. Baixou o vidro e se apoiou no beirada.

—Ei Sunshine, o que acontece?



—Wayne, ajudaria-me a subir este cara em sua caminhonete?
Olhou um pouco duvidoso.

—Está bêbado?

—Não, esta ferido.

—Então deveria chamar uma ambulância.

—Não posso —o olhou suplicando —Por favor, Wayne, preciso levá-lo a minha casa.

—É teu amigo? —perguntou até a mais duvidoso.

—Pois Bem, não. Nos conhecemos aqui.

—Então deixa. Quão último precisa é te relacionar com outro motoqueiro. Não é seu problema o que lhe ocorra.

—Wayne!

—Ele poderia ser um criminoso, Sunshine.

—Como pode dizer algo assim?

Wayne tinha sido condenado por homicídio accidental dezessete anos atrás. depois de que cumpriu sua pena, passou-se vários meses tratando de encontrar um trabalho. Sem dinheiro, nenhum lugar aonde viver, e ninguém disposto que a contratar um ex-sentenciado, já estava à beira de cometer outro delito para retornar ao cárcere quando solicitou uma tenda de trabalho no clube do pai da Sunshine.

Contra os protestos de seu pai, Sunshine o contratou.

Cinco anos mais tarde, Wayne nunca tinha faltado um dia ao trabalho ou chegado tarde. Era o melhor empregado de seu pai.

—Por favor, Wayne? —perguntou, lhe dirigindo seu olhar de filhote abandonado que nunca falhava nos homens de sua vida, para que fizessem sua vontade.

Wayne fez uma série de ruídos irritados, enquanto se descia da caminhonete para lhe ajudar.

—Um dia, esse grande coração teu te vai meter em problemas. Sabe algo a respeito deste homem?

—Não — Tudo o que sabia era que lhe tinha salvado a vida quando ninguém mais teria coragem. Por esse motivo ele não era a classe de homem que a machucaria.

Ela e Wayne lutaram para poder parar ao desconhecido, mas



não foi fácil.

—Cristo — resmungou Wayne enquanto se cambaleavam com ele entre eles. —É enorme e pesa uma tonelada.

Sunshine concordou. O homem media um metro noventa e oito de puro músculo sólido e sem gordura. Até com a grossa jaqueta de couro de motoqueiro escondendo seu torso superior, não havia dúvida o bem formado e musculoso que era.

Ela nunca havia sentido um corpo tão duro em sua vida.

Depois de muito esforço, finalmente o meteram na caminhonete.

Enquanto se dirigiam ao clube de seu pai, Sunshine sustentou a cabeça do desconhecido em seu ombro e lhe correu para trás o cabelo loiro ondulado que caía sobre os cinzelados contornos de seu rosto.

Tinha uma aparência selvagem, indomável que recordava a um antigo guerreiro. Seu cabelo dourado roçava os ombros em um estilo impreciso que demonstrava que embora ele se preocupasse com sua aparência não se obcecava com ela.

As sobrancelhas marrom escuro se arqueavam sobre seus olhos fechados. Seu rosto era rudemente deliciosa com a barba de um dia. Até inconsciente, era imponente e totalmente formoso, e seu redor agitava uma necessidade muito profunda nela.

Mas o que mais gostava deste estranho era o quente aroma masculino. A fazia querer acariciar com o nariz seu pescoço e inspirar a mescla lhe intoxicando até embebedar-se com ela.

—Então-disse Wayne enquanto conduzia. —Que lhe passou? Você sabe?

—Foi atropelado por uma limusine do carnaval.

Até na tênue luz do caminhão, podia adivinhar que Wayne a olhava como lhe dizendo estas louca.

—Não há desfile esta noite. De onde veio?

—Não sei. Espelho que ele deve ter zangado aos deuses ou algo.

—Huh?

Penteou-lhe com sua mão o desordenado cabelo loiro, brincou



com as duas tranças finas que penduravam de seu lado esquerdo enquanto respondia à pergunta.

Era uma grande carruagem do deus Baco. Justamente pensava que este pobre tipo devia ter ofendido ao Deus patrocinador do vinho e do excesso para ter sido atropelado por ele.

Wayne resmungou sem fôlego.

—Deve ser outra travessura da fraternidade. Parece que cada ano um deles está roubando uma limusine e dão um passeio amalucado nela. Pergunto-me onde a estacionaram desta vez?

—Bom, eles trataram de estacioná-la sobre meu amigo. Me alegro que não o matassem.

—Estou seguro que ele também se alegrará, quando acordar.

Sem dúvida. Sunshine baixou sua cabeça e escutou sua respiração lenta, profunda.

O que é o que tinha que o fazia tão irresistível?

—Homem-disse Wayne depois de um breve silêncio. —Seu pai vai se irritar com isto. Ele servirá minha pele no jantar quando souber que levei a um tipo desconhecido a sua casa.

—Então não lhe diga.

Wayne lhe lançou um olhar significativo e de desgosto.

—Não posso não lhe dizer. Se algo te ocorresse, então seria minha culpa.

Ela suspirou irritada enquanto traçava a linha afiada das sobrancelhas arqueadas do desconhecido. por que lhe parecia tão familiar? Nunca o tinha visto e, entretanto tinha um estranho sentido de déjà vu. Como se lhe conhecesse de certa forma.

Estranho. Muito, muito estranho.

Mas ela estava acostumada às raridades. Sua mãe tinha escrito um livro sobre o tema, e Sunshine o havia redefinido.

—Sou adulta, Wayne, posso me cuidar.

—Sim e eu vivi doze anos com um montão de grandes homens peludos que se tomavam no café da manhã garotinhas como você que pensavam que podiam cuidar-se sozinhas.

—Bem-disse ela. —Meteremo-lo em minha cama e eu dormirei



com meus pais. Então na manhã, comprovarei como está com minha mãe ou com um de meus irmãos.

—O que ocorre se ele se acordar antes que chegue pra casa e te roubar?

—Roubar o que? —perguntou. —Minhas roupas não lhe entrarão e não tenho nada de valor. Não a menos que goste de minha coleção do Peter, Paul e Mary.

Wayne pôs seus olhos em branco.

—Muito bem, mas me promete que não lhe dará uma oportunidade para te machucar.

—Prometo.

Wayne a olhou menos que agradado, mas permaneceu tecnicamente calado enquanto conduzia para seu loft em Canal Street. Entretanto, amaldiçoou entre dentes durante todo o caminho.

Felizmente Sunshine era capaz de ignorar aos homens que faziam isso ao redor dela.

Uma vez que chegaram ao loft, que estava localizado sobre o bar de seu pai, tomou seus bons quinze minutos poder tirar o desconhecido da caminhonete e entrá-lo na casa.

Sunshine guiou ao Wayne através do loft para a área onde ela tinha estendido uma cortina de tecido de algodão rosa ao longo de um varão, para separar a área do dormitório do resto do grande quarto.

Cuidadosamente, colocaram a seu convidado desconhecido na cama.

—Bom vamos-disse Wayne, tomando-a do braço.

Sunshine amavelmente se soltou.

—Não o podemos deixar assim.

—por que não?

—Está cheio de sangue.

A cara do Wayne exteriorizou sua exasperação. Era uma expressão que todos tinham com ela cedo ou tarde, a maioria das vezes cedo.

—Vá sentar-te no sofá enquanto o dispo.



—Sunshine...

—Wayne, tenho vinte e nove anos, sou uma artista divorciada que tomou aulas de desenho de nus na universidade, e acredita com dois irmãos mais velhos. Sei a aparência que tem um homem nu. OK?

Grunhindo baixo, saiu de seu quarto e foi sentar-se no sofá.

Sunshine inspirou profundamente enquanto se voltava para seu herói vestido totalmente de negro. Parecia imenso em sua cama.

Também era um completo desastre.

Delicadamente para não machucá-lo, correu o zíper da jaqueta de motoqueiro, que era a melhor que alguma vez tivesse visto. Alguém tinha pintado por todos os lados, em dourado e vermelho um trabalho de símbolos celtas. Era simplesmente formoso. Um verdadeiro estudo na arte antiga, e ela sabia. Toda sua vida tinha desenhado coisas celtas. Treinou-se em sua arte e cultura.

mal abriu o zíper da jaqueta, fez uma pausa enquanto via que o não tinha vestido nada debaixo. Nada exceto uma luxuriosa e dourada pele, que lhe fez água na boca e que seu corpo começou a pulsar instantaneamente. Nunca em sua vida tinha contemplado a um homem com um corpo tão duro e tão adequadamente formado. Cada músculo estava definido, e ainda relaxado, sua força era evidente.

O homem era um deus!

Desejou desenhar essas proporções perfeitas e imortalizá-lo. Um corpo como este definitivamente precisava ser preservado. Tirou-lhe de cima a jaqueta e cuidadosamente a colocou sobre a cama.

Acendendo o abajur que estava sobre o cachecol que cobria a mesa de luz, jogou-lhe um bom olhar e quase caiu pelo que viu.

Ca-ram-ba!

Ele era até mais maravilhoso que as pessoas que a tinha atacado. Seu cabelo loiro se ondulava ao redor da nuca, e duas tranças longas e finas caíam até seu peito nu. Seus olhos estavam



fechados, mas suas pestanas escuras eram pecaminosamente longas. Seu rosto estava perfeitamente esculpida com altas e arqueadas sobrancelhas e tinha uma aparência muito digna embora indomável.

Outra vez, teve esse sentido estranho de déjà vu enquanto em sua mente brilhava uma imagem dele despertando e sustentando-se sobre ela. Dele sorrindo-lhe enquanto se deslizava lentamente dentro e fora de seu corpo.

Sunshine lambeu os lábios ante o pensamento enquanto seu coração palpitava com uma necessidade dolorosa.

Fazia muito tempo desde que se sentisse atraída por um desconhecido. Mas algo a respeito deste homem realmente a fazia ansiar saboreá-lo.

Garota estiveste muito tempo sem um homem.

Infelizmente, tinha passado muito tempo.

Sunshine franziu o cenho enquanto se aproximava mais e jogava um melhor olhar ao pingente que levava ao redor do pescoço. Grosso e de ouro, eram cabeças de dragões celtas enfrentadas.

Era tão estranho que ela tivesse esboçado esse mesmo desenho anos atrás na escola de belas artes, e tinha feito uma tentativa para fazer um pingente assim, mas a peça tinha terminado em um completo desastre. Necessitava-se muito talento no trabalho com metais para conseguir fazer algo tão intrincado.

Ainda mais impressionante era a tatuagem tribal que lhe cobria o lado esquerdo de seu torso, incluindo o braço. Era um glorioso labirinto de trabalho de arte celta que lhe recordava o Livro de Celtas. E a menos que ela tivesse perdido a memória, estava desenhado em tributo à deusa celta da guerra, Morrigan.

Sem pensar passou sua mão sobre a tatuagem, traçando o intrincado desenho.

Seu braço direito tinha uma banda de quase oito centímetros de scrollwork ao redor de seus bíceps.

Incrível. Quem quer que tinha desenhado essas tatuagens certamente conhecia a história celta.



Abraço Noturno -

"Night Embrace"

Dark Hunters 4 -Talon e Sunshine - Sherrilyn Kenyon

E enquanto seu dedo roçava o mamilo, ela se estremeceu ante a apreciação do desenho.

A mulher nela se mordida ante esse primeiro plano enquanto lançava seu olhar sobre as costelas e esse abdômen tão apertado e tão bem formado que deveria ser parte de um show de físico culturismo.

OH! Sim, este era um homem digno de olhar.

Embora havia muito sangue em suas calças, não parecia haver nenhuma ferida que a causasse. Pensando nisso, nem sequer havia muitos machucados. Nem ainda sabia onde o caminhão do Baco se estrelou contra ele.

Era muito estranho.

Com sua garganta seca, Sunshine alcançou o zíper da calça.

Uma parte dela não podia esperar a ver que havia debaixo dessas calças negras.

Boxers ou slips?

Se ele até agora tinha sido todo um garanhão, só podia melhorar-se...

Sunshine!

É somente a apreciação de uma artista por um corpo, disse-se assim mesma.

Sim, claro.

Ignorando esse pensamento, abriu-lhe o zíper das calças e descobriu que não levava nada debaixo deles.

Comando!

Seu rosto flamejou ante a vista de sua masculinidade extremamente dotada aninhada entre esses cachos morenos.

OH vamos, Sunshine, não é a primeira vez que viu a um tipo nu. Caramba! Seis anos na escola de belas artes, viu homens nus em abundância. E teve muitas encontros com eles, sem mencionar que Jerry o ex-ogro não era exatamente pequeno.

Sim, mas nenhum deles se via tão bem.

Mordendo lábios, tirou-lhe as pesadas botas Harley negras, logo deslizou as calças pelas pernas longas e musculosas. Estremeceu ante o contato de suas mãos com sua pele, que tinha



uma capa de pêlo loiro.

OH, sim, ele era definitivamente ardente e elegante.

Enquanto dobrava as calças, fez uma pausa e passou sua mão sobre o tecido. Pareciam do material mais suave que alguma vez houvesse visto. Quase como camurça, só que diferente. Era uma textura estranha. Isso não podia ser realmente couro. Eram tão macia e...

Seus pensamentos se detiveram enquanto o observava em sua cama.

OH sim, carinho. Esta era a fantasia de todas as mulheres. Um maravilhoso tipo nu a sua mercê.

Ele jazia sobre a colcha rosa com um braço bronzeado atravessando seu estômago e suas pernas ligeiramente separadas, como se a estivesse esperando a que se reunisse com ele e deslizasse suas mãos acima e abaixo por esse corpo duro e sem gordura.

Era algo delicioso para lhe cravar a vista.

Inspirou entre seus dentes enquanto desejava subir-se a esse corpo tão firme, tão magnífico e estender-se sobre ele como uma manta. Para sentir suas mãos grandes, firmes em sua pele enquanto ela tomava em seu corpo e o fazia o amor grosseiramente pelo resto da noite.

Umm-hmmm!

Seus lábios arderam por saborear essa pele maravilhosamente dourada. E ele era toda pele dourada. Não havia nenhuma marca de bronzeado nele.

Meu Deus!

Sunshine sacudiu a cabeça para limpá-la. Deus estava atuando como uma louca sobre ele.

E até...

Havia algo muito especial a respeito deste homem. Algo que a chamava como a canção de uma sereia.

—Sunshine?

Sobressaltou-se ante a chamada impaciente do Wayne. Esqueceu-se completamente de sua presença.



—Um momento-disse. Só queria olhá-lo uma vez mais. Uma mulher precisava jogar o olho de vez em quando, e quando uma mulher tinha a oportunidade de comer-se com os olhos a um deus inconsciente de aparência agradável?

Resistindo o desejo a acariciar o seu hóspede, cobriu com uma manta, recolheu a jaqueta da cama, e logo saiu do quarto.

Enquanto caminhava para o sofá, estudava as calças ensanguentadas. De onde tinha saído tanto sangue?

Antes que pudesse investigar as calças, Wayne os devorou de suas mãos e pegou a carteira do bolso de atrás.

—O que estas fazendo?—perguntou-lhe.

—Revisando. Quero saber quem é este tipo. — Wayne abriu a carteira e franziu o cenho.

—O que?

—Vejam os setecentos e trinta e três dólares em efetivo e nenhuma identificação. Nem licença de condutor ou cartão de crédito ou débito. —Wayne tirou uma adaga enorme do outro bolso e deu um golpe para abri-la e estendê-la em um círculo de três sinais de multiplicação de aspecto letal. Wayne amaldiçoou ainda mais forte. —Merda, Sunshine, acredito que deste com um vendedor de drogas.

—Ele não é um vendedor de drogas.

—Não me diga, e como sabe?

Porque os vendedores de drogas não resgatam às mulheres de mãos dos violadores. Mas ela não se atreveu a dizer isso ao Wayne. Só obteria que a exortasse e lhe causaria indigestão.

—Eu sei, agora volta a guardar isso.

—Então? —Camulus perguntou ao Dionísio enquanto entrava no quarto do hotel.

Styx levantou o olhar de sua revista ante o som da voz. O deus celta, Camulus, tinha estado sentado no sofá frente a ele na suíte do hotel enquanto esperavam as notícias.

Vestido com o Jean de couro negro e um suéter cinza, a anciã tinha estado trocando canais incessantemente desde que Dionísio



saiu, fazendo que Styxx desejasse arrebatá-lo o controle remoto de sua mão e pô-lo de um golpe na mesa de café de ferro e vidro.

Mas só um tolo lhe arrebataria o controle remoto a um deus.

Styxx poderia ter um desejo de morrer, mas não tinha desejos de ser torturado rudemente antes de morrer.

Então Styxx chiu os dentes e fez o melhor para ignorar ao Camulus e esperar a volta do Dionísio.

Camulus levava o cabelo negro comprido em uma rabo-de-cavalo. Havia algo diabólico e malvado nele, mas bom, tendo em conta que era o deus da guerra, era compreensível.

Dionísio fez uma pausa na porta. encolheu-se de ombros com seu casaco comprido de caxemira, e logo tirou suas luvas de couro café das mãos.

Com um metro oitenta e cinco, o deus do vinho e o excesso seria uma presença intimidadora para a maioria da gente. Mas bom, Styxx era só cinco centímetros mais baixo, e sendo o filho de um rei e um homem que desejava a morte, encontrava muito pouco intimidador.

O que ia fazer Dionísio? Enviá-lo a seu isolamento infernal?

Ele tinha estado ali, tinha feito, e tinha a camiseta do Ozzy para prová-lo.

Dionísio vestia uma jaqueta de tweed, com o pescoço voltado de cor azul marinho, e calças soltas vincadas cor café. Seu curto cabelo marrom escuro estava perfeitamente arrumado e tinha uma imaculada barba feita. Parecia como um magnata milionário bem-sucedido, de fato, dirigia a principal corporação internacional onde os deuses obtinham suas alegrias incapacitando a seus competidores e assumindo o controle de seus negócios.

Forçado a retirar-se séculos atrás contra sua vontade, Dionísio passava seu tempo entre o Olimpo e o mundo mortal, ao qual odiava quase tanto como o odiava Styxx.

—Responde minha pergunta Baco —disse Camulus. —Não sou um de seus covardes gregos ao que possa ter esperando uma resposta.

A fúria ondulou nos olhos do Dionísio.



—Melhor usar um tom mais cortez comigo, CAM. Não sou nenhum de seus brandos celtas para tremer apavorado por sua fúria. Quer brigar, filho, adiante.

Camulus ficou de pé.

—Whoa, esperem um momento —Styxx tratou de acalmá-los.
—Economizem-na briga para quando vocês dois se encarreguem do mundo, OK?

Ambos o olharam como se estivesse demente por interpor-se entre eles.

Sem dúvida, ele o estava. Mas se matavam entre eles, então ele nunca morreria.

CAM olhou ao Dionísio.

—Seu mascote tem razão —disse. —Mas quando recuperar minha dignidade Divina, nós vamos falar.

O brilho nos olhos do Dionísio dizia que ele o estaria esperando.

Styxx aspirou profundamente.

—Então, a mulher está com o Talon? —perguntou ao Dionísio.
Dionísio sorriu friamente.

—Funcionou como um relógio — Olhou ao Camulus.

—Está seguro que isto o imobilizará?

—Nunca disse que o imobilizaria. Disse que o neutralizaria.

—Qual é a diferença? —perguntou Styxx.

—A diferença está em que ele terá uma distração maior e despreocupará-se com o Acheron. Só outra forma de debilitar ao Atlante no final.

Ao Styxx gostou como soava isso.

Agora eles só teriam que assegurar-se que o Caçador Escuro e a mulher permanecessem juntos. Ao menos até o Mardi Gras, quando a soleira entre este mundo e Kolasis fosse o suficientemente fina para transpassá-la e assim poder soltar do cativeiro ao Destruidor de Atlanta.

Tinham passado seiscentos anos da última vez que isto tinha ocorrido e passariam oitocentos anos mais para que ocorresse outra vez.



Styxx se encolheu de medo ao pensar em viver outros oitocentos anos mais. Outras oito centúrias de interminável monotonia e dor. De ver seus guardiães ir e vir, fazendo-se velhos e morrer, enquanto viviam suas vidas mortais rodeados de família e amigos.

Não sabiam quão afortunados eram.

Como um humano, uma vez lhe tinha temido à morte. Mas isso tinha sido melhor.

Agora a única coisa que Styxx temia era nunca poder escapar do horror de sua existência. Que continuaria vivendo, século atrás século, até que o universo explorasse.

Ele queria sair, e até por volta de trinta anos não tinha tido uma esperança disso.

Agora sim a tinha.

Dionísio e Camulus queriam reclamar sua divindade e para isso necessitavam ao Destruidor e o sangue do Acheron para enganá-lo. Era uma lástima que Styxx não tivesse sangue Atlanta se não, gostosamente se tivesse devotado a si mesmo como sacrifício.

Assim era, só Acheron tinha a chave para liberar o Destruidor.

Styxx era a única criatura viva que lhes podia entregar ao Acheron.

Só alguns dias mais e tudo estaria bem. Os velhos poderes retornariam para dominar a terra e ele...

O finalmente seria livre.

Styxx suspirou com doce espera. Tudo o que tinha que fazer era manter aos Caçadores Escuros em seus próprios pescoços e distraí-los enquanto evitava que os deuses se matassem entre eles.

Se Talon ou Acheron se davam conta do que estava acontecendo, deteriam-no. Só eles tinham o poder de fazê-lo.

Era ele contra eles e desta vez, desta vez, ele terminaria o que tinha começado por volta de onze mil anos.

Quando o obtivesse, os Caçadores Escuros estariam sem líder.



Ele seria livre e a terra como todos a conheciam seria um lugar inteiramente novo.

Styx sorriu.

Só uns dias mais, não importa o que, estrelando-se contra ele.

Embora o corpo lhe doía e estava machucado, seus poderes de Caçador Escuro lhe tinham permitido cicatrizar enquanto dormia. Em umas horas desapareceria até a menor dor.

Até então, precisava sair dessa armadilha mortal de luz solar. Fechando os olhos, Talon convocou uma nuvem escura que cobrisse o sol assim a brilhante luz do dia não faria estragos a sua vista.

Se ele quisesse, podia convocar suficientes nuvens para converter o céu do dia em um tão escuro como o da noite. Mas não lhe serviria de nada. A luz do dia até era a luz do dia.

Seu exclusivo poder de Caçador Escuro lhe permitia controlar os elementos, o clima e poder cicatrizar rápido, mas não tinha controle sobre o domínio do Apolo. Claro ou escuro o dia ainda pertencia ao Apolo, e embora Apolo estava tecnicamente aposentado, o deus grego nunca toleraria que um Caçador Escuro caminhasse em seu território.

Se Apolo lhe divisava fora ou perto de uma janela durante a luz do dia, Talon não seria nada mais que uma tira de toucinho na calçada.

Ser um celta extra frito não lhe atraía o mínimo.

Com seus olhos até ardendo, Talon começou a deixar a cama, e se deteve. Não havia nada entre ele e os lençóis com aroma a patchouli e terebintina.

O que aconteceu com minhas roupas? Estava realmente seguro de não haver-se despido ontem à noite.

Haviam eles...?

Franziu o cenho enquanto procurava em sua memória. Não, não era possível. Se ele tivesse estado acordado o tempo suficiente para ter sexo com ela, teria estado o suficientemente acordado para deixar o lugar muito antes da saída do sol.



—Onde está?

Levantou o olhar ao escutar a voz tão pouco familiar ao outro lado do tecido atado de tinta rosado, a qual estava pendurada para formar uma parede ao redor da cama.

Duas segundos mais tarde, o tecido se deslizou para revelar a uma atraente mulher que parecia estar a finais dos trinta. O cabelo comprido e negro estava penteado em uma trança grossa e vestia uma saia longa de cor negra e uma túnica.

Era notavelmente parecida com a mulher que encontrou ontem à noite. E a primeira vista, podia ser fácil confundi-la com seu contraparte menor.

—Ouça, Sunshine, seu amigo está acordado. Qual é seu nome?

—Não sei, Starla. Não perguntei.

OH, isto ficava cada vez estranho e mais estranho.

Imutável por sua presença, a mulher entrou em quarto e se parou do lado da cama onde estava a mesa de luz.

—Parece-te com um Steve —disse enquanto se inclinava e levantava o tecido que cobria a criado-mudo e procurava em uma pilha de revistas que estavam escondidas baixo esta. —Tem fome, Steve?

Antes que ele pudesse responder, levantou a voz.

—Não esta aqui.

—Está sob as velhas cópias dos artigos sobre arte.

—Não esta aqui.

Sunshine entrou no quarto. Caminhando com a graça de uma princesa das fadas, vestia um vestido púrpura com mangas longas tão brilhante que teve que entrecerrar os olhos pelo forte tom. Como ela cruzou frente à janela, precaveu-se que o material era bastante fino e transparente, lhe brindando a ele uma vista agradável de suas exuberantes e amplas curvas e o fato que ela não levava nada debaixo desse vestido.

Nada exceto sua pele bronzeada.

Sua garganta ficou seca.

Ela se estava limpando a pintura das mãos com uma toalha enquanto se movia para a criado-mudo sem lhe jogar ainda um



olhar.

—Está justo aqui —disse, atirando de uma revista e dando-lhe à mulher mais velha.

Finalmente, Sunshine olhou para a cama e encontrou seu olhar.

—Tem fome?

—Onde estão minhas roupas?

Ela lançou um vergonhoso olhar a Starla.

—Perguntou-lhe o nome?

—É Steve.

—Não é Steve.

Sunshine não lhe emprestou atenção enquanto rodeava a Starla para ficar frente a ele. Ambas as mulheres o olharam aí, deitado na cama, como se fora uma curiosidade inanimada.

Talon subiu o lençol rosa mais acima sobre sua cintura. Logo, repentinamente coibido, moveu sua perna nua sob a coberta e dobrou o joelho a fim de que a parte central de seu corpo não fosse tão óbvia debaixo do magro algodão.

As duas mulheres mantinham os olhos cravados nele.

—Vê o que te dizia? — perguntou Sunshine. —Não tem o aura mais incrível que alguma vez tenha visto?

—Definitivamente tem uma alma antiga. Com sangue Druida. Estou segura disso.

—Achas? —Sunshine perguntou.

—OH, sim. Precisamos lhe falar e que nos deixe lhe fazer uma regressão à vida passada e ver com que nos encontramos.

Ambas estavam loucas.

—Mulheres —disse abruptamente. —Necessito minhas roupas, e as necessito agora.

—Olhe —disse Sunshine. —Olhe a forma em que troca sua aura. Está absolutamente viva.

—Sabe, nunca vi algo assim. É realmente incomum — Logo Starla saiu do quarto folheando a revista.

Sunshine até se limpava a pintura das mãos.

—Fome?



Como podia fazer isso? Como podia trocar de um tema a outro e logo retornar outra vez?

—Não —disse ele, tratando de mantê-la no tema principal. — Quero minhas roupas.

Ela realmente se acovardou.

—Que aconteceu com as etiquetas de suas calças?

Talon franziu o cenho ante a estranha pergunta.

Ele estava refreando sua irritação e seu temperamento, mas algo ao redor desta mulher era muito difícil.

—Perdão?

—Bom, você sabe, estavam manchadas de sangue...

Um mau pressentimento se assentou em seu estômago.

—E?

—Os ia limpar, e...

—OH merda, lavou?

—Não foi à lavagem o que os danificou tanto como a secagem.

—Secou minhas calças de couro?

—Bom, não sabia que eram de couro —disse brandamente. — sentiam-se realmente suaves e estranhos que pensei que era corino ou algo pelo estilo. Lavo meu vestido de corino todo o tempo sem que se desintegre e se encolha como aconteceu com suas calças.

Talon esfregou a frente com a mão. Isto não estava acontecendo. Como diabos faria para sair de seu departamento na metade do dia e sem roupa?

—Sabe —continuou ela, —realmente não deveria ter recortado as etiquetas de suas roupas.

Tinha passado muito tempo desde que ele se sentisse realmente exasperado, mas começava a sentir-se assim agora.

—Essas eram calças de couro feitos à mão. Nunca têm etiquetas.

—OH —disse ela, olhando ainda mais envergonhada —Te teria comprado um pouco de roupa, mas como não tinham etiqueta não sabia que tamanho comprar.

—Genial. Vivo e nu num lugar estranho.



Ela começou a lhe sorrir, e logo apertou os lábios como se estivesse pensando sobre isso.

—Tenho algumas calças de ginástica rosados que não te ficariam mal se lhe entrassem, mas estou segura que não quereria usar os de qualquer maneira, não?

—Não. Também lavou minha carteira?

—OH, não. Tirei-a de suas calças.

—Bem. Onde esta?

Ela ficou calada outra vez e um sentimento de condenado temor o consumiu.

—vou querer sabê-lo? —perguntou ele.

—Bom... —já começava a odiar essa palavra desde que parecia augurar alguma condenação para ele e seus pertences.

—Coloquei-a sobre a máquina de lavar roupa na lavanderia com suas chaves, e me dei conta que não tinha moeda para a máquina de lavar roupa, por isso fui até a maquina vendedora de moedas. Só me ausentei um segundo, mas quando retornei sua carteira já não estava —

Talon fez uma careta.

—E minhas chaves?

—Bom, sabe que quando lava algo se desestabiliza a máquina? Suas chaves terminaram sacudindo-se de lá de cima e caíram em um pequeno deságüe.

—Não as recuperou?

—Tratei mas não pude as alcançar. Três pessoas também trataram mas depois se foram.

Talon se sentou com atônita incredulidade. Pior, não podia enfurecer-se com ela já que só tinha estado tratando de lhe ajudar. Mas realmente, realmente queria zangar-se.

—Não tenho dinheiro, nem calças, nem chaves. Ainda tenho meu blusão?

—Sim, está segura. E salvei suas pastilhas PEZ* do Snoopy da máquina de lavar também. E suas botas e faca estão justamente aqui —disse, levantando-os do chão perto da cama.

Talon assentiu, sentindo um estranho alívio por saber que ela



Abraço Noturno - "Night Embrace"
Dark Hunters 4 -Talon e Sunshine - Sherrilyn Kenyon

não tinha destruído tudo o que tinha a noite anterior. Graças aos

Ver imagem na pág. 436. Pastilheiros de desenhos animados. **Nota da revisora final**

deuses que tinha deixado sua moto na cervejaria. Estremeceu de pensar o que lhe poderia ter feito.

—Há um telefone que posso usar?

—Na cozinha.

—Poderia me trazer isso por favor?

—Não é sem fio. Sempre perco essas coisas ou as deixo cair em algum lugar e as quebro. O último que tive terminou no sanitário.

Talon olhou dificultosamente à mulher e a débil luz solar no quarto. perguntou-se qual deles era mais letal para ele.

—Incomodaria-te baixar as persianas? —perguntou-lhe. Ela franziu o cenho.

—A luz do sol te incomoda?

—Sou alérgico ao sol —disse, caindo na mentira que os Caçadores Escuros usavam em situações similares.

Embora duvidava que alguma vez um Caçador Escuro se encontrou em uma situação parecida com esta.

—Sério? Nunca soube que alguém que fosse alérgico à luz do sol.

—Bom, eu o sou.

—Então é como um vampiro?

A palavra “como” estava muito perto da realidade.

—Não, exatamente.

Ela se moveu para a janela, mas quando baixou à persiana, caiu.

A luz do sol se derramou através da cama.

Com uma maldição Talon se disparou contra a quina da parede, escapando por pouco dos pálidos raios de sol.

—Sunshine, eu... —a voz da Starla se quebrou enquanto entrava no quarto e sua vista ficava apanhada pelo homem nu parado na quina. Olhou em uma forma estranha, abstraída, como se



ele fosse um móvel muito interessante.

Talon e a modéstia eram desconhecidos, mas a forma em que ela o olhava o fazia sentir malditamente incômodo.

Apesar da luz do sol. Talon pegou a manta rosa da cama e a sujeitou firmemente em sua cintura.

—Sabe, Sunshine, precisa encontrar a um homem como este para te casar. Alguém tão bem dotado que até depois de três ou quatro filhos, ainda seria uma rocha.

Talon boquejou.

Sunshine riu.

—Starla, o estas matando de vergonha.

—OH, me acredite, não é nada sobre o que envergonhar-se. Deveria estar orgulhoso. Escreva isso confia em mim, jovem, a mulheres de minha idade gostariam de ter algo assim.

Talon fechou de repente sua mandíbula boquiaberta. Estas eram as mulheres mais estranhas que alguma vez tivesse tido a desgraça de ter perto. Deuses, me tirem daqui.

Starla olhou a Sunshine na janela.

—O que estas fazendo?

—Ele é alérgico ao sol.

—Está muito nublado lá fora, esta quase escuro.

—Sei, mas ele diz que não pode estar na luz.

—Realmente? Assim trouxe para casa a um vampiro? Genial.

—Não sou um vampiro, —repetiu.

—“Não exatamente” disse ele antes —disse Sunshine. —O que é “não exatamente” um vampiro?

—Um Homem Lobo —disse Starla. —Com sua aura, isso tem sentido. Wow, Sunny, encontrou um homem lobo.

—Não sou um homem lobo.

Starla o olhou realmente decepcionada pela notícia.

—Que pena. Você sabe, quando vive em Nova Orleans, um espera conhecer um não morto ou um condenado de vez em quando — Ela olhou a Sunshine. —Acredita que deveríamos nos mudar? Talvez se vivêssemos sobre a Ann Frise poderíamos apanhar a um vampiro ou um homem lobo.



Sunshine colocou a cortina.

—Estaria feliz vendo um zumbi.

—OH, sim —assentiu a mulher mais velha. —Você sabe, seu pai disse que viu um no pântano justo antes que nos casássemos.

—Isso deve ser o peyote, mami.

—OH, bom ponto.

A mandíbula do Talon se afrouxou outra vez enquanto olhava de uma à outra. Mãe e filha? Certamente não atuavam desse modo, e Starla não se via muito mais velha que Sunshine, mas não se podiam negar as similitudes de suas características. Ou a raridade de ambas.

OH sim, a loucura corria profundamente nas raízes desta árvore genealógica.

Sunshine baixou a persiana da outra janela.

Envolvendo a manta ao redor dele, Talon cuidadosamente deu um passo através do quarto e se aliviou ao encontrar um vão aberto ao outro lado das cortinas.

Havia outra fila de janelas a sua esquerda onde Sunshine tinha setorizado uma parte como um pequeno estudo de desenho. Mas o resto do loft estava felizmente escuro sem a luz solar. Conservando a manta envolta ao redor de seus quadris, caminhou para o telefone que estava na cozinha.

—Bom, Sunshine, agora que ele esta acordado e estou de acordo que não é ameaçador...

Talon arqueou uma sobrancelha ante esse comentário. Nunca tinha havido um tempo em sua vida que ele não tivesse sido ameaçador! Ele era um Caçador Escuro.

Esse termo só inspirava terror nas coisas que lhe dava à maldade um mau nome.

—vou até ao clube e pagar algumas conta, fazer alguns pedidos, e fazer o verdadeiro trabalho.

—De acordo, Starla, verei-te mais tarde.

Ele tinha que sair deste lugar. Estas mulheres não só careciam de sentido comum, mas também além disso eram muito estranhas para dizê-lo.



Starla beijou a bochecha da Sunshine e saiu.

Depois de vários minutos de procurar, Talon encontrou o cabo do telefone na parede e o seguiu até um telefone de dial fora de moda, o qual estava escondido em uma gaveta da cozinha que também continha um grande sortido de pincéis secos e de tubos de acrílicos.

Olhou o telefone, pintado com fortes cores fluorescentes, fora da gaveta e o colocou no aparador ao lado de um recipiente rosa com forma de porco que tinha pequenos bolos de arroz sabor a canela.

Desprendendo o telefone, marcou o número do Nick Gautier, quem uma vez tinha sido o Escudeiro, ou o ajudante humano do Kyrian da Tracia. Desde que Kyrian se casou, por volta de uns meses, com a Amanda Devereaux, tinha deixado atrás seu estado oficial de Caçador Escuro, e Nick se converteu em Escudeiro extraoficial, do meio tempo do Talon. Não era que Talon quisesse um Escudeiro. Os humanos tinham uma horrível forma de morrer a seu redor, e Nick era um bom moço o que garantia que um dia o assassinaria.

Embora, havia vezes que era necessário ter a um Escudeiro à mão. Agora era definitivamente uma dessas vezes.

O telefone soou até que apareceu a mensagem que o cliente do celular não estava disponível.

Maldição. Isso significava ter que fazer a única chamada que só faria a menos que o estivessem por matar outra vez. Se os outros Caçadores Escuros alguma vez se inteirassem disto, jamais deixaria de ouvi-lo. Os escudeiros ou squire faziam um juramento de secretismo. Tinham proibido revelar algo que fora embaraçosa a respeito de um Caçador Escuro ou algo que os pusesse em perigo.

Desgraçadamente, outro que não fora escudeiro humano não fazia esta classe de juramento.

OH, sim, Nick Gautier era homem morto quando pusesse suas mãos sobre ele.

Preparando-se mentalmente para o que viria, chamou o Kyrian da Tracia que respondeu no primeiro chamado.



—Talon? —disse Kyrian tão logo reconheceu sua voz. —É meio-dia, o que está mau?

Talon deslizou um olhar sobre o Sunshine, que cantava "Sopra o Dragão Mágico" enquanto o passava para entrar na cozinha.

—Eu... uh... necessito um favor.

—Algo

—Necessito que vá a minha casa e obtenha minhas chaves de reserva, outro telefone celular e um pouco de dinheiro.

—De acordo. Teve que abandonar sua moto?

—Sim, está no estacionamento da cervejaria pelo que necessito que a recolha e me traga isso para esta noite.

— De acordo, aonde a levo?

—Espera — Talon separou o telefone de sua orelha. — Sunshine?

Ela se voltou para lhe olhar.

—Onde diabos estou? — Até com o telefone em seu ombro, ouviu a risada zombadora do Kyrian.

—Conhece o clube Runningwolf em Canal Street? —ele assentiu.

—Estamos diretamente sobre ele.

—Obrigado — Passou a informação ao Kyrian.

—Talon, juro-lhe isso, seus hormônios lhe vão matar algum dia.

Ele não se incomodou em corrigir ao Kyrian. conheciam-se por mais de mil anos e Talon nunca antes tinha sido pilhado assim. Kyrian nunca acreditaria a verdade de como chegou a estar para dentro deste loft. Diabos, ele bem que podia acreditá-lo. — Também necessito que me traga algumas roupas — O silêncio em seu ouvido era ensurdecador. OH, sim, Nick seria homem morto quando Talon lhe pusesse as mãos em cima.

—O que? —perguntou Kyrian com vacilação.

—Perdi minhas roupas.

Kyrian riu. Muito forte.

—Te cale, Kyrian, isto não é divertido.



—Ouça, onde estou parado é tão gracioso como o inferno.

OH, sim, pois bem, onde Talon estava parado, com uma manta rosa envolta ao redor de seus quadris, não o era.

—De acordo —disse Kyrian, serenando-se. —Estaremos aí mal possamos.

—Nós?

—Julian e eu.

Talon se encolheu outra vez. Um Caçador Escuro e um Oráculo. Genial. Simplesmente genial. Eles nunca lhe deixariam acontecer isto e para o anoitecer um deles se asseguraria de enviá-lo ao lugares Web de Caçadores Oscuros.com para que todos se pudessem rir.

—Bem —disse Talon, esmagando sua ira. —Vejo-te dentro de pouco.

—Sabe —disse Sunshine quando desligou. —Eu poderia sair a comprar algumas roupas. Devo-lhe isso.

Talon olhou ao redor do loft. Parecia como se uma garrafa do Pepto-Bismol tivesse explorado, ou que o "Gato no Chapéu" tivesse vindo de visita. Havia rosa por todos os lados. Mas o que mais o golpeou foi à condição gasta de seu mobiliário e suas decorações fragmentadas. Definitivamente uma artista morta de fome, a última coisa que esta mulher podia confrontar era um par de calças de dois dólares, e a terra podia ficar imóvel e fazer-se pedaços antes que Talon usasse jeans.

—Está bem —lhe disse. —Meus amigos se encarregarão disso.

Trouxe-lhe um prato de muffins e algo que parecia ser pasto.

—O que é isto?

—O café da manhã... ou o almoço — Quando ele não tomou, adicionou, —Precisa comer. É bom para ti. É um muffin de farelo de cereais com arándano vermelho, semente de linhaça e brotos de alfafa.

Não havia nada nesse prato que parecesse comida. Especialmente para um homem que tinha nascido e crescido para ser um chefe celta.

De acordo, Talon, pode fazer frente a isto.



—Tem um pouco de café?

—Não, essa coisa te mataria. Entretanto, tenho chá de ervas.

—Chá de ervas? Isso é uma mescla de palha e lâminas, não uma bebida.

—O Senhor Exigente despertou do lado incorreto da cama.

Nenhum humano tinha sido tão frívolo com ele. Até Nick tinha melhor critério. Sentindo-se completamente fora de seu elemento, Talon se rendeu.

—Bem. Onde está o banheiro? —depois de dizer isso Ihe veio um pensamento. Por favor me diga que tem um no interior deste loft e não fora, no estacionamento.

Ela apontou para um canto escuro.

—Ali mesmo — Era outra área do loft setorizada por uma cortina. Que tão maravilhoso era isso?

E ele equivocadamente tinha pensado que a Idade Média tinha terminado.

OH, que lembranças memoráveis... não. Talon caminhou para ali e acabava de fechar a cortina e atirar a manta ao chão, quando Sunshine Ihe uniu. Ela sustentava uma toalha rosa e um pano para lavar-se nas mãos e se parou em seco quando o divisou parado aí nu.

Pôs a toalha na pia e se moveu ao redor dele, Ihe olhando de acima a abaixo.

—Simplesmente é perfeição masculina, sabia isso?

Haveria se sentido adulado se ela não o olhasse como alguém admirando um automóvel. Não era desejo por ele pelo que havia dito isso. Seu tom era abstraido, do mesmo modo que o de sua mãe o tinha sido.

Ela deslizou sua mão quente, suave por suas costas, sobre sua tatuagem.

—Quem quer que fizesse esta tatuagem era um artista muito talentoso.

Sentiu calafrios quando sua mão se deslizava abaixo, sobre sua coluna vertebral para seu quadril.

—Meu tio o fez—disse antes de poder deter-se. Não tinha



falado de seu tio com alguém por séculos.

—Realmente? —ela deslizou sua mão para cima, através da marca de arco e flecha de Caçador Escuro em seu ombro direito.

—De onde veio isto?

Talon se afastou de seu contato. Essa era uma marca da que ele nunca falaria com um humano não iniciado.

—Não é nada.

Foi aí quando seu olhar fixo caiu em sua ereção. Seu rosto se tornou tão rosa como a toalha.

—Sinto—disse rapidamente. —Tendo a não pensar antes de atuar.

—Notei— Mas o que fez pior, foi que ela continuasse com o olhar fixo em sua ereção. Tinha que olhar para outro lado.

—Realmente é um homem grande.

Pela primeira vez em quase mil anos, sentiu avermelhar suas bochechas. Agarrando a toalha, Talon se cobriu a si mesmo.

Logo aí ela correu o olhar.

—Aqui, me deixe te dar uma lâmina de barbear — Ajoelhou-se lhe dando uma vista bonita de seu traseiro enquanto procurava em um improvisado gabinete de vime rosa ao lado da pia. Seus quadris se moveram provocativamente, aumentando seu desejo.

Apertou os dentes. Essa mulher tinha o traseiro mais sexy que alguma vez tivesse visto. Um que fazia arder sua virilha ainda mais enquanto pensava em levantar essa diáfana saia e enterrar-se profundamente em seu interior. A deslizar-se dentro e fora por seu calor úmido até que ambos estivessem suarentos e exaustos.

OH, sim. Ela definitivamente era uma mulher que podia satisfazer a um homem. Sempre tinha sido partidário de mulheres com curvas exuberantes e...

Ela emergiu com uma lâmina de barbear rosa e uma escova de dente.

Talon fez uma careta ante o pensamento de usar algo tão feminino.

—Não possui algo que não seja rosado?

—Tenho uma lâmina de barbear púrpura se a preferir.



—Por favor.

Tirou uma rosa escuro.

—Isso não é púrpura —disse Talon. —É rosa também.

Ela pôs seus olhos em branco.

—Pois bem, isso é tudo o que tenho a menos que queira meu lâmina do apontador.

Extremamente tentado, tomou a lâmina de lâmina dela.

Sunshine não se moveu até que ele se meteu na banheira de pé e fechou a cortina da ducha.

Só aí se permitiu morder os lábios ante a vista deliciosa desse traseiro nu. Definitivamente tinha que desenhá-lo.

Esse homem era quente. Ardente. E cada vez que falava com esse acento grosseiramente exótico dele, ela se derretia. Soava como uma combinação de inglês e escocês.

Abanando seu rosto, forçou-se a deixar o banheiro e dirigir-se à cozinha. Mas o que realmente queria fazer era tirar-se suas roupas, meter-se nessa ducha atrás dele, e lhe ensaboar esse corpo exuberante, alto, magro até que lhe implorasse piedade.

A percepção de toda essa flexível e dura pele sob suas mãos... paraíso. Puro paraíso.

E ele realmente não se enfureceu a respeito de suas calças! Ainda não podia acreditar o bem que o tinha tomado. Normalmente, os tipos já lhe estariam gritando e ela já os teria empurrado fora de sua porta.

Mas ele meramente se desentendeu do assunto. Oooohhh, gostou disso.

Agora que pensava nisso, ele realmente não tinha uma fila de emoções que exteriorizasse. Era paciência encarnada, o qual era uma mudança muito agradável de passagem.

—Ouça, Steve? —chamou.

—Meu nome não é Steve —disse da ducha. —É Talon.

—Talon o que?

—Somente Talon.

Ela sorriu. Talon. Ia bem.

—O que quer? —chamou ele.



Abraço Noturno -

"Night Embrace"

Dark Hunters 4 -Talon e Sunshine - Sherrilyn Kenyon

—O que?— perguntou.

—Chamou-me como se me quisesse perguntar algo. O que necessita?

Sunshine mordeu os lábios enquanto tratava de lembrar-se.

—Esqueci-me.

Realmente lhe ouviu rir. Isso era um princípio. Nestes momentos a maioria dos tipos se enfureceriam com ela.

Sunshine ocupou os seguintes cinco minutos tratando de encontrar seu bloco de papel de esboços, que o encontrou em algum lugar de sua geladeira. Outra vez sentou-se ante a mesa de desenho e começou a desenhar seu novo descobrimento.

Talon.

Tomou seu tempo para desenhar os bons e esculturais planos de seu rosto, a tatuagem intrincada de seu corpo. Nunca tinha visto um homem com as proporções mais perfeitas. E antes de dar-se conta, perdeu-se nessas linhas. Perdida em sua mente enquanto deixava fluir sua criatividade e reproduzia as coisas que encontrou tão incrivelmente fascinante sobre o homem na ducha.

antes que ela se precavesse quanto tempo tinha passado, ele fechou a ducha e saiu atrás das cortinas com uma toalha úmida ao redor de seus quadris magros.

OH, mamãe.

Sunshine outra vez sentiu o desejo de morder os nódulos em apreciação. À exceção das duas tranças finas que se balançavam com seus movimentos, seu cabelo loiro dourado estava penteado para trás e os olhos negro azeviche brilhavam intermitentemente com inteligência e poder oculto. Nunca tinha visto olhos tão escuros, especialmente em um homem loiro.

Tinha uma presença tão poderoso que a deixava sem fôlego só com um olhar. Era como se o mesmo ar ao redor dele estivesse repleto de energia e força, e ela desejava poder capturar isso com sua arte.

Mas ninguém alguma vez poderia duplicar ou criar um aura tão intensa. Era algo que só podia ser experimentada em carne e osso.

Com cada passo que ele se aproximava dela, seu coração



pulsava mais forte. O homem era intensamente masculino. Desde primeira qualidade.

Sua intensidade, seu cru magnetismo animal... prendia fogo a seu sangue.

Tinha sido bonito ontem à noite em sua cama, mas parado e consciente, era completamente devastador.

—Sabe, Talon—disse, traçando as linhas de seus músculos com o olhar. —As toalhas se vêem realmente bem em ti. Se sair fora com isso iniciará uma moda inteiramente nova.

Um sorriso divertido sobrevoou os borde de seus lábios.

—Sempre diz a primeira coisa que te vem sua mente?

—Geralmente. Tenho pensamentos que conservo para mim. Estava acostumada a não tomar cuidado e dizer algo e uma vez minha companheira de quarto no colégio chamou à unidade psiquiátrica. Sabe, eles realmente têm camisas brancas.

Talon arqueou uma sobrancelha ante a sinceridade que sentiu dela. Essa era uma história real. A mulher era excêntrica, sem dúvida, mas longe de ser uma louca. Bom, mas não estava tão longe.

Ela alcançou seu "café da manhã" sem tocar e levantou o assim chamado muffin que tinha pequenas partículas brilhantes que não podia começar a identificar.

—Ainda não comeste seu muffin.

Sim, claro. Ele ainda não comeu suas botas tão pouco, e raramente o faria como assim tão pouco essa coisa em sua mão.

—Não tenho fome —ao menos não de comida.

Ela atirou o muffin sobre o aparador e jurou que este se afundou. Arqueando sua sobrancelha, esticou-se e tocou seu pingente. Seus dedos se roçaram contra a pele de seu pescoço, produzindo calafrios e outras coisas em seu corpo.

—Isto é tão belo. Sempre quis um pingente assim, mas nunca pude encontrar um que eu gostasse. —Passou seu polegar sobre a cabeça direita do dragão. —É de Escócia?

—Não exatamente —disse, olhando a forma em que ela estudava a peça, a qual tinha sido um presente de sua tia no dia de suas bodas. Ambos, ele e Nynia tinham recebido um jogo de



colares. Ele não sabia por que até o levava, além do fato que tirá-lo lhe causaria mais dor de que estivesse disposto que a enfrentar. De alguma forma estranha, tirar o colar seria como perder a Nynia uma vez mais.

Contra sua vontade, sua mente retornou ao momento quando Nynia tinha colocado o colar em seu pescoço. Seu sorriso o tinha cegado e seu rosto se encheu de amor quando o beijou nos lábios.

Deuses, como sentia saudades. Até depois de todos estes séculos.

Houve um tempo no que jurava que até podia cheirar o calor de seu cabelo. Sentir seu contato. Era como a coceira fantasma de uma extremidade perdida que, até anos mais tarde, a gente podia jurar que a podia sentir.

Havia algo a respeito da Sunshine que recordava a sua esposa. E não era justamente o fato que ambas as mulheres possuísssem a habilidade para voltá-lo louco.

Sunshine era estranhamente fascinante. Como ele, ela via coisas em outro nível, coisas que estavam escondidas neste plano de existência.

Sua mente saltava de uma coisa a outra como rajadas de relâmpago, o qual era tão intrigante como confuso. Nynia era a única outra pessoa que alguma vez tivesse conhecido com esse traço.

Como um homem mortal, freqüentemente tinha estado confundido pela lógica única da Nynia.

—Sabe —disse Sunshine, —diz "não exatamente" muitas vezes. Você não é exatamente vampiro. Você não é exatamente de Escócia, e você é alérgico à luz do dia. Que mais?

—Odeio os muffins de farelo de cereais e erva.

Ela riu disso, um som enriquecedor, gutural que o enfeitiçou. Observou-a fascinado enquanto ela usava um farrapo manchado para limpar o carvão vegetal de seus dedos longos e elegantes.

—Quanto tempo temos até que seus amigos cheguem?

—Um par de horas, sem dúvida. Vivo muito nos subúrbios.

Sunshine baixou o olhar à toalha ao redor de seus quadris. Se



ele o mantinha aqui com isso, não podia dizer o que poderia chegar a ocorrer.

De fato sim podia, o qual queria dizer que realmente precisava colocar algumas roupas sobre ele... rápido.

Ele respirou profundamente, o gesto acentuou os músculos de seu duro e definido abdômen.

OH, sim, tinha que cobrir completamente essa tentação.

—Direi-te algo Senhor Talon Sem Sobrenome. por que não saio e te trago algo para que ponha antes que cheguem seus amigos?

Porque não quero que saia. Talon piscou ante o pensamento incomum. De onde tinha vindo?

Havia algo premente a respeito desta mulher. Algo forte e ao mesmo tempo vulnerável. Sentia nela a necessidade de fazer emendas pelo que lhe tinha feito. por que, não o podia imaginar, especialmente quando lhe tinha salvado a vida.

Se lhe tivesse deixado na rua, já estaria morto. Uma mancha fria na calçada.

—Não tem que fazê-lo, sabe.

—Mas insisto. É o mínimo que posso fazer já que destrocei suas calças.

Enquanto lhe olhava seu natural, afetuosa e persuasiva cara, a qual estava emoldurada por um cabelo fino e negro azeviche, começou a fascinar-se pela curva de seus lábios. A forma em que mantinham o indício de um sorriso mesmo que estavam relaxados. Sunshine era mais que um nome, era também sua atitude. Feliz, cálida.

Era totalmente irresistível e ele queria saborear seu sabor tão ferozmente que não estava seguro de por que inclusive não a tinha provado. Precisava saboreá-la. Senti-la. Sunshine o olhou enquanto Talon estudava seus lábios. Havia tanto fogo em seu olhar escuro para por fogo a uma geleira. Incluso não o havia enlouquecido e podia jurar que podia senti-lo rodeando-a com calor e necessidade.

O ar ao redor dela parecia sexualmente carregado.



Virtualmente gemia de erotismo e desejo. Nunca havia sentido algo assim em sua vida.

Talon exsudava uma atração sexual desumana. Atraía-a de uma maneira que nunca tinha sentido por outro homem. Seus olhos se encontraram, baixou a cabeça e tomou posse de seus lábios com um beijo magistral que fez que sua cabeça literalmente lhe desse voltas. Seu corpo se derreteu.

Ela gemeu ante o sabor de seus lábios contra os dela enquanto, sua língua se afundava apaixonadamente em sua boca. Levantou-a do banco da mesa, entre seus fortes braços e deslizou suas mãos sobre suas costas, agarrando o tecido de seu vestido em seus punhos.

O perfume cru, viril dele a invadiu enquanto sentia seus músculos ao redor. Sua potência viril era mais forte do que ela podia suportar.

Este era um homem que conhecia o caminho ao redor do corpo de uma mulher. Podia sentir em seu beijo magistral, na forma que ele sabia justamente onde e como acariciá-la.

Seu corpo ardia de desejo, pegou-se a seus ombros nus enquanto o sentia endurecer-se ainda mais contra seu estômago.

Nunca tinha experiente algo assim. Era como se estivesse morto de fome por ela.

Só por ela.

Quando ele finalmente se tornou para trás, precaveu-se que tinha descansado todo seu peso nele e a tinha sustentado sem nem sequer apertar seus músculos. Deus, o homem era forte.

Ele deslizou seu polegar sobre os lábios inchados, seus olhos eram tão quentes e ternos que a deixavam ofegando ainda mais que seu beijo.

—Tenho trinta e três de cintura e trinta e oito de comprimento.

—Um-hmm —suspirou ela, sem lhe ouvir. bamboleou-se para ele para outro beijo.

Talon sentiu um paixão estranho dentro dele ante a aturdida e adorável aparência de seu rosto.



—me beije outra vez —murmurou ela um instante antes de lhe reclamar seus lábios.

Ele segurou sua cabeça em suas mãos enquanto explorava sua boca, sendo cuidadoso para não deixar que acidentalmente sua língua roçasse suas presas e soubesse a verdade a respeito dele.

Mas era difícil tornar-se para trás quando o sabor dela o levava tão perto da loucura. Seu perfume a patchouli e terebintina o embriagaram e desejou levantar a barra de seu vestido e deslizar suas mãos sobre suas coxas exuberantes, para...

Sua língua se aproximou perigosamente a suas presas.

Tornando-se para trás, soltou-a.

Isso tinha estado um pouco muito perto para ser cômodo, mas nem remotamente tão perto a como ele queria estar. Ele deslizou o olhar por seu corpo, esboçado pelo vestido. Era um corpo cheio de mulher, não era nem miúda nem pequena. E ela tinha peitos grandes, exuberantes algo do que ele sempre tinha sido partidário.

Apertando os dentes, opôs-se à necessidade cruel de tomá-la em seus braços e provar esses peitos com sua boca. Suas mãos. Sua língua.

Até melhor, suas presas...

—OK —disse ela em uma voz estranha, e alta. —Isso foi lindo — Ela juntou suas mãos e deu um passo para trás Não foi até que seu olhar caiu na toalha que a luz retornou a seus olhos café escuros. —Roupa. Necessita roupa antes que faça algo do qual não me arrependeria. Outra vez, qual é seu numero, Steve?

—Talon.

—Talon. Número. Roupa. Cobri-lo completamente.

Talon sorriu enquanto a observava tratar de enfocar sua mente enquanto seus olhos o percorriam com desejo.

Gostava desta mulher. À margem de suas peculiaridades, havia algo muito refrescante e puro a respeito dela.

—Vou procurar roupas para o Talon —ela saiu, logo retornou uns poucos segundos mais tarde. —Chaves —disse, encaminhando-se a uma lata rosa no móvel da cozinha. —Necessito chaves para o



automóvel — Saiu, só para retornar outra vez. —Minha carteira. Dinheiro para a roupa.

Talon arrastou sua mão através de seu cabelo molhado enquanto ela saía uma vez mais e se perguntava se tinha esquecido algo mais.

Ela se tinha esquecido.

—Os sapatos —disse a próxima vez. —Devo ter sapatos para ir às compras e manter meus pés quentes— Deslizou seus pés em um par de sapatilhas que estavam na porta.

—O que há sobre um casaco? —perguntou Talon enquanto via que se dirigia outra vez para a porta. —É inverno.

—Os casacos são bons no inverno —disse ela, indo a um cabide depois da porta que ele assumiu era seu armário. ficou em cima um casaco, cor café, velho, que parecia não ser seu estilo. — Retornarei logo.

—Espera.

Ela fez uma pausa para lhe olhar.

Talon apertou seus lábios enquanto cruzava o quarto e desabotoava o casaco mal abotoado. Endireitando, o abotoou corretamente.

—Obrigado —disse sorrindo, um sorriso que lhe fez coisas estranhas a sua virilha e a seu estômago.

Tudo o que Talon pôde fazer foi assentir com a cabeça, especialmente quando o que realmente queria fazer era levantá-la em seus braços e levá-la à cama e lhe fazer o amor pelo resto da tarde.

—Retornarei —disse, saindo.

Depois de que se fora, finalmente se permitiu sorrir amplamente. Ela era definitivamente outra coisa.

Algo que recordava a um dia cálido da primavera depois de um inverno rude. Tinha passado muito tempo desde que alguém o tocasse da forma em que ela o fez. Um comprido tempo desde que alguém ficasse em seus pensamentos.

—Você gosta.

Ele voltou à cabeça para olhar sobre seu ombro o espírito que



se movia tremulamente ali.

—Ela é interessante —disse a Ceara.

Ceara avançou para deter-se seu lado. Suas bochechas pálidas sustentavam um rubor etéreo enquanto brilhava tenuamente entre este plano de existência e o seguinte.

Ela deveria ter cruzado completamente a seu descanso eterno ou de renascimento antes, mas se tinha recusado a deixá-lo só.

E embora era terrivelmente egoísta, Talon tinha estado agradecido por sua companhia. Especialmente naqueles dias nos que tinha sido incapaz de permanecer em contato com seus irmãos Caçadores Escuros via tecnologia moderna.

Naquele tempo, seu isolamento tinha sido infernal. Tinha passado seus dias só, nunca atrevendo-se a deixar que um humano se aproximasse por medo a sua maldição. Nunca atrevendo-se a ter a alguém ao alcance por algo.

O único alívio que tinha tido eram as visitas incomuns de sua irmã.

Mas cada vez que olhava a Ceara, recordava dolorosamente que tão mal lhe tinha falhado. Deveria ter podido ajudá-la o dia que ela morreu. Se não tivesse sido um tolo, então ela poderia ter vivido a vida que merecia. Uma vida plena, com um marido e filhos.

Em lugar disso, ela tinha sido sacrificada porque tinha sido um asno estúpido e arrogante.

A primeira vez que ela tinha vindo a ele depois de suas mortes lhe tinha destruído animicamente. Não tinha havido acusações dela, nenhum ódio, embora o merecia.

Ela só lhe tinha mostrado compaixão e amor.

—Prometo nunca te deixar só, meu brathair. E não o farei. Sempre estarei aqui para ti.

Durante os séculos, sua presença tinha sido quão único o mantinha na terra e lhe permitia seguir adiante. Sua amizade e seu amor sempre tinham significado tudo no mundo para ele.

Ceara passou uma mão fraternal sobre o machucado em sua coxa direita. Ele não podia senti-lo como um toque real, mas o



gesto causava a sua pele um formigamento.

—Já não te incomoda?

—Não. Estou bem.

—Speirr —disse ela, dizendo seu nome em celta nativo. — Sabe que deve ser honesto comigo, brathair.

Ele levantou a mão para pentear uma mecha de seu cabelo loiro que caía na bochecha, só para recordar que não a podia tocar.

Fechou seus olhos enquanto recordava o passado.

Seu clã a tinha matado violentamente justamente uns dias antes de seu décimo sexto aniversário.

—Ela será nosso sacrifício aos deuses e eles nos perdoarão pelas transgressões de nosso líder...

Talon apertou seus dentes contra a pena e a culpabilidade que crescia dentro dele. Sua morte tinha sido culpa dele. Ele a tinha matado como se tivesse sido o que sustentara a faca.

Mas ele afastou com força esses pensamentos e encontrou o intumescimento que necessitava para funcionar.

Já não sou humano e não há um passado. A letania do Acheron correu por sua mente, lhe permitindo suprimir tudo.

Só restava o agora e o futuro. Sua vida humana estava longe dele, era um Caçador Escuro cuja inteira existência era procurar e destruir o mal que caçava a quão humanos não tinham conhecimento do que havia na escuridão esperando por eles.

—Minha perna —a diferença de seu coração —só dói um pouco.

Ela negou com a cabeça.

—Este não é um lugar seguro para ti, Speirr. Há muita luz. Eu não gosto que esteja aqui.

—Sei. I rei mal possa.

—Muito bem, então me retirarei até que me necessite.

Ela desapareceu e o deixou só. Outra vez.

Talon olhou para o balcão aonde Sunshine tinha estado sentada quando se reuniu com ela. Franziu o cenho ante o esboço no que ela tinha estado trabalhando.

Recolhendo, ficou impressionado por quão bem o tinha



capturado.

A mulher era uma artista brilhante. Podia adicionar emoções e significado ainda nas linhas mais simples. Nunca tinha visto algo como isso.

Infelizmente, não o podia deixar aqui.

Arrancou a página e usou seus poderes para queimá-la. Aos Caçadores Escuros era proibido permitir que capturassem suas imagens em qualquer meio ou qualquer forma. Ninguém devia poder provar sua imortalidade. Tal prova só conduziria a perguntas e complicações que nenhum deles queria.

Só esperava que ela não o reproduzisse depois que se fosse.

Talon olhou ao redor do loft e notou que toda a área estava cheia com arte emoldurada e sem emoldurar. O chão, uma mesa larga de desenho, e três suportes de livro estavam cheios com projetos meio terminados.

Cruzando o quarto, examinou-os mais de perto. Perdeu a noção do tempo enquanto os examinava, logo encontrou mais pinturas apoiadas contra a parede do dormitório. Sunshine gostava das cores vívidas em seu trabalho, e suas pinceladas no tecido eram tão ligeiros e ternos como ela mesma.

Mas era sua peças de cerâmica o que mais lhe fascinou. As peças eram uma mescla fogosa de cor, e os desenhos neles estavam longe do moderno. Devia ter estudado extensamente as culturas grega e celta para reproduzir tais cópias de forma tão autêntica. Era notável e eram tão verdadeiras como no passado. Se ele não soubesse o suficiente, teria jurado que um Were-Hunter havia as trazido no tempo.

Um golpe soou na porta.

Talon colocou a tigela que estava vendo, junto com as outras na prateleira. Deu um passo para a porta e a abriu para ver o Kyrian e Julian parados ao outro lado.

Ambos ficaram boquiabertos ao vê-lo virtualmente nu no loft.

Talon fechou de repente a porta.

Kyrian riu a gargalhadas. Talon se encolheu de medo.

—Vamos, Tally —brincou Kyrian do outro lado. —Não quer



suas roupas, suas chaves? OH espera, o que há a respeito da dignidade?

Talon abriu a porta, pegou ao Kyrian pela camisa e o colocou dentro.

—É um estúpido.

Kyrian riu até mais forte enquanto Julian Alexander entrava.

Por sua expressão, Talon podia dizer que Julian queria rir também, mas punha empenho para não fazê-lo. Talon apreciou isso.

Kyrian, por outro lado, não era tão amável.

—Bonitos joelhos, amigo, mas teria que usar um Bush Hog no cabelo das pernas.

—Cale-se — Talon pegou a sacola com roupa da mão do Kyrian e tirou suas calças de couro. —Julian, quero te agradecer por ser um adulto e não rir de mim.

Com as mãos nos bolsos das calças, Julian assentiu.

—Tendo estado em seus pés, não posso fazê-lo. É obvio em minha defesa esclareço que minha toalha ao menos era verde escura e não rosa.

O dois riram a gargalhadas enquanto Talon gemia.

Kyrian deu um golpezinho ao beirada da toalha. —O que é isto? Renda?

—Não —disse Julian, —acredito que isso se chama crochê.

Talon despiu suas presas aos dois.

—Melhor tomarem cuidado humanos, ou poderia decidir me alimentar de vocês.

—Uh, metade humanos —lhe recordou Julian. —te alimente comigo e te darei dor de estômago do inferno.

Lhes grunhindo, Talon rapidamente trocou a toalha por suas calças.

—Então —disse Kyrian. —Converteste-te no Ravyn agora? Preciso acautelar ao Nick de que te despojará de sua roupa diariamente ou o que?

Talon deu volta seus olhos ante a menção do Katagari Caçador Escuro. Ravyn era um dos que mudava de forma e freqüentemente era apanhado nu depois da saída do sol.



—Não, foi só hoje, espero. Falando do Nick, onde está ele? Tratei de chamá-lo para esta tarefa.

—Está em aulas.

—Sim, bem, ele ainda está na lista de nomes dos Caçadores Escuros, assim lhe diga que conserve seu telefone ligado.

—Ooo —disse Kyrian. —te pondo descontente em sua feroz nudez.

Talon o ignorou enquanto se colocava em cima sua camiseta negra.

Sunshine se deteve o lado do já que Tarô da Selena Laurens no Jackson Square. O cabelo castanho ondulado da Selena estava amarrado para trás com um cachecol estampado de leopardo, e seu corpo magro estava vestido com um casaco quadriculado branco e negro.

—Ei, Sunny —a saudou Selena. —Perguntava-me se estava chateada ou algo pelo estilo já que não estava aqui com sua arte.

—OH não, alguém veio.

Selena arqueou uma sobrancelha.

—Alguém velho ou alguém novo?

—Novo.

Selena a olhou um pouco cética.

—Espero que este seja mais agradável que o último tolo com que saiu.

Sunshine enrugou seu nariz enquanto recordava ao Greg. Um motoqueiro rude, tinha sido menos que detestável e a tinha confundido com sua ex-namorada Sara. Nada como ser chamada pelo nome equivocado enquanto estava tendo sexo com alguém.

Sem mencionar, que lhe tinha emprestado trezentos dólares no dia anterior ao que ela o tirasse a patadas. Embora, considerando, os trezentos dólares valerem para livrar-se dele.

—Ele parece sê-lo. —ela aplaudiu a sacola com as roupas do Talon. —Bom, preciso retornar com ele.

—Sunshine! —Selena estalou. —me diga que você não o fez.

—Não fiz o que?

—Deixá-lo em seu loft só.



—Fiz. Ele está a salvo.

Selena gemeu.

—Mulher, esse generoso coração teu te mete em mais problemas. Conhece este tipo?

Sunshine respirou profundamente. Estava tão cansada que todos a exortassem.

—Verei-te mais tarde, Madame Selena — Se voltou depressa pela rua para seu carro com a Selena queixando continuamente todo o caminho.

Uf! por que não podiam confiar nela alguma vez? Ela não tinha dois anos de idade. E ser distraída não era igual a ser estúpida. Se sua bondade a matava, então ela estaria melhor morta que viver uma vida fria, sem sentimentos onde sentiria falta de todos seus sentimentos e posses.

Além disso, Talon não era como outros homens. Ela sabia. Parecia ter mais coração que a maioria dos homens que tinha conhecido.

Era eletrizante. Perigoso. Misterioso.

O melhor de tudo, ele a estava esperando nu em seu loft.

Metendo-se em seu carro, dirigiu-se a supra casa.

Não tomou muito tempo alcançar o clube de seu pai e aproximar-se da parte traseira onde sempre estacionava. Sunshine franziu o cenho ao ver uma imensa moto Harley Davidson negra estacionada ao lado de um Lamborghini negro.

Os amigos do Talon?

Humm, talvez Wayne estava certo. Talvez Talon era um vendedor de drogas.

Não tão completamente segura dele, saiu de seu carro e usou a porta traseira que se abria ao clube vazio.

Ela se apurou em subir as escadas de aço e concreto que levavam a seu loft. Empurrando a porta, congelou-se ao ver os três homens, todos cujos níveis de testosterona estavam fora da escala do Richter. Eram absolutamente devastadores.

Uau, necessitava seu caderno de esboços. Urgente.

Talon estava vestido com calças de couro negros e uma



camiseta apertada que abraçava cada fenda de sua mortífera perfeição masculina.

Estava parado falando com os outros dois homens em sua cozinha, dois homens incríveis de aparência agradável. Homens que estavam vestidos como profissionais e não como motoqueiros desempregados.

Que tão assombrosamente refrescante.

—Olá, Sunshine —a saudou Talon. —Estes são meus amigos.

O que era da altura do Talon lhe tendeu a mão.

—Kyrian Hunter —disse em um acento encantador que não era como o do Talon.

Sunshine sacudiu sua mão firme e calosa enquanto reconhecia o nome.

—Você é o cunhado da Selenia. Fala de você e Amanda todo o tempo.

Kyrian era ligeiramente mais magro que Talon, com olhos verdes risonhos e um sorriso fácil. Seu cabelo loiro era uma sombra mais escura que o do Talon e cortado em um estilo muito informal na moda.

—Penso que deveria ter medo do que ela diz a respeito de mim. Conhecendo-a, melhor não dizer nada.

Sunshine sorriu.

—Tudo bem, prometo-lhe isso.

—Este é o Doutor Julian Alexander —disse Talon, apresentando ao outro homem, que vestia um suéter azul marinho e khakis.

—Gosto em te conhecer —disse Julian estendendo sua mão.

Sunshine respondeu do mesmo modo. Julian era cinco centímetros mais baixo que os outros dois mas ainda assim sua aura era igual de forte e poderosa. Seus olhos eram de um azul primoroso e seu cabelo da mesma cor do Kyrian. Era o mais a dos três mas seus olhos não eram menos amigáveis.

—Doutor? —perguntou ela.

—Ensino os clássicos no Loyola.

—OH. Também conhece a Selenia Laurens?



Julian assentiu.

—Muito Bem. Ela é a melhor amiga de minha esposa.

—Grace? —disse Sunshine. —Está casado com a Grace?

O reconhecimento os golpeou ao mesmo tempo.

—É você? —perguntou-lhe, rodeando para olhá-lo pelas costas. — OH sim, agora o recordo. Você foi o Senhor Rabo Ardente!

Seu rosto se esticou pela vergonha.

—Rabo Ardente? —perguntou Talon. —Tenho que ouvir isto.

—OH, sim —adicionou Kyrian.

—Devemos ir —disse Julian empurrando ao Kyrian para a porta.

—OH, com o demônio —disse Kyrian. —Não até que ouça isto.

—Lindo ver-te de novo, Sunshine —disse Julian, empurrando ao Kyrian para a porta.

—Não se preocupe, Kyrian —chamou Talon. —Assegurarei-me de te dar todos os detalhes.

Sunshine deixou a sacola com roupa no aparador enquanto a porta se fechava de repente.

—Suponho que não necessitará isto depois de tudo.

—Sinto — Apoiou contra o aparador e a olhou. —Então, me diga como conheceu o Julian.

Ela encolheu os ombros.

—Vendo meus artesanatos no Jackson Square e tenho uma tenda ao lado da Selena. Faz um par de anos, ela trouxe este cara audaz para trabalhar com ela vestido com uma camiseta ajustada e bermuda. Julian realmente tinha o cabelo comprido nesse momento. De qualquer maneira, havia um grande grupo de mulheres que se reuniram para olhá-lo. Selena pensou que era um desastre, mas fez tanto dinheiro vendendo esboços dele que não me importou.

Talon franziu o cenho enquanto uma onda muito peculiar de ciúmes lhe transpassava. E antes que se pudesse deter si mesmo, perguntou-lhe

—Conservas algum desses esboços?



—Só tinha um, e o dei a Grace faz aproximadamente um ano.

Mais aliviado que o que admitiria, Talon a olhou enquanto ela o olhava. Seu olhar seguiu a curva de seus lábios, a linha de sua mandíbula, e lhe fez ansiar possuí-la, lhe beijar os lábios uma vez mais.

—Sabe, é realmente bonito quando sorri.

—Sou? —perguntou, sentindo uma estranha satisfação.

—Sim, é.

Sunshine trouxe enquanto se dava conta que ele já não tinha nenhuma razão para ficar ali. Não é que lhe importasse; ela devia retornar a seu trabalho. E ao mesmo tempo não queria que se fosse.

—Suponho que agora irá já que está todo vestido.

Ele olhou de esguelha a luz do sol.

—Sinto mas não posso ir antes que o sol se esconda.

—OH —Sunshine tratou de afogar a vertigem dentro dela.

Ele se esclareceu voz.

—Se tiver coisas que fazer...

—OH não —disse ela rapidamente, logo fez uma pausa. — Digo, eu... um... seria rude, muito rude, te deixar só aqui. Especialmente quando não tenho uma TV ou qualquer outra coisa que possa fazer — Ela se lambeu os lábios. —Então, já que não pode sair, que você gostaria de fazer pelo resto da tarde?

—Honestamente?

—Sim

—Nada além que fazer o amor contigo.

CAPÍTULO 4

Sunshine deu marcha ré, sobressaltada ante a franqueza do Talon. Mas mais que isso, estava aturdida, já que queria o mesmo e apenas o conhecia. E mesmo assim não podia negar quanto desejava fazer o amor com ele.



Quanto desejava acariciar cada polegada desse corpo poderoso, divinamente masculino.

Sua luxúria não lhe parecia incorreta. Parecia estranhamente correta e simplesmente natural. Em uma forma estranha sentiu como se já o conhecesse. Como se supusera que eles deviam ser muito mais íntimos que dois estranhos que se encontraram casualmente em uma rua escura.

Desejava a um nível que não alcançava a compreender.

—Não te anda pelos ramos, não? — perguntou impertinentemente.

—Não —respondeu, com seus olhos azeviche queimando-a com ardente potencializa, — eu não.

O poder de seu desejo a percorreu, cativando-a. Ele era tão intenso, tão hipnótico. E se encontrou inexplicavelmente atraída por ele.

Ele estendeu a mão e tocou uma mecha de seu cabelo. O desejo se enroscou através de suas veias, excitando-a.

Em nenhuma outra parte seus corpos se tocavam, mas jurava que podia senti-lo com cada célula de seu corpo.

Ela se estremeceu com necessidade.

Com calor.

Com desejo.

Inclinou-se e murmurou em seu ouvido, sua respiração lhe roçando a pele.

—Sempre fui um firme crente de viver o momento. Em tomar o que quero quando o desejo. E agora mesmo, Sunshine, eu te desejo. Quero saborear cada centímetro de seu corpo. Sentir sua respiração sobre meu pescoço enquanto te faço o amor. Explorar com minha língua cada parte de você até que me rogue que me detenha.

Ela tremeu da forma em que disse isso.

—A vida é curta, suponho.

Ele riu brandamente enquanto lhe acariciava a bochecha com seus lábios. Sua pele barbuda raspava a dela e se derreteu ante a percepção viril dele.



—Mais para uns que para outros.

Sunshine inspirou profundamente enquanto a seriedade caía sobre eles. O humor do quarto não só era sério, o ar entre eles era cada vez mais carregado.

Com eletricidade sexual.

Talon moveu sua boca perigosamente perto da dela.

Lentamente.

Tentadoramente.

O tempo se deteve enquanto esperava que seus lábios reclamassem os dela. Enquanto esperava, para saborear sua paixão outra vez.

Logo, tomou entre seus braços e a beijou tão possesivamente que a deixou sem fôlego.

Sunshine gemeu enquanto o saboreava com seus lábios e com seu coração. Ele invadiu cada sentido que possuía. Seus músculos se avultavam e se flexionavam sob suas mãos em tanto sua língua se esfregava contra a dela. Escutou grunhir baixo e profundo em sua garganta, como uma besta enjaulada.

Ela tremeu outra vez.

Ela passou as pontas dos dedos sobre a base cálida de seu pescoço, jogando com a pele suave, branda dali, antes de subi-los através dos fios dourados de seu cabelo, as deixando enrolar-se ao redor de sua carne.

Como gostava da forma em que este homem se sentia em seus braços. O perfume dele e a do couro invadiu sua cabeça e a fez cambalear. Ele a rodeou com a forte dureza de seu corpo.

Sentiu seu desejo enquanto sua ereção pressionava contra seu estômago, e a acendia, fazendo-a ansiar seu corpo, suas carícias. Desejava dentro dela tão desesperadamente que a deixou estupefata. Nunca em sua vida tinha desejado a um homem como a este.

Levantou-a em seus braços, suportando seu peso enquanto aprofundava o beijo. Sem esforço algum, suas mãos firmes sustentaram seu traseiro contra seus quadris enquanto sua protuberância pressionava seu sexo. Gemeu ante o contato íntimo



com o couro e o homem.

Lhe devolvendo o beijo tão duramente como podia, envolveu suas pernas ao redor de sua cintura.

Sentiu sua risada satisfeita rugir fora de seu corpo. Fez que seu estômago a acariciasse entre as pernas, seu peito esfregou o dela, inflamando-a ainda mais.

OH, carinho, o que está fazendo?

Sunshine ouviu sua razoável voz em sua cabeça. Não tinha tido uma relação de uma noite, ou neste caso de um dia da universidade. A única vez que o tinha feito, havia-se sentido tão perturbada depois, que tinha jurado que nunca o faria novamente. E aqui estava ela, próxima a repetir esse fiasco. meu deus, não sabia nada deste homem. Nem sequer seu sobrenome.

Mas por alguma razão, nada disso tinha importância. O único em que podia enfocar a atenção era em quão bem o sentia enquanto o abraçava. O maravilhoso que se via em sua cama, e o fato que realmente gostava. Mais do que deveria. Mais do que tinha sentido.

Correto ou incorreto, queria compartilhar seu corpo com ele. Não, ela necessitava disto. Era o que queria no mais profundo de seu coração. E ela sempre seguiria a seu coração, onde quer que este a levasse.

Não haveria arrependimentos a respeito disto. Nenhum segundo pensamento.

Ele deslizou barra de seu vestido para trás, sobre suas coxas. Tremeu ao perceber o material fresco arrastando-se pela pele, seguido pelo calor de suas mãos. Ele fez deslizar sua palmas pela parte de atrás de suas coxas até abranger seu traseiro. Grunhiu de prazer, um som intenso e primitivo.

Cheio de necessidade.

—Eu gosto como te sinto, pequena Sunshine —suspirou contra seus lábios.

Sunshine não podia pensar claramente com suas mãos grandes e firmes em sua pele nua. Ele abaixou a cabeça em seu pescoço onde seus lábios a queimaram. Seus dentes lhe raspavam a pele



enquanto a mordida meigamente.

Estava a ponto de lhe dizer quão afiados eram seus dentes quando lhe deu uma estremecedora lambida quente em sua pele.

Seus pensamentos se espalharam por todos os lados.

O homem era simplesmente muito delicioso, não podia deixá-lo ir sem ter provado esse corpo duro. Tirou-lhe a camiseta pela cabeça e percorreu com suas mãos o peito e a tatuagem. OH, sim. Ela desejava isto!

Ela o desejava a ele.

Talon lhe deu um sorriso com lábios apertados enquanto via a fome crua em seus olhos café escuros. Ia saborear a esta mulher.

Até a última diminuta polegada dela.

Devido a sua paixão e sua paixão de viver, só podia imaginar a boa amante que ela seria.

Tinha passado bastante tempo desde que tivesse encontrado a uma mulher que lhe fascinasse. Como Caçador Escuro, tinha escolhido a suas amantes ao azar, sabendo que nunca as veria outra vez.

Por séculos, contentou-se com sexo de uma só noite. Com mulheres desejosas que não queriam nada mais dele que as poucas horas de prazer que lhes podia dar.

Tinha-as encontrado a todas elas na escuridão da noite.

Nunca à luz do dia.

Depois de uma conversa mínima para as serenar, tinha-as montado grosseiramente, e ao terminar, foram-se por caminhos separados. A maioria das vezes, nem sequer se tinha preocupado de lhes perguntar seus nomes.

Mas no fundo de sua mente, sabia que algo era diferente desta vez.

Algo era diferente a respeito da Sunshine.

Não podia contar quantos séculos tinham acontecido desde que compartilhasse uma risada real com uma amante.

E esta mulher o fazia rir. Voltava louco.

Melhor até, o fazia arder.

Sunshine tinha tropeçado com seu mundo e o tinha já que ao



Abraço Noturno -

"Night Embrace"

Dark Hunters 4 -Talon e Sunshine - Sherrilyn Kenyon

reverso. Havia mostrado as emoções que tinha enterrado fazia muito tempo. Fazendo sentir estranhamente vivo outra vez, o qual para um homem que tinha morrido mil e quinhentos anos atrás era realmente um lucro.

Deu-lhe sentimentos que não entendia. Sentia-se como um menino na manhã de Natal, sobrecarregado com vistas e aromas. Seus sentidos o estavam afligindo com necessidade.

Com desejo por ela.

Lambendo os lábios antecipadamente, correu sua mão sobre sua coxa sedosa, até seus quadris. Esta mulher tinha a pele mais fina que alguma vez tivesse acariciado. Levantou o vestido até sua cintura enquanto ela fechava seus tornozelos atrás de suas costas.

Sua cabeça deu voltas ao sentir como se envolvia ao redor dele. O calor de suas coxas internas queimaram sua cintura. Sentia sua umidade contra seu estômago.

Retornando a seus lábios, levou-a a cama e a deitou sobre o colchão. Sem soltar do abraço, colocou-se em cima e a beijou completamente, profundamente, enquanto posava sua inchada ereção contra a parte dela em que ele já não podia esperar para enterrar-se. Provou a calidez de sua boca e escutou seus gemidos de prazer.

Fechando os olhos, inspirou seu perfume único e deixou que o alagasse.

Sunshine queria soluçar do bem que se sentia sobre ela. O couro de suas calças a acariciava intimamente enquanto seus lábios atormentavam os dela. Suas tranças lhe faziam cócegas em seu pescoço com cada movimento que ele fazia. E suas mãos se sentiam malvadamente maravilhosas enquanto as deslizava sobre seu corpo, procurando cada parte dela.

Quase choramingou em sinal de protesto quando ele se afastou.

Tirou-lhe o vestido e o lançou ao chão.

sentiu-se mais que fisicamente nua frente dele. Por alguma razão também se sentia espiritualmente nua. Era como se pudesse ver profundamente dentro dela de alguma forma, como se



conhecesse coisas a respeito dela que ninguém mais sabia.

Como se estivessem conectados em um nível que transcendia o vínculo físico.

Ao fim! Pensou, quando voltou a acomodar-se sobre ela. Logo seus pensamentos se dispersaram outra vez e se converteu em uma com o momento. Esta percepção dele era realmente estranha.

Sunshine riu ante quão gosto maravilhoso ele tinha . Toda essa pele luxuriosa, bronzeada, um pouco áspera por sua barba por fazer. Adorava o sabor da mandíbula de um homem.

Nenhum tinha tido um sabor mais perfeito.

Moveu as mãos da cintura até a braguilha. Sua ereção era enorme. Tornando-se para trás ligeiramente, observou seu rosto enquanto lhe abria as calças e o tocava pela primeira vez.

Ele fechou seus olhos e grunhiu profundamente em sua garganta enquanto se balançava brandamente contra suas mãos. OH, lhe gostou como o sentia. Estava tão duro e preparado para ela.

Entrelaçou seus dedos nos cachos pequenos, movendo sua mão mais abaixo, até poder segurar o calor suave dele em sua palma.

Talon gemeu de prazer. sentia-se tão incrivelmente bem que o sustentara dessa forma. Tinha tido sexo mais vezes das que podia contar, e mesmo assim havia algo novo nesta experiência.

Algo fresco.

Ela atirou para baixo suas calças a fim de enganchá-los com os pés e tirar-lhe de cima. Não foi até que ela franziu o cenho que ambos recordaram que ainda levava postas as botas.

—Ui —disse ela com um sorriso.

Talon riu, beijou-a profundamente, e se deu a volta para tirar-lhe Ela se levantou em seus joelhos e recostou seu corpo nu contra as costas nua, fazendo tremer ao sentir seus peitos contra sua coluna vertebral.

—Simplesmente amo esta tatuagem —disse enquanto lentamente o traçava com sua língua descendo por suas costas.

—Amo quando faz isso —disse, lançando suas botas e calças



para a esquina. Aferrou-se ao beirada da cama enquanto ela explorava suas costas com a boca.

—Tem um significado especial? —ele fechou seus olhos enquanto ela retornava a seguir as marcas com sua língua.

—São símbolos celtas para o amparo, o poder, e a longevidade — Talon apertou os dentes ante a ironia. Seu tio não tinha tido idéia o que lhe aguardava seu sobrinho quando tinha colocado essas marcas em sua pele. Quão longa seria sua vida.

Ela deu um suspiro comprido, quente, e logo o empurrou para trás.

—Não posso acreditar que seu tio fizesse isto. Meu pai se intimidou quando viu o meu.

Talon a olhou sobre seu ombro.

—Tem uma tatuagem?

Apoiou sua perna esquerda ao redor de sua cintura e lhe mostrou a parte interna do tornozelo. Era um sol celta muito pequeno, com o símbolo denteado para a criatividade.

Sorrindo, percorreu com a mão.

—Muito bonito.

—Sim, mas doeu por dias. Não posso imaginar quanto pior deve ter sido o teu.

Ela não tinha idéia. Especialmente desde que tinha sido criado muito tempo antes que existissem as agulhas esterilizadas. Seu tio meticulosamente tinha inserido o desenho em seu corpo, por meio de golpes durante três meses. Algumas vezes se infectaram e só as habilidades herbárias da Nynia lhe tinham salvado a vida.

—Não foi tão mau.

—Ooo —disse ela em brincadeira, enrugando o nariz. —O Senhor Tipo Rude.

—Preferiria que dissesse que doeu?

—Nunca dói admitir que sentiu dor.

—Neném —disse ele —Não sinto dor. Em toda a vida.

Olhou surpreendida.

—Realmente? Nem sequer um pequeno? —negava com a



cabeça enquanto suprimia as emoções. Não se atrevia a permitir-se sentir a dor de tudo o que tinha perdido. Ainda depois de todos estes séculos, destruiria.

—É um desperdício de tempo e energia. Também esgota a mente e te faz débil.

—Mas sem dor, não pode ter alegria. É o equilíbrio o que nos faz apreciar os extremos.

Bom isso era um conceito profundo. Muito profundo, considerando que estavam nus, sentados em sua cama.

—Sempre filosofa enquanto está nua com um homem?

Ela mordeu seu ombro travessamente com os dentes.

—É bastante difícil encontrar a um homem que esteja disposto que a fazer isso.

Baixou o olhar até seus peitos.

—Imagino que seria muito mais fácil se não te visse tão condenadamente bem sem suas roupas.

Gemeu enquanto baixava a cabeça e tomava um de seus peitos em sua boca. recostou-se na cama arrastando com ela.

Talon suspirou ao sentir sua auréola enrugada sob sua língua. Roçou com sua mão a curva do quadril, sua coxa suave, e através do matagal úmido de cachos, até que pôde tocar a parte que mais ardentemente desejava.

Ela gemeu e tremeu enquanto ele cuidadosamente separava suas brandas dobras e atormentava sua fenda.

OH, sim, ele queria isto dela. Queria ver sua cabeça contra os travesseiros e ouvir seu grito quando gozasse por ele.

Sunshine lhe aferrou firmemente a cabeça contra seu peito enquanto abria ainda mais as pernas, lhe dando um maior acesso a seu corpo. Ela ardia e pulsava ao sentir sua mão acariciando-a. E quando introduziu seus dedos nela, gritou fortemente.

Seu corpo ardia pelo dele da forma mais incrível. Era tão quente e feroz que a fazia tremer de necessidade. Nunca tinha desejado a um homem tanto como desejava a este. Queria empurrá-lo mais perto dela. Mais perto e mais perto até que verdadeiramente se transformassem em um só ser.



Incapaz de esperar mais, baixou a mão entre seus corpos a fim de poder guiá-lo profundamente dentro dela.

Gemeram ao uníssonos.

Sunshine arqueou as costas, arrastando ainda mais profundo.

Era tão duro e quente, tão completo. Ela nunca havia sentido nada melhor que ele enchendo-a.

Ele se sentou sobre suas pernas e empurrou seus quadris e assim se deslizou nela, lentamente, profundamente. Era um ritmo puxador que a fez contorsionar-se ante o intenso prazer de suas íntimas carícias.

Ela cravou os olhos nele enquanto a olhava com ternura.

—É tão bela —murmurou, balançando seus quadris contra as dela e empurrando-se em seu interior ainda mais profundo e mais duro.

—Você também —disse lhe agarrando seus joelhos. Seus olhos se obscureceram enquanto a olhavam e se deu assim mesmo nesta união. Nunca um homem lhe tinha feito o amor assim. Era como se ele não fosse nada mais que sexo. Como se não pudesse sentir mais que seu corpo.

Tinha tal forma de mover seus quadris enquanto se deslizava dentro e fora, duro e profundo. Atormentava-a com suas mãos, seus dedos a acariciavam ao mesmo tempo em que seus empurre. O prazer de seu toque impregnou cada fibra de seu ser.

E quando ela gozou, o orgasmo foi tão intenso que gritou.

Talon grunhiu ante o som de seu êxtase enquanto seu corpo se aferrava ao dele. Gritando se esticou e o arrastou em cima dela.

Logo, ela fez a coisa mais estranha de todas... acariciou com o nariz seu pescoço e seu rosto, deixando cair beijos por toda sua bochecha e ombro. Talon se congelou.

Seus braços o mantiveram apertado contra ela, enquanto envolvia seu corpo ao redor do dele. A ternura de seu toque e suas ações o ferroaram, penetrando através do férreo controle que mantinha suas emoções.

Era como se ela realmente se preocupasse com ele. Como se



Abraço Noturno -

"Night Embrace"

Dark Hunters 4 -Talon e Sunshine - Sherrilyn Kenyon

ele significasse algo para ela. Como se lhe estivesse fazendo o amor a ele. Só uma mulher o havia tocado assim... Mal podia respirar. Pela primeira vez em mil e quinhentos anos ele sentia que realmente lhe estava fazendo o amor a uma mulher e não só satisfazendo um desejo primitivo.

Não, este não era sexo sem sentido.

Ele a sentia. sentia-se conectado a ela. Sentia como se fossem mais que desconhecidos sem ataduras entre eles.

Seus lábios abrasaram sua pele enquanto ela continuava acariciando seu pescoço e empurrando-se a si mesma contra ele. Sustentou-a brandamente e fechou os olhos. Seus sentidos e suas emoções cambalearam ante o prazer do momento.

Quando gozou em seus braços, tremeu até o centro de seu maltratado e cansado coração.

Ficou ali, vulnerável e aterrorizado.

Não, não podia haver isso sentido. Ele não poderia ter estes sentimentos por ela. Não era possível.

Estava equivocado. O que tiveram foi sexo. Sexo incrivelmente genial, mas nada mais que isso.

Sexo.

Simple.

Básico.

Elementar.

E ia provar a si mesmo de uma ou outra maneira

Sunshine jazia completamente satisfeita, respirando trabalhosamente, retornando muito lentamente à deriva de si mesmo. Esse foi o orgasmo mais incrível que alguma vez tinha experimentado. Não podia acreditar a forma em que o havia sentido, a forma em que a havia tocado.

Ela manteve sua cabeça perto de seu coração e sentiu sua respiração desigual contra seu peito. Embalou com seu corpo inteiro e absorveu o quente peso dele.

Acostumada a homens que rapidamente saíam de cima depois se punham a correr, não estava preparada para quando ele se deu volta sobre as costas e a puxou para atravessá-la com seus braços



Abraço Noturno -

"Night Embrace"

Dark Hunters 4 -Talon e Sunshine - Sherrilyn Kenyon

sobre seu peito.

—Não pensará que já terminei, não? —perguntou ele em seu ouvido.

—Bom, sim.

Riu.

—Lady Sunshine, agora que comecei.

Para sua delícia e temor, ele confirmou essas palavras no transcurso das seguintes horas.

Fizeram o amor na cama, no chão, no sofá. Tomou em tantas posições diferentes que sentiu como se ele estivesse recriando o Kamasutra.

Finalmente, foram dar na cozinha onde a colocou sobre a beira da mesa e logo lhe fez o amor lenta e meigamente. OH céus, o homem se sentia incrível! Ele tinha mais energia que uma equipe inteira de atletas e era completamente atrevido quando o fazia o amor. Nunca tinha estado com um homem e se havia sentido assim a gosto com seu corpo e suas expectativas.

Um homem como este era difícil de conseguir. Depois que acabaram no balcão, a qual nunca poderia olhar outra vez sem ruborizar-se, Talon se parou nu, olhando dentro de seu refrigerador com suas duas tranças atrás de sua orelha enquanto procurava comida. Ele ainda respirava pesadamente depois de seu último assalto e Sunshine se perguntou ociosamente se ela iria ficar com as pernas arqueadas depois da maratona dessa tarde.

Não obstante, via-se gostoso enquanto movia vasilhas procurando alimento. Seu traseiro nu era um banquete para os olhos e quando se agachou para investigar a gaveta mais baixo, não pôde resistir a passar sua mão sobre a musculosa coxa, entre suas pernas, para segurar a mão e lhe acariciar.

Ele inspirou abruptamente entre seus dentes e se endireitou.

Sunshine lhe sorriu tão travessamente que ganhou um rápido beijo antes que retornasse à busca em sua geladeira.

—Milady, tem algo feito de carne?

Sunshine passou a mão através de suas costas, acalmando as marcas vermelhas aonde lhe tinha afundado as unhas durante seu



último orgasmo.

—Tenho hambúrgueres de soja, e recolhi algumas caixas de cereais, germe de trigo, e farinha de aveia enquanto estava fora.

Ele realmente choramingou.

—Sinto muito. Sou estritamente vegetariana.

Ele suspirou.

—E eu sou estritamente carnívoro.

Ela lambeu seus lábios e sorriu ao recordar suas dentadas e beliscões brincalhões em sua carne.

—Dava-me conta.

Girou para ela e aproximou seu corpo nu contra ele. Beijou seus lábios como se ainda pudesse saboreá-la depois de tudo o que tinham feito essa tarde. Logo, tornou-se para trás.

—Apesar do muito que te desejo outra vez, necessito algo mais para me alimentar que seu ardente e luxurioso corpo.

Pegou o queijo de soja da prateleira de acima e as bolachas salgadas de farinha integral que tinha no balcão.

Sunshine começou a lhe advertir sobre o queijo, mas trocou de opinião. Necessitava algo mais além dela para morder, embora para ser sincera, gostava de ser seu brinquedo para mastigar.

O homem era insaciável, e o melhor de tudo, era um campeão no que fazia.

Observou curiosamente enquanto agarrava sua pastilha PEZ do Snoopy do balcão, logo retornou à sala de estar.

Sunshine recolheu seus copos com água e o seguiu a mesinha de café Art Deco.

Talon se sentou ante esta, cortou em rodela o queijo e logo o colocou sobre as bolachas salgadas. Passou uma a ela.

—Então me diga, se não estivesse aqui, o que estaria fazendo hoje?

Ela riu.

—Estou segura que provavelmente me sentaria mais comodamente, em primeiro lugar.

Com cara divertida, baixou sua cabeça para acariciar com o nariz o pescoço.



—Posso te dar uma massagem para te fazer sentir melhor?

Ela arrepiou-se ante sua voz profunda e sensual.

—Sua massagem é o que me meteu em problemas.

Percorreu com sua língua a clavícula, logo se tornou para trás e comeu uma bolacha salgada.

Afogou-se.

Sunshine o passado o copo com água.

Talon a tragou rápido e a olhou com cenho.

—Que tão velha é esta coisa? —comprovou a data de vencimento do queijo e franziu mais o cenho. —Soja? —disse quando finalmente reconheceu o amarrado. —Deixou-me comer queijo de soja?

—É bom para ti.

—É repugnante.

—OH —disse ela, como se lhe falasse com um filho. —Pobre bebê. Estou com tanta pena.

—Não, não o está.

—Não verdadeiramente. Sinto não ter algo que possa ingerir um macho grande como você.

Talon se sentou para trás e sacudiu a cabeça. Deveria ter pedido ao Kyrian que lhe trouxesse um hambúrguer com suas roupas. Ainda assim, tinha desfrutado do dia com ela.

Ainda se isso significava comer coisas que deveriam estar classificadas como lixos tóxicos.

Encolhendo-se, alcançou outra bolacha, mais preparado desta vez para o sabor repugnante. A pura força de vontade, engoliu seis bolachas salgadas com queijo, embora mal tiraram uma ponta de sua fome.

Agradecia aos deuses que ainda tinha suas pastilhas. Agarrando ao Snoopy, rapidamente jogou três em sua boca para trocar o sabor.

—Como pode comer isso? —perguntou ela. —Não é mas que açúcar com sabor.

—Sim, mas é bom açúcar.

Ela enrugou o nariz.



Talon lhe sorriu malvadamente.

—Conhece qual é a melhor forma de comer estes, não?

Negou com a cabeça.

Ele moveu para trás a cabeça do Snoopy e tirou a pequena pastilha com seus dedos. Levo-a seus lábios.

—Morde-a brandamente e mantém entre seus dentes.

Ela vacilou, mas obedeceu.

Por um segundo, Talon a olhou sentada ali, nua com a pastilha entre os dentes. Logo, inclinou-se para frente e usou sua língua para saboreá-la.

Sunshine gemeu ante o sabor dele combinado com o açúcar. Abrindo a boca, lhe deu um beijo comprido, quente.

—Bom, isso foi agradável.

—Vale à pena poluir seu sistema?

—Umm-hmm —ela respirou, movendo a ponta do dedo ao longo de sua mandíbula.

Uma vez que toda a pastilha PEZ se terminasse, ela levantou o Snoopy e o olhou.

—Isto é tão pouco característico de você, Senhor Rude. Custa-me acreditar que um tipo que brigou com seis criminais sem ajuda leve com ele um insignificante brinquedo de pastilhas PEZ.

Ele penteou seu cabelo negro para trás de seu ombro e deixou que suas mãos se detivessem nos fios.

—Em realidade, coleciono os pastilheiros. Este é um clássico de 1969.

—De verdade?

Ele assentiu.

Olhou outra vez. — Isso vale muito?

—Um par de centenas de dólares.

—Não está brincando?

—Não estou brincando.

—Wow. E quase o meti na máquina de lavar roupa.

Ele riu disso.

—Me alegro que não o fizesse. Snoopy e eu vamos a todos os lados juntos.



Tomou ao Snoopy de suas mãos e o colocou na mesinha de café. Quando se deu volta para olhá-la, o brilho em seus olhos era um com o que ela realmente se estava familiarizando.

—Está realmente muito dolorida? —perguntou.

Tomando tudo em consideração, ela deveria está-lo, mas seu toque era tão terno que não o estava.

—Não o estou. E você?

—Não poderia estar melhor.

Reclinou-se no chão e a empurrou através dele. Sunshine o montou escarranchado e gemeu ante o bem o que seus abdominais de aço se apertavam contra ela.

Para seu assombro, estava duro outra vez.

—Alguma vez te cansa?

Ele segurou seu rosto em suas mãos e lhe dirigiu um olhar fixo, séria.

—É você, amor. Definitivamente você. Com qualquer outra, me teria acomodado e estaria dormindo faz horas.

—Diz a sério?

Ele conduziu sua mão para seu inchado pênis

—O que pensa?

—Penso que deveria ter tomado mais vitaminas esta manhã.

—E eu penso que ainda há várias posições que não provamos.

Talon despertou na cama da Sunshine justo ao por do sol. Sorriu com prazer sonolento enquanto cheirava o perfume de terebintina e patchouli em sua pele.

Sunshine.

Ainda estava embalada entre seus braços, profundamente dormida. Para seu assombro, sentiu que seu corpo começava a endurecer-se outra vez.

Depois desta tarde, deveria estar satisfeito por um ou dois dias mínimo, se não por uma semana completa.

Devido a isso, não deveria poder mover-se.

Mesmo assim queria tomá-la outra vez. Agora mesmo. Queria sentir seus braços e pernas envoltas a seu redor, sustentando



perto enquanto se perdia a si mesmo com a sensação de seu corpo deslizando-se contra ele.

Só Nynia o tinha feito sentir-se assim. Tinha sido completamente insaciável com ela. Olhá-la era arder por ela.

Nunca pensou encontrar a outra mulher tão atraente. E tudo o que queria fazer era passar o resto da noite dentro da Sunshine. Sentir sua respiração contra seu pescoço enquanto se enterrava em seu calor úmido uma e outra vez.

Mas não podia. supunha-se que devia encontrar-se com o Acheron no Jackson Square.

Sem mencionar que haviam Daimons na rua preparados para matar, e tinha que proteger às pessoas inocente.

—Talon?

Interiormente, encolheu-se ante o som de sua voz sonolenta. Tinha esperado fazer uma saída silenciosa enquanto ela dormia.

Como odiava as saídas confusas.

—Boa noite, meu amor –murmurou ele, beijando sua frente.

Lhe dirigiu um sorriso que o deslumbrou.

—Está-te indo?

—Sim, tenho que me encontrar com alguém.

—OK —disse ela.

Ela se levantou da cama, e se envolveu com um lençol.

—Foi realmente genial te conhecer, Talon. Obrigado por um dia maravilhoso.

Deixou só.

Talon franziu o cenho. Esta era normalmente a parte aonde suas amantes lhe rogavam que ficasse, ao menos um pouco mais de tempo. Onde lhe diziam que era o melhor amante que alguma vez tinham conhecido e logo choravam ante o pensamento de nunca o ter outra vez.

Mas Sunshine parecia completamente de acordo com sua partida. Não parecia sentir a mais mínima tristeza.

O que era isto?

Saiu da cama e deixou o quarto para encontrá-la na cozinha, sustentando um bolo de arroz entre seus dentes enquanto se



servia uma taça de suco rosado.

—Sunshine, está bem?

Tirou-se o bolo de arroz da boca e o olhou.

—Estou bem.

Seu rosto empalideceu um pouco.

—OH Deus, não irás pôr possessivo ou estranho comigo agora, não? Por favor me diga que não é um desses tipos dos que Trina me contou, desses que têm um pouco de sexo com uma mulher e logo acreditam que a possuem.

Um pouco de sexo?

Um pouco de sexo!

Talon ficou sem palavras. Estava acostumado a deixar a suas amantes, mas desta vez era a mais fácil que tinha vivido, e o encontrou estranhamente desconcertante.

Perturbador.

Humilhante.

Especialmente depois da forma em que os dois se levaram. Esta tinha sido a melhor maratona de sexo que alguma vez tinha tido. Ela tinha igualado sua paixão e energia de um modo que tinha sido incrível.

Agora ela estava bem com ele simplesmente saindo pela porta?

—Está segura que está bem? —perguntou outra vez.

—Olhe, estou bem, sim? Sabia quando aceitei a isto, que você não estaria me rondando depois. Não sou estúpida, sabe. Sou maior de idade. Você é maior de idade e estou segura que tem uma vida a que retornar — O pânico passou por seus olhos. —OH Deus, não está casado, não?

—Não, não o estou.

Deixou escapar um suspiro de alívio.

—Então, nenhum dano, nenhuma culpa — Cruzou a curta distância até a geladeira para devolver a jarra de suco.

—Sunshine?

Fez uma pausa para lhe dar um olhar ressentido.

—O que é, Talon? Não está ansioso pela separação, não? Hoje



Abraço Noturno -

"Night Embrace"

Dark Hunters 4 -Talon e Sunshine - Sherrilyn Kenyon

esteve divertido e valeu à pena, mas devo retornar ao trabalho. Tenho uma tonelada de coisas que preciso fazer esta noite.

—Sim, mas... —não terminou a frase. recusava-se.

—Mas...?

Ele manteve sua mandíbula fechada. Muito bem, se ela queria que se fosse, então ele iria.

Igualmente não deveria ter acontecido o dia com ela. Tão perto do Mardi Gras, não podia distrair-se. Não importa se vinha na forma de uma tentadora de cabelo escuro.

—Nada —disse.

Ela se viu aliviada.

—Já que tem que te encontrar com alguém, toma uma ducha enquanto faço algo para jantar — Talon tomou banho, mas quando terminou, rechaçou comer sua salada de tofu e bife de soja.

—Obrigado outra vez, Sunshine —disse enquanto se colocava o blusão sobre a camiseta. —realmente tive um muito bom dia.

—Eu também —disse sorrindo enquanto mastigava sua salada e olhava uma revista de arte.

Ainda não podia acreditar quão bem ela se estava tomando o fato de que a deixasse. Maldição.

Uma parte dele esperava que lhe rogasse que a chamasse. Perguntasse seu e-mail. Algo. Mas ela não o fez.

Homem, como odiava o século XXI. Ela levantou a cabeça quando se apressou para a porta.

—Te cuide, Talon, e no futuro, por favor permanece fora do caminho das limusines do Mardi Gras, OK?.

Talon levantou a sobrancelha, estupefato.

—Como?

—Não recorda a última noite, quando não podia te mover?

Talon assentiu com vacilação, incapaz de acreditar que isso era o que se estrelou contra ele.

—Fui atropelado por uma limusine do Mardi Gras?

—Sim, foi Baco.

Agora isto acrescentava um insulto à ferida. Agora, só esperava que Nick não se inteirasse. Nunca.



Nicholas Ambrosius Gautier tinha entrado neste mundo sem muitas perspectivas. Filho bastardo de um infrator da lei de carreiras e uma stripper menor de idade do Bourbon Street, não era exatamente o que mais obedecia às leis. De fato, seu conselheiro da escola intermédia o tinha votado como o candidato mais provável para receber a pena de morte.

Mas uma noite quando Nick se enfrentou à turma com quem andava, o destino tinha trocado sua vida e enviado seu anjo da guarda Caçador Escuro, quem tinha tomado ao filho inteligente, tinha limpo, e dado um futuro real.

Agora, nove anos depois, foi um aluno de pré-direito, e ao invés de jogar roleta criminosas como o pai, era quase um cidadão respeitável. Era quase a palavra certa.

Tudo graças a Kyrian da Trácia e Acheron Parthenopaeus.

Não havia nada que não iria fazer por eles e que foi por isso que ele estava sentado em seu carro, estacionado em um campo vazio logo depois do pôr do sol, em vez de estarem com a sua última namorada, colocando realmente um grande sorriso em seu rosto .

Mesmo com o carro em movimento, havia frio lá fora. Um molhado e frio glacial que doía os ossos. Sua garrafa térmica de café já havia acabado, Nick só queria ir para casa e descongelar.

Em vez disso, ele estava aguardando a chegada de reforço pelo Garra Mardi Gras, porque Zarek, depois de ter passado os últimos nove anos no Alasca, não tinha idéia de como dirigir um carro. Aparentemente, os carros não eram os transportes de escolha para o Dark Hunters bloqueado por neve.

Maldita filho da puta. Este foi um evento para o qual eles poderiam ter esperado por toda a vida.

—Nick, estas aí?

—Sim — disse sobre o rádio portátil que estava no assento do passageiro de seu Jaguar que permaneceu em contato com o



helicóptero.

— Qual é a sua ETA?

—Cerca de dois minutos —disse Mike.

Nick começou a olhar para o céu escuro para ver o preto helicóptero H-53E Dragão do Mar Sikorsky. Era um Helicóptero de longo alcance, de tipo militar feito sob medida, que os Escudeiros freqüentemente utilizavam para transportar aos Caçadores Escuros. O helicóptero era rápido e versátil, e podia ser reabastecido de combustível no voo.

Sua parte traseira estava acondicionado com uma área reservada para os passageiros, que evitava que a luz do sol tocasse aos Caçadores Escuros. As janelas no compartimento de passageiros podiam ser iluminadas com um interruptor que permitia aos Caçadores Escuros ver para fora depois do anoitecer se o desejavam.

Uns poucos Caçadores Escuros como Acheron possuíam seus próprios helicópteros e os voavam quando era necessário.

Esta noite, entretanto, Mike Callahan, quem era um Escudeiro Dorean trazia o Zarek do Alaska.

Nick tinha ouvido um montão de rumores através dos boletins dos Escudeiros da Web a respeito do Zarek da Moesia, sobretudo que era um psicótico. Não estava seguro que tão precisa era essa informação, mas em uns poucos minutos saberia de primeira mão.

—Ouça, Mike —disse, transmitindo por radio ao piloto. —Que tão mau é ele?

Mike suspirou.

—Me deixe expor-lhe o desta forma. Se tiver uma pistola, então descarrega-a.

—Por quê?

—Porque se não o faz, vais disparar lhe neste idiota, o que só fará que se zangue ainda mais. Por uma vez, realmente compadeço aos Daimons.

Isso não soou alentador.

—O que? É pior que Acheron?

—Nick, toma palavra. Nunca viu um como este. Agora sei por



que Artemisa e Ash o encerraram na Alaska. O que não posso entender é por que Artemisa quer transladá-lo em meio de uma população enorme. Minha opinião, é como lançar uma granada em uma tenda de gasolina.

OH, sim, suas tripas estavam atadas agora.

Nick esperou enquanto o helicóptero aterrissava na pista de aterrissagem privada que Acheron usava quando fazia uma visita. A um extremo do campo havia um edifício que parecia um hangar abandonado. Em realidade, era um hangar moderno modificado, acondicionado com um sistema de alarme e portas tão grossas que podiam ser um refúgio antiaéreo. Esse celeiro atualmente alojava o helicóptero MH-60K Sikorsky de 28 milhões que Acheron usava para transportar-se a ele e a suas motos Buell.

Ash tinha chegado no dia anterior.

Agora Zarek.

Sim, Mardi Gras começava a ver-se horripilante.

Nick saiu do carro e ajustou o rádio no automóvel, logo se parou ao lado do campo até que Mike deteve o motor e as hélices deixaram de girar.

Quando tudo deixou de mover-se, o Escudeiro de meia idade saiu do helicóptero e tirou o casaco. Mike nunca tinha sido excessivamente amigável, mas esta noite o via altamente indignado e extremamente irritável.

—Não te invejo isto —disse Mike enquanto atirava o casaco no assento.

—Vamos, deixa de te colocar comigo. Não pode ser tão mau.

Nick trocava de parecer mal se Mike abrisse a porta do passageiro e desse seu primeiro olhar ao Zarek da Moesia.

Zarek emergiu pela porta como Lúcifer de sua fossa mais profundo, com um ressentimento tão grande, que Nick se assombrou que tivessem conseguido conseguir que o helicóptero parasse.

Vestido todo de negro, Zarek trazia jeans, botas de motoqueiro Harley, e uma camiseta com mangas, parecia completamente inconsciente do ar úmido e frio que fazia na noite



invernal de Nova Orleans. Tinha um pingente em sua orelha esquerda, era uma longa espada de prata, com o punho de uma caveira e ossos cruzados.

Zarek saiu com uma risada sardônica que se fazia mais sinistra por sua cavanhaque negra. Seu cabelo liso negro lhe roçava os ombros e os olhos negro azeviche estavam cheios de desprezo e ódio. Nick estava acostumado às más atitudes, demônios ele tinha sido desmamado nisso. Mas nunca tinha conhecido a um homem que tivesse uma pior que Zarek.

Recordava ao Nick, aos assassinos que seu pai havia trazido para casa. Insensível. Letal. Sempre que Zarek te olhava, sentia que te estava medindo para o tamanho de seu ataúde.

Zarek afirmou sua mão esquerda no helicóptero, e se reclinou dentro o suficiente para pegar uma grande sacola negra. Nick cravou os olhos na mão enorme do Zarek com temor. Cada dedo, incluindo seu polegar, estava vestido por uma garra longa, de prata articulada e se inclinava em um ponto tão afiado que Nick soube que devia ser a arma do Zarek de escolha. A este homem gostava de derrubar e sujar-se com suas presas. Droga, para o Zarek, que o chamassem psicopata era um passo mais. Enquanto saía do helicóptero, Zarek riu ao Mike, descobrindo suas presas.

Por uma vez, Mike não fez comentários. Isso disse ao Nick, mais que qualquer outra coisa, que tão cruel era Zarek. Ele nunca tinha sabido que Mike agüentasse um pouco parecido e não fizesse algum comentário.

—Bom, se já terminou de vituperar ao Mike, está preparado para ir ?

Nick lamentou essas palavras mal Zarek o olhou. O glacial, hostil olhar, esfriou-lhe ainda mais que os ventos frios.

—Me diga alguma insolente, garotinho, e não haverá suficiente de você para atravessar um coador.

Nick não se assustava facilmente, mas essas palavras fortes em um grunhido, com tanta sinceridade, realmente lhe fizeram dar um passo atrás e por uma vez manteve sua grande boca fechada.

Sem outra palavra, Zarek caminhou para o carro, com a graça



mortífera de um predador, com os lábios franzidos em uma permanente careta. Lançou a sacola sobre o chão, logo entrou e fechou de um golpe a porta do carro.

Nesse momento, Nick lamentou seriamente ter comprado um carro sem assento traseiro.

Não obstante, dada a natureza cruel, imprevisível do Zarek, Nick preferiria mas bem lhe ter ao lado e não atrás dele.

Mike deixou escapar um suspiro de alívio e o golpeou nas costas.

—Que os deuses lhe acompanhem, filho. Juro que eu não gostaria de estar na sua pele esta noite.

Nick nunca tinha sido excessivamente religioso. Mas enquanto caminhava a seu Jaguar , reencontrou-se com sua religião uma vez mais.

Ele entrou e arrancou o automóvel, logo foi para a cidade. supunha-se que deviam encontrar-se com o Talon, Valerius, e Acheron em meia hora no Jackson Square. Droga, este ia ser o passeio em carro mais comprido de sua vida.

Apertou o acelerador ainda mais para alcançar a velocidade que lhe satisfazia.

Enquanto conduzia, Nick não podia afastar o olhar da mão esquerda do Zarek, coberta com as garras de prata, a qual estava estendida sobre seu joelho esquerdo.

O silêncio era ensurdecador e paralisante, e foi interrompido pelo Zarek ao flexionar suas garras contra do Jeans negro. depois de um tempo, a esfregada metálica começou a alterar os nervos do Nick. Ligou o rádio.

—Você gosta do rock? —perguntou.

A rádio se desligou de repente.

Nick tragou enquanto se dava conta que um dos poderes de Caçador Escuro do Zarek era a telecinesia.

—Garotinho, eu não sou seu amigo. Não sou seu Caçador Escuro e não sou um maldito encontro. Só me fala quando te fizer uma pergunta. De outra maneira mantém sua boca fechada, seus olhos fora de mim, e pode ser que vivas o suficiente para me levar



Abraço Noturno -

"Night Embrace"

Dark Hunters 4 -Talon e Sunshine - Sherrilyn Kenyon

a Bairro Francês.

Nick sujeitou o volante. De acordo, agora a tinha mijado, mas não até o ponto de ser suicida. Só um tolo absoluto se enredaria com um homem assim.

Zarek abriu a sacola e tirou um reproduutor de MP3 do tamanho de um cartão de crédito e os óculos escuros. Enfiou os fones no ouvido e pôs os óculos escuros, logo se recostou contra o assento. Nick escutou que Nazareth cantava Hair of the Dog, saindo em um sussurro pelos aparelhos do ouvido. O hino anti-social verdadeiro. Que tão incrivelmente pertinente.

Quando o rádio do carro inesperadamente começou a andar, Nick realmente saltou.

OH, sim, Zarek era um psicótico filho de puta e quanto mais logo o tirasse do carro e o entregasse ao Acheron, mais feliz seria Nick.

Talon ainda pensava em Sunshine enquanto cruzava o Pedestrian Mall para encontrar-se com o Acheron. Olhou rua abaixo para onde tinha encontrada Sunshine na noite anterior, e suas tripas se ataram.

Como sentia saudades. E isso era o mais louco de tudo. Apenas a conhecia. Ela tinha varrido com tudo em sua vida como um furacão, infringindo destruição total e caos, e ainda...

Suspirou. Ela tinha sido uma agradável diversão. Mas ele tinha negócios que atender.

Sua saída com ela estava terminada. Nunca a veria outra vez.

Isso tinha sido tudo.

A partir deste momento, ela já não existiria.

Sim, claro.

Talon ignorou a voz zombadora em sua cabeça. Não tinha alternativa que esquecê-la. Ele tinha feito um pacto séculos atrás e era um pacto que honraria pelo resto da eternidade. Para ele nunca haveria uma casa, uma família, e mais definitivamente não uma namorada ou uma esposa. Ainda se não tivesse tomado o



juramento da Artemisa, essas coisas teriam estado proibidas para ele.

Além disso, gostava de sua vida como era. Tinha muita liberdade. Tempo para fazer o que quisesse e bastante dinheiro para comprar algo que lhe atraía.

A vida como um Caçador Escuro era boa.

Muito boa.

Entrando na praça, divisou ao Acheron Parthenopaeus apoiado contra a parede de um edifício com seus braços dobrados sobre seu peito. O alto guerreiro Atlante se separou da multidão que escutava cantar a um artista guia de ruas o tema do Scooby-Doo.

Parado em seus dois metros e sete com cabelo púrpura metálico comprido e óculos escuros negros bastante depois do pôr-do-sol, Acheron era um homem difícil de esquecer.

Talon usualmente se referia ao Acheron como T-Rex. O sobrenome se devia mais à presença intimidante e violenta que a sua antiga idade.

Havia algo verdadeiramente estranho sobre o aura letal do Acheron. Emanava dele como um tsunami perigoso. O mesmo ar ao redor do homem parecia estar carregado com energia mística que podia fazer que a pele nos braços ou depois do pescoço se arrepiasse se te parava perto dele.

E a julgar pelo espaço que a multidão lhe tinha dado a T-Rex, Talon diria que ele não era o único que o sentia.

Não obstante, Talon se corrigiu, enquanto notava a jaqueta negra de motoqueiro do Acheron com correntes de prata sobre uma manga e suas calças de couro que tinha cordões em lugar de costuras, talvez era a excentricidade do Acheron, seu aspecto pouco ortodoxo que fazia que a gente o deixasse só.

Algo que fora, ninguém queria estar no caminho deste homem.

Acheron voltou sua cabeça.

Até com os óculos escuros lhe cobrindo os olhos, Talon soube que T-Rex tinha colocado os olhos nele. Talon deu uma risada curta em tanto advertia o novo ornamento facial do Acheron. Um prego de prata no nariz.



T-Rex tinha duas inclinações muito estranhas: sempre encontrava novos lugares para perfurar seu corpo, e a cor de seu cabelo mudava mais rápido que o clima imprevisível de Louisiana.

T-Rex também tinha a estranha cicatriz de uma mão que ia e vinha até pescoço. Ninguém estava seguro se a cicatriz era real ou se era um truque estranho para desconcentrá-los, que Acheron usava. Com seu acento acontecia o mesmo. Havia vezes, quando a voz do Acheron era pesada com um estranho acento melódico, que Talon assumia que devia ser nativo da Atlântida, e outras vezes T-Rex soava algo assim como qualquer outro americano que aparecia em televisão.

Ao guerreiro antigo lhe parecia divertido ter às pessoas adivinhando a respeito dele. Era inclusive mais privado que Talon e isso dizia o bastante.

Acheron recuperou sua mochila negra de couro de antes, a qual tinha um logotipo de anarquia da rua. Lançou-a sobre seu ombro, e logo lançou uns poucos bilhetes à caixa do violão do músico e se dirigiu para ele.

Vários membros da multidão se esticaram e afastaram enquanto Acheron se movia através deles com o eloquente modo de andar com limiões longos de um predador perigoso. Aqueles que se animavam a olhá-lo rapidamente desviavam seus olhares.

Era irônico, de verdade, já que Acheron era a última pessoa na terra que alguma vez machucaria a um mortal. Era o protetor mais velho que o gênero humano tinha.

Por séculos tinha lutado aos Daimons sem ajuda. Só.

Sem um amigo ou Escudeiro.

Talon tinha ouvido rumores que Acheron tinha sido adestrado por Ares, para brigar. Outros rumores afirmavam que Acheron era o filho de um deus e um legendário herói Atlante.

Mas basicamente ninguém sabia nada a respeito do Acheron além de que era alto, privado, intimidador, e muito, muito estranho.

Enquanto Acheron se aproximava, Talon inclinou sua cabeça para o cabelo púrpura do Acheron com suas quatro tranças



pequenas que emolduravam seu rosto.

—Sabe, penso que tenho que deixar de te chamar T-Rex e começar a te chamar Barney.

Um canto da boca do Acheron se levantou.

—Não comece comigo, Celta —ele passou um olhar divertido sobre as calças de couro do Talon, e o blusão. —Encantado de ver-te completamente vestido para a ocasião.

Talon fez uma careta ante o significado subjacente de suas palavras.

—Kyrian falou de mim, não?

—OH, sim, e a parte da toalha rosa foi minha favorita.

Kyrian pagaria por isso quando Talon o agarrasse.

—Juro... Nick sabe?

Acheron sorriu com um sorriso verdadeiro que mostrou um pequeno pedacinho de suas presas.

Demônios, estava fodido.

OH, que infernos. Havia valido a pena. Passar à tarde com o Sunshine era mais que recuperar-se de qualquer vergonha.

T-Rex olhou sobre seu ombro como se sentisse algo, e um canto de sua jaqueta de couro se deslizou de sua garganta para mostrar que a impressão da mão desaparecia outra vez.

Talon seguiu seu olhar e viu o Valerius aproximando-se. Ele só se encontrou com o general romano uma só vez, quando Valerius tinha chegado a assumir os direitos de Caçador Escuro do Kyrian.

Valerius olhou o blusão do Talon e seu pingente, e disse com desprezo: Celta, deixando ter sabor do Talon que a amizade com este Caçador Escuro era tão provável como encontrar uma praça de estacionamento para um tanque no Bourbon Street durante o Mardi Gras.

E pensar que estava condenado a passar a eternidade em Nova Orleans com este chato. Como Nick diria, Maldito filho da puta.

O cabelo negro do romano estava amarrado em um rabo impecável. Vestia calças vincadas negras, mocassins, gola rulê, e um casaco comprido de caxemira. Se não o conhecesse melhor,



pareceria ser um advogado endinheirado, não um executor dos Daimons.

E era tudo o que Talon podia fazer para não rir ao ver o desconjurado que ficava Valerius parado ao lado dele, e mais especialmente do Acheron, quem era um filho do pôster pelo movimento gótico. Diretamente, até o prego de prata no nariz do Acheron e as fivelas de prata, que decoravam o lado de suas botas bicudas.

—Que pontual és —disse Acheron ao Valerius enquanto olhava o relógio que tinha tirado do bolso da jaqueta. O relógio de pulso tinha sofrido um acidente perto de cem anos atrás durante a maior insurreição Daimon. O relógio de pulso tinha sobrevivido, os Daimons não.

Os olhos negros do Valerius arderam ressentidamente enquanto olhava ao Acheron.

—Talvez eu não goste do fato que seja meu comandante, grego, mas como um soldado te obedecerei apesar de minha aversão pessoal a sua companhia.

Talon sorriu burlonamente.

—T-Rex, não fica quente e encrespado estar perto dele?

—Demonstra respeito a seus mais velhos, Celta —grunhiu Valerius, curvando seu lábio superior. —Ou te mostrarei como os romanos ocupamos dos do tipo bárbaro como você...

As palavras não produziram mais emoção que um divertido aborrecimento, mas Talon nunca tinha sido o tipo de homem que deixasse passar um insulto sem comentário.

Ele era certamente muito velho agora para trocar sua forma de ser.

—Ah, respeito a isso —disse, lançando pelo ar ao Valerius.

Acheron mal apanhou ao Valerius em enquanto este se equilibrava sobre o Talon. posicionou-se fisicamente entre eles; não é que Talon o necessitasse, mas a julgar pela fúria nos olhos do Valerius, o romano certamente sim.

—Filhos, não me façam separá-los outra vez — Acheron olhou ao Valerius e obrigou ao romano a dar um passo para trás. —me



acredite, Valha, não necessito que briguem minhas batalhas e eu não me sinto ofendido pelo Talon.

—Meu nome é Valerius — Valerius endireitou seu régio casaco, de forma arrogante. —E eu me dou por ofendido com ele.

Sim, bem, isso era novo? O homem parecia ofender-se por tudo.

como sempre, quando fora que dois ou mais Caçadores Escuros se juntassem, Talon sentia seus poderes debilitar-se. Era uma defesa com a que Artemisa estava acostumada assegurar que seus Caçadores Escuros não pudessem combinar forças e ir depois dos deuses, ou atacar à humanidade. A única exceção a isso era Acheron.

Como o treinador designado e o maior de sua raça, sua presença não reduzia seus poderes, mas todos outros sim.

Não podiam estar juntos muito tempo ou estariam esgotados para a noite.

Talon passou o olhar sobre o ombro do Valerius para ver o Nick e Zarek caminhando frente à padaria e dirigir-se para eles.

—Parece um não-morto —disse para o Acheron e Valerius, — aqui vem nosso reforço.

Valerius deu a volta e largou uma maldição vulgar que pareceu muito contrária a seu régio ar romano de refinamento e boa criação.

—Voltando para ti —grunhiu Zarek enquanto se parava ao lado do Acheron.

O desgosto era evidente na cara do Valerius.

—Não outro maldito grego.

—O que ocorre, Romano? —perguntou Talon. —Os gregos lhe incomodam?

Suas fossas nasais se abriram, Valerius inclinou a cabeça com desprezo para o Zarek.

—Confia em mim, se tivesse estado na Troya quando deixaram o cavalo, tivesse havido gregos assados na praia aquele dia.

Talon riu com falsa simpatia.



—Caralho, T-Rex, ele realmente odeia a seus ancestrais.

Acheron o olhou divertido.

—Sem intenção de ofender, Talon, eu estava por aí antes que eles estivessem.

—Não me diga, sinto —Talon intercambiou olhadas com o Nick, quem estava muito mais calado que o normal. O Escudeiro se via um pouco tenso.

Hmm, isso era interessante. Teria que manter ao Zarek ao redor se o homem tinha esse tipo de poder de supressão. Era agradável saber que Nick tinha um interruptor de desligado.

—Algum problema com seu vôo? —perguntou Acheron ao Zarek.

—Não comi o piloto se isso for o que está perguntando. E o pequeno Nicky, está aqui ainda respirando e sem sangrar.

—Bem —disse Acheron, em tom neutro. —Suponho que essa é uma melhoria desde última vez.

Talon não estava seguro se Acheron estava brincando ou não, mas conhecendo a reputação do Zarek, realmente não duvidou que fosse verdade.

O rumor dizia que Zarek tinha esfaqueado e comido ao último Escudeiro que Acheron lhe tinha enviado.

Talon passou o olhar sobre os cinco ali reunidos. Eram eles um grupo unido ou o que? A única coisa que tinham em comum era a altura.

Em conjunto, deviam parecer refugiados da NBA, já que suas alturas eram do metro noventa e cinco do Nick aos dois metros sete do Acheron.

Nick levava jeans, um suéter verde escuro, e uma jaqueta bombardera, era a imagem perfeita de um estudante de universidade rico. Talon parecia, como um motoqueiro que acabava de deixar o santuário, que era o melhor bar de motoqueiros de Nova Orleans. Acheron parecia um refugiado do Dungeon, que era o clube gótico metrô local. Valerius era o contingente profissional, e Zarek... Zarek tinha a aparência de que estava preparado para assassinar algo.



—Então, por que nos reunimos? —perguntou Zarek.

O ódio repugnante nos olhos do Valerius era abrasador.

—Alguém te falou, escravo?!

Acheron mal apanhou a mão do Zarek antes que sua garra cortasse em rodela a garganta vulnerável do Valerius. Nunca antes Talon tinha visto o Acheron esforçar-se tão duro para fazer a alguém para trás. Isso dizia bastante do poder do Zarek. E seu temperamento.

—Desiste! —ordenou Acheron ao Zarek. —Sei o que faz muito tempo que não está perto de outro Caçador Escuro, Z, mas recorda, algo que faça a ele, sentirá dez vezes — A cara do Zarek se endureceu.

—A dor o posso suportar, é a ele ao que não posso agüentar.

Valerius ainda tinha os lábios apertados.

—Não vejo por que necessitamos a um cabeça de turco para que os Daimons joguem. Você sabe, ele tinha tão pouco valor em sua vida que meu pai teve que pagar a um escravista para nos tirar isso de cima.

Zarek deixou escapar o grunhido de uma besta selvagem. Um instante mais tarde, Acheron foi jogado com força e Zarek se tornou sobre o Valerius. Ele apanhou ao romano pela cintura e o dois se golpearam na rua. Duro.

Antes que Talon pudesse o separar de Valerius, Zarek conseguiu colocar uma série de golpes sólidos e uma última patada às costelas do romano enquanto Talon o levantava.

Tal como Acheron havia dito, a cara do Zarek mostrava cada golpe que lhe tinha dado ao Valerius. Seu nariz e lábios sangravam profusamente. Zarek não pareceu notá-lo e se o fazia, o brilho satisfeito nos olhos negros dizia que o ex-escravo romano pensava que bem valia o custo.

Valerius estava só ligeiramente mais sossegado enquanto ficava de pé.

—Deveria ser açoitado por isso.

Talon pegou mais tensamente ao Zarek.

Colérico, Zarek o separou de um empurrão.



—Tira suas malditas mãos de mim, Celta — Logo se voltou para o Valerius. —Trata de me derrotar, pedaço de merda, e te forçarei a comer esse negro coração que tem.

—Chega! —rugiu Acheron. —Outra palavra de qualquer de vocês dois, e juro que lhes arrancarei o coração a ambos.

Valerius enxugou o sangue de seus lábios.

Zarek passou sua mão através de seu rosto, tirando o sangue, enquanto olhava criminalmente ao Valerius.

Acheron era um homem de paciência infinita e Talon nunca tinha visto o Acheron exasperado antes. Mas o viu agora.

Acheron olhou encolerizadamente aos Caçadores Escuros.

—A próxima vez só enviarei e-mails aos três. O que estava pensando quando decidi fazer esta reunião?

Nick falou.

—OH, eu sei. Que homens que têm um par de milhares de anos, realmente poderiam comportar-se como adultos?

Zarek acotovelou ao Nick no estômago.

—Uy —disse Zarek ao Acheron. —Foi um espasmo involuntário do braço.

Acheron amaldiçoou pelo baixo.

—Juro, Daimons ou não, se não te comportar, Z, vou enviar te a Antártida e te deixarei ali para que te apodreça.

—Ooo —Zarek aspirou em um tom aborrecido. —Estou aterrorizado com esses pingüins assassinos e essas focas peludas, dão realmente medo.

Acheron grunhiu em advertência ao Zarek.

Talon se compadeceu por seu líder frustrado. Ele sabia por que Acheron tinha estabelecido esta reunião. O Atlante tinha querido saber o que ocorreria quando o três se cruzassem no caminho.

Melhor ver quanta hostilidade haveria e estar aí para monitorá-la que arriscar uma reunião ao azar onde Zarek poderia avantejar ao Valerius sem alguém ali para separá-los.

Agora Acheron sabia exatamente com o que estava lutando e quanto espaço devia pôr entre eles. Talon tinha que saudar a



sabedoria do Atlante. Acheron podia ser jovem na aparência, mas era verdadeiramente um antigo em seus poderes, conhecimento, e habilidade para manobrar aos patifes Caçadores Escuros que respondiam ante ele.

Acheron passou o olhar por cada um deles.

—Se podem controlar por cinco minutos, então nos repartiremos à cidade. Sendo que sou o único capaz para tomar os cemitérios, pegarei esses. Valerius, quero-te nos jardins e o distrito dos negócios, Zarek e Talon pode tomar o bairro Francês. No Mardi Gras, todos estaremos no Vieux Carre não mais tarde que as nove.

Voltou-se para o Nick.

—Você estará preparado para sair. Em caso de que um de nós caia, necessito que te mobilize rapidamente.

—Só um pequeno problema.

—E esse é?

Nick assinalou ao Valerius com sua cabeça.

—Se ele cair, ele estará por sua conta.

Zarek sorriu.

—Sabia que eu gostava deste filho por uma razão — Nick lhe disparou um olhar incrédulo.

—Nick —disse Acheron, sua voz ligada com uma advertência, —seu dever é para todos nós. Valerius é um Caçador Escuro tal como eu, Talon, e Zarek.

—Sei, fiz meu juramento, mas jurei proteger ao Kyrian da Tracia e o inferno se congelará mais frio que o iceberg da Santa, antes que alguma vez mova sequer uma sobrelha para ajudar ao homem que o torturou e o crucificou — Os olhos do Valerius flamejaram.

—Esse foi seu avô, não ele.

Nick assinalou com o dedo ao Valerius.

—Ele estava ali, também, observando o que ocorria, e não fez nada para detê-lo. Me recuso a dar ajuda a alguém que poderia fazer isso —olhou ao Ash. —Você, rabo psicótico, e Talon, estarão vestidos, mas ele não.



—Rabo psicótico? —repetiu Zarek. —Hmm, eu gosto.

Acheron ignorou ao Zarek.

—Nick...

—Está bem, grego —o interrompeu Valerius. —De qualquer forma preferiria morrer antes que ter sua plebéia ajuda.

—Então isso faz três votos —disse Zarek. —Preferiria que ele também morresse. Agora todos juntos, votemos que este idiota saia da ilha.

Talon ocultou sua diversão e se perguntou quanto tempo passaria antes que Acheron fizesse do Zarek e Valerius pequenas peças de Caçador Escuro.

Talvez deveria lhe dizer ao Nick que preparasse uma pá para recolher o lixo. A aparência na cara do Acheron dizia que a espera não seria muito longa.

—Muito bem, então —disse Acheron ao Nick. —Chama o Eric St. James e lhe diga que reassume seu estado de Escudeiro vernáculo, se por acaso Valerius necessita algo.

Nick assentiu.

—Ele pode cobrir ao Zarek também? Ainda tenho a escola pelo que me preocupar.

Antes que Acheron pudesse responder, Valerius se burlou,

—Eu não trabalharei com um escravo como um igual nem compartilharei a um criado com ele.

As janelas de nariz do Zarek bateram as asas.

—Confia em mim, filho, não somos iguais. Está tão por debaixo de mim que antes me sentaria sobre merda que deixar que me limpasse o rabo.

Talon apanhou ao Valerius antes que alcançasse ao Zarek.

Intercambiaram olhadas com o Acheron.

—Isto vai ser divertido, não? Constantemente separando aos dois enquanto brigamos com os Daimons. Deveríamos esquecer todo o assunto e ficar em nossas casas até que se acabe?

Mas ainda mais desalentador era o saber, que se Kyrian se inteirasse que Valerius estava na cidade, faria que o ataque do Zarek parecesse um amoroso abraço. E desde que Kyrian não era



um Caçador Escuro, seus poderes não estariam diminuídos pela restrição da Artemisa. Ele teria rédea solta para matar ao romano.

Acheron riu irritado.

—Estou quase de acordo contigo — Se voltou para o Valerius.
—Vê e patrulha seus distritos.

Valerius lhe fez uma saudação romana mas bem sarcástico, logo se voltou e os deixou.

O ar entre eles se esquentou grandemente. Demônios, Zarek parecia quase... passível. Uma quantidade notável de tensão deixou o corpo do homem.

—Vou ficar contigo, Kyrian ou Nick? —perguntou Zarek.

Acheron ficou calado enquanto tirava uma chave do bolso da jaqueta.

—Pensamos que era melhor que tivesse seu próprio lugar. Pedi ao Nick que alugasse uma casa no centro, sobre o Dauphin Street. Ele pintou as janelas de negro e se assegurou que todas bloqueassem a luz do dia.

A cara do Zarek retornou a ser uma pedra e seus olhos negros resplandeceram. Por alguma razão, o homem estava furioso enquanto arrebatava a chave da mão do Acheron e girava para ir-se.

—Nick te mostrará onde está —disse Acheron.

—Não necessito que alguém me mostre uma maldita coisa —grunhiu Zarek. —Encontrarei por mim mesmo.

Depois que Zarek saísse a pernadas, Nick fez uma careta.

—Já sei — disse para o Acheron. —Nick, vê depois do rabo psicótico e lhe mostre onde vai morar. Mas posso assinalar que ao fazer isto, deveria qualificar para remuneração por trabalhos perigosos?

Acheron arqueou uma sobancelha.

—Posso assinalar que ficar aqui comigo é muito mais arriscado para sua saúde?

Nick fingiu surpresa.

—O que? Ainda estou aqui? OH não, sinto muito, pensei que



tinha partido fazia dez minutos — Andou a toda velocidade atrás do Zarek.

Uma vez que estiveram sós, Talon passou uma mão através de seu cabelo.

—Algumas noites não vale à pena levantar-se, não?

—Não tem idéia — Acheron deixou escapar uma respiração longa, profunda como se expulsasse toda a tensão de seu corpo.

—Então, me diga, T-Rex, o que fez a Artemisa para te jogar isto em cima?

Como esperava, Acheron não disse nada. Que Talon soubesse, ele nunca tinha divulgado algo pessoal a respeito dele ou a natureza exata de sua relação com a deusa.

—Caminha comigo, Talon — Isso não soou bem, mas Talon o seguiu.

Acheron guardou silêncio enquanto deixavam Pedestrian Mall e se dirigiam para o Pirate's Alley com rumo ao Royal Street.

Justamente ao lado da catedral do St. Louis, perto do jardim que havia atrás, Acheron se deteve. Talon jogou um olhar ansioso. Aos Caçadores Escuros não os fazia bem aproximar-se de lugares Santos. Já que eles eram homens que tinham perdido suas almas, as almas que tinham perdido seus corpos tendiam a querer estabelecer-se com eles. Um Caçador Escuro forte podia rechaçar as almas, mas só Acheron era completamente imune à posse.

Era a razão principal pelo que os Caçadores Escuros viviam só em casas novas e por que Nick tinha levado a um psíquico à casa do Zarek para assegurar-se que não houvesse fantasmas no lugar. Um Caçador Escuro possuído era uma coisa horripilante.

—Me conte sobre a mulher com quem passou o dia.

Ele começou a andar ante as palavras do Acheron. Os poderes do homem nunca deixavam de lhe assombrar.

—Nada que dizer, realmente.

—Não me minta, Talon. Sunshine está ainda dentro de você. Posso-a sentir aí. Está em seus pensamentos e em seu sangue.

O homem era verdadeiramente estranho.

—Olhe, sei quais são minhas obrigações. Fiz um juramento a



Artemisa e não estou tratando de encontrar a forma de rompê-lo.

—Isso não é o que me preocupa.

—Então o que é?— Talon perguntou.

—Recorda o que te disse à noite que tomou a vingança contra seu clã?

—Nada vem sem um preço.

—Exatamente. Esta mulher está dentro de você, pequeno irmão. Se não a tiras, então ela desatará essas emoções que te ensinei a enterrar.

—Seria isso tão mau?

Acheron tirou os óculos escuros e lhe deu um olhar duro, séria, com esses olhos brilhantes sem idade, eternos.

—Sim, seria. Você é o único Caçador Escuro de que posso depender, que tenha a cabeça clara. Preciso que te mantenha enfocado, especialmente quando temos o festival do Daimons e a dois Caçadores Escuros na cidade que se odeiam mutuamente.

—Suas emoções são a chave para seus poderes, Talon. Quando perde o controle, perde sua imortalidade de Caçador Escuro com ele, e não quero ver-te morto porque não pode controlar sua libido.

—Não se preocupe. Estou sob controle.

—Bem. te assegure de te manter assim porque se não, resultará morto.

CAPÍTULO 5

—Graças a Deus que você está aí —disse à Selenia no carro o mais depressa quando Sunshine atendia o telefone. —Onde você estava? Eu já passei o dia todo e chamando o telefone estava desligado. Eu sei que nunca encontra o maldito telefone, mas inferno menina ... Eu estava tão preocupada com você que estava prestes a ir aí e ver se o desconhecido tinha matado você no seu



loft — Selena finalmente tomou ar em meio a sua invectiva. — Por favor, me diga que ele não está aí ainda.

Esfregando as mãos manchadas de vocêta, com um pano, colocou o telefone entre o ouvido e o ombro, sorriu para o estilo afetado da voz de sua mãe.

— Não, Selena, Mr. Wonder já se foi. Ele tinha de cumprir com alguns amigos.

— Então, quando se foi?

— Há poucos minutos.

—Sunshine!

—O Que é?— perguntou com fingida inocência.

—Oh, carinho —, Selena ficou boquiaberta, —não me diga que passaram o dia jogando al Parchís ou algo assim.

Sunshine mordeu seus lábios enquanto lembrava exatamente o que eles tinham vindo a fazer durante o dia. A pequena sentiu-se animada e outra vez.

—Não chegamos al Parchís. Mas jogamos gamão um par de vezes no sofá, no bar do chão da cozinha, a mesa de café, e. ..

—Oh meu Deus, isso é muita informação. Diga que você está brincando comigo sobre isso.

—Não, nem um pouco. Estou lhe dizendo, Selena, esqueça o coelhinho da Energizer, este tipo faz tudo.

Selena gemeu.

—No que estava pensando? Mal o conhece.

—Sei —disse Sunshine, estando completamente de acordo com sua amiga de que era uma lunática por fazer algo tão estúpido. Não é minha forma de ser, mas não pude fazer nada. Era como a estranha força magnética que me pegou quando passei pelo Café Frothyte e me desviou para uma tripla colherada do Chunky Monkey do Ben and Jerry. Esse era seu grande vício. Sunshine nunca tinha sido capaz de resistir a Chunky Monkey. —A tentação era muita, Selena. Não pude resistir. Ele era uma vasilha do Chunky Monkey e em quão único podia pensar era: "que alguém me passe uma colher".

—OH, Meu deus —disse Selena.



—Sim. Foi estranho. Eu estava aqui, ele estava aqui, e logo disse, "Façamos" e o próximo que soube, era que a colher estava em minha mão e fui para ele.

Selena fez um ruído indignado.

—Por favor me diga que ninguém usava uma colher.

Sunshine sorriu diabolicamente.

—Não, não uma colher, mas houveram um montão de lambidas.

—OH, OH, OH! Estas me matando. Não vou para lá.

Sunshine riu.

—Não me pude deter. Ele era tão ardente que sinto a profunda necessidade de compartilhar sua espetacular quentura contigo.

Selena suspirou.

— Ao menos o vais ver outra vez?

—Não, infelizmente não. Nem sequer sei seu sobrenome.

—Sunshine! Garota você está louca.

—Sim, sei. Foi simplesmente algo de uma só vez na vida.

—Este... então está bem? Não te machucou ou algo?

—OH não, em nada. Foi o melhor dia de minha vida. Curioso, não?

—Ah Cristo, Sunny. Não posso acreditar o que fez. estiveste saindo com todos esses amigos estranhos, que terminaste agarrando seus maus hábitos. Trazendo para casa homens perdidos que não conhece. O próximo será um que estará dançando nu sobre as mesas. . . OH espera, essa fui eu.

Sunshine riu.

—Não se preocupe. Não voltará acontecer. Conhece-me, saio ocasionalmente, mas usualmente passo ao menos uns poucos dias aborrecidos com um tipo antes de atirar pra casa abaixo. É obvio, ninguém nunca a atirou abaixo como o fez este tipo. Derrubou-a até os alicerces.

Selena chiou.

—Não posso acreditar que me está contando isso.

Sunshine riu da angústia torturada na voz da Selena enquanto ela continuava brincando.



—Não posso acreditar que passei o dia na cama com este tipo, mas o faria novamente no que dura um batimento do coração. Digo-te, estas foram as melhores dezoito horas de minha vida.

—Cristo, nem sequer o conheceu um dia completo?

—Bom, conheço agora. Cada centímetro dele. Já que estamos falando nisso, tem um montão de centímetros.

—Detenha, Sunny —implorou Selena, sua voz tremendo de risada. —Não posso mais. Não preciso saber que o atleta sexual de todos os tempos está rondando Nova Orleans e eu estou casada com um advogado. É tão cruel.

Sunshine riu outra vez.

—Bom, Bill é simpático, em uma forma muito ao estilo Bill.

—OH sim, obrigado, agora está destruindo a meu Bill.

—Sinto muito. Sabe que gosto do Bill, mas este tipo realmente era genial — Sunshine, arrastando o pesado e psicodélico telefone, cruzou a cozinha para a geladeira para tirar o suco de goiaba. Brincar com Selena era entretido, mas por estranho que parecesse, havia uma parte dela que estava extremamente triste de que Talon se fora.

Realmente ele tinha sido muito divertido e não só na cama, ou no chão, ou nos outros cinco mil lugares aonde tinham tido relações sexuais. Ele também tinha sido divertido para falar.

O melhor de tudo, não tinha perdido a paciência com ela.

Abriu a geladeira, e riu outra vez.

—O que é? —Selena perguntou.

Sunshine viu a embalagem das pastilhas PEZ do Snoopy do Talon, olhando-a diretamente. Não podia acreditar.

Assim que isso era o que ele tinha estado fazendo na geladeira enquanto ela tomava banho. Não era estranho que tivesse tão cuidadosamente incomodo quando o apanhou.

—Que adorável. Ah, ele me deixou sua pastilheira Peixe do Snoopy em cima do queijo de soja.

—O que?— Selena perguntou.

—Nada —disse Sunshine tomando o brinquedo de plástico, frio, em sua mão. —É uma piada entre nós.



—OH, não me diga que fez algo com o queijo.

—Não, só o comemos. Por Deus, Selena, tira sua mente do esgoto. Nem tudo tem que ver com sexo.

—Bom, com vocês dois, sim. A base de sua relação parece não ser nada mais que sexo... OH, espera, faz somente dezoito horas que o conhece. Qualifica isso como uma relação?

—Acredite-me, a forma em que ele faz sexo, conta. Além disso, deixou-me sua pastilheira.

—Ooo —brincou Selena — Ele é maravilhoso e generoso. Que tipo.

—Ei, agora seja justa com meu maravilhoso motoqueiro. É um pastilheira valiosa. É um de sua coleção, de 1960.

—Sim, mas te deixou seu número de telefone?

—Bom, não, mas colocou ao Snoopy sobre o queijo para que eu o encontrasse.

—Suficiente. Caso fechado. Você ainda estará no trem perdedor quando Snoopy se converta em algo valioso.

—OK, muito bem, Selena, está-me fazendo descer de meu festival de amor e eu estou perdendo o brilho, passaram dez meses da ultima vez que dormi com alguém, e provavelmente seja para sempre e um dia antes que alguém que não seja gay bata à minha porta, assim me deixe voltar para trabalho aonde possa desfrutar da grandeza do depois da tarde.

—De acordo, doce. Chamarei-te mais tarde. Só estava preocupada. Retorna ao trabalho e te verei amanhã.

—De acordo, obrigado. Adeus.

Sunshine desligou e olhou ao Snoopy em sua mão. riu.

Talon talvez não fosse perfeito, ele ocasionalmente poderia tornar-se a perder e podia ser atropelado por uma limusine do Mardi Gras, mas tinha sido um tipo genial, e os tipos geniais eram difíceis de conseguir nestes tempos.

Era uma lástima que não o voltasse a ver outra vez. Mas bom, ela não era o tipo de mulher para estar melancólica pelo que pôde ter sido. Era uma artista com uma boa carreira pela que tinha trabalhado muito duro.



Uma relação séria com alguém, não era algo que andava procurando agora.

Gostava de viver sozinha. Amava ter a liberdade para ir-se e sair quando e aonde quisesse. Seu breve matrimônio aos inícios dos vinte a tinha instruído adequadamente no que um homem esperava de uma esposa.

Não tinha intenção de voltar alguma vez para esse fiasco.

Talon tinha sido uma tarde divertida, mas isso era tudo. Sua vida agora seguiria da mesma forma de sempre.

Seu coração se iluminava ao pensar nele, levou o Snoopy a seu dormitório e o colocou no criado-mudo ao lado da cama

Sunshine sorriu. Ela nunca tinha tido uma lembrança. Mas isso era o que Snoopy era para ela. Um aviso de um dia maravilhoso.

—Tenha uma vida agradável, Talon —disse, apagando a luz de sua cama antes de retornar ao trabalho. —Talvez algum dia nos reencontremos.

Era pouco depois da uma da manhã quando Talon se encontrou fora do clube Runningwolf em Canal Street. tratou-se de convencer assim mesmo que estava aqui porque os Daimons freqüentemente rondavam os clubes onde as pessoas bêbadas eram presas fáceis.

Tinha tratado de dizer-se a si mesmo que só estava cumprindo com seu trabalho.

Mas enquanto contemplava as janelas escuras por cima do clube e se perguntava se Sunshine estava em sua cama ou se estava em seu cavalete pintando, então soube.

Estava aqui por ela.

Talon se amaldiçoou. Acheron estava no certo. Ela estava dentro dele em um modo que ninguém o tinha estado em séculos.

Não importava o que fizesse, não podia tirá-la de sua mente.

Uma e outra vez podia senti-la. Sentir seu corpo embaixo dele, sua respiração em sua pele. Ouvir o som de sua voz sulina, arrastada, suave, murmurando em seu ouvido.

E quando o havia tocado...



Foi como uma canção do céu.

O companheirismo e o alívio físico que lhe tinha dado esta tarde lhe haviam deixado tocado, profundamente.

Havia se sentido bem-vindo de um modo que não tinha nada a ver com sexo.

O que lhe tinha feito ela? por que depois de todos estes séculos, uma mulher tinha avançado dentro de seus sentimentos?

Seus pensamentos?

Ainda mais frustrado, ele sabia que se fosse humano, estaria com ela neste momento.

Não és humano.

Não necessitava do aviso. Muito bem, ele sabia o que era. Lhe gostava do que era. Havia um tipo especial de satisfação que vinha com seu trabalho.

E até...

—Speirr? O que estas fazendo?

Esticou-se ante a voz da Ceara saindo da escuridão e no fato que alguém o tinha apanhado fazendo algo que não deveria estar fazendo.

—Nada.

Ela apareceu a seu lado. Seu rosto trêmula sorriu sabendo.

Ele deixou escapar uma respiração altamente indignado. Por que se incomodava em tratar de esconder algo aos que podiam ver diretamente em seus pensamentos?

—Sim, está bem —admitiu a contra gosto, —só quis inspecionar o lugar e ver como estava ela.

—Ela está bem.

—E isso realmente me irrita — As palavras saíram antes que se desse conta.

Ceara riu.

—Esperava que ela estivesse triste?

—É obvio. Ao menos deveria ter um momento ou dois de arrependimento ou algo.

Ceara estalou a língua.

—Pobre Speirr. Encontrou à única mulher que não pensa que



desligou a lua e as estrelas.

Ele pôs os olhos em branco.

—Talvez estou sendo um pouco arrogante — Ela arqueou uma sobrelanceira e ele se corrigiu a si mesmo. —Estou sendo bastante arrogante, mas maldição, não a posso tirar de meus pensamentos. Como é que ela não sente nada?

—Não disse que ela não sentisse nada, só disse que não está triste.

—Então sentiu algo por mim?

—Se quiser, posso investigar mais.

—Nay —disse Talon rapidamente. Quão último queria era que Ceara descobrisse o que ele e Sunshine tinham estado fazendo toda a tarde.

Ceara era ingênua e ele queria manter desse modo.

Sua irmã caminhou em um círculo ao redor de seu corpo. Por alguma razão sempre lhe tinha gostado de fazer isso. Quando era uma garotinha, enjoava correndo a velocidade e rindo-se nervosamente enquanto o fazia.

Apesar de que era uma moça agora, dentro de seu coração sempre a via como quando começava a andar e era tão pequena que estava acostumado a sentar-se em seu colo por horas, jogando com suas tranças enquanto ela balbuciava seu discurso infantil.

Assim como Dere...

Seu estômago se fechou em um punho ante a memória.

Ceara não tinha sido sua única irmã. Três mais tinham nascido entre eles. Confia tinha morrido no primeiro ano de vida. Tress tinha vivido até os cinco quando pereceu da mesma enfermidade que tinha morrido sua mãe. E Dere... tinha morrido à idade de quatro.

Ela tinha saído ao amanhecer, querendo ver os fantasiosos amigos com os que Talon brincava. Lhe havia dito como os via freqüentemente para fora da janela ao romper o dia enquanto ela dormia.

E só tinha cinco anos, e tinha ouvido alguém deixar a cabana. Ao princípio tinha pensado que era seu pai. Mas enquanto se



arrumava para dormir, precaveu-se que Dere não estava em sua cama.

levantou-se imediatamente e tinha saído rapidamente para encontrá-la. Ela tinha escorregado nas rochas que estavam ao beirada do escarpado que dava ao mar, onde lhe havia dito que os fantasiosos amigos pulavam no amanhecer.

Ouviu seu grito e tinha deslocado tão rápido como podia. Quando a alcançou, era muito tarde. Seus braços não a tinham podido sustentar até que ele chegasse.

Jazia abaixo nas rochas com as ondas apressando-se sobre ela.

Ainda agora, podia vê-la jazendo ali. Podia ver as caras de seus pais quando os tinha despertado com a notícia.

O pior de tudo, podia ver a acusação nos olhos de seu pai.

Nenhum de seus pais alguma vez tinha pronunciado as palavras em voz alta, mas em seu coração sabia que o tinham culpado por isso. Não é que tivesse importância. Ele se culpava a si mesmo. Sempre o tinha feito. Era por isso que tinha sido tão protetor com a Ceara e Tress. por que tinha sido tão determinante em que nada mau alguma vez lhes passasse. Esta noite, viu uma vacilação nos passos da Ceara.

—Então, que notícias há do mundo dos Daimon? —perguntou-lhe.

Ceara fez uma pausa.

—Como sabe?

—Estiveste estranhamente silenciosa esta noite. Não é comum em ti te esconder enquanto caço, a menos que estivesse consultando com os outros.

Seus olhos resplandeceram calorosamente.

—Nunca poderia me esconder de você — Se abraçou a si mesmo. —Havia uma conversa. Há uma força aqui. Um não Daimon nasceu.

—Duende, pessoa macabra, demoníaca? O que?

—Ninguém parece estar seguro. Há Daimons rodeando a fonte dele, mas não é um deles. Há algo mais.



—Um Deus?

Ela olhou para cima, exasperada.

—Estou tratando de encontrar a alguém que saiba, mas até agora... —ela fez uma pausa e retorceu suas mãos. — Quero que tome cuidado, Speirr. Algo que seja, tem uma grande quantidade de malícia. Odeio.

—Pode localizá-lo?

—Tentei, mas se muda quando me aproximo. É como se a fonte soubesse como me evitar.

Isso não era bom, especialmente com o Mardi Gras à volta da esquina. Quando Baco vinha ao povo, ainda os mais moderados se voltavam selvagens. Para o Talon soava como algo ou alguém que contava com os excessos da celebração para propulsar o plano que tinham.

Os pensamentos do Talon se distraíram enquanto um carro passava frente a ele. Era um velho VW Beetle. Alguém lhe tinha pintado a parte superior em azul escuro com estrelas brilhando na escuridão e a metade inferior era amarelo brilhante com símbolos vermelhos de paz.

Ele sorriu ante a vista. Tinha estado estacionado no clube quando tinha saído. O instinto lhe disse que tinha que pertencer a Sunshine. Ninguém mais teria, nem morto, semelhante monstruosidade.

Confirmando suas suspeitas, o carro dobrou no beco traseiro do Runningwolfs.

Com sua vista afiada de Caçador Escuro, observou-a sair do carro e fazer uma pausa para tirar uma caixa selada do assento traseiro. Seu corpo se endureceu instantaneamente.

Esta noite, estava penteada com duas tranças uma a cada lado de seu rosto. Vestia um comprido suéter que exibia suas curvas à perfeição.

Em sua mente, podia imaginar-se aproximando-se dela, empurrando suas costas contra seu peito, e inspirar seu quente perfume de patchouli. Deixando suas mãos descer pela frente dela, a seu apertado suéter negro fechado por pequenos botões.



Trabalhando com esses botões, fazendo-os passar através do tecido até que estivesse exposta para ele.

Seu corpo ardeu dolorosamente de desejo.

—Speirr?

A voz da Ceara o sacudiu de seu sonho.

—Sinto muito, estava distraído.

—Prometo que irei e farei mais averiguações. Ou necessita que fique aqui e te mantenha com os pés na terra?

—Não, obrigado. Estou com os pés na terra.

—Sinto o conflito dentro de você. Está seguro que quer que vá?

Quase tão seguro quanto o mundo acabaria em quinze minutos. Não, não estava seguro. Porque cada vez que olhava Sunshine, tinha a má tendência de esquecer todo o resto.

Desde não desejar nada mais que olhá-la. Que tocá-la.

—Estou seguro.

—Muito bem, então. Escutarei para ti. Se me necessitar, me chame.

—Farei.

Ceara se desvaneceu e o deixou só na escuridão. Sunshine fechou de um golpe a porta do carro e entrou pela porta traseira do clube.

Ele deu um passo para ela antes de dar-se conta do que estava fazendo.

Talon passou suas mãos sobre a cara. Tinha que tirá-la de seus pensamentos. Não havia um ponto nisto. Os Caçadores Escuros não tinham encontros e malditamente seguro não tinham namoradas. Bom, ninguém exceto Kell, mas ele era estranho de qualquer maneira e a namorada do Kell era uma constante fonte de irritação para o Acheron.

E não é que Talon não quisesse ser uma irritação para o Acheron.

De fato seria agradável irritar ao Atlante, mas não podia estragar a vida de Sunshine desse modo.

Os Caçadores Escuros não tinham encontros e muito



especialmente deste tipo. Ele tinha aprendido a lição e a tinha aprendido duramente.

A diferença de outros, tinha sido amaldiçoado por seus deuses. Era pelo que se recusava a ter a um Escudeiro. Por isso se recusava a ter a qualquer perto dele.

—Por isso que tiraste de mim, Speirr dos Morigantes, nunca conhecerá outra vez a paz ou a felicidade de uma amada. Amaldiçôo-te a caminhar a eternidade em solidão. Amaldiçôo-te a perder a todos os que lhe importam. Um por um, eles sofrerão e morrerão, e será impotente para detê-lo. Sua família saberá que estão malditos por suas ações, e se perguntarão quando, onde, e como os eliminarei. Reclamareis a todos e viverei só para ver-te sofrer.

Até depois de todos estes séculos as palavras do deus zangado soavam em seus ouvidos.

Talon gemeu ante a dor da lembrança de sua esposa morrendo em seus braços.

— Tenho medo de morrer, Speirr...

Tinha sido toda sua culpa.

Cada morte.

Cada tragédia.

Como tantas vidas podiam ter sido destroçadas por um engano estúpido? Ele tinha deixado que suas emoções o dirigissem e, ao final, não só tinha destruído sua vida mas também a de todos os que amava.

Ele se sobressaltou ante essa verdade.

A agonia o queimava tão profundamente que amaldiçoou em voz alta ante a força disso.

—Nascestes maldito —a velha voz da Gara sussurrou em sua cabeça. —Nascido bastardo de uma união que nunca deveria ter sido. Agora vai-te e leve a bebê contigo antes que a fúria dos deuses caia sobre minha cabeça.

Com sete anos de idade, tinha olhado com incredulidade para a velha harpia para a que sua mãe tinha trabalhado. Quando sua mãe e Tress tinham adoecidos, Gara lhe tinha permitido fazer as



tarefas de sua mãe.

Depois da morte de sua mãe, a velha os tinha jogado.

—Mas Ceara morrerá se for. Não sei como cuidar de um bebê.

—Todos morremos, filho. Não me interessa o que aconteça ao filho de uma puta. Agora vai-te e recorda quão rapidamente nossos destinos trocam. Sua mãe era uma rainha. A mais amada dos Morrigantes. Agora ela é uma camponesa morta, como o resto de nós. Nem sequer vale a sujeira que a cobre.

As cruéis palavras tinham esmagado seu coração de filho. Sua mãe nunca tinha sido uma puta. Seu único engano tinha sido amar a seu pai.

Rainha dos Morrigantes tinha sido merecedora de todos os tesouros da terra para ele. Seu valor era imenso.

—Afasta —disse ele, respirando profundamente para acalmar a si mesmo.

Acheron tinha razão, tinha que manter suas emoções enterradas. Para começar, estas eram as que o tinham induzido ao mau caminho. A única forma em que podia funcionar era não recordando. Não sentindo.

E mesmo assim não podia evitar sentir. Parecia que não podia reprimir as lembranças que tinha enterrado mil e quinhentos anos atrás.

—Assim que o filho da puta retornou para lhe rogar, meu rei, por seu amparo. Me diga, Rei Idiag, deveria lhe cortar a cabeça, ou simplesmente o nariz e logo atirar a este lastimoso miserável à tormenta para morrer como o esterco sem valor que é?

Talon ainda podia ouvir a risada do povo de sua mãe. Sentia o medo em seu jovem coração de que seu tio, como todos outros, abandonasse a ele e a Ceara. Ele tinha sustentado a sua irmã perto do peito enquanto ela chiava, querendo a comida e o calor que não tinha sido capaz de lhe prover.

Apenas com dois meses, Ceara se tinha recusado a amamentar-se da bexiga com a que tinha tratado de alimentá-la.

Por três dias tinham viajado sem parar, e ela não tinha feito



mais que chorar e gritar.

Não importava o que ele fizesse, Ceara não se serenava.

Idiag os tinha olhado por tanto tempo que estava seguro que seu tio os enviaria a sua morte. O fogo no vestíbulo rangia enquanto a gente sustentava a respiração, em espera da sentença de seu rei.

Talon nesse momento tinha odiado a sua mãe. Odiado por lhe fazer rogar pela vida de sua irmã. Fazendo sofrer assim quando simplesmente era um moço inexperiente que só queria escapar e esconder-se de sua humilhação.

Esconder do bebê gritalhão que nunca teve piedade dele.

Mas tinha feito uma promessa e nunca faltava a sua palavra. Sem a ajuda de seu tio, outra irmã morreria.

Quando Idiag finalmente falou, seus olhos estavam em branco.

—Não, Parth —lhe havia dito a seu guarda. —Ele suportou a dureza do inverno para chegar até nós, especialmente com nada mais que farrapos em seus pés. Daremos-lhes refúgio. Convoque a uma ama de leite para o bebê.

Talon tinha querido derrubar do alívio.

—E o filho?

—Se sobreviver ao castigo que sua mãe escapou, então terá permissão para ficar aqui.

Chiando os dentes, Talon recordou a dura tortura que eles lhe tinham prodigalizado. Os dias de surras e fome.

Quão único o manteve vivo era o medo de que se morresse, Ceara seria rechaçada depois de tudo.

Tinha vivido somente para ela.

Ao final sobreviveu para nada.

Talon obrigou a seus pés a afastá-lo do clube da Sunshine e sua comodidade. longe destas lembranças que se liberaram.

Ele tinha que encontrar sua paz.

Tinha que esquecer o passado. Para enterrá-lo.

Mas enquanto caminhava, os pensamentos reprimidos e as lembranças, atravessaram sua mente.



Contra sua vontade, recordou o dia em conheceu sua esposa...Nynia.

Ainda agora, a mera menção de seu nome era suficiente para fazê-lo ajoelhar-se. Ela tinha sido tudo para ele. Sua melhor amiga. Seu coração. Sua alma. Somente lhe tinha dado paz. Em seus braços, não lhe tinha importado o que os outros pensavam dele. Só eles dois tinham existido no mundo.

Como homem mortal, tinha-a tomado como sua primeira e única amante.

—Como poderia tocar a outra mulher, Nynia, quando te tenho?

Essas palavras o obcecavam agora, junto com as lembranças de com quantas mulheres se deitou desde que ela morrera. Mulheres que nunca tinham significado algo para ele. Tinham sido meras aventuras amorosas com a finalidade de aliviar seus desejos físicos.

Nunca tinha querido saber algo a respeito delas. Nunca tinha procurado conhecer qualquer mulher, exceto a sua esposa.

Nynia e o amor perfeito que lhe tinha dado, haviam algo dentro dele e lhe tinham dado asas. Lhe tinha mostrado coisas do mundo que nunca antes tinha notado. A bondade. A comodidade. A aceitação.

Tinha confundido, tinha exasperado, e o tinha feito delirantemente feliz.

Quando ela tinha morrido, tinha levado com ela. Tinha sobrevivido fisicamente, mas não seu coração. Tinha morrido nesse dia também.

E nunca lhe tinha ocorrido desejar a uma mulher dessa forma outra vez. Não até que havia sentido o calor da mão de uma artista em sua pele.

O mero pensamento da Sunshine era suficiente para fazê-lo sentir murros no estômago.

—Tira-a da cabeça —disse ele entre dentes apertados. Nunca mais se exporia a si mesmo a tanto dor. Nunca mais sustentaria em seus braços a alguém que amasse, só para vê-lo



Abraço Noturno - "Night Embrace"
Dark Hunters 4 -Talon e Sunshine - Sherrilyn Kenyon

morrer.

Nunca.

Tinha sido o suficientemente ferido em sua vida. Não podia suportar mais.

Sunshine era uma desconhecida e ficaria desse modo. Não necessitava de ninguém.

Ele nunca o faria.

Talon se congelou enquanto um estranho ruído no vento se entremetia em seus pensamentos. Soou vagamente como um Daimon alimentando-se.

Tirou seu Palm Pilot do bolso da jaqueta e abriu seu programa rastreador. Desenhado para rastrear a atividade elevada dos neurônios dos Daimons, que provinha de suas habilidades psíquicas, o programa rastreador permitia aos Caçadores Escuros precisar qualquer concentração do Daimons depois do anoitecer. Durante as horas diurnas enquanto os Daimons descansavam, a atividade do cérebro era muito humana para os rastreadores.

Mas uma vez que caía o sol...

Esses pequenos cérebros começavam a ranger e zumbir.

Talon olhou fixamente seu descobrimento.

Não mostrava nada e seus sentidos de Caçador Escuro não detectavam a um Daimon tão pouco, mas seu instinto estava fora do radar.

Foi para um escuro beco. Uma mulher tropeçou e caiu contra ele. Seus olhos estavam frágeis enquanto o olhava. Tinha uma ferida pequena de uma dentada em seu pescoço, que se estava curando enquanto ele a olhava, e o pescoço da blusa tinha rastros de sangue.

—Está bem? —perguntou enquanto a endireitava.

Ela sorriu de forma delirante e vaga.

—Estou bem. Melhor que nunca — Ela tropeçou afastando-se e se dirigiu para o edifício a sua direita.

Nesse instante, soube o que tinha acontecido.

A fúria caiu sobre ele enquanto espreitava mais à frente do beco onde ela tinha estado. Viu a sombra escura e soube ao



momento.

—Maldição, Zarek. Melhor deixa a tolice da alimentação enquanto está nesta cidade.

Zarek enxugou o sangue de seus lábios com a mão.

—Ou o que, Celta? Me vai golpear?

—Arrancarei-te a garganta.

Ele riu disso.

—E te matar no processo? Não o tem em ti.

—Não tem idéia do que sou capaz. E melhor reza ao deus que adora, que nunca se inteire.

Com expressão puramente malvada, Zarek lambeu os lábios em uma forma que Talon soube, estava desenhada para desgostá-lo a consciência.

Sortiu efeito.

—Não a machuquei. Ela não o recordará em três minutos. Nunca o fazem.

Talon se moveu para agarrá-lo, mas Zarek apanhou sua mão.

—Adverti-te que não me tocasse, Celta. Ninguém me toca. Nunca.

Talon não fez caso de seu apertão.

—Fez um juramento, como o resto de nós. Não te terei atacando inocentes em minha cidade.

—Oooohh —resfolegou Zarek. —Que frase feita, pequeno companheiro. Quer me dizer que vá antes do amanhecer, ou melhor ainda, que esta cidade não é o suficiente grande para o dois?. Qual é seu problema? —Zarek começou a passá-lo.

Resistente a deixá-lo seguir caçando a alguém mais, Talon o empurrou contra a parede. Suas próprias costas sentiu a dor, como se ele tivesse sido golpeado contra a parede também, mas não lhe importou.

Não estava disposto que a deixar que Zarek tivesse rédea solta sobre as vidas de pessoas inocentes.

Os olhos do Zarek cintilavam com ódio.

—Me solte, Celta, ou te tirarei o braço. E sabe o que? Não me importa se perder os meu dois no processo. Essa é a diferença



entre nós. A dor é minha amiga e aliada. Você lhe teme.

—Que me condenem se o faço.

Afastou a trancos ao Talon.

—Então onde é isso? Hmmm? Enterrou sua dor a noite que deixou a seu povo em chamas.

Talon se deteve ante as palavras, perguntando-se como sabia isso Zarek, mas sua cólera o superou ante o pensamento do Zarek julgando.

—Pelo menos eu não me derrubo nisso.

Zarek riu.

—Pareço como se o desfrutasse? Estava me divertindo com ela até que apareceu — Se lambeu os lábios outra vez como saboreando seu alimento. —Deveria prová-lo em alguma ocasião, Celta. Não há nada melhor que saborear sangue humano. Não te perguntaste alguma vez por que os Daimons se alimentam antes de tomar as almas humanas? por que não os matam rapidamente? É porque é melhor que o sexo. Sabia que pode ver diretamente em suas mentes quando o faz? Sentir suas emoções? Por um instante, realmente une a sua força vital. É um inferno a grande altura.

Talon o olhou ferozmente.

—Nick tinha razão, é um psicótico.

—O termo correto é sociopata e sim, sou. Mas pelo menos não tenho falsas ilusões a respeito de mim mesmo.

—Quer dizer...?

Ele se encolheu de ombros.

—Toma seu significado onde quer que o possa encontrar.

O homem era asqueroso. Insolente.

—por que faz que todo mundo te odeie?

Zarek bufou.

—O que? Quer ser meu amigo agora, Celta? Se acabar com meus costumes, será meu amigão?

—É um idiota.

—Sim, mas pelo menos sei o que sou. Não tenho pretensões. Você não sabe se é um Druida, um Caçador Escuro, ou um playboy. Perdeu-te faz muito tempo no escuro vazio onde enterrou as



partes de você que uma vez lhe fizeram humano.

Talon estava horrorizado por que uma forma de vida tão baixa, tão egoísta, tratasse de fingir ser sábio com ele.

—Me estas exortando sobre a humanidade?

—Irônico como o inferno, não?

A mandíbula do Talon tremeu.

—Não sabe nada a meu respeito.

Com suas garras de prata brilhando, Zarek lentamente tirou um cigarro do bolso da jaqueta e o acendeu com um velho acendedor de ouro.

Devolvendo o acendedor ao bolso, tomou uma grande tragada, exalou a fumaça, logo lançou ao Talon uma risada sardônica e desequilibrada.

—Você tão pouco.

Com uma última careta de despedida, Zarek se afastou lentamente, pelo beco e para a rua.

—Deixa de te alimentar, Zarek, ou te matarei. Juro.

Zarek levantou suas garras e as atirou pelo ar sem deter seu passo ou olhar para trás.

Talon grunhiu baixo enquanto Zarek desaparecia na noite. Como Acheron podia tratar com ele? Esse homem podia provar a paciência de uma árvore.

Um dia, Artemisa ia ter que eliminar Zarek. Na verdade, Talon estava assombrado que a ordem de execução de Zarek, ainda não tivesse sido dada. Mas então talvez por isso era que Artemisa o tinha enviado aqui. No Alaska, Zarek estava em supra casa onde ele conhecia o terreno melhor que ninguém e podia evitar a um executor.

Aqui embaixo, Zarek estava a mercê do Acheron, quem conhecia estas ruas como a palma de sua mão. Se a ordem vinha, então Zarek não teria onde esconder-se.

Era definitivamente um pensamento.

Talon sacudiu a cabeça para limpá-la do Zarek. O antigo escravo era a última pessoa que queria esta noite em sua mente.

Seu telefone celular soou. Talon o respondeu para encontrar



o acento Atlante do Acheron.

—Ouça, estou no Commerce Street no Warehouse District. Há uma cena de homicídio aqui que eu gostaria de comentá-la contigo.

—Estou a caminho — Talon desligou e se dirigiu para onde tinha deixado sua moto.

Não tomou muito tempo pegar sua moto e abrir passo para a cena. Havia policiais por toda parte, interrogando a testemunhas, marcando a área, e tomando notas e fotos.

Uma grande multidão de turistas e locais se reuniu para observar o espetáculo.

Seus olhos doíam de todas as luzes brilhantes da polícia. Talon estacionou sua moto e abriu passo para o Acheron, quem agora tinha o cabelo loiro.

Caracas, o homem mudava de cor de cabelo mais freqüentemente que o que a maioria da gente mudava as meias.

—O que há, T-Rex?

Acheron fez uma careta ante o apelido, mas não fez comentários. Inclinou sua cabeça para o corpo que tinham envolto com uma sacola para cadáveres, mas que ainda não tinham selado.

—Essa mulher morreu faz uma hora. me diga o que sente.

—Nada — mal a palavra deixou seus lábios, Talon o entendeu. Quando alguém morria, sua alma se atrasava por um breve momento antes de seguir seu caminho. Havia uma única exceção para isso, quando a alma era capturada e apanhada por alguém mais.

—Foi um assassinato dos Daimons?

Acheron negou com a cabeça.

—Era ela um Caçador Escuro novo?

Outra vez negou com a cabeça.

—Alguém se alimentou dela até lhe secar drasticamente a vida, enquanto roubavam sua alma. Logo a rasgaram com algo assim como uma garra. A polícia está tratando de convencer-se que é um animal, mas a profundidade e a precisão de suas feridas são muitas precisas.



Talon se gelou.

—Garras como as que usa Zarek?

Acheron voltou sua cabeça para cravar diretamente os olhos nele. Tudo o que Talon pôde ver foi seu reflexo nos óculos escuros.

—O que pensa?

Talon passou a mão pela sua mandíbula enquanto olhava o trabalho da polícia sobre a área. Isto era perturbador.

—Olhe, T-Rex, sei que tem um ponto de brandura com o Zarek, mas tenho que te contar que o encontrei jantando faz alguns minutos fora de um clube. Parecia que estivesse desfrutando muito, se entende o que quero dizer.

—Assim pensa que matou a esta mulher?

Talon vacilou enquanto recordava o que havia dito Zarek quando o tinha apanhado com a mulher no beco.

Não a machuquei. Era uma admissão de que ele tinha machucado a alguém mais ou era uma declaração de que nunca machucava às mulheres?

—Não sei —respondeu Talon honestamente. —Se me perguntasse se ele era capaz, então definitivamente diria sim. Odiaria consignar um homem às Sombras sem mais evidencia.

As Sombras era a existência infernal que tinha qualquer Caçador Escuro que morria sem uma alma. Como eles realmente não tinham uma alma, sua essência ficava apanhada pela eternidade entre este plano de existência e o outro. dizia-se que era a tortura mais penosamente imaginável.

—Então o que pensa? —perguntou Talon. —Acredita que o fez?

Um pequeno sorriso se deslizou através da cara do Acheron, mas não respondeu à pergunta. O cabelo ao dorso do pescoço do Talon se arrepiou. Algo a respeito de tudo isto não parecia correto.

Por alguma razão, algo a respeito do Acheron tão pouco parecia estar bem.

Acheron deu um passo afastando-se.

—irei falar com meu amigo Zarek, e verei que diz.

Talon franziu o cenho. Isto definitivamente não estava bem.



Abraço Noturno -

"Night Embrace"

Dark Hunters 4 -Talon e Sunshine - Sherrilyn Kenyon

Acheron nunca se referia a alguém como seu amigo.

—Já que estamos aqui —disse Acheron. —Como está? Parece tenso. Inquieto.

Estava. Era como se alguém tivesse aberto uma comporta a seus hormônios e emoções, e não estava seguro de como fechá-la outra vez.

Mas não tinha intenção de importunar ao Acheron com isto. Podia controlar-se.

— Estou bem.

Talon afastou a vista do Acheron por um segundo para olhar a chegada do médico forense.

—T-Rex, o que aconteceu ao prego no nariz... — sua voz se desvaneceu enquanto se voltava e não viu mais que um espaço vazio. Talon olhou a seu redor. Acheron se tinha ido.

O único indício de sua presença eram dois rastros ensangüentados que os sapatos tinham marcado no concreto onde tinha estado parado um segundo antes.

Que diabos?

Acheron nunca tinha feito isso antes. Homem, esta noite ficava cada vez mais estranha.

"... há um distúrbio em Canal Street no Clube Runningwolf..."

O coração do Talon parou ao escutar as palavras na rádio da polícia.

Sunshine.

Todos seus instintos lhe disseram que ela estava envolvida. Correu em busca de sua moto e rapidamente retornou ao clube.

CAPÍTULO 6

Quando Talon chegou ao clube de Sunshine, a rua da entrada do clube e o beco traseiro eram um completo caos.



Uma multidão estava pelos arredores, havia duas ambulâncias estacionadas e os médicos atendiam a três oficiais feridos. Alguém os tinha golpeado até fazê-los mingau.

Deteve-se perto de uma ambulância enquanto ouvia o oficial dando seu relatório a um detetive.

—Ao menos dois metros e meio. Esbelto, constituição muscular. Varão caucásico, vestido de negro, com cabelo comprido negro e cavanhaque. Ao final dos vinte com uma garra de prata enorme na mão. parecia mesmo como o diabo quando chegamos. Homem, traçou-nos de lado a lado como se fôssemos nada. Ao menos lhe disparei duas balas e nem sequer se sobressaltou quando lhe disparei. Ele seguiu avançando para nós. Deve ser um PCP ou algo.

Talon se congelou.

Zarek. Não havia ninguém mais que pudesse coincidir com essa descrição.

Demônios. Não deveria ter deixado a área enquanto Zarek estava por aí. Zarek os devia ter atacado justamente uns poucos minutos depois de que se fora.

—Então o que ocorreu?— perguntou o detetive.

—Gabe e eu recebemos uma chamada de distúrbio, a respeito de uma briga no beco. Chegamos a tempo para ver o tipo da garra brigando com dois homens. Gritamos para que eles se detivessem, mas o tipo nos ignorou. Arrancou-lhes os corações. frente de nossos próprios narizes.

Talon grunhiu. Tinham visto o Zarek despachar a um par do Daimons. Genial. Simplesmente genial. Fechou os olhos e amaldiçoou. Esta noite começava a qualificar bem alta, como um abscesso dental.

—Johnny chegou enquanto tirava minha arma e ordenava ao tipo da garra que se detivesse. voltou-se para nós como uma besta selvagem. Quão seguinte sei, é que estava no chão sangrando, vocês estavam aqui, e ele se foi.

—E os corpos?

—Os deve ter levado com ele enquanto tentávamos chegar



aos carros, por segurança. Digo-te, Hob, o homem estava demente.

Talon passou suas mãos através do cabelo. Nem sequer levava uma noite na cidade e agora Zarek tinha a toda a força policial lhe buscando.

Como tinha obtido o homem durar tanto tempo?

Seu telefone soou outra vez, mas a identificação de que chamava não saía no identificador. Esperando que fosse o telefone do Acheron, já que o dele nunca registrava um número, surpreendeu-se ao escutar o acento grave grego do Zarek no outro extremo.

—Os Daimons queriam uma festa com sua namorada, celta. Não a deixe desprotegida.

O telefone ficou mudo.

Um horripilante calafrio subiu pela coluna vertebral do Talon. Como Zarek podia saber dele e Sunshine?

Os poderes do homem estavam se qualificando tão altos como os do Acheron.

Com seus instintos em alerta, Talon levantou a vista para o teto, para a velha farmácia abandonada perto do clube. Recortado contra do céu escuro havia uma figura. Para os olhos de um humano, o homem parado sobre o telhado era invisível, mas para a afiado olhar de Caçador Escuro do Talon o via claramente.

Era Zarek.

Zarek inclinou sua cabeça para ele, colocou o telefone no bolso, deu um passo atrás e se desvaneceu na escuridão. Talon franziu o cenho. O psicopata Zarek tinha estado velando pela Sunshine todo este tempo? Até enquanto os policiais o buscavam?

Que tão diferente era Zarek ?

Talon imediatamente golpeou o automático de chamadas recebidas em seu telefone.

—O que? —perguntou Zarek, com voz áspera. —Não pode ver que estou tratando de sair daqui antes que os policiais me encontrem?

—O que fazia no Runningwolfs?

—Seguindo meu instinto, celta. O que pensa? Vi os Daimons



na rua e os rastreiei.

Isso o explicava, mas Talon tinha uma preocupação maior.

—Como sabia de mim e Sunshine?

—Ouvi os Daimons falando a respeito de vocês dois. Deveria ser mais cuidadoso, Celta. Um engano como esse poderia ser custoso.

—Como custoso, Zarek? Justamente acabo de ver o corpo de uma mulher a que lhe tinham drenado o sangue e a alma.

—Ooo —suspirou Zarek. —Aqui há notícias de última hora. Foi um ataque Daimon. Notaste que isso tende a ser seu estilo?

—Sim, mas nunca conheci a um Daimon lhe dar patadas a uma mulher enquanto a está matando. Você sim?

Houve uma pausa breve.

—O que está dizendo?

—Acredito que sabe, Zarek.

—Sim, e você pode me beijar o rabo, celta. Talvez deveria ter deixado a sua cadela depois de tudo. —O telefone ficou mudo outra vez.

Talon rangeu os dentes, estava dividido entre a necessidade profunda de encontrar Zarek, golpeá-lo pela tolice dele e lhe lavar a boca, e uma necessidade mais profunda de saber se Sunshine estava bem.

Colocando o telefone em seu bolso, resolveu deixar Zarek ao Acheron, que já havia dito que ia falar com ele. Acheron era muito melhor em manipular ao Zarek de qualquer maneira. Ao menos Ash podia matar ao bastardo e não morrer no processo. Talon exalou longamente ao pensar sobre a advertência do Zarek, de que os Daimons estavam atrás de Sunshine. Não tinha o menor sentido.

Por que os Daimons estariam atrás dela? E como os Daimons podiam saber sobre eles?

Isto fazia o segundo ataque contra ela, contando o da outra noite. Os Daimons pegavam a suas vítimas onde as encontravam. Não as procuravam se lhes escapassem. Simplesmente seguiam para a seguinte comida conveniente.

Não sabia o que queriam com ela, mas até que se inteirasse,



não ia deixá-la em perigo.

Examinando a multidão, Talon encontrou Sunshine parada sob uma luz fora do clube, ao lado de um homem grande, musculoso, de cabelo negro que estava falando com um oficial uniformizado. Ela vestia só o suéter negro fino sem o fúcsia que tinha tido já que mais cedo. Seus braços estavam cruzados sobre o peito como se tivesse frio.

Talon abriu passo através da multidão para seu lado.

Seu rosto se iluminou no momento que o viu.

—Talon? O que faz aqui?

Ele estava mais aliviado do que tinha pensado possível. Simplesmente vê-la ilesa, e ouvindo seu nome em seus lábios...

Não deveria sentir nada por ela e mesmo assim não se podia negar as cruas emoções que sentia cada vez que seu olhar encontrava o seu.

—Estás bem? —perguntou, tirando a jaqueta e sustentando-a sobre ela.

Ela assentiu enquanto lhe permitia ajudá-la a pôr sua jaqueta.

—Ouviu que aconteceu? Algum tipo se voltou louco no beco onde estaciono meu carro e matou a dois homens. Logo, atacou à polícia. É terrível!

Antes que pudesse pensar, Talon tomou em seus braços e a manteve perto. Ela se estremecia e estava gelada, mas ainda a sentia tão maravilhosa que não queria soltá-la.

— Me alegre que não esteja ferida.

O homem que tinha estado falando com o oficial de polícia os olhou com semblante carrancudo.

—Sabe amigo, não te conheço de lado nenhum, mas é a minha irmãzinha que estás apertando. Assim acredito que o curso de ação mais sábio para ti é soltá-la e te apresentar. Logo.

Talon refreou um sorriso. Sabia exatamente o que o homem queria dizer. Alguns costumes eram sagrados e as irmãs mais novas era uma delas.

A contra gosto, separou-se dela.

Sunshine deu a seu irmão um suave murro no braço.



—Talon, este é meu irmão Rain. Rain esse é o Talon. —seu irmão suspirou.

—Meu deus, com um nome como esse, seus pais devem ser hippies também.

—Algo assim.

—Essa é sua "frase preferida" — Sunshine disse a seu irmão.
—Isso ou "não exatamente".

Rain o qualificou favoravelmente, logo lhe ofereceu sua mão.

—Gostei em te conhecer, Talon. Melhor voltar ao trabalho. Sunny avisa se necessitar de algum de nós.

A ameaça insinuada não lhe pareceu desatinada ao Talon, quem refreou um sorriso. Se o homem soubesse quanto poder exercia um Caçador Escuro...

—Nós? —Talon repetiu.

Seu irmão indicou a dois homens sobre o ombro do Talon, que também falavam com a polícia. O homem maior era um americano nativo cuja energia shamanica era muito perceptível, e o outro irmão, era quase um clone facial da Sunshine. —Nosso pai e irmão mais velho, Storm, também trabalham no clube.

Talon deu um sorriso com os lábios apertados enquanto se voltava para enfrentar ao Rain.

—Storm, Rain, e Sunshine, huh?

Ela fez uma careta.

—Idéias de minha mãe. Alegro-me que ela se deteve no terceiro. Disseram-me que o seguinte teria sido Cloudy Day.

Riu disso. Deuses, como tinha sentido saudades dela. Tudo o que queria neste momento era tomá-la em seus braços e dirigir-se escada acima, direto para sua cama e inspecionar cada centímetro para estar seguro que estava ilesa.

Sim, OK, também tinha outro motivo, menos puro, para esse pensamento. Mas ainda sentia uma necessidade demente de provar-se a si mesmo que ninguém a havia machucado.

Que ela estava completamente inteira e segura.

Ele lançou seu olhar por todo seu corpo, assegurando-se que estava bem. Sua preocupação por ela era tão diferente a algo que



tivesse experrimentado em muito tempo que não estava realmente seguro de como confrontá-lo.

Rain se desculpou e retornou ao clube, deixando-os sós.

O atordoamento caiu entre eles enquanto ele tratava de pensar em algo que lhe dizer.

Finalmente, ela quem falou.

—Não pensei que te veria outra vez.

Não sabia como responder a isso, especialmente quando essa tinha sido sua intenção.

—Eu... também.

—OH, quer recuperar ao Snoopy.

—Não - disse rapidamente. —Retornei por ti.

Um sorriso lento, sedutora se estendeu por seu rosto.

—De verdade? —perguntou.

—Sim. Soube do ataque e me preocupei - disse antes de poder deter-se.

—De verdade? —repetiu.

Ele assentiu.

Sorrindo mais, ela se introduziu entre seus braços.

—Isso é muito doce de sua parte.

Não realmente, Talon pensou enquanto a abraçava e inalava perfume de patchouli. Mas tinha que admitir que a sentia muito bem em seus braços. Seus peitos estavam esmagados contra ele e em tudo o que podia pensar era em quão delicioso era seu gosto, que tão suaves eram e que tão bem se sentiam em suas mãos.

Gemeu interiormente ante o pensamento.

Afaste-te dela...

Tenho que protegê-la.

Ele tinha jurado proteger aos humanos. Especialmente aqueles que os Daimons caçariam. Era seu dever mantê-la a seu lado. Velar por ela.

Ouça, quão estúpido pensa que sou, Talon? Este é seu eu com quem está falando e todas as mentiras no mundo não me vão convencer de que tem uma razão moral ou nobre nisto. Quer estar outra vez em sua cama. Admite.



OH, vamos, posso me controlar por uns poucos dias.

Ela tem que ser protegida e quem mais o poderia fazer?

Zarek estava fora de consideração. Terminaria alimentando-se dela e Talon o mataria se o psicopata ousasse tocá-la. Valerius morreria antes de vigiar a um "plebeu". Nick faria um avanço com ela, e ele teria que matar ao sapo brincalhão. Kyrian tinha um bebê novo e estava muito exausto para pensar, e Acheron...

Ele tinha muitas responsabilidades para preocupar-se, para fazer de babá.

Isso o deixava a ele e somente a ele.

—Sabe, Sunshine, não acredito que devesse permanecer sozinha em seu loft.

Ela se afastou dele.

—Acredite-me, não o estou. vou para casa com o Storm esta noite.

Talon se deteve. Essa não era uma opção tão pouco. Seu irmão era um homem grande, mas não para combater a um Daimon.

—Não sei, Sunshine. Estive pensando... —bem, não podia dizer o que estava pensando, especialmente a parte que rodeava a verdade.

Então não teve que fazê-lo. Ela deu um sorriso malvado.

—Sabe, se quiser que vá pra casa contigo, tudo o que tem que fazer é perguntá-lo.

—Não pensei que seria assim tão fácil — Ela ficou nas pontas dos pés e o olhou malvadamente.

—Para qualquer outro além de você, não o seria.

Essas palavras fizeram que seu coração voasse. Realmente gostava desta mulher. Era atrevida, estranha, e descarada.

Sunshine tomou sua mão e o guiou para dentro, através do clube para uma porta, na parte traseira mais afastada. Conduzia ao vestíbulo traseiro que Talon reconheceu mais cedo. À direita estava a porta que dava ao exterior, onde seu carro estava estacionado e à esquerda estava a escada de aço que conduzia até seu loft. Ela se dirigiu para as escadas.

Sunshine se aferrou à mão do Talon enquanto castigava



mentalmente a si mesmo. Provavelmente não deveria estar fazendo isto, especialmente quando dois assassinatos tinham sido cometidos esta noite. Mas instintivamente sabia que Talon nunca a machucaria.

Ele tinha salvado sua vida e não lhe faria nenhum dano.

À parte, gostava de estar com ele. Podia pegar seus artigos de arte e voltar para sua rotina amanhã.

Esta noite, queria uns poucos minutos mais com ele. Uma tarde mais para deleitar-se em seu calor, antes de retornar aos rigores de sua vida.

Tinha sido tão gentil de lhe oferecer sua jaqueta. Seu calor e perfume estavam impregnados nela, lhe fazendo querer aconchegar-se profundamente.

Entrou em seu loft, devolveu-lhe a jaqueta, e o deixou em seu sofá rajado em branco e rosa, enquanto ia empacotar uma sacola para a noite. Com toda sinceridade, preferia ficar com ele que com o Storm de todas as formas.

Storm roncava.

Ruidosamente.

Sem mencionar que a última vez que tinha ido pra casa de seu irmão, tinha tido que passar duas horas limpando o apartamento, antes de poder tocar algo sem acovardar-se. Ele era um porco absoluto e não se preocupava em fazê-la sentir bem-vinda. Mas bem, tratava-a como a uma criada que deveria estar feliz por ajudar ao grande irmão.

E o irmão mais velho fedia. Não literalmente, mas sim no sentido figurativo.

Pegou uma muda de roupa, sapatos, e fivelas para o cabelo e as colocou de qualquer maneira em sua sacola de vime junto com sua escova de dente e um hidratante, uma mulher sempre necessitava um hidratante, e logo se reuniu com o Talon.

Estava na parte traseira do loft, perto das janelas, olhando as pinturas de paisagens que ela tinha feito no Jackson Square. Sua respiração ficou apanhada em sua garganta.

O que era que tinha este homem que era tão poderoso? Seu



cabelo loiro ondulado caía ao redor de seu rosto, enquanto que suas duas tranças caíam sobre seu ombro. Suas calças de couro negros calçavam seu traseiro tão bem que deveriam ser selados em cada parte. E suas costas... Até com sua jaqueta, ela sabia que tão perfeita e adequadamente esculpida estava.

Cravou os olhos nas mãos grandes e bronzeadas que sustentavam seu trabalho. Eram tão fortes e ao mesmo tempo tão ternas. Ela amava a forma que as tinha sentido em seu corpo, o sabor de seus dedos quando os tinha mordiscado.

O homem era muito forte, da parte superior de sua loira cabeça até a sola de suas botas negras de motoqueiro.

voltou-se ligeiramente enquanto se aproximava.

—Eu gosto da forma que pintas o amanhecer sobre a catedral. Quase posso sentir o sol quando o vejo.

Seu elogio a esquentou. Um artista nunca ouvia suficientes cumprimentos sobre sua obra.

—Obrigado. Meu favorito é o pôr-do-sol sobre ela. Eu gosto de olhar o desvanecimento da luz ao redor dos edifícios. Quando bate em alguns dos vidros, faz resplandecer e cintilar como fogo.

Ele estendeu a mão e tocou seu rosto com sua palma quente.

—Tem uma forma tão incrível de capturar as coisas.

Ela mordeu o lábio e lhe deu um sorriso travesso.

—Sim, faço — E embora ele não soubesse, ela tentava lhe capturar completamente. Ao menos por um tempo.

Ele era como uma criatura selvagem, indomável, a que podia conservar e alimentar por um tempo, mas ao final sabia que teria que deixá-lo ir e seguir seu caminho, assim também como ela o seu.

—Então, me diga, onde vive? —perguntou. Ele limpou sua garganta e deixou cair à mão de sua bochecha.

A aparência incômoda em seu rosto fez que seu estômago se afundasse.

—OH Deus, tem seu próprio lugar, não? Não vive com sua mami ou alguma horripilante tia velha?

Ele pareceu ofendido por isso.

—É obvio que tenho meu lugar. Sou só... —Sua voz se



desvaneceu e afastou o olhar.

OH Deus, aqui vem...

—Tem uma namorada que vive contigo?

—Não.

Uf! Era pior do que pensava.

—Vive com um noivo?

Ele ficou com a boca aberta enquanto seus olhos de meia-noite brilhavam com indignação.

—Cristo, Sunshine, o que pensa que sou?

—Não sei, Talon. Fiz uma pergunta simples e ficou muito estranho comigo. O que se supõe que devo pensar? —ela baixou o olhar para o muito caro traje de motoqueiro que trazia vestido. O homem tinha um corpo espetacular e era muito magnífico para ser real. Isso tentava a uma mulher, hmmm...

—E está vestindo um montão de couro.

—O que se supõe que significa isso?

Deu-lhe um olhar de "não te posso acreditar".

—Sou uma artista, sabe. Tendo a sair com horríveis tipos homossexuais e bissexuais.

Se ele antes pareceu ofendido, não foi nada comparado com a aparência que tinha seu rosto agora.

—Bom, esse é um estereótipo que ainda não tinha considerado. Muito obrigado. Para sua informação, eu gosto do couro porque tende a proteger minha pele nas ocasiões que me caio da moto e saio derrapando sobre o asfalto.

—Isso também é certo. Então por que ficou tão estranho quando te perguntei onde vivia?

—Porque acreditei que se te dissesse aonde vivo, ficaria estranha comigo.

Ela vacilou enquanto um milhão de lugares horripilantes vinham a sua mente. Ele vivia em um cemitério ou uma cripta. Uma choça sem terminar. Uma caixa de cartão. Uma casa no molhe. Um ônibus ou trailer avariada. meu deus, nesta cidade não se podia dizer onde poderia ele ter supra casa.

—OK, vive em algum lugar monstruoso?



—Vivo nos subúrbios, no pântano.

Aliviada, ela se mofou ante o tom evasivo sobre um pouco tão tolo.

—OH por favor, conheço várias pessoas que vivem ao redor do pântano.

—Não ao redor do pântano, Sunshine. Vivo no pântano.

Falaria a sério? Quem em seu são julgamento viveria no pântano com as serpentes e crocodilos e outras coisas nas que ela não queria nem sequer pensar? Coisas que levavam armas e faziam montões de atividades ilegais como alimentar aos crocodilos com corpos assassinados.

—Vive no pântano?

Ele assentiu.

—É realmente tranquilo ali. Não há sons que lhe invadam. Não há vizinhos. Não há tráfego. Quase pode sentir como se vivesse séculos atrás.

Tinha uma aparência tão melancólica enquanto dizia isso.

—Isso significa muito para ti, verdade?

—Sim, muito.

Ela sorriu. Sim, ela podia ver o Talon só no pântano. Recordava a seu pai, a quem gostava de passar horas fora absorvendo a natureza. Ambos compartilhavam esse tipo de paz com o universo.

—Quanto tempo viveste ali?

Ele evitou olhá-la.

—Realmente muito tempo.

Sunshine assentiu.

Enquanto se dirigiam para a porta, pegou sua sacola de vime e resgatou sua mochila Studiopack French Easel da esquina. Ela sempre a conservava adequadamente abastecida em caso de ter o desejo de ir a alguma outra parte e pintar.

—O que é isso? —perguntou ele.

Piscou-lhe os olhos um olho.

—Uma artista ocupada continuamente, essa sou eu. Nunca vou a nenhuma parte sem fornecimentos.



Ele sorriu enquanto tomava a mochila.

—Então, ainda se sente aventureira, huh?

—Sempre. Só traz o spray contra crocodilos e sou toda tua.

Talon cravou os olhos nela enquanto sentia outro desejo estúpido de sorrir abertamente. Seu rosto começava a doer do esforço que fazia para não expor suas presas. Ela era extremamente engraçada e divertida.

Quase até um extremo, insultante.

Ele ainda estava irritado sobre suas hipóteses a respeito de suas roupas. As coisas que esta mulher metia na cabeça.

Mas lhe gostava disso nela. Ela não jogava com ele, mas dizia tudo o que pensava, não importa quão escandaloso era o que havia em sua mente.

Sunshine fechou a porta, baixou a metade das escadas, e freou.

—OH homem, esqueci minha sacola de dormir.

Ela fez um som altamente indignado antes de subir correndo as escadas e apressar-se dentro de seu loft.

Saiu uns minutos depois com sua sacola de vime, chegou às escadas e recordou que não trazia casaco.

Uma vez mais, foi dentro antes de reunir-se com ele.

—Juro que tenho uma cabaça sobre meus ombros.

Tomaria um segundo para que suas palavras fossem a realidade, ela certamente perderia sua cabeça se alguma vez desprendesse de seu corpo.

Rindo-se, ele fez uma pausa nas escadas enquanto o passava.

—Não pareço gay vestindo roupa de couro.

Sunshine se voltou a olhá-lo. Passou um olhar quente, luxuriosa sobre seu corpo, que o fez endurecer-se instantaneamente.

—Não, bebê, não o parece. Honestamente tenho que dizer que vestes esse traje como ninguém.

Um sorriso lento se propagou através de seu rosto enquanto a seguia fora do clube.

OH sim, os dois tinham um assunto pendente de que



encarregaria-se uma vez que chegassem a supra casa.

Um assunto que não deveria estar contemplando, mas tinha uma reputação que manter. Além disso, lhe devia um pagamento. Quando ela deixasse sua cabana, nunca mais duvidaria de sua orientação sexual ou de sua atração por ela.

Quando chegaram à porta, Sunshine conduziu ao Talon longe do clube.

—vais dizer a seu irmão aonde vai?

Ela negou com a cabeça.

—Chamarei-lhe em um momento e lhe direi. acredite-me, não é algo que quero fazer cara a cara.

—É prepotente?

—Não tem idéia.

Talon a guiou até sua moto e tirou um capacete de reserva do alforje.

—Quer pôr sua mochila aqui?

Ela negou com a cabeça enquanto tomava encolhendo-se de ombros.

—Está desenhada para motos e caminhadas. Estou bem levando-a. Não é realmente tão pesada.

—Faz muitas caminhadas?

—Sim, muitas.

Talon a observou vestir o capacete e ajustá-lo. Homem, a mulher era muito bela. Seus compridos e agraciados dedos colocaram as tranças facilmente e seus olhos café escuros resplandeceram. Ele tirou os pequenos óculos escuros que usava a noite e colocou seu próprio capacete, logo subiu à moto e a chutou para arrancá-la. Sunshine se uniu a ele. Seus braços lhe rodearam a cintura enquanto deslizava seu corpo mais perto dele.

Talon quase gemeu. Podia sentir cada centímetro dela pressionando intimamente, eroticamente contra ele. Seus peitos em suas costas, suas coxas internas contra seus quadris. E a forma em que seus braços o sustentavam... podia imaginar sua mão descendo de sua cintura à protuberância dura em suas calças onde ela poderia segurar a mão e acariciá-lo através do couro. Ela



Abraço Noturno -

"Night Embrace"

Dark Hunters 4 -Talon e Sunshine - Sherrilyn Kenyon

abrindo o zíper de suas calças e o balançando amavelmente com sua mão enquanto se endurecia e esticava para possuí-la.

Melhor ainda, podia-a ver ajoelhada frente dele, levando-lhe à boca...

Sentimentos desconhecidos formaram redemoinhos dentro dele, lhe dando volta ao reverso. Tudo o que queria era mantê-la aqui desta maneira, pela eternidade. Deter a moto e provar cada centímetro de sua figura exuberante, luxuriosa, com sua boca e presas. Queria devorá-la.

Saboreá-la e brincar com ela até que gritasse seu nome enquanto seu corpo se estremecia de prazer.

Inesperadamente, mentalmente sentiu seu corpo arqueado contra o dele enquanto ela se agarrava a suas costas em meio de um orgasmo.

Hoje tinha aprendido, que ela sempre esticava seu corpo até que o último estremecimento orgástico se apaziguava, e logo chovia beijos sobre sua pele. Era uma sensação doce que não tinha comparação. Talon apertou os dentes em um esforço por controlar-se e dominar o ardente desejo que sentia por seu corpo. Conduziu através da cidade, para os subúrbios, direto ao pântano onde ele vivia.

Enquanto andavam, Sunshine apoiou sua cabeça entre os omoplatas e se apertou ainda mais a seus esbeltos e musculosos abdominais. Recordou como o viu parado nu em seu loft. Recostado sobre ela enquanto faziam o amor. Lento. Fácil. Duro e furioso.

Este homem tinha um modo indefinido com seu corpo. Conhecia todas as maneiras de dar prazer a uma mulher.

Sunshine podia sentir seu peito levantar-se e descer sob seus braços enquanto andavam através da noite escura. O que estava fazendo com ele era demente e mesmo assim não podia deter-se.

Talon era convincente. Perigoso. Escuro e misterioso. Algo nele a fazia querer arrastar-se dentro dele e ficar ali por sempre.

Louco, Não?

Não se podia negar o que o fazia. O que sentia cada vez que



pensava nele. A forma em que queria lhe gritar que detivesse a moto assim podia lhe arrancar a jaqueta e lamber cada centímetro de sua tatuagem.

Cada centímetro de seu corpo poderoso e masculino.

OH, como desejava a este homem.

—Estás bem?

Esticou-se ante o som da voz do Talon, com profundo acento, em seus ouvidos.

—Ouça, seu capacete têm microfones.

—Sim, já sei. Mas está bem?

Ela sorriu ante sua preocupação.

—Estou bem.

—Tem certeza? Saltou faz um segundo como se algo te alarmasse.

—Não, de verdade. Estou bem.

Talon não estava tão seguro e no momento desejava que um de seus poderes de Caçador Escuro incluísse ler o pensamento. Infelizmente, seus poderes estavam destinados a comandar os elementos, cicatrização, projeção, e telecinesia. Estava mais capacitado para defender-se ele e a outros, por isso, a diferença do Zarek, nunca tinha que preocupar-se com policiais ou alguém mais vendo matar violentamente a um Daimon.

Podia convocar aos elementos para defender-se da vista das pessoas ou confundi-los. Se fosse necessário, inclusive podia projetar novos pensamentos em alguém para alterar suas percepções da realidade.

Mas preferia não fazer isso. A mente humana era frágil e tais métodos, soube-se, estavam acostumados a deixar danos.

Com seus poderes ocultos vinha uma grande quantidade de responsabilidade. Acheron lhe tinha ensinado isso.

Tendo sido abusado quando menino por esses que tinham mais força e poder que ele, Talon não desejava vitimizar a alguém mais. Não havia nada que quisesse ou necessitasse tanto como para perturbar a alguém para o ter.

Não falaram outra vez até que alcançou sua garagem, ao final



de uma estrada de terra longa e sinuosa. Não havia luzes aqui fora, nem pavimento. Nada mais que a fauna silvestre de Louisiana.

Sunshine franziu o cenho enquanto a luz dianteira iluminava uma estranha caixa de cartas no meio de um nada. Era uma caixa negra que parecia estar perfurada por dois pregos de prata. Um passava horizontalmente através da caixa, e o outro diagonalmente.

Ela se acovardou ante a vista da cabana em ruínas a que se aproximavam e esperou que essa choça não fosse supra casa. Parecia que ia desabar-se.

Se não fosse pela caixa limpa, não teria acreditado que alguém tivesse estado aqui fora em cem ou mais anos.

Talon deteve a moto e a manteve em posição vertical entre suas musculosas coxas. Tirou um pequeno controle remoto de seu bolso e o usou para abrir a porta dilapidada da choça. levantou-se lentamente.

Sunshine abriu a boca em tanto as luzes se prendiam e via o interior da "choça".

Não havia nada de baixo nível no interior do edifício. Era de alta tecnologia e cintilava, e estava cheio com uma fortuna de motos e um Viper negro lustroso.

OH Deus, ele era um traficante de drogas!

Seu estômago se atou de medo pelo que tinha feito. Ela nunca deveria ter vindo aqui com ele!

Estacionou a moto ao lado do carro, logo a ajudou a descer do assento.

—Um... Talon —perguntou, olhando sua coleção distinta do Harleys. —O que faz para ganhar a vida? Disse que é um estrangeiro ilegal, não?

Ele deu seu acostumado sorriso de lábios apertados enquanto colocava o capacete em uma prateleira que continha ao menos doze capacetes, que estava segura custavam um mínimo de uns mil dólares cada um.

—Sim, e para responder a sua primeira pergunta, sou economicamente independentemente.



—E chegou a isso como...?

—Nasci com isso.

Sunshine se sentiu um pouco melhor, mas ainda tinha que fazer a pergunta que mais a chateava.

—Assim não faz algo ilegal como vender drogas, Certo?

Outra vez, viu-se ofendido.

—Bom deus não, mulher. por que pensa isso?

Seus olhos se aumentaram, olhou ao redor, aos caros brinquedos de alta tecnologia.

—Não tenho idéia.

Ele pressionou um botão e fechou a porta principal, selando-os dentro.

Ela foi atrás dele enquanto se dirigia para a parte de atrás da garagem onde estavam atracadas dois catamarans muito lindos e caros. Tudo neste edifício era verdadeiramente o melhor em seu tipo.

—Se tiver todo este dinheiro, por que é um estrangeiro ilegal?

Talon suspirou. Podia lhe contar que estava dentro do pântano antes que a América fosse inclusive um país, e que não necessitava nenhuma lâmina de papel pestilenta para fazê-lo legal, mas era um Caçador Escuro e tinha proibido lhe contar algo sobre seu estilo de vida ou existência. Assim é que optou por uma desculpa fácil.

—Devo ir ao edifício de tribunais durante as horas do dia para completar a papelada. Já que não posso sair durante a luz do sol...

Olhou ceticamente.

—Tens a certeza que não é um vampiro?

—Não o era até o momento que te vi.

—Quer dizer... ?

Ele moveu até parar-se a seu lado pelo que ela teve que esticar o pescoço para olhá-lo. Sua mandíbula se flexionou enquanto cravava seu olhar nela em tanto seu corpo desejava ardentemente o seu de um modo desesperado.



—Significa que nada me gostaria mais que afundar meus dentes em sua pele e te devorar.

Ela mordeu o lábio inferior e o olhou travessamente.

—Mmm, eu gosto quando me fala assim.

Ela deu um passo para seus braços.

O corpo do Talon ardia enquanto baixava a cabeça para beijá-la.

Sunshine gemeu ao sentir seu sabor. Que havia neste homem que a atraía e a fazia querer engoli-lo avidamente?

Ele deu um passo para trás e ela fez um sinal de protesto.

—Melhor nos apressarmos —disse. —Amanhecerá dentro de pouco e ainda há um caminho até minha cabana.

—Sua cabana? É um pouco parecida com esta choça?

—Já verá — Se afastou dela para pôr-se a andar o catamaran.

Sunshine tomou assento e se atou com uma correia. Uma vez que esteve segura, deixaram a comodidade da garagem e se introduziram na estranha escuridão do pântano. O barulho do motor da máquina era tão alto, que lhe fez doer os ouvidos enquanto aceleravam para a cabana.

Estava tão escuro aqui fora que não podia ver nada claramente.

Como Talon podia ver para dirigir o bote? De um momento a outro, esperava que eles se levassem por frente uma árvore ou um tronco.

E mesmo assim Talon manobrava sem esforço algum, sem vacilar ou baixar a velocidade.

depois de alguns minutos, seus olhos se ajustaram à escuridão e pôde ver contornos e o gás do pântano. Em sua maior parte, via névoa e umas quantas coisas que se pareciam vagamente a animais caindo na água. Talvez seria melhor que estivesse cega depois de tudo. Por fim, alcançaram uma pequena cabana isolada, localizada muito profundamente no pântano. Solitária. Isolada. Liqueus penduravam do alto do alpendre e a madeira do lugar estava clareada a um cinza débil que sobressaía na escuridão da



noite.

Talon estacionou o catamaran ao lado de um píer pequeno e saiu para ajudá-la a baixar ao píer. E enquanto o seguia pela tábuas estreitas, para o alpendre escuro, deu-se conta que havia dois crocodilos frente da porta.

Ela gritou.

—Shh —disse Talon com uma risada. —Não há nada que temer.

Para seu assombro extremo, inclinou-se e aplaudiu amigavelmente ao maior na cabeça.

—Olá Beth, como está esta noite?

O crocodilo estalou a mandíbula e riu como se tivesse entendido a pergunta.

—Sei, garota. Sinto muito, esqueci-me.

—Quem é? Dr. Dolittle?

Riu outra vez.

—Não. Encontrei a estes dois quando eram pequenos, recém-nascidos e os acredite: Somos família. Conheço-os há tanto tempo que quase posso ler suas mentes.

Bom, ela também tinha répteis em sua árvore genealógica. Só que os dela caminhavam sobre duas pernas.

O maior se aproximou dela e a esquadrinhou como se fosse o dia especial de Café do Crocodilo.

—Não acredito que goste.

—Seja simpática, Beth —disse Talon.

O crocodilo meneou sua cauda, logo perambulou fora do alpendre, introduzindo-se na água do pântano. O outro a olhou, moveu suas mandíbulas, e logo se uniu a sua amiga.

Talon abriu a porta para sua cabana e acendeu um abajur escuro do escritório. Sunshine deu um passo dentro com vacilação, meio assustada de que ele tivesse as mesmas habilidades que seu irmão para cuidar pra casa.

Ou que ali houvesse algo pior que os lagartos. Algo assim como uma monstruosa sucuri a que ele tinha a intenção de alimentar.



Ela vacilou no portal.

O lugar era maior por dentro do que parecia do exterior, mas era basicamente só um quarto.

Havia uma quitinete a sua esquerda e uma porta a sua direita que presumiu ser o banheiro.

Tinha três mesas grandes com computadores e outras equipes eletrônicas. E havia um sofá negro grande, no chão, na parte posterior da cabana.

Estava agradecida que tudo estivesse limpo e higiênico. Que tão assombrosamente refrescante era saber que todos os homens não eram como os porcos de seus irmãos.

—Interessante lugar tem aqui, Talon. Tenho que dizer que amo as paredes negras sem nada.

Ele suspirou ante seu tom.

—Isso vem de parte da mulher que vive dentro de uma nuvem rosa?

—Verdade, mas aqui tudo é tão escuro. Não fica deprimente?

Ele encolheu os ombros.

—Realmente, não. Não penso muito nisso.

—Não quero ser grosseira, mas me parece que faz bastante.

—Fazer o que?

—Não pensar nas coisas. É um desses tipos que simplesmente existem, não? Nenhum pensamento sobre o passado ou o amanhã. Só o que planeja fazer na seguinte hora ou pouco mais ou menos.

Talon deixou cair suas chaves sobre a mesa ao lado de seu computador principal. Ela era muito ardilosa. Um dos ossos do ofício da imortalidade era o fato que não estava realmente orientado para uma meta. Em seu mundo só existia levantar-se, rastrear e matar Daimons, e logo retornar pra casa.

Um Caçador Escuro nunca pensava no futuro. ia vir independentemente.

Por isso respeitava ao passado...

Não havia necessidade de ir ali. Isso bastaria para tirar lembranças que ele preferia não recordar.

Olhou o brilho apaixonado em seus olhos café escuro. Ela



tinha um amor à vida que resplandecia e o cativava. Como seria viver desse modo outra vez? Olhar realmente para o futuro e planejá-lo?

—Provavelmente pensa no futuro todo o tempo —disse ele quedamente.

—É obvio.

—E que vê em seu futuro?

tirou-se a mochila e a colocou ao lado do escritório.

—Depende. Algumas vezes sonho pendurando minha arte no Guggenheim ou o Met .

—Alguma vez sonhou tendo uma família?

—Todo mundo tem esses sonhos.

—Não, não todo mundo.

Ela franziu o cenho.

—Você realmente não?

Talon se calou enquanto recordava a cara de sua esposa e recordava as noites em que tinha ficado acordado enquanto ela dormia a seu lado, com sua mão em sua barriga a fim de poder sentir a seu filho movendo-se dentro dela.

Os sonhos que tinha tido.

Enquanto olhava nos olhos da Nynia, tinha visto o para sempre. Os tinha imaginado aos dois velhos e felizes rodeados por seus filhos e netos.

E com um ato emocional superexcitado, tinha amaldiçoado aos dois e tinha quebrado cada sonho que tinham compartilhado.

Cada esperança que tinham.

Sobressaltou-se enquanto a dor rasgava seu peito.

—Não —um sussurro conseguiu acontecer o nó em sua garganta —Não penso em ter uma família por nada.

Sunshine franziu o cenho ante a densidade que escutou em sua voz. Ele limpou a garganta.

Sua pergunta poderia havê-lo machucado?

Enquanto lhe mostrava onde colocar sua sacola e mochila, o telefone soou.

Talon o respondeu enquanto ela desempacotava alguns artigos



de primeira necessidade e os colocava na prateleira.

—Ouça Nick..., sim soube de Zarek — A olhou timidamente enquanto escutava. —Nah... homem. Eu... Não estou só neste momento, OK?

Afastou-se dela, mas até o podia ouvir tranquilamente. Estava atuando nervosamente e ela se perguntava por que.

—Falei com o Zarek mais cedo, e definitivamente tinha estado absorvendo esse úmido suco vermelho, antes que isso ocorresse. Não sei que lhe aconteceu, mas estava de um humor de cães — Fez uma pausa por vários minutos. —Sim, e escuta, tenho a uma mulher aqui, seu nome é Sunshine. Se ela te chamar por algo motivo, atende-a sem abrir sua boca... Sim, chamarei-te — Desligou o telefone.

—Quem é Nick? —perguntou ela.

—É meu assistente pessoal. Ele está na minha lista de nomes, assim se tiver algo que necessite, é só marca o quatro e soará seu telefone celular.

Ooo isso era perfeito.

—Sério? Tem um assistente pessoal?

—Incrível, não?

—Bom, tenho que dizer que é o primeiro motoqueiro que alguma vez encontrei que tem uma carteira de ações e um assistente — Ele riu.

—Então, o que é esse úmido suco vermelho? —perguntou ela. — Algum tipo de vinho?

Ele se incomodou.

—Um pouco parecido.

Ali estava ele outra vez com seus segredos. Uf! O homem precisava afrouxar um pouquinho. Ser mais crédulo.

Definitivamente teria que trabalhar nele.

Talon se dirigiu para a pequena cozinha.

—Não sei você, mas estou esfomeado. Normalmente não vou dormir até várias horas depois do amanhecer. Tem fome?

Olhou nas gavetas e tirou um par de caçarolas.

—Não, mas te posso fazer alguma coisa se quiser.



Ele levantou o olhar, seu rosto surpreendida por seu oferecimento.

—Obrigado. Isso seria agradável.

Ela tomou a caçarola de sua mão e a colocou na fôrnalha.

—Está de humor para comer...? — Ele lambeu os lábios enquanto seu olhar vagava por seu corpo, fazendo-a sentir quente instantaneamente. Necessitada. —Que tal uma nua Sunshine al dente coberta com creme batido e chocolate?.

Acomodou o cabelo de seu pescoço.

—Poderíamos pôr em cima uma cereja.

Ela riu.

—Isso poderia arrumar-se.

Sunshine gemeu enquanto ele baixava sua cabeça e mordiscava seu pescoço em tanto segurava seus peitos em suas mãos.

Seus peitos lhe formigaram e se incharam enquanto o desejo varria com tudo através dela, pondo-a instantaneamente molhada e palpitante por ele.

—É sempre assim insaciável? —perguntou.

—Só quando vejo algo que desejo —disse ele, movendo sua mão entre suas pernas. —E a ti é o que mais desejo.

Ela riu ante quão bem sentia a seus dedos acariciando-a através dos jeans.

Seu coração martelava, ela olhou para baixo para observar suas mãos enquanto lhe desabotoava os jeans. Seus compridos e precisos dedos baixaram o zíper, afastando os laterais até que sua calcinha branca apareceu. Ele acariciava sua orelha com sua língua, sua respiração quente contra sua pele, enquanto abaixava a mão sob o elástico e encontrava o centro de seu corpo.

Sunshine cambaleou ante a vista de sua mão ali, de seus dedos acariciando brandamente seus lábios inferiores. Sua pele bronzeada sobressaía contra o branco da calcinha enquanto deslizava seus dedos dentro dela.

Gemendo, esfregou-se a si mesma contra ele, precisando lhe sentir profundamente em seu interior outra vez.



Ele grunhiu como uma besta feroz antes de ajoelhar-se atrás dela e lhe baixar a roupa para liberá-la do jeans e da calcinha.

Em seu desejo, Sunshine lhe permitiu lhe tirar os sapatos e jeans.

Ele estava de joelhos e ainda completamente vestido enquanto a dava volta para ficar de frente e lhe cravar os olhos no triângulo escuro entre suas pernas.

Seu olhar de obsidiana encontrou o dela e viu o fogo dentro dele.

—Te abra para mim, Sunshine. Quero que me convide a entrar.

Ela se ruborizou ante o que lhe pedia. Nunca em sua vida tinha feito algo como isso e mesmo assim queria agradá-lo.

Tragando-se suas inibições, afastou suas pernas e se abriu seus lábios inferiores para ele.

—Sou toda tua.

Era como uma besta selvagem e faminta enquanto enterrava a cara entre suas pernas e tomava-a em sua boca.

Sunshine soluçou de prazer. Foi para trás e se apoiou contra a mesa. Sua língua formava redemoinhos, logo a chupava e mordiscava brandamente. Ela enterrou as mãos em seu cabelo sedoso, ardendo apaixonadamente ante seu toque.

Seus mamilos estavam tão duros que doíam.

—OH sim, Talon, sim —murmurou, pressionando mais perto dela.

Talon grunhiu profundamente enquanto a saboreava. Seu perfume feminino invadia sua cabeça tanto quanto suas mãos em seu cabelo.

Passou sua língua sobre o duro de seus clitóris, provando e saboreando à mulher frente a ele. Tinha passado bastante tempo desde que qualquer outra ou algo lhe tivesse dado tanto prazer.

Agradá-lo era o que ela fazia.

Sua paixão, sua criatividade, suas raridades. Todo isso era um ímã que o provocava contra sua vontade.

Lambeu-a e brincou com ela. Saboreando-a. Deixou que seus



murmúrios de prazer se convertessem nos dele, e quando ela gritou, chamando por seu nome, jurou que viu estrelas.

A respiração de Sunshine entrou em curto-circuito, ficando sem fôlego enquanto olhava para baixo para ver o Talon levantar do chão. levantou-se sobre ela, seus olhos escuros, seu rosto ainda faminto.

—O que há em ti que não posso resistir? —perguntou ele. — Cada vez que me aproximo, tudo no que posso pensar é em te saborear.

Ela conduziu sua mão para sua virilha onde o sentiu duro e palpitante por ela.

—Não sei —disse com voz áspera enquanto abaixava a mão debaixo de seu cinto e arrastava os dedos através de seus curtos e crespos cabelos, até envolvê-los ao redor de sua virilidade inchada. Ele exalou abruptamente.

—Mas sinto o mesmo que você —disse ela, afundando sua mão mais abaixo, procurando seu testículo.

Ele fechou seus olhos, sua mandíbula flexionando-se, enquanto lhe acariciava. Ela sabia que lhe dava prazer mas mesmo assim atuava como se seu toque o fizesse sofrer.

Ela se sentia estranhamente vulnerável parada ali com seu corpo inferior nu, apesar de ainda ter vestido seu suéter. Talon ainda estava totalmente vestido.

Era erótico e desconcertante.

Como sentindo seus pensamentos, Talon lhe tirou o resto das roupas. Agora, estava completamente nua.

Ele não.

Passou suas mãos sobre ela, magistralmente, meigamente.

—Me diga suas fantasias, Sunshine. me diga o que sonha, tarde da noite quando jaz deitada sozinha na cama.

Nunca em sua vida tinha compartilhado tal intimidade e antes de precaver-se do que fazia, encontrou-se confiando nele.

—Sonho com um bonito estranho aproximando-se.

Ele deu voltas atrás dela.

—E?



—Esta escuro e sufocante. Imagino parado atrás de mim e me atraindo contra ele. Sentindo tomar por trás, enquanto não o posso ver de tudo, só o posso sentir.

Talon se afastou dela e apagou a luz.

Sunshine tremeu na escuridão.

—Talon?

—Shh —sua profunda voz com acento parecia absorvê-la.

Logo sentiu suas mãos sobre ela. Completamente cega, ela era toda sensação enquanto atraía suas costas a seu peito e se dava conta de que se tirou a jaqueta e camisa. Ele passou as mãos sobre seus peitos, csegurand-os enquanto mordiscava a parte de atrás de seu pescoço.

Tinha tido esta fantasia por anos, mas nunca a tinha feito realidade. Nunca tinha visto a cara do homem de seu sonho. Esta noite, visualizou a de Talon. Imaginou como se veriam suas mãos em tanto ele reatava as carícias entre suas pernas.

Ouviu baixar o zíper de suas calças. O calor de seu corpo esquentava o seu enquanto lhe murmurava ao ouvido em uma linguagem que não entendia. Aprofundou sua voz, fazendo-a mais sedutora.

Erótica.

Logo, estava dentro dela, ardente e duro. Ela gemeu, arqueando suas costas, enquanto ele se afundava profundamente uma e outra vez.

Enterrou as mãos em seu cabelo enquanto lhe mordiscava os ombros. O pescoço.

Seu contato era ardente, abrasador.

Inclinou-a para frente.

Sunshine boquejou enquanto a penetrava até mais profundo que antes. Empurrava-se contra ela, martelando prazer em seu corpo com tal intensidade que se encontrou gemendo e ficando sem fôlego ao compasso de seus movimentos.

Talon apertou os dentes o tanto que sentia o corpo dela agarrando firmemente o dele. Estava tão molhada e quente, tão sedosa. Ficava louco mas quando estava dentro dela, quase podia



sentir sua alma perdida.

—Vem pra mim, Sunshine —murmurou em gaélico, logo recordou que não o podia entender assim o traduziu.

—Talon —sua voz era uma mescla de dor e prazer. De necessidade quente e exigente. Estava a beira do clímax.

Tratando de ajudá-la a alcançá-lo, baixou a mão a seus clitóris e a acariciou ao compasso de seus impulsos.

Ela gritou quase imediatamente enquanto gozava em seus braços. Talon rapidamente se uniu a ela nesse maravilhoso prazer.

Ambos estavam suados e ofegantes, enquanto empurrava para trás seu corpo nu contra ele. Ele riu em seu ouvido, agradecido que por uma vez não tinha que esconder suas presas enquanto sorria.

na escuridão, não o podia ver.

Mas a podia ver completamente. Suas negras tranças longas, penduravam apanhadas entre suas costas e seu peito. O perfume deles pendia espesso no ar e ela estava molhada e quente contra ele.

Levou-a até uma cadeira e sentou com ela em seu colo. Ambos ainda estavam ofegantes e sem forças.

Apoiou-se contra ele, logo levantou seu braço ao redor de seu pescoço para lhe manter perto. Ele passou sua língua sobre sua bochecha, mordendo-a meigamente.

Sunshine nunca antes tinha se sentido desta forma com um homem.

Certo, ela tinha tido relações sexuais e seu ex-marido tinha sido um sapo brincalhão, mas ela nunca tinha desejado a alguém da forma que desejava ao Talon.

Seu corpo estava tão quente e duro baixo ela, tão masculino, que não tinha desejos de mover-se de seu colo.

Ela suspirou com satisfação.

—Talon, faz isto com cada mulher que conhece?

—Não —murmurou em sua orelha. —Não o faço, e nunca trouxe uma mulher a minha cabana antes. És definitivamente um caso especial.



—Está seguro?

—Sim. E você? vai pra casa com cada tipo que conhece?

Ela se reclinou, desejando poder lhe ver a cara.

—Não, juro! És um caso especial também.

Ele a beijou delicadamente.

Ficaram dessa forma por um comprido tempo, simplesmente sustentando-se entre eles, perdidos na tranqüila calma do amanhecer.

Sunshine não estava segura do que sentia por Talon. Havia uma parte dela que queria sustentá-lo assim para sempre e outra parte lhe dizia que ela era uma idiota por pensar algo a respeito de um tipo que mal conhecia.

Sim, via-se genial com calças de couro e podia balançar cada pedaço de seu corpo, mas ao final do dia se incomodaria em estar perto, ou seria como os outros tipos que tinha conhecido? Egoísta. Possessivo.

Crítico.

Não sabia com segurança.

Não estava segura se queria esperar e inteirar-se.

Sunshine bocejou. Tinha sido uma noite longa, estava esgotada emocionalmente e fisicamente.

Agora tudo o que queria fazer era abraçar-se a esse quente corpo masculino e dormir.

Talon se sentiu repentinamente comprometido. Trazê-la aqui tinha parecido uma boa idéia no momento, mas agora que o pensava realmente, deitar-se com ela e dormir...

Era uma intimidade que não tinha experimentado desde a morte de sua esposa. Tinha havido muitíssimas vezes que tinha tido relações sexuais com mulheres e logo ficaram dormindo por pouco tempo, mas isto era inteiramente diferente.

Eles realmente tinham ficado o dia juntos. Dormindo. Seus corpos tocando-se...

Ela bocejou outra vez.

—Voltarei em seguida.

Acendendo a luz para ela, Talon não disse nada enquanto



agarrava uma camiseta de sua sacola e se dirigia ao banheiro.

Embora tivesse ido, escutava-a no outro quarto. Podia ouvir a água correndo enquanto lavava a cara e escovava os dentes.

Sentia-se tão estranho.

As lembranças passaram à deriva através de sua cabeça. Lembranças de uma vida que tinha esquecido de propósito.

Lembranças de um homem que tinha enterrado.

Recordou incontáveis noites quando se deitou na cama esperando a sua esposa enquanto se preparava para dormir. Noites que a tinha observado escovar seu cabelo à luz do fogo, até fazê-lo brilhar e logo trançá-lo antes de reunir-se com ele.

Noites de escutá-la cantarolar enquanto costurava em frente ao fogo...

Olhou para o penteadeira aonde Sunshine tinha colocado uma pequena leva cosméticos, uma escova de cabelo rosa, e um frasco pequeno que provavelmente continha seu perfume de patchouli.

Cravou os olhos nos artigos delicados que se viam tão desconjurado entre seus pertences. Artigos que eram femininos e estranhos, e isso retorceu seu estômago.

Como sentia saudades compartilhar sua vida com alguém. Ter a alguém a quem cuidar, alguém que cuidasse dele.

Era algo que não tinha pensado a bastante tempo. Algo que não se atreveu a pensar.

Agora que pensava nisso, tinha que admitir que a vida como Caçador Escuro tinha momentos de profunda solidão.

Sunshine saiu com seu cabelo negro ainda trançado e suas pernas entrevedendo-se por debaixo da barra da camisa. O sorriso de seu rosto se arrastou a seu coração de guerreiro.

Tempos atrás, tinha esperado com ilusão, batalhar com a segurança de que se sobrevivia, então retornaria ao quente abraço amorosos. Ao consolo de um amigo.

Como um Caçador Escuro o melhor que podia esperar depois de uma batalha era acomodar-se frente ao computador ou ao telefone e compartilhar a briga com alguém que vivia a centenas, se não milhares de quilômetros de distância.



Isso nunca o tinha incomodado antes.

Esta noite por alguma razão, incomodava.

—Está bem? —perguntou-lhe ela.

Ele assentiu.

Sunshine não estava muito segura de sua resposta. Seu rosto tinha uma aparência obcecada.

—Mudou de opinião a respeito de que eu fique?

—Não —disse ele rapidamente. —Só foi uma longa noite.

Ela inclinou a cabeça assentindo.

—Não me diga.

Subiu à cama e esticou o cobertor negro sobre seu corpo, logo apagou o abajur ao lado da cama.

Talon se voltou para olhá-la. Ela estava de costas, olhando à parede. Sua cabeça parecia pequena em seu travesseiro enorme e se via tão diminuta e feminina contra a escuridão de sua cama.

Sobre tudo, via-se deliciosa.

Deitou-se a seu lado. antes de poder evitá-lo, empurrou-a entre seus braços, colocando-se em forma de colher atrás dela.

—Mmm —murmurou ela, sonolenta. —Realmente me agrada quando faz isso.

A dor o atravessou enquanto fechava os olhos e inalava seu perfume único. Ela se sentia tão incrivelmente bem em seus braços.

Não! sua mente disse a gritos. Não podia fazê-lo. Não podia permitir-se sentir por ela deste modo.

Nunca poderia haver algo entre eles. Amanhã teria que a deixar voltar para sua vida enquanto ele retornava à sua.

Assim deviam ser as coisas.

Beijando o dorso de sua cabeça, suspirou e forçou a si mesmo a dormir, nunca a poderia ter; ela nunca poderia ser mais que um capricho passageiro para ele.

Nunca.

Sunshine ficou ali por um tempo escutando Talon respirar. Não havia palavras para explicar exatamente o que sentia ao estar deitada ao lado deste homem. Era como se completassem. Como



se devessem estar juntos.

Por que era isso?

Não estava segura de quanto tempo ficou ali antes que o sono a alcançasse, mas quando finalmente dormiu, encontrou-se tendo um sonho muito estranho...

Via Talon como um jovem, provavelmente não mais de vinte anos. Seu cabelo loiro dourado estava trançado a suas costas enquanto as duas tranças finas, mais curtas penduravam de sua têmpora esquerda. Seu rosto juvenil estava coberto por uma grossa barba escura, mas ainda o reconhecia.

Reconhecendo como um jovem que significava o mundo inteiro para ela.

Sustentava-se em cima dela, seu corpo duro, masculino e nu pressionava contra o dela enquanto se deslizava dentro e fora com tal ternura que fazia que seu coração voasse e doesse ao mesmo tempo.

—OH, preciosa Nyn —sussurrou ele a seu ouvido. introduziu-se mais profundo e duro nela, acentuando cada palavra que lhe dizia. —Como te posso deixar?

Ela pegou seu rosto entre as mãos e o beijou, logo o fez retroceder a fim de poder lhe ver os olhos âmbar enquanto desmostrava seu amor.

—Não tem alternativa, Speirr. brigaste muito duro e sofreu com excesso para ser herdeiro, não para fazer isto. Isto assegurará que o clã te nomeie como seu rei quando seu tio morrer.

Ela viu a angústia em seus olhos e sentiu seu corpo ficar rígido ao redor do dela.

—Sei — Se amavam tanto. Sempre o fizeram. Desde dia que ela tinha seis anos de idade, e ele oito, e ele nobremente a tinha salvado da surra de um gaulês.

Ele tinha sido o herói de seu coração

Tinham crescido separados e ainda assim, nunca tinham se separado.

Sendo meninos, tinham sabido que sua amizade seria detida



ou ridicularizada, e Speirr tinha sofrido muitas brincadeiras, para durar dez mil vidas.

Ela nunca o machucaria.

Assim é que nunca Lhe tinham contado a ninguém as vezes em que se escapuliam de suas famílias e obrigações para estar juntos.

Por anos seus encontros tinham sido inocentes. Encontrando-se para jogar ou pescar. Algumas vezes para nadar, ou compartilhar as angústias que sentiam.

Tinha sido durante o último ano que se atreveram a tocar os corpos um do outro.

Ela era a filha de um vendedor peixes. Mesmo assim, Speirr nunca a tinha tratado como o faziam outros. Nunca mencionou que ela cheirasse a peixe ou que vestia roupas esfarrapadas e manchadas.

Tinha-a respeitado e tinha entesourado sua amizade tanto como ela entesourou a dele.

Lhe tinha dado sua virgindade gostosamente, sabendo que nunca poderia haver algo entre eles. Sabendo que chegaria o dia que ele teria que casar-se com outra.

E embora rompesse seu coração, sabia que não tinha outra opção de deixá-lo ir agora. Ele precisava casar-se com outra para herdar o trono que sua mãe Lhe tinha deixado. Para provar a todos que era nobre tanto de sangue como de espírito.

—Será um bom marido, Speirr. Ela tem sorte por te ter.

—Não —disse ele, mantendo-a mais apertada. —Não quero pensar em ninguém mais enquanto estou contigo. Só me abraça, Nyn. Me deixe fingir por um momento que não sou o filho de minha mãe. Me deixe fingir que só somos você e eu no mundo e ninguém nem nada poderá nos separar alguma vez.

Ela fechou com força os olhos enquanto a dor a invadia.

Agora ela desejava que fosse certo.

Foi para trás para olhá-la. Segurou seu rosto meigamente.

—É o único calor em meu coração. O único brilho de sol que meu inverno alguma vez conheceu.

OH, como o amava quando era assim. Quando ele, o atrevido e



bravo príncipe guerreiro, atrevia-se a ser o trovador que vivia em seu coração. Só ela conhecia este lado dele. Só ela sabia que ele tinha o talento de um poeta.

Para o resto do mundo sempre devia ser feroz e forte. Um iluminado de habilidades e perícias indisputáveis. Mas era seu coração de poeta o que ela amava mais.

—E você é meu lorde—sussurrou ela. —E se não te parte e te encontra com seu tio agora, então ele te aniquilará — Ele amaldiçoou enquanto se separava dela. Ela o observou se vestir e o ajudou a colocar a armadura. Era um príncipe. Não só em título, mas também em julgamento e forma. Nunca tinha havido um homem mais nobre.

Depois de que ela estivesse vestida, empurrou-a entre seus braços e lhe deu um último beijo abrasador.

—Encontra-me esta noite?

Ela afastou o olhar.

—Se o desejar, Speirr. Farei tudo que queira, mas não acredito que seja justo para sua nova esposa que nos encontremos a noite de suas bodas.

Ele se sobressaltou como se lhe tivesse esbofetado.

—Tem razão, Nyn. O mais importante de tudo, não seria justo para ti.

Sunshine gemeu enquanto se sentia a si mesmo sair da Nynia e mover-se para o Speirr.

Ainda estavam no lago, agora era a ele a quem ela sentia. Suas emoções. Foi através de seus olhos que ela as viu. Speirr tinha o coração destroçado enquanto olhava a Nynia dar um passo para trás de seu abraço. A dor dentro dele era tão intensa que temia que o incapacitasse.

Estendeu a mão para ela, sabendo que ela se fora. Tinha-a perdido.

Perdido para sempre. Igual se passou com sua mãe. Igual a suas irmãs e pai. Deuses, era tão injusto. Mas então, a vida nunca era justa. Especialmente para um homem que tinha obrigações e responsabilidades. Um homem que tinha que forçar o respeito para



ele e sua irmã com a ponta de sua espada.

Sua vida nunca tinha sido dela.

Voltando as costas a ela, montou seu cavalo e cavalcou para encontrar a sua tia e tio a fim de que pudessem finalizar o matrimônio entre seu clã e a tribo galesa que limitava com eles pelo norte.

Este matrimônio finalmente silenciaria os falatórios e fatalidades que alguns que queriam nomear a outro como herdeiro.

Sunshine se moveu agitado em seu sonho enquanto mudava para outro. Viu o Talon mais tarde esse dia, parado adiante de uma bela mulher no início dos trinta e um homem com uns poucos anos mais. A mulher tinha o mesmo cabelo loiro do Talon e olhos azuis, enquanto o homem tinha cabelos e olhos negros.

Estavam parados no meio de um velho vestíbulo de madeira. O quarto estava lotado de gente, que eram desconhecidos a eles três. Todo mundo estava vestido com finos tartans e levavam jóias de ouro.

O tio do Speirr estava vestido com uma armadura negra de couro e sua tia levava uma armadura de ouro com uma saia longa xadrez.

Para a gente que estava ali, Talon se via forte e orgulhoso. Feroz e principesco.

Os murmúrios das vozes dos gaulêses ecoavam no quarto enquanto contavam histórias de sua perícia em combate, comentavam que ele era o guerreiro favorito de Morrigan.

Dizia-se que a deusa caminhava a seu lado na batalha e desafiava a qualquer um a arruinar sua beleza ou desafiar sua espada.

O que ninguém sabia era que Speirr estava preparado para fugir enquanto esperava a sua namorada.

—Juro, moço, está tão assustado como um potro — Sussurrou sua tia com uma risada.

—Você também o estava, Ora, —seu tio o fazia brincadeiras. —Lembre que seu pai ameaçou te amarrar ao meu lado se não deixasse de te mover inquietamente enquanto nossos pais nos



vinculavam.

—Sim, mas era muito mais jovem que ele.

Sua tia colocou uma mão reconfortante em seu ombro. Speirr aspirou profundamente enquanto uma jovem era levada frente dele.

—Minha filha Deirdie —disse o Rei Llewd.

Ela era bela. Foi o primeiro que Speirr pensou. Com o cabelo mais dourado que alguma vez tivesse visto e olhos azuis que eram amáveis e gentis.

Mas ela não era comparável a sua Nynia. Nenhuma outra mulher alguma vez poderia comparar-se a ela.

Speirr deu um passo atrás instintivamente. Seu tio o empurrou para frente.

Deirdre sorriu placidamente. Seus olhos quentes aceitando. Ele deu um passo atrás outra vez.

Esta vez, sua tia lhe deu uma cotovelada para a namorada.

—O que tem que lhe dizer, moço?

—Eu... — Speirr sabia as palavras que os uniriam. Tinha-as ensaiado incessantemente. Mas agora estavam alojadas em sua garganta. Não podia respirar.

Deu um passo atrás outra vez, e outra vez sua tia e tio lhe fizeram avançar, para ela e um destino que parecia repentinamente pouco promissor. Frio.

—Speirr —disse seu tio com uma nota de advertência na voz. —Diga as palavras.

Faz, ou perderá tudo. Faz, e perderei o único importante. Em sua mente, viu a dor nos olhos da Nynia. Viu as lágrimas que ela tinha tratado de esconder.

Speirr apertou os dentes, flexionando sua mandíbula com determinação.

—Não farei isto — Passou rapidamente e deixou o vestíbulo, ouvindo os murmúrios chocados enquanto se dirigia à porta afora do povo.

Uns segundos mais tarde, seus tios saíram rapidamente atrás dele. Estava a meio caminho de seu cavalo quando seu tio o pegou



por braço rudemente para detê-lo.

—O que está mal contigo? —demandou.

—Speirr? —sua tia disse em um tom mais terno. —O que acontece? —olhou um e a outro, enquanto procurava as palavras que obtivessem que eles entendessem o que havia em seu coração.

—Não me casarei com ela.

—OH sim, fará —disse seu tio severamente. Seus olhos escuros estalavam fogo. —Agora caminha de volta e termina com isto.

—Não —disse tercamente. —Não me casarei com ela enquanto amo a alguém mais.

—A quem? —perguntaram ao uníssonos.

—Nynia.

Intercambiaram um cenho franzido.

—Quem raios é Nynia? —perguntou seu tio.

—A filha do vendedor de peixe? —perguntou sua tia.

As duas perguntas se equilibraram sobre ele imediatamente. Até que a mente de seu tio registrou o comentário de sua tia.

—A filha do vendedor de peixe? —repetiu.

Seu tio se moveu para lhe golpear o dorso da cabeça, mas Speirr apanhou sua mão e o olhou fixamente. Os dias de ser golpeado por seu tio tinham terminado.

—Está louco? —demandou seu tio, torcendo o braço para liberá-lo. —Como a conheceu?

Speirr se esticou, esperando a condenação de seu tio. Sem dúvida finalmente o expulsariam de seu clã, tal como fizeram com sua mãe.

Nada tinha importância.

Nynia era a única pessoa que alguma vez realmente o tinha aceito.

Não lhe falharia casando-se com alguém mais enquanto ela tinha que retornar ao sofrimento de sua vida.

Recusava-se a ficar velho sem ela.

—Sei que não me entenderá e sei que deveria ir e me casar com a filha do galés, mas não posso. —Olhou a sua tia, esperando



que alguém entendesse sua difícil situação. —Amo a Nynia. Não quero viver sem ela.

—É jovem e tolo —disse seu tio. —Assim como sua mãe, deixa que seu coração te governe. Se insiste em fazer isto, então nunca poderá apagar a vergonha de sua mãe. Será visto como nada mais que o ridículo filho de uma puta. Agora retorna a esse salão e te case com o Deirdre. Agora!

—Não —disse firmemente.

—Me ajude, Speirr, não faz isto e te verá banido por isso.

—Então me expulse.

—Não —sua tia disse, intrometendo-se na discussão.

Ela tinha a aparência distante, longínqua que tinha cada vez que olhava através do mundo natural para um nível mais elevado.

—Os deuses trabalharam aqui, Idiag. Olhe em seus olhos. Nynia é sua companheira de alma. Eles estão destinados a estar juntos.

Seu tio amaldiçoou.

—Esta teria sido uma grandiosa aliança para nosso clã — resmungou amargamente. —Teria assegurado a paz entre nossos povos e teria garantido que ninguém discutisse Speirr como meu herdeiro. Mas não discutirei com a vontade dos deuses.

Aplaudiu ao Speirr no braço.

—Vá, Speirr. Reclama a sua Nynia enquanto resgato o que possa desta reunião e trato esperançosamente de evitar uma guerra.

Speirr piscou com incredulidade. Era a primeira vez em sua vida que seu tio tinha sido amável ou compassivo com ele.

—Diz seriamente?

Ele entrecerrou seus olhos.

—Moço, melhor ir antes que o sentido comum retorne para mim.

Speirr gritou enquanto corria para seu cavalo. Logo voltou correndo e abraçou a sua tia, logo a seu tio.

—Obrigado. Grato a ambos.

Mal saiu, correu para seu cavalo e saltou em cima dele.



Colocou seus pés em seus lados e se dirigiu para suas terras.

Speirr derramou lágrimas através do bosque em uma louca carreira. Seu garanhão negro voou através da erva-daninha emaranhada, chutando sujeira a seu passo. A luz do sol se filtrava através das árvores, salpicando sua armadura enquanto urgia ao cavalo a ir mais rápido.

Tinha que alcançar a sua Nynia...

Nynia suspirou enquanto sua mãe lhe estendia uma velha cesta andrajosa que tinha dez peixes repugnantemente mal cheirosos.

—Devo entregá-los? —perguntou a sua mãe, sua voz rogando por compaixão.

—Seu irmão saiu a um pedido e eles o querem. Agora vá, menina. Não suportarei mais discussões de sua parte.

Nynia apertou os dentes enquanto tomava a cesta, como odiava isto. Mas bem preferiria receber golpes antes que viajar à casa do ferreiro onde Eala sem dúvida estaria esperando para receber a entrega. De sua mesma idade, Eala, era a filha do ferreiro mas atuava como se descendesse de uma linha tão nobre como Speirr.

A garota se deleitava em humilhá-la.

E hoje, Nynia não estava de humor para isso. Não enquanto seu coração estava tão machucado por sua perda.

A esta hora seu Speirr estaria casado com outra. Tinha perdido para sempre.

Piscando para conter as lágrimas, deixou a diminuta cabana que compartilhava com sua mãe, pai, e irmão, e se dirigiu para o lado mais bonito do povo onde o resto das pessoas residiam, contra o vento do vendedor de peixe, do curtidor, e do açougueiro.

—OH, Speirr —murmurou enquanto enxugava as lágrimas. Como podia passar um só dia sem ele? Toda sua vida tinha sido para vê-la através do sofrimento de seu trabalho. Sempre tinha esperado com ilusão seus encontros. Esperando com ânsias compartilhar uma risada e a diversão com ele ao lado do lago.

Agora esses dias se foram para sempre.



Quando retornasse, seria com uma nova esposa.

Um dia, sua rainha levaria a seus filhos.

A dor a atacou ainda mais. Nynia atravessou sem rumo o povo, seus pensamentos no único homem que alguma vez amaria e no fato que nunca teria a seus filhos. Nunca poderia abraçá-lo outra vez.

Aproximou-se da casa do ferreiro e viu que Eala não estava sozinha. Estava parada com um grupinho de amigos, conversando. Reconheceu os três moços, e as garotas tivessem sido suas amigas também, se ela, como tão freqüentemente lhe recordavam, não cheirasse a peixe.

—OH que incômodo—disse Eala enojada — É a peixeira com seu fétido fedor. Rápido, todos, retenham o ar ou ficarão azuis.

Nynia levantou seu queixo. Não a podiam ferir com suas palavras. Não! Hoje ela estava o suficientemente ferida.

Empurrou a cesta às mãos da Eala.

—Ah! —gritou Eala —Que vil é, Nynia! —gritou, deixando cair a cesta com um forte ruído e afastando-se dela. —Nenhum homem querará alguma vez a uma mulher cheirosa. Queria-a, Dearg?

Dearg posou um olho especulativo na Nynia.

—Não sei. depois de que a vimos lhe dando ao Speirr o outro dia, estaria disposto a tampar o nariz.

Com a cara em chamas, Nynia estava horrorizada de que alguém tivesse observando ela e Speirr enquanto faziam o amor no bosque.

—O que diz você, Aberth? —Dearg perguntou a outro arrumado jovem.

—Sim. Ela estaria bem para uma ou duas vezes, especialmente já que pode embainhar uma espada forte, mas pode te casar com ela se for como Speirr e sua imundície permanente, isso é com você. Eu não o faria.

Suas perversas risadas soavam em seus ouvidos.

Nynia humilhada e envergonhada, tinha começado a afastar-se deles quando percebeu o som de um cavalo aproximando-se em uma carreira de morte.

Todo mundo no povo ficou calado ante o som. Era óbvio que o



cavaleiro tinha uma pressa horrenda. Sua voz grossa e profunda podia ouvir-se urgindo ao cavalo a adiantar-se para o povo.

No mesmo momento em que Speirr saía voando do bosque, as pessoas se separaram de seu caminho.

Nynia não podia mover-se enquanto o olhava.

Ele tinha sua cabeça inclinada para baixo, e ambos, ele e o cavalo, estavam cobertos de suor. Unidos em poder, beleza, e forma, ambos eram uma vista feroz e lhe atemorizavam só de olhar.

Voavam como se os demônios do Annwn estivessem queimando seus pés.

Esperou que passasse, continuando seu caminho para supra casa.

Ele não o fez.

Em lugar disso, Speirr reprimiu seu cavalo abruptamente ante ela, a besta feroz se levantou em duas patas e deu coices no ar.

Saltou da sela e a levantou rapidamente em seus braços.

Seu coração pulsando com alegria, mas ela estava assustada disto. Assustada do que sua aparência desarrumada aqui significava.

—Meu Senhor? —perguntou com vacilação, usando o tratamento apropriado para um príncipe, sabendo que com tantas testemunhas, nunca poderia chamá-lo por seu nome de batismo. — O que é o que quer de mim?

Seus olhos âmbar estavam radiantes, brilhantes e cheios com seu coração enquanto cravava os olhos nela.

—Quero a ti, meu amor, —ele respirou. —Todos os dias para o resto de minha vida. Vim para me casar contigo, Nyn. Se você me quiser.

As lágrimas encheram seus olhos.

—Seu tio?

—Deseja-nos o melhor e te conhecerá quando retornar.

Suas mãos se estremeceram enquanto o abraçava fortemente.



—É minha, preciosa Nyn —murmurou ele. —Não quero a outra em minha vida.

—Até se cheirar a peixe?

Ele riu disso.

—E eu cheiro como um cavalo suarento. Somos um par perfeito, você e eu.

Só ele diria algo assim.

Lágrimas rodaram por suas bochechas enquanto o mantinha perto e chorava de felicidade.

Seu Speirr tinha retornado para ela e nunca o deixaria ir. Estavam destinados a estar juntos.

Para sempre...

Sunshine despertou com um sentimento de cálida serenidade, muito intensa em seu coração. Sentiu o peso do Talon atrás dela e sorriu com sonolência.

Realmente não recordava seu sonho além do fato que tinha sido sobre o Talon.

E a tinha confortado.

Comprovou seu relógio de pulso e viu que já era depois do meio-dia. Deveria estar trabalhando neste momento, vendendo seus artesanatos na praça.

Mas tinha poucas vontades de sair desta cama.

Dando-se volta, se aninhou contra o corpo do Talon.

Colocou sua cabeça em seu ombro e riscou a tatuagem de seu peito. Era tão quente e atraente.

—É bom te ter em casa, amor —murmurou essas palavras a ela em uma linguagem que só tinha ouvido uma vez antes, ontem à noite, quando tinham estado fazendo o amor, mas ela entendeu.

Levantou a cabeça e se precaveu que ele até dormia como uma pedra.

—Talon?

Não se moveu.

—Speirr? —tentou, perguntando-se como esse nome chegou a sua mente, mas em certa forma parecia bem que o chamasse assim.



Seus olhos se abriram rapidamente. Franzziu-lhe o cenho.

—Necessita algo? —Sunshine sacudiu a cabeça.

Ele fechou os olhos, deu a volta e retornou a dormir. OH, isto era muito estranho.

Por que sabia ela esse nome e por que ele respondia a ele?

Tinha sido parte de seu sonho?

Tratou de recordar, e por sua vida não pôde.

Enquanto ele jazia ali, de costas a ela, viu algo em sua imaginação. Era como uma lembrança vaga da infância.

Viu o Talon como um jovem adolescente, deitado em cima de uma mesa grande de pedra. Havia outras pedras monolíticas ao redor dele, formando algo que vagamente recordaram ao Stonehenge.

Talon jazia sobre seu estômago, seus braços sob sua cabeça, enquanto um homem alto, de cabelo escuro se inclinava sobre ele. As roupas negras do homem se ondularam enquanto golpeava Talon com um látego desfiado.

Talon a olhava diretamente a ela, seus olhos brilhando com lágrimas não derramadas enquanto sua mandíbula se mantinha firmemente fechada.

Me encontre mais tarde. Disse-lhe silenciosamente e ela assentiu.

Sunshine se tornou para trás, alarmada.

Seu sonho retornava a ela, engatinhou da cama e pegou o telefone celular do Talon, logo chamou a sua mãe. Deu um passo fora da porta da cabana a fim de que Talon não pudesse ouvir sua conversação.

—Sunshine? —perguntou sua mãe mal reconheceu a voz da Sunshine. —Onde está? Storm disse que desapareceu completamente ontem à noite, sem chamar.

—Sinto muito, mamãe. Conhece-me. Distraí-me e me esqueci de chamar. Ouça, preciso saber algo. Recorda faz uns anos atrás, quando você e a avó, fizeram essa coisa de regressão a vidas passadas em mim?

—Sim?



—Lembra que vocês me disseram que era uma celta antiga, Certo?

—Sim.

—Recorda algo mais específica que isso?

—Não, não realmente. Teria que chamar mamãe e ver se ela recordar. Conhecendo-a, acho que sim. por quê? Parece aterrorizada.

—Estou aterrorizada. Estou tendo uma cena retrospectiva extravagante. Não sei a quem mais chamar. É muito, muito estranho.

—Está com o Steve?

—Talon, mamãe, seu nome é Talon. E sim, estou.

—Pensa que o conheceu em uma vida passada?

Sunshine olhou a porta e tragou.

—Honestamente mamãe? Penso que estive casada com ele.

CAPÍTULO 7

Justo depois do pôr-do-sol, Acheron bateu na porta do Zarek. Tinha passado a maior parte do dia com a Artemisa, discutindo o que deveria fazer-se, agora que as autoridades humanas estavam procurando o Zarek.

Ainda podia ver a Artemisa descansando despreocupadamente, sobre seu trono de almofadões brancos, sua bela cara completamente desinteressada.

—Já te disse, Acheron, mata. Só você está cego sobre o caráter do homem. É por isso que o quis em Nova Orleans, em primeiro lugar. Queria que visse de primeira mão que tão perto do final está.

Ash se recusava a lhe acreditar. Ele, melhor que ninguém, entendia o problema do Zarek. A necessidade de dar o primeiro golpe antes que lhe golpeassem.

Assim é que tinha negociado com a Artemisa por mais tempo,



para que Zarek provasse à deusa que não era nenhum animal raivoso que necessitasse uma morte piedosa.

Mas como Ash odiava negociar com ela por algo, ainda assim não ia assinar a ordem de execução do Zarek. Ainda não. Não enquanto houvesse esperança.

Golpeou outra vez. Mais duro. Se Zarek dormia em cima, talvez não o podia ouvir.

A porta se abriu lentamente.

Ash entrou, seus olhos instantaneamente se ajustaram à escuridão total. Fechou a porta com um impulso mental e estendeu seus sentidos.

Zarek estava na sala de estar a sua esquerda.

O ex-escravo tinha tido o descuido de não ligar a calefação assim na casa fazia um frio glacial. Mas bom, Zarek estava tão acostumado às temperaturas a baixo de zero do Alaska, que provavelmente ainda não tinha notado o frio moderado, de Nova Orleans, em fevereiro.

Dirigindo-se para a sala de estar, Ash se deteve o ver o Zarek descansando sobre o chão, ao lado do sofá vitoriano. Vestido unicamente com calças negras de ginástica, Zarek parecia estar dormindo, mas Ash sabia que não o estava.

Os sentidos do Zarek eram tão afiados como os dele e o ex-escravo nunca deixaria entrar ninguém a sua área de descanso sem estar completamente alerta e em condição de atacar.

Ash deixou que seu olhar vagasse pelas costas nua do Zarek. Na parte inferior de sua coluna vertebral havia um dragão muito estilizado. Era a única marca em suas costas, mas Ash recordava uma época, quando a carne do Zarek tinha estado coberta de cicatrizes tão profundas que Ash realmente se sobressaltou a primeira vez que as tinha visto.

Tinha sido o expiatório da família do Valerius, Zarek tinha crescido pagando o preço, cada vez que Valerius ou seus irmãos tinham cruzado a linha.

As cicatrizes não tinham estado somente em suas costas. Tinham estado em suas pernas, peito, braços, e rosto. Uma



cicatriz em seu rosto, sobre seu olho esquerdo cego, tinha sido tão severo que Zarek apenas podia abrir o olho. A cicatriz na bochecha debaixo desse olho lhe tinha dado a seu rosto uma aparência inchada e deformada.

Durante sua vida humana, Zarek tinha caminhado com uma pronunciada claudicação e seu braço direito apenas havia funcionado.

Ao princípio quando tinha cruzado ao outro lado e se converteu em um Caçador Escuro, Zarek não tinha sido capaz de enfrentar o olhar do Ash. Tinha os olhos voltado para o chão, encolhendo-se de medo cada vez que Ash se movia.

Normalmente, Ash lhes dava a opção, aos Caçadores Escuros de manter suas cicatrizes físicas ou as eliminar. No caso do Zarek, não tinha perguntado. O corpo do Zarek tinha estado tão prejudicado que as tinha apagado imediatamente

Seu segundo curso de ação tinha sido lhe ensinar a contra-atacar.

E contra-atacar foi o que fez. Quando Ash teve terminado seu treinamento, Zarek tinha desatado uma fúria tão forte que lhe dava poderes incríveis. Desgraçadamente, também fazia ao homem incontrolável.

—Vais continuar me olhando, Grande Acheron, ou está preparado para me exortar outra vez?

Ash suspirou. Zarek não se moveu. Jazia de costas para ele, seu braço debaixo da cabeça.

—O que quer que te diga, Z? Sabia que não atacar a um policial. Não digamos a três deles.

—E o que? supunha-se que devia deixá-los me pegar e que me levassem ao cárcere onde pudesse esperar a saída do sol, em uma cela?

Ele ignorou o rancor do Zarek.

—Que aconteceu?

—Viram-me matar aos Daimons e trataram de me apreender. Simplesmente me protegi.

—Te proteger não requeria lhe dar a um uma concussão e um



par de costelas quebradas, e ao outro uma mandíbula quebrada.

Zarek girou parando-se e o olhou.

—O que aconteceu com eles foi culpa deles. Deveriam haver-se ido para trás quando falei.

Ash devolveu o olhar ao Zarek.

Zarek tinha a habilidade de avivar sua cólera até mais rápido que Artemisa.

—Demônios, Z, estou cansado de receber merda da Artemisa só porque não pode te comportar.

—Qual é o problema, sua alteza? Não pode suportar uma crítica? Espelho que isso é o que acontece quando cresce na nobreza. Nunca tem que preocupar-se de que lhe censurem por seu comportamento. Todo mundo pensa que é perfeito. Enquanto isso tem liberdade para pular através da vida. Me diga, o que te fez um Caçador Escuro? Alguém te desgastou as botas e saiu com a sua?

Ash fechou os olhos e contou até vinte. Lentamente. Sabia que dez nunca seriam suficientes para lhe acalmar.

Zarek se inclinou com sua brincadeira familiar. O ex-escravo sempre o tinha odiado. Mas Ash não tomava como algo pessoal. Zarek odiava a todo mundo.

—Sei o que pensa de mim, Grande Acheron. Sei quanto te compadece de mim e não o necessito. Honestamente pensa que alguma vez vou esquecer a forma em que me olhou a primeira noite que nos conhecemos? Ficou parado ali com espanto em seus olhos enquanto tratava de não me demonstrar isso, bem, obtive sua boa obra. Limpou a seu filho abandonado e o fez tudo bonito e saudável. Mas não pense sequer que isso significa que por isso tenho que te lambar as botas ou te beijar o rabo. Meus dias de escravidão terminaram.

Ash grunhiu baixo enquanto reprimia o desejo de cravar ao homem contra a parede.

—Não me empurre, Z. Sou o único está no meio de você e uma existência de morte, tão mal que esta além de sua compreensão.

—Segue adiante então. Me mate. Pensa realmente que me importa?.



Não, não lhe importava. Zarek tinha nascido com desejos de morte. Ambos, tanto o homem mortal como o Caçador Escuro. Mas Ash nunca mais mataria a um Caçador Escuro e o enviaria à agonia do Shadedom. Ele sabia de primeira mão os horrores dessa existência.

—Te raspe esse cavanhaque, te tire o pingente, e mantém sua maldita garra oculta. Se for preparado, então te manterá longe dos policiais.

—É uma ordem?

Ash usou seus poderes para levantar o Zarek do chão e sustentá-lo contra o céu raso.

—Deixa de empurrar sua sorte, filho. Já tive suficiente contigo.

Zarek realmente riu.

—Alguma vez pensaste em emprestar serviço na Disneylandia? As pessoas pagariam uma fortuna para ver este show.

Ash grunhiu mais forte, deixando ao descoberta suas presas ao insolente asno.

Era especialmente difícil intimidar a um homem que não tivesse na vida nada que significasse algo para ele. Tratar com o Zarek o fazia sentir-se como um pai com um filho fora de controle.

Ash o baixou ao chão antes de ceder à tentação de estrangulá-lo.

Zarek entreceitou os olhos enquanto seus pés tocavam o chão.

Caminhou despreocupadamente até sua sacola e tirou um cigarro.

Ele sabia bem como incomodar ao Atlante. Acheron o podia extinguir em um batimento do coração se assim o decidia. Mas bem, Acheron ainda se mantinha humano. De fato tinha compaixão por outras pessoas, o qual era uma debilidade que Zarek nunca havia possuído. Ninguém alguma vez se preocupou por ele assim por que se deveria preocupar ele por outro?



Prendeu o cigarro enquanto Acheron dava volta para sair.

—Talon patrulhará ao redor de Canal, assim é que quero que tome a área do Jackson Square até o Esplanade.

Zarek exalou a fumaça.

—Algo mais?

—Te comporte, Z. Por amor ao Zeus, te comporte.

Zarek deu uma longa tragada a seu cigarro enquanto Acheron abria a porta sem tocá-la e saía com grandes passos de supra casa.

Sustentou o cigarro entre seus dentes e passou as mãos através de seu cabelo negro desordenado.

Te comporte.

Quase podia rir da ordem.

Não era sua culpa que os problemas sempre lhe foram buscando. Mas tão pouco era dos que os evitasse. Tinha aprendido fazia muito tempo a suportar os golpes e sua dor.

Apertou os dentes enquanto recordava a noite passada. Tinha visto os Daimons na rua dirigindo-se ao loft da Sunshine. Tinha ouvido falando a respeito de como tentavam danificá-la. Por isso é que os tinha seguido, até que teve a possibilidade de brigar com eles sem que ninguém os visse.

Quão seguinte soube era que tinha quatro feridas de bala em seu lado e um policial lhe gritava que ficasse quieto.

Ao princípio, tinha tido a intenção de deixar que o prendessem e logo chamar o Nick para que o tirasse sob fiança, mas quando um dos policiais o golpeou nas costas com sua clava, todas suas boas intenções se foram diretamente ao inferno.

Seus dias como bode expiatório tinham terminado.

Ninguém iria tocá-lo outra vez.

Sunshine se sentou fora da cabana do Talon, para trabalhar nas pinturas que Cameron Scott lhe tinha encarregado. Enquanto, Talon dormia dentro, ela tinha estado fora por horas, tratando de entender por que estava ainda com ele no pântano.

Por que tinha vindo aqui com ele ontem à noite em vez de ter ido com seu irmão.



Sua revelação a respeito de suas vidas juntas, no passado, realmente a tinha superexcitado.

Tinha sido sua passiva esposa tipo June Cleaver.

Sunshine tremeu. Não queria ser a esposa de ninguém.

Nunca mais.

O matrimônio era uma aventura perdedora para uma mulher. Seu ex-marido lhe tinha ensinado adequadamente que os tipos não queriam a uma esposa tanto como a uma criada que os pudesse prover de um golpe de sexo.

Em uma artista como ela, Jerry Gagne tinha visto a partida perfeita. conheceram-se na escola de belas artes e se apaixonou pela elegante e misteriosa distinção dele.

Naquele momento de sua vida, tinha amado fervorosamente e não tinha podido imaginar um dia sem ele.

Pensou que eram duas gotas de água que poderiam lavar uma vida em conjunto que duraria o resto de suas vidas. Tinha assumido que Jerry entenderia sua necessidade de criar e que a respeitaria, lhe dando o espaço que necessitava para crescer como artista.

O que Jerry queria era que ela o cuidasse enquanto ele crescia como artista. Suas necessidades e seus desejos sempre tinham estado no assento traseiro para ele.

Seu matrimônio tinha durado dois anos, quatro meses, e vinte e dois dias.

Nem tudo tinha sido mau. Parte dela ainda o amava. Tinha desfrutado ter companhia de alguém com quem compartilhar sua vida, mas ela não queria voltar a ser a responsável de onde alguém mais tinha colocado suas meias; Nem podia recordar onde punha as próprias. Deixando cair seus projetos e indo à loja porque alguém se esqueceu de trazer os ovos que ele tinha que ter para suas pinturas caseiras.

Sempre eram seus planos os trocados. Suas coisas as que podiam esperar.

Jerry nunca lhe tinha feito qualquer tipo de concessão.

Ela não queria perder-se a si mesmo em um homem outra vez.



Ela queria sua própria vida. Sua própria carreira.

Talon era um tipo genial, mas a tinha tratado como a uma criatura. Era um solitário que apreciava sua privacidade. divertiram-se muito até agora, mas estava segura que não eram compatíveis.

Ela era alguém que realmente gostava de levantar-se e pintar à luz do dia. Talon levantava só a noite. Ela amava o tofu e a granola. Ele amava a comida porcária e o café.

Ela e Jerry tinham tido o mesmo horário, tinham os mesmos gostos, e olhe o que tinha acontecido. Se eles não tinham podido fazê-lo, então certamente não era um bom augúrio para qualquer tipo de relação com o Talon.

Não, ela precisava retornar a sua vida.

mal ele se levantasse e comesse, ia dizer lhe que a levasse pra casa.

Talon suspirou em seu sonho. Tinha passado muito tempo da última vez que tivesse sonhado com sua esposa. Não tinha se atrevido. Os pensamentos da Nynia sempre tinham tido a habilidade de arrancar seu coração.

Mas hoje, ela estava ali com ele. Ali em seus sonhos onde podiam estar juntos.

Sua garganta se esticou, viu-a sentada ante a chaminé, sua barriga crescida com seu filho enquanto costurava roupas para o bebê. Até depois de cinco anos de matrimônio e uma vida de amizade, ela podia revolucionar seu sangue e fazer que seu coração se inchasse de amor.

Crescendo sob o olho desdenhoso de seu tio e o desdém do clã, só a tinha encontrado a ela para lhe dar comodidade. Só ela o tinha feito sentir-se amado.

Escutou seu cantarolar, era o mesmo arrulho que sua mãe uma vez lhe tinha cantado quando era um filho muito pequeno.

Deuses, como a necessitava. Agora mais que nunca. Estava cansado de brigas, cansado das demandas que as pessoas tinham colocado nele da morte de seu tio.

Cansado de escutar os sussurros a respeito de sua mãe e seu



pai.

Ele era jovem, mas esta noite se sentia como um ancião. E gelado. Até que olhou a Nynia. Ela o esquentava muito profundamente em seu interior e o fazia sentir melhor.

Como a amava.

Avançando, tornou-se a seus pés frente à cadeira e colocou sua cabeça em seu colo. Envolveu seus braços ao redor dela querendo sentir como o bebê o chutava em protesto.

—Retornaste —disse ela, acariciando seu cabelo.

Não falou. Não podia. Normalmente teria se banhado, tirando o sangue de sua armadura e seu corpo, antes de ir em sua busca, mas a pena do dia ainda estava muito crua em seu coração.

Precisava sentir sua suavidade, o toque tranquilizador em seu corpo, precisando saber que no momento ela estava segura e ainda com ele.

Só ela podia aliviar a dor dentro de seu coração.

Sua tia estava morta. Mutilada. Tinha encontrado o corpo quando a tinha ido procurar depois que ela não apareceu para o almoço.

Embora ele vivesse uma eternidade, nunca esqueceria a grotesca imagem. Viveria dentro dele junto com a lembrança de sua mãe morrendo em seus braços.

—É a maldição dos deuses —tinha murmurado Parth mais cedo na noite, sem saber que Talon estava o suficientemente perto para lhe ouvir falar com seu irmão. —Ele é o filho da puta. Ela ficou com um Druida para criar uma linhagem amaldiçoada e agora todos nós pagaremos por isso. Os deuses castigarão a todos.

—Quer desafiar a espada do Speirr para ser o líder?

—Só um tolo desafiaria a um como ele. Nem sequer Cuchulainn poderia igualá-lo.

—Então seria melhor que rezasse aos deuses para que ele nunca te ouça.

Talon fechou os olhos com força, tratando de desalentar os sussurros que o tinham açoitado todos seus dias.

—Speirr? —Nynia acariciou seu rosto. —Estão todos mortos?



Ele assentiu. depois de trazer para casa sua tia, tinha congregado a seus homens e cavalgado para a tribo Do Norte. Tinha encontrado uma de suas adagas perto do corpo e tinha sabido instantaneamente que eles eram os responsáveis.

—Realmente estou maldiçoado, Nyn — As palavras ficaram em sua garganta. depois de toda uma vida em tratar de provar aos outros que não estava maldiçoado pelas ações de seus pais, agora o estava por sua própria culpa. —Deveria ter escutado quando meu tio morreu. Nunca deveria ter tomado vingança contra o clã Do Norte. Agora tudo o que posso fazer é temer o próximo que os deuses tirarão de mim.

Mas em seu coração, já sabia. Não havia nada na terra mais preciosa que a mulher que ele sustentava.

Ela ia morrer.

Por ele.

Era tudo por sua culpa. Tudo.

Ele só havia trazido a fúria dos deuses do clã Do Norte sobre suas cabeças.

Não havia forma de detê-lo. Nenhuma maneira de mantê-la a seu lado.

A dor disso era mais do que podia suportar.

—Ofereci sacrifícios ao Morrigan, mas os Druidas me disseram que não é suficiente. Que mais posso fazer?

—Talvez esse seja o último. Talvez acabará agora.

Esperou que fosse assim. A alternativa... Não, não podia perder a sua Nynia. Seus deuses podiam ter algo exceto ela...

Talon gemeu enquanto seu sonho avançava, adiantava-se, para o futuro. Sustentava a sua esposa enquanto ela trabalhava para trazer para seu bebê ao mundo.

Ambos estavam cobertos de suor pelo fogo e pelas horas de esforço excessivo. A parteira tinha aberto uma janela e tinha deixado entrar a brisa fresca da neve que caía lá fora. Nynia sempre tinha amado a neve, e o clima lhe tinha dado esperança a ambos de que talvez tudo saísse bem. Talvez o bebê seria uma nova oportunidade para todos eles.



—Empurra! —ordenou a mulher.

As unhas da Nynia se afundaram em seus braços enquanto o agarrava e gritava. Talon colocou sua bochecha contra a dela. Mantendo-a mais perto e lhe sussurrando no ouvido

—Te tenho, meu amor. Nunca te deixarei ir.

Ela gemeu profundamente e logo se relaxou enquanto seu filho saía rapidamente de dentro dela, para as mãos da parteira.

Nynia riu enquanto ele beijava sua bochecha e a abraçava forte.

Mas sua alegria foi curta em tanto o filho se recusava a responder aos intentos da velha por despertá-lo.

—O bebê está morto. —as palavras da mulher soaram em sua cabeça.

—Não! —ele grunhiu. —Ele dorme. Desperte.

—Não, meu lord. O filho nasceu morto. Sinto muito.

Nynia chorou em seus braços.

—Sinto muito Speirr, não poder te dar um filho. Não queria te falhar.

—Não me falhaste, Nyn. Você nunca poderia me falhar.

Horrorizado e com o coração quebrado, Talon sustentou a Nynia perto enquanto a parteira lavava e vestia o corpo pequeno de seu filho.

Não podia afastar o olhar do bebê.

Seu filho tinha dez dedos diminutos, dez dedos do pé perfeitos. Uma grenha de cabelo grosso, negro. Seu rosto era belo e sereno. Perfeito.

por que o filho não vivia?

por que não respirava?

Apertando os dentes para rechaçar a dor, Talon se dispôs a despertar ao filho. Silenciosamente demandava a seu filho a lançar um grito e viver.

Como um corpo tão perfeito não podia respirar? por que o bebê não podia mover-se e chiar?

Ele era seu filho.

Seu precioso bebê.



Não havia nenhuma razão pela que o filho não estivesse vivo e são. Nenhuma razão além do fato que Talon era um tolo.

Tinha matado a seu próprio filho.

As lágrimas caíram de seus olhos. Quantas vezes tinha posto as mãos sobre o estômago da Nynia e havia sentido a força dos movimentos de seu filho? Sentido o carinhoso orgulho de um pai?

Tinham marcado os dias para o nascimento do bebê. Tinham compartilhado suas esperanças e sonhos por ele.

E agora nunca conheceria filho que já ganhara seu coração. Nunca o veria sorrir ou crescer.

—Sinto muito, Speirr —, murmurava Nynia uma e outra vez, chorando.

Rodeou-a com seus braços lhe murmurando palavras de consolo. Tinha que ser forte por ela. Ela o necessitava agora.

Beijando sua bochecha Talon forçou a suas lágrimas a afastar-se e lhe ofereceu consolo.

—Está bem, meu amor. Teremos mais filhos — Mas em seu coração, sabia a verdade. O deus Camulus nunca permitiria que seu filho vivesse, e Talon nunca mais faria passar a Nynia por algo assim. Amava-a muito.

Ainda a tinha abraçada quando uma hora mais tarde toda a cor se desvaneceu de seu rosto. Quando a última esperança se destroçou e o deixou privado de tudo, exceto de ressonante agonia.

Nynia estava morrendo pela perda de sangue. A parteira tinha feito tudo o que podia, mas ao final os tinha deixado sós para despedir-se.

Nynia o estava deixando.

Ele não podia respirar.

Não podia funcionar.

Ela estava morrendo.

Talon tinha levantado a Nynia e a tinha embalado contra ele. Estava coberto com seu sangue, mas nem sequer o notava. Tudo no que podia pensar era em mantê-la a seu lado, fazendo-a sentir bem.



Vive por mim!

Estava disposto a forçar sua própria vida em seu corpo, mas não era suficiente. Silenciosamente, negociava com os deuses para que tomassem qualquer outra coisa de sua vida, suas terras, sua gente. tudo. Só que lhe deixassem seu coração. Necessitava muito para perdê-lo assim.

—Amo-te, Speirr —murmurou ela brandamente.

Ele se sufocou.

—Não pode me deixar, Nyn —murmurou enquanto ela tremia em seus braços. —Não sei o que fazer sem ti.

—Cuida da Ceara como prometeu a sua mãe — Ela tragou enquanto traçava seus lábios com sua mão fria. —Meu valente Speirr. Sempre forte e entregue. Esperarei-te ao outro lado até que Bran nos junte outra vez.

Ele fechou os olhos enquanto as lágrimas ultrapassavam seu controle.

—Não posso viver sem ti, Nyn. Não posso.

—Deve fazê-lo, Speirr. Nossa gente te necessita. Ceara te necessita.

—E eu necessito a ti.

Ela tragou e o contemplou, seus olhos cheios de medo.

—Estou assustada, Speirr. Não quero morrer. Sinto muito frio. Nunca fui a nenhuma parte sem ti.

—Manterei-te quente — Jogou mais peles sobre ela e esfregou seus braços. Se a mantinha quente, então ela ficaria com ele. Sabia que o faria...

Se só pudesse mantê-la quente...

—por que está escurecendo? —perguntou ela, sua voz tremendo. —Não quero que escureça ainda. Só quero te abraçar por um pouco mas de tempo.

—Estou-te abraçando, Nyn. Não se preocupe meu amor. Tenho-te.

Ela colocou sua mão contra sua bochecha enquanto uma lágrima caía.

—Oxalá tivesse sido a esposa que merecia, Speirr. Oxalá



tivesse podido te dar todos os filhos que queria.

antes que ele pudesse falar, sentiu. A última exalação de seu corpo antes que ela se afrouxasse em seus braços.

Talon enfurecido e desconsolado, jogou para trás sua cabeça e deu seu grito de guerra enquanto a dor o rasgava. Lágrimas caíam por seu rosto.

—Por quê? —rugiu aos deuses. —Maldito seja, Camulus, por que! por que não me matou e a deixou em paz?

Como esperava, ninguém lhe respondeu. Morrigan o tinha abandonado, deixado só para enfrentar sua dor.

—por que os deuses alguma vez ajudariam a um filho da puta como você, filho? Não é mais apto que para lambar as botas de seus superiores.

—Olha, Idiag, ele é lastimoso e débil como seu pai. Nunca será nada. Deveria nos deixar matá-lo agora e reservar sua comida para alimentar a um filho melhor.

As vozes do passado açoitavam através dele, rasgando seu coração dolorido.

—É um príncipe? —escutou a voz infantil da Nynia o dia que a tinha salvado do gaulês.

—Não sou nada —tinha respondido.

—Não, meu lorde, é um príncipe. Só alguém tão nobre desafiaria o temível gaulês para salvar a uma camponesa.

Só ela alguma vez o tinha feito sentir nobre ou bom.

Só ela o tinha feito querer viver.

Como sua preciosa Nynia podia haver-se ido?

Soluçando, abraçou a ela e ao bebê por horas. Sustentando-os até que o sol brilhou na neve e sua família lhe rogou que os deixasse fazer os preparativos para os enterros.

Mas não queria prepará-los.

Não queria deixá-los ir.

Desde do dia que se conheceram, nunca tinham se separado por mais de umas poucas horas.

Seu amor e sua amizade os tinha visto atravessar muitas coisas. Durante anos, ela tinha sido sua força.



Ela era a melhor parte dele.

—O que devo fazer, Nyn? —murmurou contra sua bochecha fria enquanto a balançava. —que devo fazer...

Só, sentou-se ali com ela. Estava perdido, frio, doído.

Ao dia seguinte, tinha-a enterrado ao lado do lago onde o dois se reuniam quando eram meninos. Ainda a podia ver esperando, seu rosto brilhante de espera. Podia imaginá-la correndo através da neve, recolhendo um punhado para fazer uma bola a fim de que poder aproximar-se às escondidas e deslizá-la sob sua túnica.

Ele a tinha açoitado logo, e ela corria, rindo.

Ela adorava a neve. Sempre tinha gostado de atirar sua cabeça para trás e deixar que os flocos de neve, caíssem em cima de sua bela cara e de seu cabelo dourado.

De alguma forma parecia incorreto que tivesse morrido em um dia assim. Um dia que seria cheio de tanta felicidade.

Estremecendo-se de dor, desejou viver em algum lugar onde nunca nevasse. Algum lugar quente assim nunca veria isto outra vez e recordaria tudo o que tinha perdido.

OH deuses, como ela pôde ir-se?

Talon grunhiu. Estava com as mãos e joelhos sobre a neve congelada, seu coração despojado de algo exceto de doloroso sofrimento.

Tudo no que podia pensar era na Nynia jazendo na terra, agarrando a seu bebê contra seu peito. De que ele não estava ali para protegê-la, para esquentá-la. Para tomar a mão e deixá-la que o levasse em qualquer lugar que ela se dirigisse.

Sentiu uma mão diminuta em seu ombro.

Olhando para cima, viu a cara pequena de sua irmã. Ceara tinha visto mais que sua justa parte de tragédia.

—Ainda estou contigo, Speirr. Não te deixarei só.

Talon envolveu seus braços ao redor de sua cintura e a aproximou. Abraçou-a enquanto chorava. Ela era tudo o que tinha. E desafiaria aos deuses para mantê-la a salvo.

Não tinha podido proteger a Nynia, mas protegeria a Ceara.

Ninguém a danificaria sem enfrentar-se com ele...



Talon despertou pouco antes do pôr-do-sol com uma má sensação em seu estômago.

Sentia-se tão só.

Suas emoções em carne viva e feito farrapos. Não se havia sentido assim em séculos. Não havia sentido tanto dor da noite em que Acheron lhe tinha ensinado a enterrar suas emoções.

Esta noite, realmente sentia a solidão de sua vida. A dor lhe queimavam e rasgava-lhe o peito, e tinha que lutar por respirar.

Até que percebeu um aroma de algo estranho em sua pele e em sua cama.

patchouli e terebintina.

Sunshine.

Seu coração instantaneamente se aliviou ao pensar nela e a forma em que encarava sua vida vibrante.

Inspirando seu prezado perfume, deu a volta e encontrou a cama vazia.

Talon franziu o cenho.

—Sunshine?

Olhou ao redor e não a viu por nenhum lado.

—Deixa-me sozinha, par de botas caminhanças!

Ele levantou uma sobranceira ante a voz da Sunshine ao outro lado da porta. antes de poder levantar-se, a porta se abriu para mostrar a Sunshine queixando continuamente com Beth e o lagarto em protesto.

Os dois estavam lutando na porta.

—Solta meu cavalete, refugiado de uma fábrica de bagagem. Se necessita de algum pedaço de madeira para palitar de dentes, há um montão no alpendre.

A comissura de sua boca se levantou a vista deles lutando, Sunshine para dentro da cabana e Beth no alpendre.

—Beth — ele estalou. —O que estas fazendo?

Beth abriu a boca, soltando o cavalete. Sunshine tropeçou para trás, entrando na cabana, com o cavalete em suas mãos. O lagarto riu e lhe lançou uma tarascada, meneando a cauda e



esquadrinhando, irritando a Sunshine.

—Ela diz que te forçava a entrar antes que obscurecesse e algo decidisse lhe comer —disse a Sunshine.

—Lhe diga a Fôlego de Pântano que já me dirigia para aqui. Por que ela...? — Sunshine se deteve e o olhou. —OH Deus, estou realmente tendo uma conversa com um lagarto? —Ele sorriu abertamente.

—Tudo bem. Faço todo o tempo.

—Sim, mas sem ofender, é um pouco estranho.

Disse a panela ao caldeirão...

Ela empurrou Beth para fora, fechou de um golpe a porta e logo colocou seus artigos de pintura no canto.

Talon a observava com interesse, especialmente quando a malha de seus jeans apertava seu traseiro de uma forma muito agradável enquanto se agachava.

—Quanto tempo faz que te levantou? —perguntou.

—Faz umas poucas horas. E você?

—Acabei de acordar.

—Sempre dorme até tão tarde? —ela perguntou.

—Já que me mantenho acordado toda a noite, sim.

Lhe sorriu.

—Acredito que levaste ser um notívago a um nível inteiramente novo.

Ela se moveu para sentar-se sobre o sofá-cama ao lado dele e esfregou suas mãos manchadas de tinta contra suas coxas, levando sua atenção a que tão perfeitamente formados eram e quanto gostaria de percorrer com sua mão o interior deles até o centro de seu corpo...

endureceu-se ante o pensamento.

—Quer que te prepare algo para tomar o café da manhã? —ela perguntou. —Não há muito na cozinha que garanta que possa te matar ou te decompor, mas penso que poderia fazer uma omelete de clara de ovo.

Ele fez uma careta ao pensar a que gosto poderia uma omelete de clara de ovo. Provavelmente seria pior que o queijo de



soja.

Deus, alguém precisava lhe apresentar a esta mulher o chocolate Reddi-wip. E a seguir desse pensamento vinha a pergunta de que saborosa seria Sunshine coberta em chocolate, não tinha tido a oportunidade de fazer isso com ela ontem à noite.

Abstraído em seus pensamentos, ela continuou sua dialogo.

—Alguma vez escutaste sobre farelo de cereais? Farinha integral?

—Não, não escutei — Arrastou sua mão subindo por seu braço até o pescoço onde podia provar a suavidade de sua pele com as pontas dos dedos. Hmmm, como gostava de tocar sua carne.

Ela continuou exortando.

—Sabe, comendo na forma que o faz, terá sorte de viver outros trinta anos. Juro que há mais nutrição na Fábrica De Chocolate do Willy Wonka que algo que possa encontrar em sua cozinha.

Talon só sorriu.

Por que estava tão fascinado com ela? Escutava sua voz enquanto o exortava, e em lugar de sentir-se irritado, realmente o desfrutava.

Era agradável ter a alguém que se preocupasse o suficiente por ele para lhe dizer o que devia comer.

—Que te parece se tomo um bocado de você no momento? — perguntou.

Sunshine fez uma pausa a metade de uma oração. Antes que pudesse pensar que responder, atravessou-a sobre ele e reclamou seus lábios.

Ela gemeu ante o bem que se sentia. Que gosto maravilhoso. Podia sentir sua ereção sob seu quadril.

Seu corpo se derreteu contra ele.

A seguinte coisa que ela soube, era que tinha as costas esmagada contra o sofá-cama e ele estava recostado sobre ela, desabotoando seu suéter em tanto seus peitos se esticavam à espera de seu toque.

—É muito talentoso me distraindo —disse ela.



—Sou? —perguntou, beijando o vale entre seus peitos.

—Um-hmmm —sussurrou.

Calafrios se dispararam ao longo de seu corpo enquanto ele mordida a pele justamente sob sua mandíbula. Sua respiração quente a abrasava quando segurou seu peito com a mão e a acariciou brandamente com seus dedos.

Passou as mãos através de seu cabelo desgrenhado, mantendo perto dela enquanto suas tranças roçavam sua pele, lhe fazendo cócegas e atormentando-a. Seu corpo palpitava e ardia, desejando seu toque abrasador.

Talon fechou os olhos e inspirou o perfume doce de sua pele. Ela era tão cálida e suave. Tão feminina. Percorreu com sua mão a generosidade de sua pele bronzeada enquanto atormentava seu pescoço com a língua e os dentes.

Suas mãos se deslizaram sobre ele.

OH, gostava do sabor desta mulher. Amava como a sentia embaixo dele.

Passou a mão sobre a renda negra de seu sutiã, roçando-a delicadamente. Ela riu de prazer, suas pernas deslizando-se contra as dele. Nunca lhe tinha gostado da sensação do Jeans sobre seu corpo, mas quando Sunshine o usava, não lhe importava nada.

Soltou o broche do sutiã liberando seus peitos a suas mãos investigadoras. Passou a palma da mão sobre os duros mamilos, atrás e adiante, deleitando-se na forma que se sentiam.

Ele beijou o caminho descendente para eles.

Sunshine sustentou sua cabeça contra ela enquanto arqueava suas costas. Ele atormentou um peito com sua língua, lhe dando golpezinhos e chupando até que quis gritar de prazer. Era como se ele soubesse alguma forma secreta de obter cada pinga de êxtase sensual do toque mais ligeiro.

E enquanto a abraçava, algo estranho ocorreu. Ela por um instante retornou a um tempo longínquo...

Viu o Talon sustentando-a igual a agora.

Só que era ao final da primavera e eles estavam deitados no bosque, ao lado de um lago tranquilo. Ela estava assustada de ser



apanhada e, ao mesmo tempo, ansiava com desejo.

Seus olhos eram de um âmbar profundo, obscurecidos com paixão enquanto ele se afirmava por cima dela sobre um braço e desenlaçava a parte superior de sua túnica com a mão livre.

—Sempre te quis, Nyn — Suas palavras murmuradas passaram através dela em tanto ele abaixava sua cabeça e provava seus peitos liberados. Ela gemeu ante o prazer da sensação estranha de um homem beijando-a aí. Nunca tinha permitido a um homem tocá-la. Nunca tinha permitido a ninguém ver seu corpo.

Embora estava um pouco envergonhada, não podia negar isto a ele. Não quando dava a ele tanto prazer.

Sua mãe lhe tinha contado fazia muito tempo sobre as necessidades e os desejos dos homens.

A respeito da forma que se plantavam para dentro de uma mulher e tomavam posse dela.

Desde esse momento, ela tinha sabido que nunca queria a nenhum homem, salvo Speirr, para tomar a desse modo. Por ele, ela faria tudo.

Ele levantou a barra de seu vestido até seus quadris, deixando ao descoberto a parte inferior de seu corpo a seu olhar fixo, quente e faminto. Tremeu enquanto lhe afastava suas pernas a fim de poder olhar o lugar mais privado de seu corpo.

Por instinto ia juntar os tornozelos, mas forçou a si mesmo a não fazê-lo. Ela se abriu para ele e conteve o fôlego enquanto a olhava com tanto desejo que a fez doer.

Riscou com sua mão o estômago, e o exterior da coxa. Então muito lentamente, passou sua mão sobre o interior da coxa, fazendo-a arder e tremer, tudo ao mesmo tempo. Fechou seus olhos e gemeu quando seus dedos investigadores tocaram a carne virgem que palpitava entre suas pernas.

Sua cabeça se alagou com o estranho sentimento dele acariciando-a e tomando-a. Lhe separou as pernas até mais, então deslizou seus dedos dentro dela, explorando profundamente, fazendo tremer seu corpo.

Gemeu enquanto ele movia sua mão e colocava seu corpo



entre suas pernas. Ela sentiu sua rígida ereção contra o interior de sua coxa.

—Me olhe, Nynia.

Ela abriu os olhos e o contemplou. O amor em seus olhos a abraçou.

—Não é tarde ainda. Me diga que não me quer e irei sem ter cometido nenhum dano.

—Quero-te, Speirr –murmurou ela. —Só quero a ti — Ele se inclinou e a beijou meigamente, logo se deslizou dentro dela.

Esticou-se ante a dor que lhe causava enquanto rasgava seu hímen e a enchia completamente. Mordeu seu lábio e o manteve perto enquanto ele lentamente se balançava contra ela.

—Sinto-te tão bem debaixo de mim –sussurrou ele, sua voz era um profundo gemido. —Ainda melhor do que pensei que seria.

—Quantas mulheres tiveste debaixo de você, Speirr?

horrorizou-se por suas palavras, mas queria saber e era muito jovem para dar-se conta que tão tola era sua pergunta.

Ele deixou de mover-se dentro dela e se separou para olhá-la aos olhos.

—Só você, Nyn. Sou tão virgem como é você. Outras mulheres me ofereceram, mas você é a única com a que sonhei.

Seu coração voou. Sorrindo, envolveu suas pernas ao redor de seus magros quadris nus. Segurou seu rosto entre suas mãos e o empurrou para baixo até que seus narizes se tocassem.

—OH, Speirr... —murmurou Sunshine, sujeitando perto.

Talon ficou rígido em seus braços.

Nos últimos mil anos, ninguém além da Ceara tinha usado seu nome real. E só uma mulher havia dito seu nome na forma que Sunshine o fazia agora.

Não era só o que ela dizia, era a cadência de sua voz quando o havia dito. O tremor que tinha descendido por sua coluna vertebral.

—Como me chamou?

Sunshine mordeu os lábios ao dar-se conta de seu deslize. OH Deus, ele provavelmente pensava que ela o chamava pelo nome



de outro homem. Ele não teria lembranças de sua vida passada. Nem ela deveria os ter. Ela não sabia de onde vinham essas cenas do passado.

Tudo o que sabia era que estava alucinando.

Sua avó realmente estava no tema das regressões a vidas passadas e a tinha criado com um respeito devoto pela reencarnação. Uma coisa em que a avó Morgan a tinha ensinado adequadamente era que quando a gente nasce, sempre esquece a vida anterior.

Por que, então, ela a recordava?

—Estava-me esclarecendo voz —disse ela, esperando que acreditasse isso. —Como pensou que te chamei?

Talon relaxou. Talvez estivesse ouvindo coisas. Talvez era o que esta mulher o fazia sentir, que removia suas lembranças esquecidas fazia muito tempo. Ou talvez era a culpabilidade que sentia ao desejá-la na forma em que o fazia.

Só Nynia o tinha feito arder desta forma.

Sunshine era tão diferente. O fazia sentir ainda quando não queria. Ainda quando ele lutava contra isso.

Ela enterrou suas mãos em seu cabelo e o devorou para baixo a fim de poder lhe morder sua mandíbula. A sensação de suas mãos nele, o calor de seu corpo debaixo...

Descendeu sobre ela, e enterrou seus lábios contra o ombro onde podia saborear o sal de sua pele.

Talon suspirou profundamente. Com satisfação.

Logo, para sua exasperação, seu telefone soou.

Amaldiçoando, Talon o respondeu e encontrou ao Acheron no outro extremo.

—Necessito que cuide da mulher esta noite. Mantém em sua casa.

Talon franziu o cenho. perguntava-se como Acheron sabia que Sunshine estava com ele, mas os poderes do homem eram nada menos que horripilantes.

—Pensei que me disse que me mantivesse longe dela.

—As coisas mudaram.



Talon refreou um gemido enquanto Sunshine acariciava seu mamilo com seus dentes. Mantê-la a ela aqui estava muito longe de ser um problema.

—Está seguro que não me necessitam esta noite?

—Sim — Acheron desligou o telefone.

Talon colocou o telefone a um lado e olhou a Sunshine com um sorriso malvado. A noite agora que começava a ficar boa.

CAPÍTULO 8

Era perto da meia-noite quando Ash deixou o Clube Runningwolfs.

Onde diabos estava Talon? Deveria estar fora nas ruas, patrulhando.

Ash tinha estado tratando de alcançá-lo por horas.

Chamou o Nick outra vez só para encontrar-se com Nick que tão pouco tinha visto ou ouvido nada do Talon.

Isto era tão pouco característico do Celta. Podia sentir que Talon estava bem e não estava ferido, e se ele quisesse, podia seguir a pista de Talon. Mas Ash nunca tinha sido tão intruso com seus poderes. Tendo sido caçado e espreitado, não podia pensar em lhe fazer isso a alguém mais. Não a menos que fosse uma emergência horrenda.

O livre-arbítrio não era algo que ele manipularia ligeiramente.

Enquanto Ash devolvia o telefone a sua jaqueta, o cabelo atrás de seu pescoço se arrepiou.

—Olhe quão indefesa que está...

—Sim, mas é o suficientemente forte para nos alimentar a todos nós.

As vozes murmuravam através de sua mente como os



sentidos do Homem Arranha...

E o escalador de paredes acreditava que tinha super poderes. Estúpido.

Ash fechou seus olhos e localizou a fonte das vozes. Quatro Daimons varões e duas fêmeas estavam em um beco do Royal Street. Ele começou a ir por sua moto, logo se deteve. Não havia forma de alcançá-los a tempo pela via convencional.

Jogando uma olhada ao redor, asseguro-se que ninguém o pudesse ver, logo recolheu os íons no ar ao redor dele. Deixou que seu corpo se desintegrar-se em um nada e usou seus poderes para manipular à física de tempo e matéria.

Sem ser visto, moveu-se através da cidade, diretamente para o beco onde tinham em um canto a uma mulher. Ela estava encolhida, rodeada pelos Daimons, abraçando-se a si mesmo.

—Por favor não me machuquem —implorou ela. —Só tomem minha sacola e me deixem sozinha.

O Daimon mais alto passou sua mão através de seu cabelo e sorriu malvadamente.

—OH, isto não doerá. Não por muito tempo.

Acheron se solidificou. Invocou um escudo para a mulher, para protegê-la e confundi-la. Em sua mente, ela veria e recordaria uma figura desconhecida afugentando a seus assaltantes.

Na realidade, ele assobiou.

Os Daimons giraram para ele ao unísono.

—Olá —disse ele despreocupadamente enquanto caminhava para eles. —Vocês Daimons não estavam planejando tomar a alma de um humano inocente, não?

olharam-se entre eles e começaram a correr.

—OH, acredito que não —disse Ash, lançando outro escudo atrás deles para evitar que escapassem do beco. —Nenhum Daimon sai vivo daqui.

Golpearam a parede invisível e ricochetearam contra ela.

—Homem —disse Ash, fingindo acovardar-se. —Realmente te faz sentir como um inseto contra um pára-brisa, não?



Eles lutaram por ficar de pé.

O mais alto deles, que tinha quase a mesma altura que Ash, estreitou seus olhos.

—Não lhe temos medo, Caçador Escuro.

—Bem. Isso faz à briga mais justa — Ash estendeu as mãos, criando um pau com seus pensamentos.

Os Daimons masculinos correram para ele todos juntos enquanto as mulheres se tornavam para trás.

Acheron rodeou o primeiro Daimon para dar-lhe com o pau, logo deu-lhe uma segunda paulada duramente. Incrustou um dos lados no concreto e o usou para balançar-se enquanto saltava e chutava ao terceiro. Liberou a adaga da ponta de sua bota e a enviou diretamente ao peito do Daimon. O Daimon se desintegrou.

Ash aterrissou com graça na rua enquanto os dois primeiros se ajudavam a parar-se e os outros dois retrocediam

—OH, vamos, garotas —os recriminou. —Não sejam tímidos. Pelo menos lhes dou uma oportunidade, que é mais do que vocês dão a suas vítimas.

—Olhe —disse o líder, sua voz tremendo, —deixe ir e lhe daremos uma informação muito importante.

Ash se burlou.

—Que informação tão importante pode ter para que eu te deixasse ir para que siga matando mais humanos?

—Vale a pena —disse outro. —É a respeito de... — Suas palavras se quebraram em um grito estrangulado.

Antes que Ash pudesse mover-se, todos os Daimons se desintegraram.

Pela primeira vez em séculos, ficou muito estupefato para mover-se.

Que diabos tinha ocorrido?

A mulher humana veio correndo e se lançou a si mesmo a seus braços.

—Salvou-me!

Ash franziu o cenho. Não podia acreditar como podia vê-lo, até que ela o beijou apaixonadamente.



—Demônios Artemisa –grunhiu ele, afastando à força. —te tire de cima.

Ela fez um ruído irritado em sua garganta. Ihe soltando, ela brilhou intermitentemente trocando de seu disfarce humano loiro a sua ardente beleza de deusa. Seu cabelo castanho avermelhado se frisava ao redor de seus ombros enquanto parava, com as mãos no quadril.

—Como sabia que era eu?

—Depois de onze mil anos, não pensa que sei qual é seu sabor?

Mal humoradamente, cruzou os braços sobre seu peito.

—Se eu fosse realmente humana, aposto que te teria deitado comigo esta noite.

Ele suspirou cansadamente e deixou que seu pau se convertesse em vapor.

—Não tenho tempo para seu ciúmes intrasigentes. Sabe, tenho outras coisas que me encarregar.

Ela lambeu os lábios e deu um passo a seu lado, logo arrastou sua mão sobre seus ombros. Inclinou-se a murmurar em seu ouvido.

—Sou uma dessas coisas das qual deve te encarregar, amor. Vem à casa comigo, Acheron. Farei que valha a pena seu tempo — Ela passou sua língua ao redor de sua orelha, produzindo calafrios sobre seu corpo.

Ash encolheu de ombros.

—Tenho dor de cabeça.

—Tiveste dor de cabeça por duzentos anos! — Ele a olhou secamente.

—E você teve PMS (síndrome pré menstrual) por onze mil.

Ela riu disso.

—Um dia, meu amor, um dia... — Ash pôs um pouco mais de espaço entre eles. O suficiente para que ela não pudesse casualmente passar suas mãos sobre seu corpo.

—por que estas aqui?

Ela encolheu de ombros.

—Queria ver-te lutar. Simplesmente adoro quando te põe tão



sério e letal. A forma em que seus músculos se ondulam quando te move. Realmente isso me levanta.

Por uma vez ele não se incomodou em corrigir seu uso indevido do slang americano. Em lugar disso, sua vista se voltou escura devido a que ela pudesse manipulá-lo assim. Odiava os jogos que ela jogava, especialmente quando implicavam as vidas de outras pessoas.

—Foi você que criou Daimons de um nada e logo os matou? — ela fechou a distância entre eles.

—OH não, eles eram reais. E eu não os desintegrei. me acredite, amo a forma em que seu corpo se move quando ataca. Nunca os deixaria desintegrar enquanto brigas.

—Quer dizer "tiraria"?

—Mmm... Dentro... Fora —Artemisa arranhava seus ombros enquanto baixava as mãos a seu peito. —Segue falando dessa forma e te levarei pra casa comigo.

Sua cabeça começava a pulsar. Tirou sua mão da sua virilha onde ela a tinha colocado.

—Artie, pode te concentrar um minuto? Se você não os desintegrou, então quem o fez?

—Não sei — Ele se afastou dela. Outra vez.

Ela golpeou o chão com seu pé, como um filho ao que lhe tinham tirado seu brinquedo favorito e o olhou.

—Odeio quando pinta seu cabelo e o que é essa coisa em seu nariz?

Ash sentiu desaparecer ao prego e o buraco fechar-se. Apertou seus dentes. Sem dúvida seu cabelo estava loiro outra vez.

—Demônios, Artemisa, não é minha proprietária.

Seus olhos brilharam perigosamente.

—Você me pertence, Acheron Parthenopaeus – disse ela com voz cheia de fúria e posse. —Todos vocês. Mente, corpo, e alma. Nunca o esqueça.

Ele entrecerrou seus olhos.

—Não tem nenhum controle real sobre mim, Artie. Ambos



sabemos disso. A fim e ao cabo, meus poderes põem em ridículo aos teus.

—OH não, amor. Sempre que seu exército de Caçadores Escuros e os humanos aos que protegem signifiquem mais para ti que você mesmo, sempre terei poder sobre você — Lhe sorriu friamente, logo brilhou intermitentemente saindo do reino humano.

Ash amaldiçoou e sentiu um impulso de menino de enviar um açoite de pregos através do beco. Sem dúvida ela tentava atraí-lo com enganos de volta a seu templo.

Como um idiota, ele ia. Tinha que ir. Ainda não sabia quem tinha desintegrado aos Daimons, e se não foi Artemisa, então havia alguém mais jogando com ele.

E pobre dele se outro tolo se atrevia a cruzar-se em seu caminho. Suportava a Artemisa porque tinha que fazê-lo.

Mas não tinha que suportar a ninguém mais. Pelo martelo espinhoso do ArChon, ele arrancaria a cabeça do próximo que o incomodasse.

—Então —disse Sunshine a Talon enquanto se sentava na cama sobre suas pernas dobradas vestindo nada mais que uma camisa emprestada. —Planeja me manter aqui para sempre, ou o que?

Descansando sobre um lado, ele escolhia da bandeja que ela tinha preparado para ambos, até encontrar o pacote do M&M que tinha insistido que incluísse.

—Depende. Tem intenção de continuar fazer comer esta tolice saudável ou posso tirar o que tem de bife na geladeira?

Ela enrugou seu nariz enquanto comia ruidosamente outro morango. Ainda a assombrava que tivesse encontrado sua pequena e secreta quantidade de fruta fresca na gaveta abaixo de sua geladeira. O homem parecia ter uma aversão a comer algo que não fosse tóxica.

—Não sei como pode ser saudável comendo o lixo que tem em seus gabinetes. Sabia que contei cinco diferentes tipos de batatas fritas?



Abraço Noturno -

"Night Embrace"

Dark Hunters 4 -Talon e Sunshine - Sherrilyn Kenyon

—Sério? Deveria haver seis. Comi tudo as de sabor churrasco?

—Não é gracioso — Mas ela riu igualmente.

—Relaxe —disse ele, tratando de alcançar as bananas fritas que ela tinha feito. —Tem uma banana.

Ela o olhou travessamente, logo arrastou seu olhar de fantasia por seu magnífico corpo nu.

—Eu já tive sua banana.

Lhe sorriu.

—Acredito que seria mais correto dizer que minha banana teve a ti.

Sunshine riu outra vez enquanto se inclinava para lhe dar um morango. Ele sustentou sua mão sobre seus lábios enquanto percorria os dedos com sua língua lhe mordendo a pele antes de deixar que a retirasse.

Ele era diferente a qualquer um que alguma vez tivesse conhecido.

Mas infelizmente, não podia durar.

Seu coração se afundou enquanto a realidade disso a golpeava. Precisava ir-se dali antes que deixá-lo fosse até mais difícil do que já era. Ela não queria machucá-lo ou a si mesmo.

—Sabe, Talon —disse ela, escolhendo um morango. —foi divertido o último par de dias, mas realmente preciso retornar pra casa.

Talon trouxe sua comida e tomou um gole de água, era mais fácil dizê-lo que fazê-lo. Não podia levá-la a supra casa, os Daimons ainda estavam atrás dela e Ash queria que a protegesse.

Abandonar o dever era algo que o Atlante não perdoava.

Os Caçadores Escuros eram protetores. Qualquer um que falhasse em manter seu código, rapidamente se encontrava passando a eternidade em um tortura dolorosa.

Não é que ele necessitasse essa ameaça. A verdade era que não queria ver Sunshine sofrer . Gostava dela mais do que devia.

O pior de tudo, era que gostava de passar o tempo com ela. Tinha passado muito tempo desde que ele tivesse compartilhado



uma noite com alguém. E era tão fácil falar com ela. Tão cálida e divertida.

—Ficaria mais uma noite se lhe pedisse isso?

Ele viu a tristeza em seus olhos.

—Eu gostaria, mas o que acontecerá amanhã? Seu não me levar pra casa, eu uso seu bote, então não poderás deixar sua cabana.

—Poderia te levar pra casa amanhã de noite.

Ela estendeu a mão e brincou com suas tranças pequenas. Seu sorriso era terno e cheio de arrependimento.

—Não, Talon. Tanto como eu gostaria, preciso retornar pra casa. Tenho um trabalho que fazer e não sou economicamente independente. Cada dia que não estou na praça, é um dia que não ganho dinheiro. Tenho que comer, sabe. O germe de trigo não é barato.

—Se for pelo dinheiro...

—Não é Talon. Tenho que retornar a minha vida.

Sabia que ela tinha razão. Cedo ou tarde teriam que separar-se.

Levaria-a de volta como ela queria e ele ainda poderia protegê-la depois do anoitecer, oculto nas sombras.

—Ser parte do mundo, mas nunca dele.

Recordou essa noite tanto tempo atrás em que Acheron lhe havia dito essas palavras.

—devido ao que fazemos, temos que interagir com as pessoas. Mas devemos ser sombras nunca vista que se movam entre eles.

—Nunca deixe que ninguém te conheça. Nunca lhes dê uma oportunidade para precaver-se que não envelhece. te mova na escuridão, sempre vigilante, sempre alerta.

Somos tudo o que está entre a humanidade e a escravidão. Sem nós, todos eles morreriam e suas almas se perderiam para sempre.

—Nossa responsabilidade é grande. Nossas batalhas numerosas e legendárias. Mas ao final da noite, vai só pra casa onde ninguém sabe o que tem feito para salvar ao mundo que te



teme. Nunca poderá mostrar sua glória. Nunca conhecerá o amor ou a família.

Somos Caçadores Escuros.

Para sempre poderosos.

Sempre sós.

Talon exalou profundamente. Seu tempo com ela tinha terminado.

—Bem —disse ele —te levarei de volta.

Pegou seu rosto entre suas mãos e a beijou profundamente. E enquanto a saboreava, seus pensamentos foram à deriva, de volta ao passado.

—Speirr? —a voz irada de seu tio o chamava do outro lado da porta.

—Poderia por favor te desprender do abraço de sua esposa por uma tarde, para atender os assuntos comigo? Juro, pela forma em que vocês se comportam não posso imaginar por que não têm já uma dúzia de filhos.

Nynia riu de acima dele enquanto o montava.

—Estas em problemas outra vez.

—Sim, mas você vale todos, Nyn.

Como ela tantas vezes fazia, Nynia se inclinou, esfregou seus narizes antes de beijá-lo apaixonadamente e se deslizou fora dele.

—Melhor te ponha em marcha ou seu tio quererá a cabeça de ambos.

Talon se sobressaltou ante a lembrança e a dor que despertou nele.

Sunshine se moveu para trás e esfregou seu nariz contra a dele assim como Nynia sempre tinha feito. Ele se gelou.

Algo não estava bem. Estas lembranças, suas ações... A forma em que ela despertava suas emoções. Segurou a bochecha da Sunshine para poder olhar seus olhos marrons escuro. Não havia nenhum traço que recordassem a sua esposa, mas suas ações...

—Talon? O que se passa?

Não podia falar. Não se atrevia a lhe dizer que recordava a uma mulher que tinha amado fazia mil e quinhentos anos.



—Nada —disse quedamente —deve te vestir.

Ela se levantou.

—Speirr?

Talon pegou a manta e se cobriu enquanto Ceara brilhava tenuamente em sua cabana.

—Passa algo? —Sunshine perguntou ao notar seu repentino desconforto.

Ele negou com a cabeça.

Ceara se parou em seco enquanto olhava a Sunshine. Seus olhos se aumentaram.

—Tem companhia?

Ele não respondeu. Não podia sem ter que lhe explicar a Sunshine o fato de que Ceara estava com eles.

—Há algum problema? —perguntou ele.

—Não —disse Sunshine.

—Sim, —Ceara respondeu. —Sabe que Acheron esta te procurando?

Talon franziu o cenho. Pegou seu telefone celular da mesa de luz e marcou o número do Acheron.

Ninguém respondeu.

—Seu telefone está desligado? —perguntou.

O semblante carrancudo da Sunshine fez jogo com o seu.

—O telefone de quem?

Ceara negou com a cabeça.

—Esteve te procurando toda a noite.

Seu cenho se fez mas profundo. Olhando para baixo, marcou o número do Nick.

Outra vez, ninguém respondeu.

—Isto é estranho —disse Talon. —Ninguém responde.

Sunshine encolheu de ombros.

—Não é estranho. É mais de duas da manhã. Talvez estejam dormindo.

—Confia em mim — disse ele — estes tipos estão completamente acordados agora mesmo — Se voltou para sua irmã.

—Ceara, onde esta Acheron?



—Ceara? — perguntou Sunshine. — Acheron? Do que está falando?

Ceara ignorou sua interrupção.

—Está com a Artemisa neste momento, mas esteve preocupado por ti.

—por que esperou tanto para vir? — perguntou Talon.

— Não pude chegar mais cedo. Algo me manteve bloqueada de você.

—Desde quando?

—Não sei. Algo tem um poder a seu redor. Algo escuro e mau.

—Com quem está falando? —perguntou Sunshine.

—Sunshine, por favor, explicarei-lhe isso em um minuto. Primeiro, necessito umas poucas respostas —olhou a Ceara.

Ceara olhava a Sunshine curiosamente. Caminhou para ela e colocou uma mão em seu ombro. Sunshine tremeu.

—O que foi isso?

Ceara saltou para trás como se o contato a tivesse golpeado.

—Nynia —murmurou ela, levantando o olhar para ele com o cenho franzido.

Algo dentro dele gritava uma negativa. Esta vez quando falou com a Ceara, falou em celta.

— Não, ela não é. Não é possível.

—Possível ou não, Brathair, é ela. Tem a alma da Nynia. Não a pode perceber?

Talon cravou os olhos no Sunshine, seu coração martelava. Poderia ser realmente?

Envolvendo a manta ao redor de seus quadris, moveu-se para onde Sunshine estava parada e colocou suas mãos a cada lado de seu rosto. Levantou-lhe a cabeça para poder ver seus olhos escuros.

Apesar de suas negativas, sentiu-a. Tinha-a sentido no primeiro momento que a tinha cuidado sob a luz do poste.

De um profundo lugar dentro dele, tinha sabido todo o tempo que ela era sua Nynia. Tinha sabido do primeiro momento que a tinha saboreado.



Suas mãos tremeram ante a verdade disso.

—Como pode ser? —perguntou-se.

Mas em seu coração, já sabia. Camulus a tinha enviado.

Ela estava ali para destruí-lo uma vez mais. Seu peito se apertou ao ponto que não podia respirar.

Por isso era que ele se havia sentido tão atraído por ela. O porquê não queria deixá-la. Camulus queria que ela o seduzisse a fim de que ele tivesse que vê-la morrer outra vez. Em seus braços.

Fechando os olhos, Talon empurrou Sunshine contra ele e a abraçou fortemente, esmigalhado por querer brigar com o céu e terra para mantê-la com ele e sabendo que ao final perderia.

Ninguém alguma vez derrotou a um deus.

Sunshine lutou para poder respirar dentro de seu esmagante abraço.

—Talon me estas assustando. Que está acontecendo?

—Nada. Só devo te levar pra casa.

longe de mim, antes que os deuses se dêem conta que está aqui e resolvam te castigar por isso.

—Speirr? —Ceara perguntou, sua voz soava distante. —Não posso ficar aqui. Estou sendo puxada para fora outra vez.

—Ceara?

Ela se foi.

Talon aprisionou com força a suas emoções. Não podia as ter agora mesmo. Tinha muitas coisas que fazer e necessitava todos seus poderes para enfrentar o desafio de manter a Sunshine segura.

Sem mencionar que precisava averiguar o que era o que estava interferindo com os poderes da Ceara e o telefone do Acheron.

A vida da Sunshine estava em suas mãos. Desta vez, não lhe falharia.

Talon apertou os dentes, desejando poder trocar a história.

—Fica comigo, Speirr, por favor não saia com vingança em seu coração.

Se tivesse escutado a Nynia o dia em que seu tio foi



assassinado, então sua vida teria tomado um curso inteiramente diferente.

Mas com os nervos em ponta, com pena e fúria, tinha negado a petição da Nynia e não tinha discutido o problema.

Como sempre, Nynia tinha concordado e Ihe tinha deixado sair-se. Tinha ido diretamente à tribo do norte e os tinha arrasado, sem saber que ambos, ele e os gauleses, tinham sido arrastado em uma armadilha.

Quando se tinha dado conta da verdade, já era muito tarde para desculpar-se.

Os gauleses estavam sob o amparo do deus de guerra Camulus e sob a liderança do filho humano do Camulus. A fúria do deus da guerra ainda ressonava pela vida do Talon.

—Existirei só para ver-te sofrer.

Era uma promessa que Camulus tinha completado adequadamente.

Não, não podia opor-se ao Camulus e ganhar. Como um Caçador Escuro, era forte e poderoso, mas não ao ponto de poder matar a um deus.

Basicamente, ele estava perdido a menos que levasse a Sunshine de volta a sua vida e fora da dele, logo.

Uma vez que estiveram vestidos e Sunshine pegasse suas coisas, pelas quais teve que retornar três vezes, Talon a ajudou a subir ao bote e se dirigiu para Nova Orleans. Quanto mais pusesse distância entre eles, mais segura estaria.

Contataria ao Acheron uma vez que estivessem na cidade e veria se talvez Acheron podia chamar a outro Caçador Escuro ou Escudeiro para velar por ela até o Mardi Gras. Alguém cuja presença não a pusesse em perigo, ainda mais que os Daimons que foram atrás dela.

Uma vez que chegaram à garagem, Talon decidiu deixar sua moto e usar o Viper esta noite. Precisava acelerar e não tinha desejos de pôr a Sunshine em mais perigo.

Rompendo as leis de excesso de velocidade das que queria contemplar, Talon a levou a seu loft e logo usou seu telefone de



parede para chamar o Acheron.

—O que faz na cidade? —Acheron demandou.

—Disseram-me que estava tratando de me localizar.

—Dito por quem? Pensei que minhas instruções eram claras. Tinha que ficar em sua cabana com a mulher.

Talon franziu o cenho. Isto era estranho. Ceara nunca se equivocou antes, nem lhe tinha mentido.

—Fez, mas então... —, fez uma pausa enquanto tratava de entender a situação.

Que estava passando aqui?

—Sim?

—Nada, T-Rex, acredito que te interpretei mal.

—Então, por que está até ao telefone comigo? —Ash perguntou. —Deve levar a de retorno a sua cabana. Agora.

Talon não se preocupou com seu tom arrogante. Ash podia ser evasivo e incômodo, mas nunca antes tinha sido um estúpido autoritário.

—Não posso, T-Rex. Algo estranho esta passando. Tenho que deixá-la aqui.

—por quê?

Talon olhou ao redor para estar seguro que Sunshine não podia ouvir a conversa. Não lhe havia dito uma palavra em todo o caminho de volta ao loft e agora estava sentada no sofá desenhando e se mostrava completamente esquecida dele.

Ele queria mantê-la dessa forma.

Só para estar seguro, falou baixo.

—Ela é minha esposa.

—Perdão?

Talon baixou até mais a voz.

—Acredito que Sunshine é Nynia reencarnada.

—Bem, não é isto interessante?

—Sim, e não posso protegê-la mais. Preciso que alguém mais a vigie, OK?

—Sim, posso ver seu dilema.

Talon franziu o cenho. Dilema? Essa não era o tipo de palavra



que Acheron usava.

—Há algo mal contigo, T-Rex?

—Não. Só estou preocupado por esta situação. Está deixando-a agora?

—Devo fazê-lo.

—Talvez deveria esperar até manhã de noite.

—O que?

—Não posso levar a ninguém ali esta noite. por que não continua protegendo-a até que possa trazer para alguém mais para encarregar-se? Realmente não confio no Zarek para vigiá-la, você sim?

—Demônios, não. Tem razão. Definitivamente não quero deixá-la aqui desprotegida.

—Sim. Poderia ser um problema. Passa o dia ai, e amanhã me encarregarei do problema.

O telefone ficou mudo.

Talon desligou com um sentimento estranho em seu estômago. Algo a respeito desta conversa não parecia correto.

Mas enquanto olhava através do quarto, suas preocupações estavam eclipsadas pela vista da Sunshine.

Ela estava ainda sentada no sofá, desenhando em sua almofadinha e cantarolando uma suave melodia.

Era o arrulho da Nynia. A mesma canção que estava acostumado a cantar enquanto trabalhava.

Desejo e dor o atravessou tão poderosamente que mal podia mover-se.

Mas era o amor que sentia por ela o que mais o afligia.

Contra sua vontade, aproximou-se. ajoelhou-se ante ela, colocou sua cabeça em seu colo e a abraçou fortemente, agradecido de tê-la com ele, não importa quão diferente ela se via ou atuava.

Sua Nynia estava de volta.

Sunshine estava aturdida pela familiaridade de suas ações.

Instintivamente, passou sua mão através da suavidade de seu cabelo dourado enquanto recordava ainda mais a respeito de seu



Abraço Noturno -

"Night Embrace"

Dark Hunters 4 -Talon e Sunshine - Sherrilyn Kenyon

passado juntos. Ele tinha feito isto antes. Muitas vezes.

—Que aconteceu, Talon?

—Desejaria poder dizer lhe — Levantou a cabeça para olhá-la. A tortura nesses olhos negros a alcançou e fez que seu coração pulsasse por ele.

Talon foi para trás.

Agora que sabia quem era ela, deixá-la era quase impossível.

Mas não havia nada que pudesse fazer. Ela teria que viver esta vida com alguém mais.

Que escolha tinha ele? Nunca faria nada ou a machucaria. Não outra vez.

Tinha-a matado uma vez, não a mataria outra vez.

Não havia forma de que pudessem estar juntos enquanto seguisse amarrado à maldição.

Styx jogou com seu telefone celular enquanto pensava sobre sua conversação com o Talon.

Ele sorriu.

OH, isto era doce. Talon já sabia que Sunshine era sua esposa morta reencarnada.

Perfeito. Simplesmente perfeito, a mentira não podia ter tido mais esperanças. Tudo ia adiante segundo seus planos.

Zarek tinha tragado o anzol e se deixou incriminar. Talon agora estava adequadamente distraído por sua esposa. Valerius estava sob o controle do Dionísio.

E Acheron...

Bom, tinha algo muito especial planejado para esse.

Como as pessoas francesas Cajún de Nova Orleans diriam, Laissez Os Jeux Commencer... Que comece o jogo.

CAPÍTULO 9

—Suponho que agora você já vai —disse Sunshine



quedamente, ainda quando parte dela não queria que se fosse. Seu grande loft repentinamente parecia um pouco desolado ao pensar nele indo-se.

Divertiram-se muito bem em sua cabana, criando a bandeja com comida, fazendo o amor.

Mas agora sua sexy escapada tinha terminado. Era hora que continuassem por caminhos separados.

por que, então, doía-lhe tanto pensar que não o voltaria a ver outra vez?

Talon assentiu.

—Sim, acredito que sim — Soltou sua mão e começou a dirigir-se para a porta. Poderia encontrar algum lugar para dormir na construção abandonada do lado. Encontrar um lugar que não estivesse muito longe deste a fim de poder continuar sua vigilância até o amanhecer. Logo poderia ficar no edifício até manhã de noite.

Seria mais fácil assim. Mais fácil para os dois se rompesse a relação agora.

Não havia razão para passar outro dia com ela, quando sabia que não podia lhe oferecer nada de si mesmo.

Nada enquanto ele implicasse um perigo para ela.

Sunshine sofria enquanto alcançava o trinco da porta.

Ele estava indo.

Estava terminado.

Não podia respirar. Uma dor cruel a apunhalou no estômago ante o pensamento de não vê-lo nunca mais.

Não podia sentar-se aqui e deixá-lo ir desta forma.

—Talon?

Ele se deteve e se voltou a olhá-la.

—Por que não fica esta noite? Sei que não pode retornar pra casa antes da saída do sol.

—Não, melhor não.

—Mas aonde irá?

Ele se encolheu de ombros.

Deixa ir...



Não podia. Não assim. Não parecia correto.

—Vamos. Estarei fora do loft amanhã cedo e terá o lugar todo para ti enquanto trabalho. Ninguém te incomodará. Prometo.

Talon vacilou.

Vai-te.

A ordem ecoou em sua cabeça. Necessitava-a.

Não podia.

—Estas segura que não te importa? —perguntou.

—Por nada.

Talon inspirou profundamente e se voltou para ela.

Sua esposa.

Sua última salvação.

Sua última destruição.

Nynia tinha sido tudo para ele. Tinha pensado todos estes séculos que estava a salvo de suas emoções. a salvo da dor que vinha com as lembranças de sua esposa.

Agora tudo retornava. Ainda mais doloroso que antes.

—Há algo errado? —Sunshine perguntou.

—Só estou cansado —disse, tirando a jaqueta e colocando-a sobre a poltrona.

Sunshine trouxe ante a vista de sua camisa justa exibindo seu corpo bem desenvolvido. Ela estava fascinada com sua forma impressionante. O homem tinha o melhor traseiro que o couro podia vestir. Suas pernas eram longas, bem formadas, e magníficas, ela recordava muito bem como se sentiam quando se embaralhavam com as dela.

A sensação de todo seu poder e beleza masculina jazendo em seus braços... empurrando-se entre suas pernas...

Quase gemeu em voz alta ao imaginar-lhe, mas havia uma parede entre eles agora. Como se lhe tivesse fechado parte de si mesmo.

foi-se o homem terno com o que tinha compartilhado seu corpo e risada. Agora via a besta poderosa que tinha golpeado a seus assaltantes e os tinha feito sair correndo aterrorizados.

Como sentia saudades o lado mais suave dele.



—Puseste-te tão rígido comigo, não?

Arqueou-lhe uma sobrancelha desconcertado e se viu perplexo pela pergunta.

—Lady, eu me ponho rígido cada vez que te aproxima .

O calor subiu a suas bochechas e ela se mofou.

—Não quis dizer esse tipo de rigidez. A pesar que esse tipo de rigidez seja muito melhor que a outra. Ao menos essa sei que você gosta.

Talon gemeu enquanto ela olhava para suas calças onde estava seguro que sua ereção era totalmente visível. Sentiu suas barreiras desmoronando-se. Sentiu o desejo de ser com ela o homem que sempre tinha sido com a Nynia.

Com a Nynia tinha sido ele mesmo. Ela nunca tinha esperado que ele fosse outra coisa que seu amigo.

Nyn nunca tinha visto o patético filho que era cuspidor e rechaçado. que tinha tido que assear-se depois de seus superiores.

Ao que tinham forçado a comportar-se servilmente. Nunca tinha visto o moço de coração frio em quem se converteu porque estava cansado de ser golpeado e abusado.

Sendo menino, tinha endurecido seu coração e tinha aprendido a receber os murros. Tinha aprendido a devolvê-los e derrubar a todos os invejosos ou a quem fizesse um comentário já fosse dele, sua mãe ou sua irmã.

havia-se dito a si mesmo que não necessitava de amor ou o cuidado de ninguém. E assim é que tinha aprendido a viver como um animal feroz, sempre em condição de dar golpes a qualquer que o tratava de tocar.

Até a Nynia. Ela tinha domesticado à besta nele. Tinha-lhe permitido ser terno com ela. Ser algo mais, além de duro e inquebrável. Defensivo e brutal.

Com ela só tinha sido Speirr. O menino-homem que queria que alguém o amasse. Que queria amar a alguém.

Tinha passado muito tempo desde que Talon tinha sido ele mesmo com alguém.

Seus irmãos Caçadores Escuros recorriam a ele para ser



aconselhados. Acheron dependia dele por sua força, sabedoria, e sua liderança serena.

Nenhum deles, nem sequer Wulf, o conhecia realmente. Nunca tinha aberto seu coração a alguém além da mulher que estava sentada a seu lado neste momento.

Uma mulher a qual não se atrevia abrir-se a si mesmo, nesta vida.

—É insaciável, não? —perguntou ela.

—Só contigo —murmurou, movendo-se mais perto dela enquanto tratava de reconciliar a mulher que tinha sido com a mulher que era agora. —Nunca pude resistir te tocar. Estar dentro de você. Sentir sua respiração em minha pele. Suas belas mãos em meu corpo.

Sunshine tremeu ante suas palavras.

aproximava-se dela como se fosse uma grande besta cercando. Seu corpo era uma sinfonia de movimento.

Seu perfume masculino e a essência do couro, invadiram seus sentidos e deu-lhe água na boca.

Sua cabeça se levantou para seu beijo, mas o empurrou para trás, perplexa por seu comentário.

—Diz como se me tivesse conhecido por muito tempo. por que é isso?

—Sinto como se te conhecesse sempre. Como se te tivesse mantido em meu coração por séculos.

Tremeu ante as palavras. Esta era o homem que a obcecava em sonhos. O poeta Celta e chefe do clã. O homem que recordava que cavalgava para a batalha, e logo cavalgava para casa para amá-la.

Mas não podia ser este homem, Podia?

E assim tudo enquanto pensava sobre isso, precavia-se quão estranhos eram seus sonhos. Neles ela era loira e tinha olhos rasgados, mas Talon...

Talon se via igual.

Completamente, até a tatuagem em seu corpo. As tranças em sua têmpora; ainda levava o mesmo colar. O único diferente era a



cor de seus olhos.

Isto não podia estar certo. Havia algo estranho em tudo isto.

Algo que a queimava a um nível que nunca tinha sabido que existisse.

Podia ser o mesmo homem?

Podia?

Não podia ser possível, vivendo com seu pai e sua mãe, havia visto muitas coisa impossíveis.

Havia poderes etéreos trabalhando neste mundo.

afastou-se do beijo do Talon e inclinou sua cabeça para ver a pele justo debaixo de sua orelha direita.

Havia uma cicatriz pequena ali. Uma cicatriz pequena que ela, como Nynia, tinha feito ao Speirr quando pescavam ainda crianças. Tinha atirado para trás seu cano para lançá-la e o anzol tinha apanhado a orelha do Speirr.

A cicatriz em forma de estrela estava ainda ali.

Tal como sempre tinha estado.

Tal como estava agora.

Não, não era possível.

Podia sê-lo?

Ela tremeu com incerteza.

Seus olhos estavam entrecerrados enquanto a olhava avidamente. Sua respiração caía brandamente contra seu rosto. Podia sentir os batimentos do coração de seu coração sob suas mãos, sentir como sua força e calor chegavam a ela.

—Senti tantas saudades, Nyn... vizinha.

Sunshine gelou enquanto ele se tornava atrás instantaneamente. Por seu rosto, podia-se dizer que estava tão surpreso como ela.

—Como me chamou?

—Vizinha, — disse rapidamente

—Antes disso.

—Nada.

De acordo, isto era muito estranho. E ela queria, não ela necessitava, uma explicação.



Abraço Noturno -

"Night Embrace"

Dark Hunters 4 -Talon e Sunshine - Sherrilyn Kenyon

—Talon —disse, deixando a cadeira e parando-se frente a ele. —me diga o que acontece. Sabe quem é Nynia?

Seus olhos de obsidiana brilharam.

—Você sim?

OH Deus, era certo! Conhecia-a. De alguma forma ele recordava o passado também.

Não tinha trocado nada. Não podia estar à luz do dia. Não era um cidadão americano e mesmo assim...

OH, não fazia falta um cientista espacial para esclarecer isto. De alguma forma, Talon era Speirr.

Ele era um vampiro ou um imortal ou algo assim. Ela sabia.

—Como me recorda? —lhe perguntou.

—Como poderia ter esquecido alguma vez?

Ele evadiu seus lábios e o empurrou para trás outra vez.

—Muito doce, mas isso não responde a minha pergunta. Há algo realmente estranho contigo, Talon. E não tem sentido que esteja agora como os está em meus sonhos. Nem sequer eu pareço a mesma. Mas você sim. por quê?

Talon queria lhe dizer, mas não podia encontrar as palavras. Depois de sua morte vendi minha alma por vingança a uma deusa grega quem agora me possui a fim de que possa passar a eternidade caçando e aniquilando vampiros. Até lhe custava acreditar a verdade dessa declaração e tinha vivido essa realidade por mil e quinhentos anos.

Lhe grunhiu.

—Esta rígido outra vez.

—Pode deixá-lo no momento? Aceita-me como sou?

—OK. Mas me responda uma coisa.

—O que?

—Quando te graduou da escola secundária?

Ele se viu incômodo com sua pergunta.

—Não me graduei.

—Então em que ano abandonou?

Talon se afastou dela. Estas eram coisas às que não podia responder. Coisas que se recusava a responder.



A dor em seus olhos atirava de seu coração.

—Qual é o problema, Talon? Não sou estúpida. Ninguém é tão alérgico à luz do sol que nem sequer possa caminhar frente a uma janela. E não pense que me escapou o detalhe que nunca mostra seus dentes. Se me aproximo muito quando nos beijamos, então imediatamente te afasta.

Talon desejava atrever-se a usar seus poderes para fazê-la esquecer-lo. Para trocar este tema a um pouco menos volátil.

—O que? Quer que admita que sou um vampiro? Que uivo à lua quando esta cheia?

—É? Faz?— aproximou-se dele e colocou sua mão em seu queixo como se fosse a força-lo a abrir a boca. —me mostre seus dentes, Talon — Ele deu um passo atrás.

—Não posso.

Lhe dirigiu um olhar significativo.

—É Speirr, não? De alguma forma é você. Você, ao que vejo quando sonho. Não é assim? — Ele afastou o olhar. —Não direi a ninguém —insistiu, suavizando sua voz. —Só preciso saber.

—Que diferença faria? —explorou, cansando-se desta conversa. —Temeraria-me?

—Não —disse ela sem ar, soando reconciliadora. —Não acredito que alguma vez pudesse te jogar.

—Então por que tem que saber? — O fogo retornou aos olhos dela enquanto o aproximava dela.

—Porque quero que seja aberto e honesto comigo, compartilhar sua vida.

Suas palavras o rasgaram. Amargos desejos cresceram em seu coração enquanto recordava que tão desesperado tinha estado por tê-la em sua vida humana. Naquele tempo só a posição social e os falatórios tinham estado em meio deles. Agora o universo inteiro estava unido para mantê-los separados.

—O que te faz pensar que quero compartilhar minha vida? Talvez só esteja te usando para ter sexo.

Com cara afligida, ela se separou dele.

—Faz?



A dor em seus olhos o traçou. Não queria machucá-la.

—Faz você? —perguntou ele, lhe devolvendo a pergunta. —me diga o que quer de mim, Sunshine?

—Honestamente não sei. Parte de mim se sente atraída por ti e outra parte se sente assustada. Há algo muito escuro em seus olhos. Se quisesse te conhecer melhor, deixaria-me?

—Não —disse apertando os dentes, —não podemos.

—Então me deve uma razão de por que não podemos. Sabe, não sou nenhuma menina que necessita de um pai para que tome suas decisões. Pensei que me respeitava.

—Faço.

—Então me trate como uma adulta. me diga por que lhe recusas a responder ainda a pergunta mais básica a respeito de você mesmo.

O que ela pedia era impossível. Nunca poderia lhe contar sobre sua vida atual, não a menos que Acheron ou Artemisa o liberassem de seu juramento.

—Se te disser quem sou, então sua vida estará em perigo.

—Vivo em Nova Orleans sobre um dos clubes mais populares da cidade e estaciono meu carro em um beco onde dois homens foram assassinados ontem à noite. Minha vida está sempre em perigo.

—Esses não eram homens e não foram assassinados — Talon não sabia por que lhe tinha escapado isso.

—Então o que eram?

Diga-lhe.

A ordem era tão intensa. Nem uma vez tinha quebrado seu Código de Silêncio. Nunca.

"Os Daimons queriam divertir-se com sua namorada, Celta. Não a deixe desprotegida."

Ela tinha direito de saber o que havia lá fora querendo caçá-la.

—Talon — Deu um passo entre seus braços e colocou suas mãos em seu rosto. Seu contato era reconfortante e quente.

Quase teve êxito em quebrá-lo.



—Confia em mim. Qualquer coisa que seja, nunca direi nada.

—Não posso, Sunshine. Não posso.

—Não pode, Talon, ou não quer? — Respirou irritadamente e deixou cair as mãos. —Bem, Conserva seus segredos. Segue adiante e me deixe de lado. Vive uma vida feliz fazendo o que faz.

Ela se afastou dele.

Talon tratou de alcançá-la, mas evitou sua mão.

—Sunshine...

—Não me toque. Estou zangada contigo.

—Por favor não fique zangada comigo.

Ela negou com a cabeça.

—OH, és bom com esses olhos de cachorrinho. Essa nota profunda em sua voz. Mas estou muito mal para que me importe. Só vai-te.

Ele se sobressaltou ante a dor em sua voz e sua ordem. Feriu-lhe até seu coração.

Nesse momento, deu-se conta de algo. Zarek e Acheron tinham razão, estava assustado. Assustado de ir-se e assustado de ficar.

Quão último queria era perder a Nynia outra vez e ainda assim quando olhava a Sunshine, emergia nele o pensamento que apesar de que ela tinha a alma de sua esposa, ela não era sua esposa.

Ela era alguém mais. Alguém novo e lhe exasperante. Nynia nunca se enfureceu com ele. Nem ainda quando mereceu sua cólera. Sempre tinha sido tímida e vergonhosa. Não atrevida e exigente como era Sunshine.

Se ele dizia que deixassem o problema, então Nynia inclinava a cabeça e mudava de tema. Ela nunca teria dado com o joelho a um Daimon ou teria brigado com um lagarto.

Mas o mais assombroso, era que tinha que admitir que gostava do fogo em Sunshine. Sua habilidade para lhe fazer frente a todo mundo a seu redor.

—O que? —perguntou ela, piscando como se não pudesse acreditar o que via. —Ainda está aqui? Pensei que dei uma ordem.



Ele sorriu apesar de si mesmo.

—Não quero te deixar, Sunshine. Não pode me aceitar como sou?

Sunshine olhou para outro lado.

—Eu gosto do pouco que sei de você Talon, mas o problema é justamente que tão pouco eu sei de você. Vive no pântano, parece que tem um montão de dinheiro e nenhum sobrenome, e você gosta dos lagartos grandes e horripilantes e tem a um tipo chamado Nick que recolhe recados. Isso é tudo. —Essa é a extensão de meu conhecimento sobre o Talon e é uma lista realmente curta — Ela enfrentou seu olhar.

—Me recuso a ter uma relação com um homem que nem sequer me confia sua vida básica. Agora se tudo o que quer é ter relações sexuais, então ali está a porta. Se realmente quer ficar, então me conte algo sobre você. Alguma coisa significativa.

—Como o que?

—Me diga o nome de seu melhor amigo.

—Wulf Tryggvason.

Horrorizada, ela deixou cair sua mandíbula.

—OH meu Deus, acaba de responder uma pergunta. Penso que o mundo pode acabar-se em qualquer momento.

—Não é graciosa. Então posso ficar?

Ela franziu os lábios enquanto pensava nisso por um minuto.

—Muito bem, mas só porque sei que não pode retornar pra casa antes que o sol se levante.

Decidida a manter distância entre eles até que ele respondesse a suas perguntas, Sunshine deu a volta e foi a seu dormitório. Pegou um travesseiro e a manta de sua cama, logo retornou à sala de estar e as deu a ele.

Ele ficou como quem vê visões enquanto agarrava o travesseiro e a colcha rosa.

—O que é isto?

—Até que me confesse tudo, pode ficar no sofá.

—Está brincando.

—OH não, nem um pouco. Não vou deixar que entre em minha



cama até que me deixe entrar em sua cabeça.

Talon ficou completamente estupefato enquanto ela caminhava para a parede mais afastada e baixava as cortinas.

—Contei-te sobre o Wulf, —disse ele.

Ela se voltou para ele, com aparência não muito divertida.

—Deu-me só um nome. Oooohh, Isso me diz tanto de você, não? Bem, minhas melhores amigas são Trila Devereaux e Selena Laurens. Agora o que te diz isso sobre mim. Nada. Nada de nada. Nada. Só quer dizer que tenho a alguém a quem posso chamar quando me zango, e acredite, se não fosse tão tarde estaria marcando o número de uma delas como uma louca.

Talon grunhiu, mas não a desconcertou no mais mínimo. A mulher tinha absolutamente muito descaramento.

—Então, me conte sobre o Wulf —disse lentamente, dando um passo para ele. —O que faz para ganhar vida? Vive aqui em Nova Orleans? Está casado? Quanto tempo faz que o conhece?

—Ele vive em Minnesota e não está casado —

Ela se via agradada e ao mesmo tempo conseguiu lhe dirigir um olhar ressentido também.

—Como o conheceu?

No Mardi Gras cento e dois anos atrás quando Wulf tinha sido transladado à cidade para serviços temporários..., era algo que nunca poderia lhe dizer a Sunshine.

Talon deixou escapar um suspiro exasperado.

—Conheci por muito tempo.

—Oooh —ela suspirou outra vez. —Respostas como essa lhe levaram ao sótão, mas não lhe porão de volta em minha cama. E definitivamente não lhe deixarão te aproximar de meu corpo.

—Está sendo irracional.

—Hah!

Isto era tão injusto. Ele tratava de protegê-la e aqui estava ela lhe pedindo algo que não lhe podia dar. Lhe negando seu corpo porque não queria vê-la sofrer.

Como ela podia lhe fazer isso?

Zangado por sua contínua insistência, ele grunhiu,



—Sou seu marido.

Ela suspirou e o percorreu com o olhar.

—Não nesta vida, amigo — Levantou sua mão esquerda para olhá-la. —Não vejo nenhum aliança de casamento em meu dedo, e a última vez que me fixei, vinha entrando em povo como um possuído no lombo de seu cavalo de guerra negro, me levantando no ar e me perguntando se queria ser tua.

Talon se congelou ante suas palavras.

—Recorda isso?

Uma parte de sua cólera pareceu desvanecer-se enquanto ela inclinava a cabeça assentindo.

—E quero saber como é que você o recorda.

Ele lançou a manta e o travesseiro no sofá e se deitou rigidamente.

—Disse-lhe isso, não posso te contar.

—Então boa noite, meu amor. Tenha sonhos agradáveis.

Ela se aproximou para lhe beijar a frente e caminhou para seu quarto.

Com seu magnífico olhar a ponto de explorar, Talon a observou enquanto fazia o grande show de fechar as cortinas. Essa mulher tinha uma forma de fazê-lo arder e desta vez não era no bom sentido.

Ele estava furioso.

Especialmente quando ela ligou a luz da criado-mudo e ele pôde ver seu corpo explicitamente através do fino tecido.

Seu coração martelava. Não podia desprender seu olhar dela enquanto tirava a roupa de seu corpo exuberante e logo subia nua à cama.

Só podia imaginá-la jazendo ali, os lençóis de algodão rosa cobrindo suas coxas quentes, molhados. Seus peitos apertados enquanto jazia sobre seu lado com o braço mal roçando e parcialmente ocultando seu escuro mamilo esquerdo. Suas costas nuas e ao descoberto de seu olhar ansioso e seu cabelo desdobrado ao redor de sua cabeça, só esperando que ele se deitasse atrás dela e a aproximasse de seu corpo.



Logo ele deslizaria sua mão sobre sua coxa onde seguraria sua suave carne e lhe levantaria a perna, abrindo seu corpo a fim de poder deslizar-se profundamente em seu interior desde trás.

OH sim..., ele podia sentir seu suave traseiro contra sua virilha enquanto se deslizava a si mesmo dentro e para fora de seu corpo quente. Sentia sua cabeça sujeita sob seu queixo enquanto enterrava sua mão entre suas pernas e a acariciava com os dedos enquanto o fazia o amor da forma mais doce, mais terna.

Seu perfume de patchouli o rodeava enquanto ela se retorcia por seu contato e gemia em êxtase.

Cada hormônio em seu corpo estalou despertando e sua virilha se endureceu, demandando-a.

Nynia nunca teria feito isto a ele. Nunca lhe tinha negado o acesso a ela. Nem sequer uma vez. Tudo o que tinha que fazer era dobrar um dedo ou levantar uma sobrancelha e sua esposa gostosamente tinha entrado em seus braços.

Neste momento, sentia saudades muito mais do que alguma vez o tinha feito.

—Sunshine?

—Não, Talon –disse ela firmemente, apagando a luz. —A resposta ainda é não.

—Não te perguntei nada.

—Conheço essa nota em sua voz quando diz meu nome e sei o que quer, e você sabe o que quero. Adivinhe qual dos dois vai ter que render-se? — Ela fez uma pausa, logo adicionou, —e para que conste, não serei eu.

Ele amaldiçoou baixo. Era tão malditamente teimosa nesta vida. Que tinha acontecido com a Nynia amável, que lhe dava o que ele quisesse, quando ele quisesse?

Muito bem, então, deixemo-la fazer ali sem ser incomodada e nua.

Seu corpo saltou ante a palavra.

Gemendo, deu-se volta e olhando a parte de atrás do sofá a fim de não podê-la ver mais.

Ele era um homem crescido, podia dirigir isto. Podia



controlar-se.

OH, maldito inferno! Nenhuma mulher o tinha rechaçado antes. Isto o atormentava e enfurecia.

Afundou o punho no travesseiro enquanto se endurecia ainda mais. Era muito grande para o sofá e era malditamente incômodo, mas dormiria aqui ou morreria.

Sunshine escutou ao Talon movendo-se no sofá. Quase sentiu pena por ele. Quase.

Mas estava cansada de seus segredos. Cansada de seus jogos secretos. Ela tinha bisbilhotado bastante ao redor de supra casa para inteirar-se de que provavelmente não fosse um vendedor de drogas, especialmente quando nem sequer tinha uma garrafa do Tylenol, mas tinha todo um gênero de coisas eletrônicas interessantes. Montões de couro, cerveja importada, e muitos DVDs para afundar um navio de guerra. Sem mencionar as armas estranhas que tinha encontrado. Grande parte delas de desenho muito antigo.

Havia algo muito estranho a respeito de sua vida e até que soubesse o que era, não ia se permitir aproximar-se dele. O devia a si mesmo, saber algo mas dele antes que seus olhos sentimentais a desviassem outra vez.

deu-se volta e se forçou a dormir. Precisava trabalhar amanhã. A diferença dele, não tinha um fornecimento interminável de ganhos.

—Bem, olhem quem retornou.

Sunshine baixou o livro que estava lendo e sorriu a Selenia enquanto Selenia fazia rodar seu carro para ela. Levava um vestido púrpura solto e uma capa negra, Selenia estacionou seu carro à direita do da Sunshine, que tinha peças de cerâmica e esboços, e começou a tirar sua mesa de naipes e suas coisas de médium.

—Sei —disse Sunshine tristemente enquanto marcava a página de sua novela romântica "Born in Sea" e a deixava a um lado. — estive ocupada os últimos dias. Sinto muito.

Selenia estendeu um tecido púrpura sobre a mesa de naipes.



—Então me inteirarei a respeito deste tipo? Quer que faça uma leitura para ti?

Sunshine suspirou enquanto se levantava de seu tamborete para ajudar a Selen a colocar seus pôsteres.

—Não sei muito a respeito dele exceto que é um deus do sexo, loiro, gigante e motoqueiro que come nada mais que um monte de porcarias, tem uma tonelada de dinheiro, vive no pântano, e conhece seu cunhado, Kyrian... OH, e conhece marido do Grace também.

A cara da Selen a se voltou pálida. Ela olhou para cima, sobressaltou-se.

—Talon? estivesse vendo o Talon? mais de uma vez?

Sunshine se congelou, rasgada entre a excitação e a apreensão. Selen não estava bem. Parecia mas bem decomposta pela notícia.

—Conhece? —perguntou incredulamente.

Selen incômoda, jogou uma olhada ao redor.

—OH Deus, por favor, por favor me diga que não é o atleta sexual ao que o atropelou a limusine do Mardi Gras. Por favor me diga que o tipo que estive imaginando não é Talon. jantei com ele, maldita seja.

—Esta bem, não te direi que é ele, mas... é ele. Não é genial?

Selen gemeu.

—OH Deus. Tinha ouvido rumores a respeito dele, mas quem podia saber se eram realmente verdadeiros? Não posso acreditar isto — Sunshine estava aliviada. Finalmente, alguém que lhe podia dar algumas respostas, caso que as pudesse extrair à força a Selen. Mas Selen parecia que ia ser menos que sincera.

—Lainie, melhor dizer o que sabe dele — Selen abriu sua boca, mas pela determinação de sua mandíbula, Sunshine soube o que estava a ponto de dizer. —Não te atreva a me dizer que não me pode dizer nada —disse ela antes que Selen pudesse. —ouvi bastante disso de parte dele.

Selen fechou a boca.

—Bom, é um bom tipo por uma vez. Ele não é seu usual



motoqueiro desempregado e tem um futuro. Um futuro realmente longo.

—E que mais?

Selena começou com evasivas.

Sunshine abriu a cadeira dobradiça que Selena usava para seus clientes, logo se sentou a seu lado.

—Vamos, Lainie. Sério, realmente eu gosto deste tipo, e me volta louca que não me diga nada, nem sequer seu aniversário. Então, o que sabe?

—supõe-se que não devo dizer nada, Sunny. Eu fiz o juramento de guardar o segredo.

—Juramento a quem?

Selena colocou sua caixa de cartas de tarô na mesa.

—Não se supõe que o diga – repetiu ela.

—O que é ele, a máfia?

—OH não –disse ela, sua voz grossa como advertência. — Fazem que a máfia se pareça com os Boys Scouts. Estes são tipos aos que ninguém os cruza impunemente.

—Alguém pior que a máfia? Quais são?

—Olhe —disse Selena. —Só digamos que estão na linha de trabalho da Tabitha, OK?

Sunshine franziu o cenho.

—Lingerie? Ele dificilmente parece o tipo para vender isso.

—Não, graciosa o que faz ela na noite?

Sunshine formou uma O pequena com sua boca enquanto entendia.

—É um caçador de vampiros?

—Sim, e um realmente bom também.

Isso esclarecia como se encontraram no beco. Mais ou menos, excetuando que a gente que a tinha atacado não se pareceu aos vampiros. Realmente pareciam yuppies.

—Há bastante mais que isso, não é assim? –perguntou Sunshine.

Selena inclinou a cabeça assentindo.

Ela sorriu diabolicamente. —E você, minha melhor amiga na



terra, minha irmã de alma que compartilha colheres do Chunky Monkey e correios eletrônicos com fotos de homens nus com chapéu, a mulher que me fez pôr um vestido de madrinha vaporoso, franzido, cor lima que acrescentava sete quilos a meus quadris, vai cuspir tudo para mim, não é certo?

Selena ficou rígida.

—Não é justo e o vestido não era lima era hortelã.

—Era um verde lima repulsivo e me via como um pistache doente. Mas isso não vem ao caso. vais soltar tudo porque tudo é justo no amor.

Sunshine não estava segura qual delas estava mais alarmada pela última parte dessa declaração.

Selena se voltou para enfrentá-la.

—O que? Estas dizendo que ama ao Talon?

Sunshine se recostou enquanto tratava de pôr em ordem seus sentimentos pelo Talon. Havia tanto a respeito dele que ela adorava, tanto a respeito dele que desejava ardentemente, e ao mesmo momento não sabia nada sobre quem e o que era ele agora.

Tudo o que sabia era como a fazia sentir quando a olhava. A vontade que ela tinha de ir pra casa agora mesmo e estar com ele.

—Honestamente, Selena, não sei. Cada vez que estou perto dele me sinto tão viva. Tão cálida e protegida; nada absolutamente pode tocar ou danificar minha felicidade. Ele simplesmente combina comigo. Sei que isto soa louco...

Fez uma pausa enquanto olhava o stand psíquico da Selena, que estava cheio de pequenos artigos baratos, pedras runas, e símbolos do tarô. Pensando bem, louco para a Selena era equivalente a sua disciplina.

Sunshine cravou os olhos nela, tratando de fazê-la entender.

—Talon e eu estivemos casados em outra vida.

Uma luz escura apareceu nos olhos da Selena. Quando falou, sua voz era apenas mais que um sussurro.

—Sabe isso Talon?

Ela assentiu.

—Ele inclusive me chamou pelo nome de sua esposa ontem à



noite quando o fiz dormir no sofá.

—Dorme no sofá?

—Longa história.

Selena voltou uma das cartas. Olhou a carta da Morte, logo olhou a Sunshine.

—Disse ele quem era em sua vida anterior?

—Não. De fato, quando sonhei com dele me via diferente, mas ele não. Ainda tem as mesmas tatuagens e isso é estranho, mais que estranho. Ainda mais, recordo fazendo-se essas tatuagens. Agora não estou segura se estiver demente ou o que.

Selena cobriu à mão da Sunshine com a sua e lhe deu um apertão ligeiro, compassivo.

—Não, doce. Não é uma louca, ao menos não a respeito disto.

—Então o que acontece?

Selena olhou ao redor, logo se apoiou mais perto e baixou a voz outra vez como se estivesse assustada de que alguém as ouvisse sem intenção.

—Sunny, me diga verdadeiramente, quais são suas intenções para com Talon?

Sunshine se irritou pela pergunta.

—Quem é? Sua mãe? Prometo que o respeitarei na manhã.

Selena pôs os olhos em branco.

—Isto é realmente sério, Sunshine. Seu interesse atual joga com algumas coisas seriamente más que não duvidariam em matar a qualquer um de vocês se pensassem que você ou ele pudessem traí-los.

Sunshine se sobressaltou ante o tom mortalmente fervoroso de voz da Selena. Isto não estava bem.

—Ele é um vampiro, não é assim? Eu sabia...

—Não exatamente.

—Isso é o que ele disse. Assim é que te perguntarei o que lhe perguntei que não é exatamente um vampiro?

—Um Caçador Escuro.

Sunshine ficou estupefata de finalmente ter uma resposta. É obvio, a resposta não tinha nenhum sentido absolutamente, mas



mesmo assim era um princípio longamente esperado.

—E isso seria...?

—Um imortal caçador de vampiros que vendeu sua alma por um Ato de Vingança.

Um calafrio subiu por sua coluna vertebral.

—Vendeu sua alma a quem, ao diabo?

—À deusa Artemisa.

Sunshine olhou com cenho. Isto era a última coisa que tinha esperado ouvir. Mas, dado o estranha que era esta conversação, não deveria estar surpreendida de nada.

—Está brincando, verdade?

Lentamente, Selenia negou com a cabeça.

—Mas isso não tem sentido. Digo, não há tantos vampiros no mundo, há? Quantos Caçadores Escuros pode haver? É o único?

Pela expressão da Selenia soube que a resposta não seria agradável.

—Há milhares de Caçadores Escuros e incontáveis vampiros. Mais corretamente, são chamados Daimons já que estiveram por aqui mais tempo que a palavra vampiro.

Sunshine se sentou ali em estupor, enquanto tratava de captá-lo tudo.

—Não o capto. Digo, sempre acreditei em vampiros em teoria, mas não realmente em carne e osso, e estou tendo um mau momento acreditando que há tantos ali fora que temos que ter assassinos reais para eles — Ela travou o olhar com a Selenia. — Sem intenção de ofender, mas sempre pensei que sua irmã Tabitha era um pouco estranha, delirante.

Selenia lhe deu um estranho sorriso.

—Ela o é, mas isso não vem ao caso.

Sunshine tratava de aceitar o que lhe dizia Selenia. Ainda não estava segura se devia acreditar nisso. Podia ser Talon realmente um imortal caçador de vampiros?

E mesmo assim, em um sentido muito estranho, explicava um montão de coisas. Um montão de coisas.

OH Deus, ele realmente era um caçador de vampiros!



Ela se sentiu doente.

—De onde vêm os vampiros? —perguntou a Selena, —São demônios ou se fizeram de pessoas, como no cinema?

Selena fez uma pausa, logo falou.

—Ok, me deixe te dar uma curta lição de história e vejamos se isso te ajuda a pôr algum sentido a isto. Anos atrás, duas raças foram criadas, a raça humana e os Apolitas. Os Apolitas eram os filhos do deus Apolo. Ele queria criar uma super raça que nos superaria em cada estado, forma, e estilo. Eram belos, extremamente altos, e tinham maciços poderes psíquicos.

Sunshine trouxe ao recordar a seus assaltantes. Definitivamente soava como eles.

—Mas como muitos outros que têm tais poderes —continuou Selena, —os Apolitas abusaram deles e começaram a guerrear contra a humanidade, tratando de subjugar ao gênero humano.

—Os Apolitas eram vampiros?

—Não —disse Selena, — estas adiantando. Durante a guerra entre os gregos e os Apolitas, os Apolitas mataram a amante do Apolo e a seu filho. Encolerizado com os assassinos, Apolo destruiu a terra natal dos Apolitas, a Atlântida. Por sua traição, os Apolitas foram amaldiçoados a fim de que tivessem que beber o sangue de cada um deles para sobreviver, e tinham proibido pôr nem sequer um pé sob um só raio de luz do dia onde Apolo os pudesse ver. Porque sua amante tinha vinte e sete anos de idade quando a mataram, os Apolitas foram todos condenados a morrer de uma morte horrível em seu aniversário vinte e sete.

—Morrer como?

—desintegram-se e se decompõem lentamente em um período de vinte e quatro horas.

Sunshine ficou boqueaberta.

—OH, que horrível — Selena esteve de acordo enquanto recolhia sua carta e a retornava ao baralho.

—Evitam esse destino de duas formas. Ou eles se suicidam um dia antes de seu aniversário ou se convertem no Daimons e começam a matar humanos e a recolher suas almas em seus corpos



para prolongar suas vidas.

— Como? — Selena se encolheu de ombros.

— Não estou segura exatamente. Só sei que drenam drasticamente o sangue até que morremos, logo tomam nossas almas em seus corpos. O tanto de que vive essa alma, eles podem viver mais tempo. Mas o problema é que a alma de um humano começa a morrer mal a captam. Assim é que estão em uma constante busca de almas novas para manter suas vidas.

—E esta coleta de almas é o que os faz vampiros?

—Demônios, vampiros, pessoas macabras, ghouls, como quer chamá-los. Chupam seu sangue e lhe deixam sem nada. Do tipo como os advogados. — Selena sorriu. — OH espera, acabo de insultar a meu marido.

Sunshine apreciou o intento de humor, mas ela ainda tratava de assimilar tudo isto.

— E os Caçadores Escuros? De onde vêm? São Apolitas também?

— Não, são guerreiros antigos. Depois que a Atlântida se afundou no oceano, os deuses gregos estavam zangados com o que Apolo tinha criado e que logo soltasse aos Daimons sobre nós, assim a Deusa Artemisa criou a um exército para caçá-los e destruí-los. Os Caçadores Escuros. Talon é um de seus soldados.

—Ela os criou como?

—Não sei. Ela faz algo para capturar suas almas e logo devolve ao Caçador à vida. Uma vez que são trazidos de volta, os Caçadores são seus serventes e pagos com dinheiro assim podem concentrar-se em caçar e matar aos Daimons. Seu único trabalho é liberar as almas roubadas antes que as almas morram.

Sunshine respirou profundamente enquanto absorvia toda esta informação. Não se via bem para ela ou para o Talon.

—Assim é que Talon é jurado estar ao serviço da Artemisa para sempre —Sunshine deixou escapar uma respiração trabalhosa. —Deus, realmente os escolho, falando de uma relação que não tenha futuro e sem esperança.

—Não necessariamente.



Sunshine levantou a vista e percebeu a aparência enganosa na cara da Selenia.

—O que?

Selenia baralhou os naipes.

—Sabe, Kyrian foi uma vez um Caçador Escuro...

O coração da Sunshine saltou ante as palavras.

—De verdade?

Selenia assentiu.

—Eles vêm com uma cláusula. O amor verdadeiro pode recuperar suas almas e liberá-los do serviço da Artemisa.

—Então há esperança?

—Carinho, sempre há esperança.

CAPÍTULO 10

Depois de recolher cada suculento detalhe que pôde da Selenia, Sunshine juntou a toda pressa suas coisas e decidiu voltar para seu loft. Quando entrou, Talon ainda dormia sobre o sofá.

Seus lábios sorriram enquanto o olhava. Ele parecia tão adorável e incômodo. Realmente era muito grande para o sofá rosa e branco, e seus braços e pernas penduravam no vazio.

tirou-se a camisa e a jaqueta e as tinha deixado muito bem dobradas sobre a mesa de café, e suas longas botas Harley jogadas no chão debaixo dela.

Seu cabelo loiro estava revoltado e seus traços relaxados enquanto suas pecaminosamente longas pestanas quase estavam recostadas sobre suas bochechas. Suas duas finas tranças descansavam sobre o travesseiro enquanto respirava em um sonho tranquilo.

Ele tinha uma de suas bronzeadas, grandes e masculinas mãos sobre seu rosto.

Olhando agora, achou difícil de acreditar que fosse um antigo guerreiro imortal cujo nome era sinônimo de morte. Mas era ele



quem fazia abrandar-se a seu coração e acelerar seu pulso.

Ele era delicioso.

Sunshine olhou fixamente a intrincada tatuagem tribal sobre seu corpo. Realmente era um celta. Um verdadeiro corredor-nu-pelos-brejos-e-páramos-celtas, vivo e respirando.

A sua avó adoraria isto.

Fechando seus olhos, Sunshine deixou que suas lembranças da Nynia a invadissem. Mas aquelas lembranças não eram realmente deles. pareciam-se com lembranças de um filme que tivesse visto alguma vez. Eram verdadeiros para ela e, ao mesmo tempo, não o eram. Ela não era Nynia, e Talon...

Tão pouco era o mesmo homem que tinha sido então.

Speirr tinha estado cheio de fúria e emoções voláteis. Talon tinha explosões de emoção, mas a maior parte do tempo, ele era tranqüilo e afastado de seus sentimentos.

Nenhum deles era o mesmo e ela ainda não podia jogar o sentimento, pelo que significava estar juntos.

Mas se o que Selenia havia dito era verdade, então ele tinha uma missão muito mais importante que ser seu amante.

Sem mencionar que ela não era Nynia. Partes da Nynia viviam dentro dela, mas era outra pessoa completamente nova.

Amava ao Talon porque ela era Sunshine ou era porque o tinha abandonado em sua vida anterior? Alguma vez estaria segura?

—Nunca amarei a ninguém, mais que a ti, Nym — Suas palavras celtas ressonavam em sua cabeça.

Fragmento a fragmento, todas as lembranças de sua antiga vida juntos retornavam. Era como se alguém tivesse aberto uma porta selada e as lembranças comesçassem a sair.

Ela sabia sobre sua irmã, sua mãe, seu pai. Inclusive sobre seu tio e sua tia e seu primo bastardo.

Ela recordava o modo em que a tinha visto como um jovem moço a primeira vez que os dois tinham ido jogar junto ao lago.

Recordava o modo em que o clã o tinha tratado. O escândalo de sua mãe, rainha, sendo seduzida por um Druida, seu pai. Como



os pais do Talon se escaparam em meio da noite para impedir que o clã matasse a seu pai e condenasse a sua mãe por seu romance proibido.

Todos tinham odiado Talon devido a isso. Tinham-no culpado pela debilidade de sua mãe, e pelo fato de que ela tivesse seduzido ao Supremo Sacerdote e os tivesse abandonado, deixando-os sem liderança.

Tinham-no culpado pelo fato que sua mãe tinha colocado suas necessidades e desejos sobre os de sua gente.

Para expiar suas ações, Talon tinha já que as necessidades e desejos de todo o mundo por cima das próprias.

A garganta da Sunshine se fechou ao recordar tudo o que ele tinha sofrido.

Nynia tinha estado ali na fria e nervosa noite quando Talon tinha entrado tropeçando, gelado, na sala, sustentando a um bebê que gritava em seus braços. Sua capa atada ao redor de sua irmã para mantê-la quente. Seus sapatos tinham sido vendidos para comprar leite a Ceara e que esta se negou a tomar.

Talon tinha estado de pé desafiante ante todos eles. Seu jovem corpo vigorizado para enfrentar toda a malícia que eles mostravam. Ainda agora ela podia ver a crua determinação que tinha feito brilhar seu jovem olhar âmbar.

—Sua mãe? —O rei Idiag tinha perguntado. —Onde está?.

—Ela morreu faz quase duas semanas.

—E seu pai?

—Faz seis meses foi assassinado durante um ataque, nos protegendo dos Saxões —Talon tinha cuidados com bebê que gritava enquanto ele o sustentava, logo olhou para seu tio. Seu rosto se abrandou e o tinha traído o medo. Esta era a única fresta em sua valente fachada. —Por favor, Sua Majestade, por favor tenha compaixão da minha irmã. Não a deixe morrer também.

Idiag o tinha cuidadoso com curiosidade.

—E o que é de você, moço? Pede piedade para ti?

Talon tinha sacudido sua cabeça.

—Não, Majestade. Não peço nada para mim.



Seu tio tinha adotado a Ceara como sua própria filha, mas nunca realmente tinha reconhecido ao Talon. Ele o tinha desprezado como todos outros o fizeram.

Idiag nunca o tinha protegido da malícia do clã ou dos golpes.

Em troca, havia dito ao Talon que o enfrentasse como um homem, como se os merecesse e que nunca choramingasse.

E então Talon o fez.

Sunshine não podia contar as vezes que tinha encontrado ao Talon pelo lago praticando com sua espada.

—vou fazer que me aceitem, Nym. vou ser o melhor guerreiro que jamais tenha nascido e ninguém poderá falar de mim sem o devido respeito.

Ela tinha visto a fúria; o moço ferido se converteu em um homem amargurado, feroz. Tinha caminhado com um mortal rebolado e um cenho tão severo que paralisava o coração quando se aproximava.

Tinha lutado por abrir um espaço no coração de seu tio. Lutado até que o clã que o odiava soubesse que ele era o único capaz de dirigi-los contra seus inimigos.

Nenhum tinha a ousadia de encontrar o olhar do Talon e só em sussurros temerosos se atreviam a menosprezar a sua mãe ou a ele.

Seu tio não tinha tido nenhuma outra opção, só aceitá-lo. Era reconhecer o Talon ou perder seu trono na guerra.

Talon tinha sido invencível. Forte. Inflexível.

Um homem de poder.

Até que estava a sós com ela. Só então seus traços se abrandavam.

Só então se animava e sorria. E o que mais a atormentava era a lembrança de Talon lhe sussurrando seu amor enquanto ela morria em seus braços.

Com sua garganta apertada, Sunshine pôs sua sacola e seu recipiente térmico de café sobre a mesa, logo se ajoelhou sobre o chão junto a sua cabeça. A ternura a alagou.

Ela realmente amou a este homem.



Ela tinha mudado de muitas maneiras.

De muitas maneiras, Talon não.

Era ainda o mesmo guerreiro feroz que andava só. O mesmo homem que pensava nos outros antes dele.

Ela seguiu a linha de suas sobrancelhas com a ponta de seu dedo. Então se inclinou para frente e o beijou na bochecha.

Assustado, ele se sacudiu despertando tão rápido, que realmente caiu do sofá.

Sunshine sufocou sua risada.

—Sinto — Talon olhou ao redor dormitando enquanto se deslizava outra vez no sofá para acomodar-se.

Tomou uns segundos para recordar onde estava. Pigarreou e olhou com o cenho franzido a Sunshine que estava sentada sobre suas pernas olhando com uma expressão estranha e chorosa em seu rosto.

—O que estava fazendo? —perguntou.

—Beijava ao Belo Adormecido para que despertasse.

Franziu o sobrecenho ante suas palavras até que cheirou algo quase tão atraente como o aroma a patchouli dela.

—Café?

Lhe deu o recipiente térmico da mesa de café.

—E beignets. Pensei que preferiria isto a meu suco de goiaba e muffins de arándano.

Talon a olhou com receio como se uma pessoa estranha a tivesse seqüestrado e usasse seu corpo. Esta não podia ser a mesma mulher que tinha resgatado de sua cabana e durante horas tinha estado procurando algo "não tóxico" para comer. Nem a zangada tentadora que o tinha banido a passar um dia miserável no sofá.

—Já não está furiosa comigo?

—Quero que confie em mim, Talon. Isso não mudou.

Talon olhou para o vazio, incapaz de enfrentar a dor em seus olhos. Ele não queria lhe fazer dano, não queria ter nada com ela. Mas não tinha nenhuma outra opção.

De muitas maneiras ela era sua esposa e de muitas outras não



o era. ia ter que aprender a conhecê-la de novo.

Mas o que mais lhe surpreendia era quanto desfrutava começando a conhecê-la.

Sunshine era incrivelmente sexy, entretida e divertida mulher para ter perto.

Ela tirou o beignet açucarado da sacola.

—Faminto?

Sim, estava, e não somente de comida. Tinha fome de seu corpo, estava faminto por sua companhia.

Sobre tudo, tinha fome de seus olhos rindo-se dele outra vez e não escurecidos pela dor.

Ela levou sua mão para seus lábios, lhe oferecendo a beignet. Ele não a tirou de sua mão. Em troca, aproximou-se e tomou uma dentada dela, todo o tempo olhando-a.

Sunshine tremeu quando ele mordiscou o beignet, então ele se moveu para beijar seus lábios. Ela gemeu ante o gosto açucarado dele.

Suspirando de contente, ela o obrigou a recostar-se sobre a poltrona de modo que pudesse sentar-se escarranchado sobre os quadris dele.

—Mmm —, suspirou ele. —Eu gosto de despertar desta maneira.

Ela deixou o beignet à parte e com cuidado lhe serviu uma xícara de café do recipiente térmico.

Ele parecia um pouco nervoso quando a olhou.

—Por favor não derrame isso sobre mim.

Ela arqueou uma sobrancelha.

—Sou desastrada, Talon, não torpe.

De todos os modos, ele tomou a xícara de sua mão quanto antes, e bebeu a infusão de chicória com gosto a café. Ela enroscou a tampa do recipiente térmico e o pôs à parte.

Sunshine deslizou sua mão por seu cabelo despenteado enquanto ele bebia, deixando que as douradas ondas se enroscassem entre seus dedos. Seus músculos se esticavam por seus movimentos, fazendo-a arder de desejo. Realmente era um



homem magnífico, irresistível.

—Somente pensa quanto mais agradável eu seria se me dissesse algo pessoal sobre você.

Ele apertou seus dentes.

—É implacável.

Ela deslizou seu dedo pela linha de sua mandíbula com a barba por fazer e viu seus olhos obscurecer-se enquanto ele se endurecia debaixo dela.

—Só quando vejo algo que quero.

Talon tirou outro beignet da sacola e o sustentou para que ela o comesse.

Ela se afastou com uma careta.

—Essa matéria é perigosa para sua saúde.

—Bebê, a vida é arriscada para sua saúde. Agora toma uma pequena dentada e responderei uma pergunta.

Cética, mas esperançada para tentá-lo, ela deu uma dentada, e logo gemeu ante o pecaminoso e bom sabor. Isto recordou muito ao Talon.

Talon sorriu quando a olhou saborear seu beignet. Até que notou o açúcar que caía entre seus peitos. Seu corpo se endureceu ainda mais.

Ela tomou outro bocado e mais açúcar caiu sobre o nascimento de seus peitos.

Sua garganta secou.

antes de poder deter-se, ele baixou sua cabeça e lambeu o açúcar pulverizado sobre a pele do profundo V de seu suéter.

Ela gemeu de prazer enquanto aproximava sua cabeça para ela. Apoiou sua cabeça contra ele e disse.

—Então, desde quando conhece o Wulf?

Distraído por seu sabor e aroma, ele respondeu sem pensá-lo.

—Cem anos.

Ele ficou rígido mal registrou suas palavras.

—Quero dizer, eu um...

—Está bem —sussurrou ela antes de lambeu seu ouvido e enviar calafrios através dele. —Sei que é um Caçador Escuro.



Ele se retirou e franziu o cenho.

—Como sabe isso?

—Uma amiga me disse isso.

—Quem?

—Importa isso? — Ela se deslizou contra ele e colocou suas mãos sobre seus ombros de modo de poder contemplá-lo. Seus olhos marrom escuro o queimaram com a sinceridade. —Disse-te que nunca te enganaria. Significa isso.

—supõe-se, que você não conhece esse termo.

—Sei.

Talon olhou para o longe enquanto pensava com temor que passaria a ela se alguém averiguasse se ela sabia sobre os Caçadores Escuros e seu mundo.

—Que mais te disse seu amiga?

—Que é imortal. Ela não sabia que idade tem, mas disse que vendeu sua alma para te vingar de seu clã.

Ele estreitou seus olhos.

—Disse-te ela por quê?

—Ela não sabia por que.

—Que mais te disse?

—Que o amor verdadeiro poderia te devolver sua alma e te liberar de seu juramento a Artemisa.

Era verdade e ainda em seu caso isso não importava. Livre ou não, ele nunca poderia tê-la.

—Com a condição de que eu queira minha liberdade, você quer dizer.

—Não a quer?

Ele olhou para o chão.

Ela tomou seu queixo entre suas mãos e o forçou a olhá-la.

—Talon?

Ele tomou suas mãos com as suas e beijou cada uma, logo as sustentou. Como queria uma vida com esta mulher, e não era só porque a tivesse amado alguma vez.

Era algo que nunca poderia ter.

—Essa não é uma pergunta fácil de responder, Sunshine. fiz



um juramento e sempre cumprio meus juramentos.

—Eu não significo nada absolutamente?

Talon se estremeceu ante sua pergunta. Ele venderia de boa vontade sua alma uma vez mais por eles, para passar o resto da eternidade juntos.

—Sim, mas tem que admitir que apenas nos conhecemos um ao outro.

—Sei, mas quando te vejo, Talon, sei que te conheço realmente. Posso senti-lo tão profundamente em meu coração que me dói. Não o sente você também?

Sim, sentia. Mas ele não podia dizer-lhe Não se atrevia. Havia mais que simples sentimentos entre eles. Estava sob a ira de dois antigos deuses que seriam extremamente infelizes se ele decidisse estar com ela.

—Vivo uma vida perigosa, Sunshine. Não há nenhuma garantia absolutamente de que Artemisa alguma vez libere minha alma. Houve numerosos casos no passado onde ela rechaçou a Caçadores Escuros que o solicitaram, e ainda se ela realmente a liberasse, não existe garantia alguma que passará por sua prova e me libertará.

—Por não mencionar o pequeno feito que enfureci ao principal deus celta uns séculos atrás e sempre que me permito amar a um humano, ele os mata. por que pensa que vivo só no pântano? Pensa que desfruto sendo um ermitão? Nada eu gostaria mais, que ter um Escudeiro ou um amigo humano, mas não me atrevo.

Aquele acerado olhar familiar apareceu em seus olhos como se ela tivesse um plano.

—A quem zangou?

—Camulus.

—Que lhe fez... —Sua voz se foi apagando e seu olhar se perdeu, como se recordasse algo. —Matou a seu filho.

Talon fechou seus olhos. Como lamentava não poder voltar e desfazer suas ações desse dia. Se ficasse em casa com a Nynia a chorar a seu tio, nada disto teria acontecido.

—Sim —suspirou. —Pensei que seu filho tinha encabeçado o



ataque que matou ao Idiag.

—Porque decidiu te casar comigo e não com sua filha.

Ele assentiu.

—Estava cego pela pena e não fiz nada por me inteirar que sua filha se casou com alguém mais — Ele tragou enquanto recordava esse dia e a agonia que ainda vivia dentro de seu coração.

—Nynia tratou de me deter e eu não quis escutá-la. Depois que tinha matado a seus guerreiros e a seu rei, Camulus veio ao campo de batalha e me amaldiçoou. Não me dava conta até então que o ataque a meu tio tinha sido organizado por seu filho ilegítimo, que tratava de tirar a Ceara a mim de seu caminho para poder ser rei. Então foi muito tarde. A morte tinha sido acordada e todos nossos destinos selados. A verdade de tudo não saiu à luz até minha morte.

Ele tomou seu rosto entre suas mãos enquanto a agonia daquele dia se deslizava através dele de novo.

—Sinto tanto o que te fiz. O que nos fiz. Não houve um dia em minha vida que não tenha lamentado não poder voltar e desfazer aquele mau.

—Você não o fez, Talon. Pensava que era o correto — Sunshine o sustentou perto dela, tratando de acalmar sua culpa e sua dor. —Certamente há alguma forma de anular a maldição do Camulus. Não há?

—Não —disse ele. —Não tem nem idéia de quão poderoso ele é.

Ela se tornou para trás para vê-lo.

—Mas trataste alguma vez de apaziguá-lo ou de falar com ele sobre isso?

Antes que ele pudesse responder, a porta se estrelou ao abrir-se.

Sunshine ofegou, deu um pulo do colo do Talon. Seu coração retumbava enquanto via um homem entrar devagar por sua porta, andando como se tivesse todo o tempo do mundo.

Ele não era tão alto como Talon, provavelmente não mais de



um metro oitenta. Tinha o cabelo negro e comprido que caía livremente ao redor de seu rosto e estava vestido com um par de jeans negros de couro, uma camiseta de cor cinza, e um suéter de decote em v negro.

Era alarmantemente formoso, mas havia um aura escura, sinistra ao redor dele. Se poderia dizer que se deleitava fazendo sofrer às pessoas. Talon se levantou, preparado para a batalha.

O estranho esboçou um sorriso, arrogante.

—Espero que não os dê importância a intrusão, meus ouvidos ardiam, e naturalmente tive que vir e ver do que falavam vocês dois.

Sem que o dissesse, ela soube que este era Camulus. Talon soltou uma maldição, então a seguinte coisa que ela viu, foram duas adagas que saíram de debaixo do casaco do Talon e que estava sobre a mesa do café voaram para as mãos do Talon.

Ele as acionou com seu polegar, expulsando as lâminas em um círculo de três lâminas, logo ficou em cócoras em uma postura ameaçadora que dizia que ele estava preparado para ocupar do deus.

—Espera! —disse ela, esperando afastar uma luta que poderia lhe custar ao Talon sua vida. Ela olhou ao Camulus. —por que está aqui?

Camulus riu malvadamente. Com frieza.

—Estou aqui estritamente para torturar ao Speirr por te matar. por que outra coisa me incomodaria em vir?

Horrorizada, ela retrocedeu.

Muito para negociar com este homem. Ele era a maldade encarnada.

Talon saltou através do canapé, diretamente para a garganta do deus.

Camulus tirou uma espada de aspecto magro.

—Ah Speirr, como senti falta de você. Ninguém jamais lutou como você.

Os olhos da Sunshine se alargaram quando eles se enfrentaram um ao outro. Ela nunca tinha visto nada como isso em



sua vida. Esquece Hollywood. Isto não tinha nada que ver com isso. Eles lutavam com malícia e com habilidade consumada.

Talon desviou a espada do Camulus com as adagas, logo esquivou a seguinte oscilação. Enquanto o deus preparava seu seguinte ataque, Talon se balançava e lhe deu no braço com uma adaga.

O deus assobiou quando seu sangue fluiu da ferida.

—Não te deixarei tomá-la —disse Talon através de seus dentes apertados. —Matarei-te primeiro.

Camulus atacou ainda mais duramente que antes. Mais rápido.

Talon o encontrou golpe por golpe. Assalto letal por assalto letal.

—Nunca poderá aprender seu lugar, Speirr. Nunca soube quando devia baixar sua espada e jogar limpo.

Talon pegou sua espada entre duas adagas.

—Não jogo limpo com meus inimigos. Executo-os. Lançou-lhe um forte golpe com a cabeça ao Camulus, quem se cambaleou para trás.

O deus sacudiu sua cabeça.

—melhoraste

—estive mil e quinhentos anos aperfeiçoando minhas habilidades.

Enquanto Talon investia, seis homens mais atravessaram a porta.

Dois deles com brilhantes lanternas em seus olhos.

Talon amaldiçoou e as esquivou, cobrindo seus olhos como se as luzes queimassem seus sentidos.

—Desejaria ter mais tempo para isto —disse Camulus. —Mas estou aborrecido agora.

Talon deu volta para Sunshine quem pegou o abajur de uma mesa e a baixou sobre a cabeça do primeiro homem que lhe aproximou.

—Maldito seja, Camulus! —grunhiu ele.

—Ora vamos, Speirr. É você o que está maldito.

Talon tratou de alcançar Sunshine, mas um dos homens abriu



fogo sobre ele. As balas não eram letais, mas eram extremamente dolorosas enquanto rasgavam seu peito, costas e braços. Ele se cambaleou e logo caiu.

Sunshine gritou quando viu o Talon golpear o chão. Aterrorizada, ela se dirigiu para ele e logo sentiu uma bala roçar a parte traseira de seu ombro. Tudo no que ela podia pensar era em salvar ao Talon e a si mesmo. Ela não tinha uma arma em sua casa, mas tinha um taco de beisebol de beisebol em seu dormitório.

Ela tinha que encontrá-lo.

Isto era pouco amparo contra um deus. De todos os modos, uma pequena possibilidade era melhor que nenhuma absolutamente.

Quando ela correu a seu dormitório, deu-se conta que não era uma bala o que a tinha alcançado e sim um tranqüilizante muito potente.

O quarto flutuou frente de seus olhos enquanto lutava por caminhar.

Suas pernas estavam pesadas, difíceis de mover, e sentia como se tratasse de andar sobre concreto brando.

Era muito esforço mover-se.

Quão seguinte soube, era que tudo estava negro.

Sangrando e ferido, Talon lutou o melhor que pôde. Sempre que se levantava, alguém enfocava outra luz diretamente a seus olhos e lhe disparava mais bala a seu corpo. Seus olhos ardiam como fogo e mal podia os ter abertos.

Ele lutou por alcançar Sunshine.

Camulus o golpeava com um pau e o empurrava contra a parede mais distante.

Talon o contemplou, seu corpo lhe palpitava e doía enquanto sangrava.

Despreocupadamente, Camulus levantou Sunshine em seus braços e a contemplou.

—Ela é uma coisinha bastante bonita, verdade? Inclusive mais encantada do que era a primeira vez — Voltou a olhar para o Talon com um sorriso sinistro aparecendo em seus lábios. —Não tem nem idéia do que tenho intenção de fazer com ela — Ele a beijou na



bochecha. —Mas te prometo que saberá.

Talon rugiu pelo peso de sua raiva.

—Então me ajude, Camulus, matarei-te se a machucar.

Camulus voltou sua cabeça e riu, logo andou umas pernadas pelo quarto dando a aparência de casualidade.

Talon mal podia respirar pela dor quando Camulus levantou e o deixou cair de novo sobre seus joelhos. Estava vestido de sangue, o que fez ainda mais difícil de mover-se através do agora escorregadio chão de madeira dura. Mas isso não o deteve.

Manter a salvo Sunshine era tudo o que lhe importava.

Alguém começou a rasgar as persianas baixas das janelas, derramando a luz do sol por todo o quarto.

Talon grunhiu quando a luz do dia chamuscou sua pele e investiu para a porta por onde Camulus tinha desaparecido.

Três homens o perseguiram, para fazê-lo retornar.

Ele os golpeou e abriu caminho entre eles e seguiu ao Camulus.

Perseguiu-os através da porta traseira do clube quando eles desapareceram no beco.

Pensando só em salvá-la, Talon não se deu conta que estava à luz do sol até que sentiu que sua pele se prendia fogo. Amaldiçoando retornou ao clube e observou indefeso enquanto Camulus fazia uma pausa no carro e sustentava Sunshine de forma que o Talon pudesse ver seu rosto.

—diga adeus a sua esposa, Speirr. Não se preocupe. Realmente terei muito cuidado com ela.

Camulus a acomodou no carro e se foram.

—Não! —gritou Talon. Ele não seria a morte da Sunshine.

Não outra vez.



CAPÍTULO 11

Eram cerca de quatro da tarde quando Nick deu a volta na esquina de Pedestrian Mall e viu Ash parado fora do café da esquina, esperando. Ele estava apoiado contra a parede de ladrilhos vermelhos com seus braços cruzados e uma perna flexionada e apoiada contra a parede de uma forma que parecia despreocupada, e ainda sim, Nick sabia que Ash poderia lançar-se à ação antes a mais leve provocação.

Vestido com calças de couro preto, uma camisa também preta e um casaco longo, estilo pirata colonial, Ash olhava os turistas que caminhavam ao redor dele.

Uma aura letal, escura, o rodeava. Uma aura como de um predador selvagem que era ao mesmo tempo gracioso e atraente de contemplar, mas que deseja saber uma pessoa que em qualquer momento pode terminar sendo seu almoço

Ninguém podia estar seguro de como acercar-se do Caçador Escuro mais antigo e a maioria das pessoas tratava Ash como se fosse uma visita ao dentista.

Com toda honestidade, Nick sentia pena dele. Devia ser difícil de exercer tanto poder e não ter ninguém em quem confiar. Ash mantinha uma grande distancia entre ele e qualquer um que o cercava, tanto física como emocionalmente.

Nick tentava tratá-lo como qualquer tipo que ele tinha trato e suspeitava que Ash gostava disso.

Ao menos parecia mais relaxado com Nick de que com qualquer outro Caçadores Escuros.

—Veja, Mamãe, um gigante!

Nick divisou a uma menina de uns cinco anos assinalando ao Ash.

Sua mãe lançou um olhar ao Ash, tomou a sua filha em braços, e se apressou a cruzar a rua para a catedral tão rápido como suas pernas a levaram.

Ash saudou a menina com a mão que ainda dizia a sua mamãe que o olhasse. Pobre tipo.



Nick cortou a distância entre eles.

—Sabe, se te vestisse um pouco menos aterrador, as pessoas não poderia te fazer isto.

Baixando suas óculos de sol sobre a ponte de seu nariz com seu dedo indicador, Ash lhe dirigiu um sorriso sardônico.

—Confia em mim, Nick, não é a roupa.

Provavelmente tinha razão. Ash tinha um modo de aproximar-se estranhamente intimidante e letal do tipo que te faz saber que Ash não era completamente humano.

Nick notou que Ash trocou a cor do cabelo. Outra vez. Esta manhã quando tinha estado com o Kyrian, o cabelo do Ash tava púrpura.

—Voltamos para cabelo negro, né?

—Voltamos a ser incômodo, né? —disse mofando-se.

Nick riu.

Ash se separou da parede e recolheu sua mochila negra do chão. Nick sabia que Ash nunca a deixava e ele sempre tinha estado curioso sobre o que conteria.

Entretanto, ele não era o bastante suicida para tratar de averiguá-lo. Ash cuidava dessa sacola como uma jóia entesourada.

—Então, como foi seu exame? —perguntou Ash.

—Para a merda. Eu poderia ter usado meu comunicador microscópico de duas vias contigo. Estou tomando Civilização Clássica Grega com o Julian Alexander e me chutou o traseiro. Esse homem é um instrutor duro como uma furadeira.

—Sim, nunca foi partidário do nepotismo.

Nick inclinou sua cabeça para o restaurante, que estava só meio cheio.

—Importa-te se como enquanto temos esta reunião? Pulei o almoço para estudar e agora tenho fome.

—Tudo bem —disse Ash, logo sustentou a porta aberta para que ele entrasse primeiro.

Agora que Nick pensava nisso, Ash estava acostumado a fazer isso. Ele nunca deixava a ninguém ficar atrás dele. Ele sempre estava de pé com suas costas contra algo ou mantinha à



multidão frente dele.

Sua mãe chamaria a isso comichão de pistoleiro. Aquela contração nervosa de alguém que espera em qualquer momento enfrentar um ataque invisível.

Nick se sentou ao final do balcão enquanto Ash se sentava escarranchado sobre um tamborete e apoiava suas costas contra a parede de maneira de poder olhar aos comensais e a porta.

O mais velho e corpulento dos garçons, aproximou-se deles.

—O que lhes posso servir? —perguntou com uma voz profunda e rouca.

—me dê uma Bud Light —disse Nick.

O garçom assentiu com a cabeça, logo se voltou para o Ash.

—E você?

—O mesmo.

O garçom estreitou seus olhos e jogou ao Ash um exaustivo olhar. Nick apertou os dentes para evitar sorrir. Ele sabia o que se vinha antes que o garçom falasse.

—Tem sua identificação, moço? —perguntou ao Ash.

Nick riu.

Ash lhe deu uma pisada ao tamborete do Nick enquanto procurava sua identificação falsa em seu bolso traseiro e a dava ao garçom que a estudou com muito cuidado.

—Não te ofenda —disse o garçom por fim, —mas com esses óculos de sol postos não posso constatar se este é você ou não. Se quiser uma cerveja, moço, terá que lhe tirar isso.

Um músculo em sua mandíbula se contraiu, quando Ash tirou seus óculos de sol.

O garçom limpou sua garganta mal vislumbrou a misteriosa cor prata.

—Homem, sinto muito. Não me dei conta que é cego. Aqui está sua identificação.

Nick riu ainda mais forte quando o garçom tomou a mão do Ash com a sua e lhe pôs o carteira de identidade nela. Ash era o único Caçador Escuro que tinha conseguido um documento.

Quando o garçom se foi, Nick não pôde evitar brincar.



—Então isso é o que te faz visivelmente desafiante?

—Não —disse, Ash pondo sua carteira em seu bolso, —mas se não me deixar tranquilo, vou fazer que respire mau.

Nick ficou sério. Lentamente.

—Sinto muito, mas é gracioso como o inferno. Eu gosto da identificação que te fez Jamie. Nascido em 1980. Sim, correto. Qual é realmente o ano em que nasceu, de todos os modos?

Ash esfregou sua frente.

—9548 A.C

—Uauuu! —, Nick respirou, impressionado pela data. Ele sabia que Ash era velho, mas esta era a primeira vez que lhe havia dito o ano exato. —Realmente é mais velho que a imundície.

O garçom voltou com suas cervejas.

—Comem algo? —perguntou o garçom.

Nick ordenou frijoles vermelhos e arroz, logo voltou para sua conversa quando o garçom se foi outra vez.

—Que idade te dá isso?

Ash tomou um gole da cerveja antes da responder.

—Onze mil quinhentos e cinquenta e um anos, e sim, sinto cada dia deles.

—Wow, não tinha nem idéia. Inferno, eu não sabia nem que tínhamos gente no mundo há tanto tempo.

—Sim, eu era a parte da equipe original de Base que trabalhou na pedreira subido aos dinossauros e corria com os Picapedras. Pablo Mármore era baixo, mas jogava bem às petro-gudes.

Nick suspirou, logo riu. Realmente gostava de Ash embora o tipo fosse extremamente estranho.

—Então, por que estou aqui?

—Quis falar contigo em um lugar onde soubesse que Kyrian não podia nos ouvir por acaso.

—Bem, por quê?

Antes que Ash pudesse responder, uma morena alta com longas e esculturais pernas e usando uma saia negra muito curta se aproximou do balcão ao lado deles. Jogou uma desinteressada



olhada ao Nick, depois colocou sua elegante e manicurada mão contra o peito do Ash, parou-se em pontas de pé e sussurrou no ouvido do Ash.

Lhe dirigiu um sorriso amável.

—Aprecio, amor, mas estou envolvido com alguém.

A morena pôs má cara e dirigiu ao Ash um olhar especulativo.

—Se trocar de opinião, avisa. Prometo, não mordo.

—Bem, mas eu sim —disse Ash baixo enquanto ela se foi rebolando.

Nick não estava seguro do que tinha ouvido, então decidiu não fazer caso sobre o que Ash comentou pelo baixo enquanto o garçom trazia sua comida.

—Sabe —disse ao Ash, —isto não é justo. Não entendo como é que vestido como um punk, as mulheres ainda lhe desejam.

Ash girou sua cabeça e lhe dirigiu um sorriso satisfeito e divertido,

—Quando o tem, tem-no.

—Sim, mas é particularmente incômodo para aqueles de nós que o queremos. Quão último quereria é estar em meu lugar — Nick tomou um bocado de comida. —Com quem está envolvido de todos os modos?

Ash não respondeu. Ele nunca o fazia.

—De novo a nosso assunto. A razão pela que está aqui é porque necessito sua ajuda para lhe avisar ao Kyrian que Valerius está em Nova Orleans.

Nick se afogou com o pão.

—OH, infernos!.

—Nick, isto é sério. cedo ou tarde eles se cruzarão e quero que tanto ele como Julian estejam preparados para isso. Se, Zeus não o permita, um deles mata a Valha, Artemisa terá rédea solta para ir depois atrás deles. Não quero ver como um deles sofre ou morre. Eles têm mulheres e filhos que os necessitam.

Nick limpou sua boca e tragou.

—O que quer que faça?

—Quero que me apóie. me ajude a convencer ao Kyrian que



não tem que procurar vingança sobre o Valerius.

Nick soltou um suspiro cansado enquanto passava seu garfo de plástico pelos frijoles. Isso era algo muito mais fácil de dizer que de fazer.

—Pede muito de mim, Ash. Pessoalmente, eu gostaria de lhe ajudar a golpear a esse arrogante bastardo de merda.

—Nicholas Ambrosius Gautier, cuida sua linguagem!

Nick se sacudiu ante o som da melódica voz canjún de sua mãe. Ela estava de pé atrás dele com a expressão em seu rosto de "Nick está em problemas". Aos quarenta, ela parecia muito mais jovem e tinha seu comprido cabelo loiro amarrado em um nó. Vestida com jeans e um suéter azul, teria sido muito atraente se não fosse sua mãe.

Ash se aproximou a cerveja do Nick.

Sua mãe estalou sua língua para o Ash.

—Agora não faça nada por encobri-lo, Ash — Ela meneou seu dedo para o Nick. —Estas conduzindo?

—Não, MA, estou sentado.

—Não te faça de desentendido comigo. Sabe o que quero dizer.

Lhe dirigiu seu sorriso encantador que em geral funcionava para sair do problema.

—Esta é minha primeira, e não conduzirei se tomar mais.

Ela se deu volta para o Ash com o mesmo cenho maternal que conseguia ser tanto irritado como carinhoso.

—E você? Está com essa tua motocicleta?

—Não, senhora.

—Mãe —disse Nick, zangado por sua interrupção, —o que faz aqui?

—Eu ia trabalhar e os vi os dois aqui. Somente quis me parar e lhes dizer olá já que não irei à casa até tarde e você saiu de casa ao amanhecer sem sequer me saudar — Ela o olhou com um olhar ferida. —Não pode uma mãe passar cinco minutos por dia com seu filho sem isso seja considerado um delito?

Agora se sentia completamente desprezível.



—Sinto muito, Mamãe. Tive que fazer umas coisas para o trabalho esta manhã e quis as ter feitas assim podia dedicar mais tempo a estudar.

Ela agitou seu cabelo.

—Está bem, entendo.

Então ela olhou ao Ash de acima a abaixo, abriu seu casaco e suspirou com preocupação.

—Juro que está mais magro que a última vez que te vi — Ela fez gestos ao garçom e ordenou frijoles vermelhos e arroz para o Ash. —Quer algo mais? —perguntou-lhe.

—Não, obrigado.

Ela agitou seu dedo para o Ash.

—vais comer tudo, de acordo?

—Sim, senhora.

Nick apertou seus lábios para impedir de rir da personificação do Eddie Haskell do Ash e de sua mãe tratando de fazer de mãe de um guerreiro de onze mil anos. Só Cherise Gautier teria aquela aula de descaramento.

—Mamãe, ele não necessita que o trate como um bebê.

Ela acomodou o pescoço do casaco do Acheron e o alisou com sua mão.

—Confia em mim, Nick, ele necessita que alguém o cuide como eu faço contigo. Vocês os moços pensam que já são adultos e estão preparados para tomar o mundo.

Se ela soubesse...

—Agora —seguiu ela, —por que não traz para o Ash ao Santuário esta noite e me deixa lhe fazer um amanteigado de morango e picadinho Cajún para pôr um pouco de carne nesses fracos ossos? Você pode estudar no quarto dos fundos se o necessitar e ele me fará companhia enquanto trabalho.

Sua mãe nunca aceitaria o fato de que ele já tivesse crescido. Para ela, ele sempre teria cinco anos e necessitava que ela o cuidasse. De todos os modos, amava a sua mãe.

—Sim, está bem. Se não tiver que trabalhar, passarei-me por ali.



—Bom moço — Ela colocou a mão em seu moedeiro e tirou duas cédulas de vinte, logo os deu ao Ash. —Pode pagar pelos frijoles vermelhos e o arroz com isto, e se tomarem outra cerveja, melhor você também toma um táxi pra casa. Entende-me?.

—Farei, Senhora Gautier —disse Ash quando tomou o dinheiro. —Obrigado.

Ela sorriu, logo beijou ao Nick na bochecha e apertou o antebraço do Ash.

—Vocês filhos, comportem-se e tratem de manter-se longe dos problemas.

Nick assentiu.

—Faremo-lo.

Uma vez que ela se foi, Nick se voltou para o Ash.

—Homem, sinto muito. Obrigado por ser tão bom com ela.

—Nick, nunca peça perdão por sua mãe. Somente sinta-se condenadamente agradecido por tê-la — Ash lhe deu os quarenta dólares.

—Acredita que o estou —disse Nick enquanto os guardava no bolso. Ele sorriu pensando em sua carinhosa mãe. Ela sempre tinha a insana necessidade de ser a mãe de todo mundo, mas tinha sido expulsa da casa de seu pai à idade de quinze anos quando se inteiraram que estava grávida dele. Por isso sentia afinidade com aqueles que ela pensava que tinham sido abandonados ou descuidados em sua juventude. O garçom voltou com os frijoles vermelhos e o arroz do Ash.

Ash os olhou e logo olhou ao Nick, deslizando-lhe

—Espero que esteja faminto.

Nick o estava, mas duas era mais do que até ele poderia dirigir. De repente, deu-se conta que nunca tinha visto o Ash comer.

—Alguma vez come?

—Sim, mas o que necessito não está no cardápio.

Não querendo acozá-lo, Nick franziu o cenho.

—Agora que penso nisso, por que nos encontramos à luz do dia? Como pode ser que esteja à luz do sol e não arda em chamas?



—Sou especial.

—Ahhh, então estamos de volta com o tema visivelmente desafiante, né?

Ash sacudiu sua cabeça.

Quando Ash levantou sua cerveja, viu algo na TV com a quina de seu olho. Girando sua cabeça, ele sentiu que todo seu corpo se paralisava pela incredulidade quando viu uma foto do Zarek na primeira edição de notícias.

Um garçom levantou o som.

"... acredita-se que pode ser o mesmo homem que assassinou a uma mulher no Distrito Warehouse a noite passada..."

Nick amaldiçoou.

—É quem penso que é?

Ash só pôde assentir enquanto olhava imagem que a câmara tinha capturado a luta do Zarek com os Daimons e a chegada da polícia.

"... o departamento de polícia oferece uma recompensa por qualquer informação sobre o suspeito..."

Nick e Ash amaldiçoaram ao unísono quando mostraram um perfeito retrato falado da cara do Zarek.

—Estamos fodidos —disse Nick com um suspiro.

—Fodidos e bem fodidos —grunhiu Ash. Ele tirou seu telefone celular de seu casaco e deixou a barra para chamar o Zarek. Quão último precisava era que alguém ouvisse por acaso esta particular conversação.

Nick o seguiu para fora.

—O que vamos fazer?

Ash golpeou o botão de anular.

—Seu telefone está desligado. Ainda deve estar dormido.

—Está ignorando minha pergunta ou não a ouviu?

—Sim, te ouvi, Nick. Não sei. Temos que mantê-lo escondido. Com essas fotos, está condenado.

—Poderá dirigi-lo?

—Não sei. Meus poderes são duvidosos com a eletrônica moderna. o melhor que posso fazer é voá-los... — Sua voz se



apagou enquanto via algo ainda pior que a cara do Zarek nas notícias.

Ash soltou um aborrecido suspiro e levantou o olhar para o céu que se obscurecia.

—Está aborrecida lá em cima, Artie, ou o que?

—Huh? O que acontece?

Ash inclinou sua cabeça por volta das duas figuras que se dirigiam diretamente para eles pelo Charles Street. Quase iguais a ele em altura, os irmãos se moviam como dois perigosos predadores, devagar, ritmicamente. Eles olharam à esquerda e à direita, avaliando a cada pessoa que passava como medindo-os como oponentes, conquistas ou vítimas. Vestidos de negro, ambos levavam longos casacos de couro que se formavam redemoinhos ao redor de suas botas de motociclista. Cada um deles tinha uma mão colocada nas dobras do casaco como se ocultassem uma arma.

OH sim, esses dois eram as criaturas mais perigosas que jamais tivesse conhecido Ash. Mas porque poderiam matar a alguém que os ameaçasse sem um momento de vacilação.

—Quem deixou aos cães soltos? —grunhiu Ash.

Nick franziu o cenho.

—O que?

—Temos a dois membros dos Katagaria chegando —explicou ao Nick.

Os Katagaria eram animais que poderiam tomar a forma humana e passar pela sociedade para conseguir a suas vítimas ou algo mais que ansiassem. Como qualquer outro animal selvagem, eles eram extremamente letais e imprevisíveis.

—OH Deus —suspirou Nick, —não me diga que são Slayers.

—Isso depende a quem lhe pergunte.

—O que quer dizer?

—Os Arcadians lhes chamariam Slayers. Mas para seus irmãos os Katagaria, eles são Strati.

Nick franziu o cenho.

—Strati que significa isso?

—Esse é o termo correto para soldados Katagaria. Os



Slayers matam indiscriminadamente a quem se cruza em seu caminho. Os Strati matam sobre tudo para proteger-se a si mesmos, a sua manada, e a seu território.

—Então, eles pertencem a aqui?

Ash sacudiu sua cabeça enquanto os dois lobos se aproximavam. Eles reduziram a marcha quando o viram.

—Acheron Parthenopaeus —disse Vane, parando-se frente dele. —passou muito tempo.

Ash saudou com a cabeça. Tinham passado ao menos um par de centenas de anos desde que os tinha visto a última vez. Eles tinham estado escapando do Arcadianos humanos que caçavam espécies únicas através do tempo. Os dois irmãos tinham estado tratando de encontrar um lugar seguro onde esconder a sua irmã de seus inimigos.

Vane era o mais velho dos dois irmãos; tinha seu comprido cabelo marrom escuro com reflexos avermelhados. Seus verdes olhos selvagens nunca omitiam nada. Fang era aproximadamente uns três centímetros mais alto que Vane e tinha o cabelo curto negro e olhos cor avelã. Um ou outro era perigoso só, juntos... eram condenadamente invencíveis.

—Vane. Fang —disse Ash, inclinando sua cabeça a modo de saudação a cada um deles. —O que os traz para Nova Orleans?

Vane jogou um olhar desconfiado ao Nick, depois decidiu que Nick não era ameaça.

—Estamos procurando uma guarida.

Ash fez uma careta ante o termo, que significava que os lobos Katagaria tinham uma matilha aqui, e planejavam instalar-se em Nova Orleans por um tempo.

—Essa é uma verdadeira má idéia. É Mardi Gras e temos a muitos Daimons que vêm às celebrações. Vocês têm que tomar a sua manada...

—Não podemos —disse Vane, cortando. —Temos a seis fêmeas em nosso grupo a ponto de dar a luz.

—E a outra que deu a luz esta manhã —acrescentou Fang. —Sabe como são nossas leis. Estaremos aqui até que nossos



cachorrinhos tenham crescido o suficiente para poder viajar.

Isto se estava pondo melhor a cada hora. Katagarias grávidas eram ímãs para os Daimons devido à força de suas almas e aos poderes psíquicos que traziam os nascimentos. Sem mencionar o fato que Nova Orleans era o lar de três grupos de Arcadianos aos que nada gostariam mais que reclamar as peles do Vane e Fang.

—Vocês sabem que há três grupos de Sentinelas Arcadianos aqui? —perguntou Ash.

Os olhos do Vane se obscureceram ameaçadoramente.

—Então melhor lhes dizer que se mantenham afastados. Temos jovens, e se os agarro nas cercanias de nossa guarida, rasgarei em pedaços.

Ash suspirou e teria rido pelo absurdo do que tinha que enfrentar, mas não estava doente. Este somente não era seu dia.

Ele tinha uma deusa ardente, excitada e enfurecida com ele para lutar. Um celta que estava perdido em ação. Um geral romano em uma cidade com três homens que queriam estripá-lo. Um Caçador Escuro incontrolável que a polícia procurava por assassinato. E agora uma manada de lobos Katagaria a ponto de ter sete cachorrinhos diretamente no coração de seus inimigos.

Sim, estava bem ser responsável...

Nick cheirou o ar e olhou ao redor.

—O que é isso? Cheiro a sopa?

Vane e Fang ficaram rígidos quando Nick se aproximou.

Apesar de que Vane grunhia pelo baixo, Nick retirou um canto do casaco do Vane para mostrar uma brilhante vasilha rosa que ele tinha escondido em sua mão esquerda.

—O que é isto? —perguntou Nick.

—Sopa —disse Vane, sua voz baixa e grave.

—Desde quando os Were-wolves comem sopa?

Ash se encolheu ante a pergunta do Nick.

Fang investiu ao Nick, mas Ash o pegou e o fez retroceder antes que pudesse alcançar a garganta do Nick.

—Não somos Were-wolves, macaquinho —grunhiu Fang. — Somos lobos. Ponto.



Nick pareceu pasmado pelo insulto.

—Macaquinho?

—Termo do slang —explicou Ash. —Provém do fato que eles vêm às pessoas como seu alimento.

Nick deu um passo atrás.

—Vasilhas rosas, é? —perguntou Ash, divertido pela idéia. Não escondiam nada assombroso.

Vane passou seu ameaçador olhar do Nick a ele.

—Anya tinha desejo de sopa e chocolate. E ela o queria do Flamingo Room e de nenhum lado mais.

Ash sentiu que as comissuras de seus lábios se moviam nervosamente.

—Não posso acreditar que tomasse este incômodo por sua irmã.

Fang suspirou.

—Bem, recorda, o termo "cadela" foi inventado para nossas fêmeas.

Vane lhe grunhiu.

—Ela é de nosso sangue, Fang. Mostra respeito.

Os olhos Fang flamejaram, mas ele inclinou sua cabeça em sinal de submissão a seu irmão mais velho.

Vane deu a vasilha rosa ao Fang, logo tirou uma lapiseira de seu bolso e anotou um número. O deu ao Ash.

—Este é o número de meu celular. Se necessitar ajuda com os Daimons, avisa-me. Temos uma dúzia de Strati em nossa manada e a última coisa que queremos são Daimons farejando ao redor de nossas fêmeas e cachorrinhos.

Ash tomou o número e o pôs em seu bolso. Apenas o tinha guardado quando viu que o resto dos Strati se aproximava.

moviam-se sigilosamente, dobrando a esquina da rua como uma manada de cães selvagens. Alinhados em leque e vestidos de negro, pareciam-se muito mais aos assassinos letais que eles eram. Todo mundo na rua escapava rapidamente deles, e os olhava nervosamente.

Muitos para serem discretos. Mas claro, os Were-Hunters



nunca se preocuparam sobre quem ou que conhecesse sua existência. Se alguém lhes dava um problema, terminava como seu almoço.

Os Strati rodearam a ele e ao Nick.

—Caçador Escuro —grunhiu Stefan. Parado igualava ao Ash em altura, era o líder dos Strati e o inimigo mortal do Vane. Os dois tinham lutado juntos quando foi necessário, mas pelo resto, não se suportam o um ao outro.

—Que estas fazendo com nossos moços.

Ash notou a forma em que os lábios do Stefan se curvava quando usou o termo afetuoso para os machos da manada. Não havia nenhum carinho perdido entre Vane e Fang e seus companheiros de manada. De todos os modos, Ash era um estranho e a manada sempre se apresentava unida ante qualquer estranho.

—Estava compartilhando informação —disse.

Stefan estreitou seus olhos sobre o Vane.

—Consegui nossas provisões?

Vane suspirou enquanto jogava uma olhada ao Nick.

—É um triste dia quando o gado pode cheirá-lo e você não pode.

Stefan começou a atacar, mas o olhar acerado na cara do Vane deteve o homem maior. Stefan era o líder devido a sua idade e experiência. Vane era o subordinado só porque não o tinha desafiado ainda. Se Vane alguma vez decidisse desafiar ao Stefan pela supremacia, não havia dúvida de quem ganharia.

—Até mais tarde —disse Stefan ao Ash antes de afastar-se com os Strati.

Vane e Fang ficaram.

—Usa o número se nos necessitar, Ash —disse Vane.

Ash saudou com a cabeça.

Eles se uniram ao resto da manada e montaram em suas motocicletas que tinham estacionado na rua atrás deles.

Ash não se moveu até que estiveram fora de sua vista.

—É um grupo de gente espantosa, verdade?

—Não, Nick —disse devagar Ash. —Eles não são gente. São



animais. Eles podem caminhar em forma humana durante um tempo curto, mas ao final de dia, são todos lobos.

Seu telefone celular soou.

Ash o respondeu. Era Talon, sua voz cheia de dor e raiva.

—Necessito sua ajuda, T-Rex. Estou no Clube Runningwolf. levaram-me Sunshine.

—Quem levou Sunshine?

—O deus celta, Camulus. mal o sol desça vou atrás dele.

CAPÍTULO 12

Talon estava furioso. Tinha estado chamando a Ceara e ela ainda não tinha respondido. Tinha tentado o caminho espiritual e não pôde.

Suas emoções descontroladas restringiam seus poderes e tinha que conseguir isolar-se delas para poder pensar claramente.

Mas isso era impossível.

Tinha que encontrar Sunshine.

Ela estava só sem ninguém para protegê-la. E se algo lhe passasse, ele ia encontrar algum modo de fazer que Camulus pagasse, deus ou não, ninguém voltaria a fazer mal a ela outra vez.

Ele caminhava na área da porta traseira do Runningwolf como um leão enjaulado. A cólera fervia em suas veias. Era acre e tangível. Ele queria destroçar algo com suas mãos. Rasgar algo com suas presas.

A parte mais escura de Caçador Escuro tinha sido liberada e, pela primeira vez, ele entendeu um pouco o que Zarek sentia.

Era uma raiva tão primitiva, tão poderosa, que o controlava completamente.

Golpeou com o punho a parede de tijolo ao lado da porta.

—Recuperarei-a! —grunhiu.

Seu corpo palpitava devastado e sangrando, ele não tinha



nenhuma intenção de retornar acima ao loft de Sunshine ainda quando suas feridas doíam tanto que sentia uma necessidade esmagadora de dormir.

Ele não ia deitar e lamber suas feridas.

manteria-se acordado embora isto o matasse outra vez.

Uma e outra vez em sua mente, continuava vendo a Nynia morrer em seus braços, só que agora era a cara de Sunshine a que via. Escutava sua doce voz do sul chamando.

mal se pusesse o sol, sairia a procurar Sunshine e a traria novamente pra casa. Custasse o que custasse.

Deus ajudasse a quem fora o suficientemente estúpido para cruzar-se em seu caminho.

Faltavam quinze minutos para pôr-do-sol quando Acheron e Nick chegaram à porta de atrás e entraram no escuro vestibulo do clube.

Talon deu um passo atrás, para afastar-se da luz do sol que se filtrava pela abertura.

—O que aconteceu? —perguntou Ash enquanto Nick fechava a porta.

Talon lutou com a fúria e a preocupação dentro dele. As emoções eram tão fortes que nem seus poderes estavam diminuídos, estava seguro que teria sido capaz de demolir o edifício até os alicerces apenas com seu pensamento.

—Camulus entrou pela força com uma meia dúzia de humanos. Vinham preparados para um Caçador Escuro e levavam lanternas halogênicas.

—Estas sangrando? —perguntou Nick enquanto seus olhos se ajustavam à escuridão.

Luzindo pálido e horrorizado, entrecerrou os olhos para ver as feridas do Talon.

—Jesus, sangra como louco.

Talon ignorou o tom nervoso do Nick.

—Eles me dispararam.

—Não, moço —disse Nick. —Eles lhe converteram em queijo suíço. Ash, olhe suas costas.



Ash grunhiu quando o viu.

—Estas bem?

—Estou dolorido, mas bastante bem para caçar e muito capaz de matar.

—Humm —suspirou Nick. —Pensei que seus poderes incluíam a cura.

Talon o olhou com humor.

—Sim, mas curo absorvendo a dor e as feridas com meu corpo. É um pouco duro fazê-lo quando eu sou o ferido.

—Nick —lhe ordenou Ash. —vá conseguir mais roupa para o Talon. Agora.

Nick partiu imediatamente.

Ash lançou um duro olhar ao Talon com aqueles misteriosos olhos de prata.

—Não pode ir por aí vestido de sangue, com dúzias de buracos de bala que lhe perfuram a carne. Acredito que as pessoas poderiam suspeitar um pouco e perguntar-se como é que pode estar de pé direito e não estar, digamos, morto. A última coisa que preciso é outro Caçador Escuro nas notícias da tarde.

Talon se manteve firme contra a ordem.

—Disse-lhe isso, T-Rex. Saio do quarto quando o sol se ponha. Treze minutos a partir de agora.

Ash o olhou airadamente.

—Demônios!, Celta. Melhor te controle e pensa atentamente.

—Estou bem, Acheron. Não há nada mal em mim, que matando a algumas pessoas não se cure.

Os olhos do Ash se estreitaram um pouco mais.

—Gire e olhe a parede.

Inseguro do que Ash queria, mas confiando nele completamente, Talon obedeceu.

Ele sentiu como Ash estendia sua mão no centro de suas costas. Seu contato era quente e eletrificante e irradiava o calor através de todo seu corpo. Talon sentiu quando suas feridas começaram a palpitar ainda mais. Então no transcurso de uns batimentos do coração, as balas saíram por si mesmas através de



sua pele e os buracos de bala começaram a fechar-se.

Filho de puta, nunca tinha sabido que Ash tinha esse tipo de poder. Estava seriamente impressionado.

Enquanto suas feridas se curavam, o telefone celular do Talon soou.

Ash se separou um passo enquanto ele respondia.

—Já senti saudades, Speirr?

—Maldito seja, Camulus. Maldito seja!

Uma risada lhe respondeu.

—me diga, é melhor conhecer o amor e havê-lo perdido ou nunca havê-lo conhecido absolutamente?

Talon viu vermelho.

—Onde está ela?

—Talon?

Seu estômago se retorceu violentamente ante o som da voz aterrorizada da Sunshine.

—Neném, está bem? —perguntou-lhe ele, com a voz quebrada.

—Eles não me têm feito mal, mas querem que venha a um depósito sobre o Commerce Street. Eu...

—Sunshine! —gritou Talon, seu coração palpitava. —Sunshine, está aí?

—Ah, ela está aqui, Speirr. Mas ela te necessita. Se a quiser, esteja no 609 do Commerce Street às sete em ponto. Traz tantos amigos como quer e veremos quem leva Sunshine pra casa e em quantos pedacinhos.

O telefone ficou mudo.

Uma raiva cega e tórrida o atravessou. Esquecendo a ameaça do sol, ele se dirigiu à porta.

Ash o pegou.

—Talon, me olhe.

Ele se recusou. Tudo o que podia ver era Sunshine morta.

—Talon! —gritou Ash. —te controle uma única fodida vez. Se for aí neste estado, está morto.

—Que diabos sabe disto?



—Celta — Ash o sujeitou com mais força. —Estas fazendo justo o que eles querem. Está a ponto de correr precipitadamente nos primeiros minutos depois que se ocultou a luz do dia. Pensa. De todos os Caçadores Escuros que tenho, é de você de quem dependo para manter sua cabeça direita. Não os deixe te fazer isto.

A respiração do Talon era desigual enquanto tentava controlar sua cólera e seu medo.

—Não posso deixá-la morrer.

—Ela não o fará se te controla. Tem que controlar seu temperamento — Ash o soltou.

Talon apertava e abria seus punhos enquanto olhava fixamente a porta.

—Pensa, Talon —disse Ash, sua voz estranhamente calma. — Recorda o que te ensinei. Recorda que te converteu em um Caçador Escuro porque não podia controlar sua raiva. Tem que encontrar sua paz. Seu equilíbrio.

Talon suspirou e expulsou sua cólera devagar. Muito devagar.

—Bem. Estou mais tranquilo.

—Bem. Por que não quero que esteja ainda mais morto — Ash deu um passo e se afastou dele. —Esperaremos que Nick volte com sua roupa e logo iremos procurá-la.

Talon assentiu com a cabeça, seu estômago ainda parecia um nó pela necessidade de esperar. Mas Ash tinha razão.

Se não fazia exatamente o que Camulus lhe disse, ele a mataria somente por rancor.

Talon se estremeceu ante o pensamento.

—Ele vai matá-la agora, verdade?

—Não sei, Talon. Espero que não.

Talon fez uma pausa por um momento enquanto recordava a direção que Camulus lhe tinha dado.

—Commerce Street. Não é aí onde aquela mulher foi assassinada?

Acheron o olhou perplexo.

—Que mulher?

—Essa que me pediu que visse.



Ash o olhou inexpressivamente.

—Você sabe —insistiu Talon, —a mulher que disse que pensava que poderia ter sido assassinada pelo Zarek.

Acheron franziu o cenho.

—Não te chamei para que visse uma mulher assassinada e estou malditamente seguro que nunca pensaria que Zarek matasse a uma mulher.

—Sim o fez.

Acheron sacudiu sua cabeça devagar.

—Não o fiz.

Talon duplicou seu cenho. O que estava mal com o tipo? Acheron estava finalmente débil?

Não parecia que ele estivesse tão despistado.

Isso era o trabalho do Talon neste momento.

—T-Rex, encontrei-te aí. Recorda? Chamou-me, e enquanto eu estava contigo, Zarek teve sua pequena festa com a polícia. Sei que foi você. Não há outro homem sobre esta terra com sua altura e que se pareça com ti.

A cor abandonou as bochechas do Acheron. Se Talon não o conhecesse melhor, juraria que viu verdadeira preocupação nos olhos do Acheron.

Algo estava realmente mal.

—O que é, Ash?

Acheron deu um passo para afastar-se dele.

—Há algo que tenho que fazer. Fique aqui e estarei de volta a tempo para ir atrás de Sunshine.

Talon pegou seu braço enquanto Acheron se dirigia à porta.

—Melhor me por a par disto. Agora.

—Não posso.

—Acheron, este não é momento para jogar oráculo. Se souber o que vai passar e com o que tratamos, tem que ser claro.

Ante o completo assombro do Talon, Acheron desapareceu.

Ash não podia respirar enquanto se transportava rapidamente ao Katoteros, uma pequena região infernal entre dimensões. Este era seu domínio privado onde ninguém mais que



ele, supunha-se, tinha pisado.

Séculos atrás, Hades o tinha relegado a este não-lugar. Ou mais corretamente, Hades o tinha encarcerado aí.

Desde o dia que Artemisa o tinha liberado, Ash tinha usado esse lugar como pedra de toque para recordar o que ele era.

O que tinha sido...

Agora, Ash lutava pelo controle. Tinha que ter uns minutos para controlar seus pensamentos. Suas emoções.

Com seu estômago atado, sentiu-se doente pelas lembranças e a dor dava voltas atacando. O ar ao redor dele chispava e golpeava de acordo a seu volátil estado.

Tinha que encontrar a si mesmo. Ele não podia permitir-se dar rédea solta a suas emoções.

Ninguém jamais seria capaz de detê-lo se o fizesse.

Ash passou suas mãos por seu comprido cabelo negro e proferiu seu antigo grito de batalha. Um relâmpago cintilou e cinzas nuvens de trovões se deslizaram através do misterioso céu azul escuro em cima dele.

Isto não podia estar passando. Não agora.

E entretanto, não havia nenhuma outra explicação. Styxx estava livre. De algum modo tinha escapado da Ilha Desaparecida e tinha retornado a Nova Orleans.

Como podia ter acontecido isso?

Agora Styxx pretendia ser ele. mesclava-se com os homens do Ash e se dirigia a eles...

O horror perfurou seu coração.

Tinha que detê-lo antes que Styxx revelasse o passado do Ash a alguém. Ash não podia suportar que ninguém soubesse sobre sua vida humana. Soubesse o que ele tinha sido.

O que tinha feito...

—Acheron?

estremeceu-se ante a voz da Artemisa.

—Este é meu lugar, Artie. Prometeu-me que nunca viria aqui.

Ela se materializou ante ele.

—Senti sua dor.



—Como se te importasse.

Ela estendeu sua mão para lhe tocar a cara, mas ele dobrou seus braços sobre seu peito, e se afastou dela. Ela suspirou e deixou cair sua mão.

—Realmente me preocupo, akribox. mais do que acredita. Mas não estou aqui por isso. soube do Zarek.

Ash grunhiu. Certamente, ela nunca viria porque ele estava dolorido. Lhe tinha ensinado fazia muito que seu sofrimento não significava nada.

—Estou dirigindo.

—Dirigindo como? Ele foi exposto e agora é procurado pelas autoridades humanas. Ele põe tudo em perigo. Ele deve morrer.

—Não — Ele grunhiu a palavra. —Ocuparei-me disso. Somente necessito mais tempo.

Ela tinha aquela familiar aparência calculadora em seu rosto.

—E o que me dará por este tempo que solicita?

—Demônios Artemisa, por que tudo deve ser um regateio contigo? Não pode, somente uma vez, fazer algo porque lhe peça isso?

—Nada é grátis —disse ela enquanto andava em seu redor. Ele se envergonhou enquanto ela deslizava sua mão sobre suas costas. —Você de toda as pessoas deveria saber isso. Um favor requer outro favor em troca.

Ele suspirou e se dispôs para o que estava por vir. Queria ou não, teria que jogar suplicante para manter a salvo ao Zarek.

—O que quer?

Lhe jogou o cabelo para trás e esfregou seus lábios e seu nariz contra seu pescoço. Contra sua vontade, seu corpo estalou em calafrios e se endureceu.

Quando ela falou, sua voz era baixa e rouca.

—Sabe o que quero.

—Bem —disse ele com resignação. —Pode me ter, só se não enviar ao Thanatos ainda. Deixe enviar Zarek a Alaska.

—Mmm —ela respirou contra seu pescoço. —Vê... é muito melhor quando coopera.



Ele ficou rígido enquanto ela lambia sua pele.

—Pergunta —disse ele com frieza. —Liberou o Styxx só para ter sexo comigo?

Ela se separou bruscamente e lhe dirigiu um olhar sobressaltado.

—O que?

Ash a olhou atentamente, querendo saber a verdade.

—Styxx está solto em Nova Orleans.

Artemisa pareceu pasmada.

—Eu nunca te faria isso, Acheron. Não tinha idéia que tinha escapado. Estas seguro?

Apesar dele, sentiu-se aliviado ao saber que ela não o tinha traído. Outra vez.

—Talon o viu e pensou que fosse eu.

Artemisa pressionou sua mão contra os lábios do Acheron. Seus olhos verdes estavam aterrorizados.

—Ele irá por ti.

—Ele já está fazendo. Estou seguro que aquele pequeno baile com o Zarek fora do clube era uma forma para conseguir matar ao Zarek. Sem dúvida, Styxx tenta neutralizar meus homens. Lhes impedir de me proteger ou me manter distraído.

—Não lhe deixarei te ter —disse ela energicamente.

—Isto é entre meu irmão e eu, Artie. Quero que te mantenha afastada disto — Ash se afastou mais dela. —Voltarei depois do amanhecer para terminar nosso assunto. Enquanto isso, me deixe Zarek .

Vane estava ainda em sua forma humana enquanto ajudava a sua irmã a comer seu sopa.

Ela era a única criatura vivente a que ele alguma vez tinha permitido ver seu lado sensível. Para o resto do mundo, ele sempre devia ser desumano e áspero, não queria que sua manada se alimentasse de Anya e Fang devido a sua herança mista.

Vane apertou sua mão contra a pele espessa e suave da Anya e venceu a dor dentro dele. Ela e Fang eram tudo o que ele



realmente tinha neste mundo.

Todo o que alguma vez lhe tinha significado algo.

O dia que Anya se emparelhou com Arejam um guerreiro Strati, Vane tinha tido uma premonição. Ele sempre soube que seu imprudente e estúpido companheiro encontraria uma antecipada morte.

Faz umas semanas, os Destinos tinham provado que ele estava no certo.

Ele ainda poderia ouvir o som de sua voz quando se inteirou da morte de Arejam e lhe disse que estava mais que emparelhada com Arejam. Ela tinha permitido o wolfswain que a atava a ele também. Com suas vidas forçosamente convertidas em uma, a morte de Arejam tivesse sido normalmente a sua, exceto pelo fato que ela levava a cria de Arejam.

Mas tão logo os cachorrinhos entrassem neste mundo, ela se uniria a seu companheiro ao outro lado da eternidade.

Com seu coração destroçado, Vane piscou para evitar as lágrimas.

Anya o olhou e lambeu seu rosto.

—Você gosta da sopa, né? —perguntou-lhe, acariciando suas orelhas com ambas as mãos.

Ele ouviu sua risada em sua cabeça.

—Obrigado por consegui-lo.

Ele assentiu. Por ela, atravessaria caminhado os fogos do inferno para reclamar um simples gole de água.

Ela se afundou ao lado dele e descansou sua cabeça sobre seu colo.

—Deveria tomar forma de lobo antes que outros fiquem suspeitos.

Ele observou a forma em que sua pele se balançava em seus dedos. Como ia jogar sentir sua falta quando se fosse. Ela era a wolfswan mais formosa que ele alguma vez tivesse visto, e não lhe importava sua aparência. Era seu apazível coração o que mais sentiria saudades de tudo. A forma em que sempre se preocupava com ele.



—Farei, Anya. Somente quero uns minutos mais.

Sentiu ao Fang aproximar-se atrás dele em forma de lobo. Seu irmão o empurrou nas costas com sua cabeça, logo mordeu brincalhão o seu ombro.

Um brilho de luz apareceu à direita deles. Vane olhou para encontrar ao Acheron de pé no pântano. O Atlante jogou uma olhada ao redor para assegurar-se que estavam sós, logo falou silenciosamente.

—Posso ter um minuto?

Fang grunhiu.

—Está bem, adelphos —disse Vane, empurrando a seu irmão atrás.

—Cuida da Anya.

Vane ficou de pé e caminhou com o Acheron para os bosques, longe da guarida. Se qualquer de sua manada se inteirava que havia trazido um Caçador Escuro, sua vida estava terminada.

—Deveria me haver chamado, Ash.

—Isto não podia esperar. Tenho um problema e você é o único em quem confio para me ajudar.

Isso o impressionou. Enormemente.

—Você confia em mim?

Ash lhe dirigiu um olhar sardônico.

—Não, não realmente. Mas tenho um renegado quem finge ser eu e ameaça a meus Caçadores.

—E que tem que ver comigo?

—Você me deve uma, Vane, e necessito de você e do Fang para atuar como reserva. Necessito algum músculo que eles não esperem como socorro.

—Quando?

—Agora.

Talon caminhava no chão do loft de Sunshine. Ele rapidamente lavou o sangue do corpo e se trocou com a roupa que Nick havia trazido. Estava tranquilo, mas isso era um verdadeiro desafio.



—Ela está ilesa, Speirr —disse Ceara. —Juro.

Ele soltou um comprido e cansado fôlego de alívio. Estava agradecido que Ceara tivesse conseguido ir a ele desta vez, mas era uma difícil luta para ela ficar com ele. O poder que a bloqueava era algo como nunca tinham encontrado com antes.

Ele só esperava que Ceara pudesse combatê-lo um pouco mais e seguir ajudando a proteger e cuidar de Sunshine.

—Pode me dizer onde está ela exatamente? —perguntou a sua irmã.

—Ah Santo Cristo —disse Nick do desanimado onde estava sentado, esperando que Ash voltasse. —Não está falando com os mortos outra vez, verdade? Odeio quando faz isso.

—te cale, Nick.

Nick apertou seus lábios.

—“Calado Nick, quieto, sentado, traz”. Também te amo, Celta. Talon o olhou iradamente.

—por que não vais procurar algo para comer assim mantém sua boca ocupada?

—Isso posso fazê-lo — Nick desceu do tamborete e se encaminhou à cozinha.

—Não, não posso encontrá-la —disse Ceara. —Não posso assinalar sua posição exata. Disse-te, que algo poderoso a protege. Algo o que começa a me parecer o poder de um deus.

—Camulus?

—Não estou segura. Uma parte disso parece que poderia ser um deus celta embora haja algo mais.

—O que?

—São poderes mesclados. Como dois deuses que se protegem a eles mesmos.

—por quê?

Ela se encolheu.

Nick amaldiçoou.

—Não há nada de comida aqui. Não há nada mais que erva e tofu e merda. Nem sequer uma Coca Cola. Homem, sua namorada é um caso sério.



Nick tirou o bloco de queijo de soja e o cheirou.

—Isto parece comestível, penso. Quero dizer, realmente não te pode foder o queijo, verdade?

—Sim, Nick. coma o queijo — Ele se voltou para a Ceara enquanto Nick procurava uma faca para cortá-lo. —Eles a liberarão?

—Não posso predizer o futuro, Speirr, conhece as regras.

—Tenho que saber se ela vai viver.

Ceara vacilou antes de responder.

—Hoje, fará.

—E amanhã?

Ceara olhou ao longe.

—Não posso te dizer isso.

Talon amaldiçoou.

De repente, um brilho brilhante de luz entrou no quarto. Talon protegeu seus olhos do fulgor e olhou como Acheron e dois homens apareciam justo frente da entrada. Ele nunca tinha visto os dois homens antes, mas um olhar lhe disse que eram Katagaria. O ar ao redor deles estava impregnado com algo animal, poder psíquico.

—Ah homem —disse bruscamente Nick. — odeio esta merda das aparições. Assustou-me, Ash, fez-me comer este queijo mau — Olhou de novo ao Talon. —O que é esta coisa de todos os modos?

—Queijo de soja.

Os Katagaria intercambiaram um olhar enojado.

—Muito mau para meu jantar —disse o mais alto dos Katagaria. —Agora todo seu sistema está poluído. Deve ao menos passar uma semana antes que isso abandone sua malha celular e ele seja comestível outra vez.

Nick empalideceu grandemente.

—Está preparado para ir pela Sunshine? —perguntou Acheron ao Talon.

Esticando-se com determinação, Talon assentiu.

—Façamo-lo.



Acheron jogou uma olhada ao Nick na cozinha.

—Nick, quero que vá com o Zarek e o mantenha fora de circulação por um momento. Ele está sob arresto domiciliar, se o pisar fora, ele estará bem fodido e você também.

Nick apertou os dentes.

—Bem, mas para o registro, quero que saiba que se a vida de uma mulher não estivesse em jogo, eu te diria onde te pode colocar essa ordem.

Nick saiu pela porta, frente dos Katagaria, resmungando todo o tempo.

— “Nick, traz meu carro, traz minha roupa, varre a chaminé, faz minha cama, vigia a meu psicopata, traz minhas sapatilhas”. Sim, trarei essas sapatilhas e as meterei em um lugar verdadeiramente incômodo — Justo quando Talon pensou que tinha terminado, ouviu um último comentário. —Juro, minha mãe deveria me haver chamado Fido.

—Ei!, para que saiba, meu melhor amigo se chama Fido —disse o mais alto dos Katagaria por sobre seu ombro.

O outro Katagaria o empurrou ligeiramente.

—vais terminar?

Acheron indicou ao mais alto dos Katagaria com o cabelo curto negro que tinha feito o primeiro comentário.

—Talon, apresento ao Fang — Logo assinalou ao de cabelo mais longo e olhos verdes. —E seu irmão, Vane.

—por que estão eles aqui? —perguntou Talon ao Acheron.

—me deixe te dizer que se os tipos maus estão armados com luzes halogênicas outra vez, não terão o mesmo efeito sobre os Katagaria que o que tiveram sobre você.

—Sim —disse Vane, rindo malvadamente. —As luzes só nos fazem atacar mais.

Bom, pelo menos tinham ao menos uma surpresa de seu lado.

Se somente pudesse conseguir pôr suas mãos sobre o Camulus.

—Então, qual é o plano, garotas? —perguntou Fang.

—Que nenhum de nós seja assassinado —disse Acheron.



Vane os tirou do loft, baixando as escadas até o carro do Talon. Talon viu as duas motos Ninja negras e cinzas que deviam pertencer aos Katagaria, Já que os were-animais tinham que mover-se rapidamente para evitar a seus inimigos, preferiam motos de corrida antes que correr ou caminhar que esgotava a força que necessitavam para a luta.

Talon comprovou seu relógio. Faltavam vinte minutos para o encontro. Uma parte dele desejava que Ash pudesse materializá-los diretamente no armazém, mas sabia que era melhor não perguntar.

Ash era caprichoso com esse poder e ficava bastante irritado quando lhe pedia que o usasse.

Talon entrou no Viper enquanto os outros três arrancavam suas motos. Ele saiu do primeiro beco, com os moços diretamente atrás dele, e se dirigiu ao Commerce Street.

Chegaram ao Distrito Warehouse uns minutos mais tarde.

As ruas fervia de atividade, tão turística como local. Esta popular área era o principal distrito de arte de Nova Orleans e freqüentemente era mencionada como o Soho do Sul.

Não tomou muito tempo ao Talon encontrar o velho armazém abandonado que tinha sido uma popular galeria de arte durante os anos oitenta. Tinham sido fechados a princípios dos noventa e estavam vazios. As grandes janelas de vidro estavam escuras, umas parcialmente tampadas e outras quebradas. As que uma vez foram portas vermelhas, agora estavam rachadas e sem pintura, e mantidas unidas por uma grossa corrente e um cadeado.

—Uh, moços —disse lentamente Fang enquanto se tirava o capacete, —deram-se conta que isto é muito provavelmente uma armadilha?

—Não, você acredita? —perguntou Talon sarcasticamente.

Fang pôs seus olhos em branco.

Talon convocou seus poderes, deixando-os surgir e sentindo como se fragmentassem. Isso não era bom.

Ele não sabia o que os esperava no edifício, mas atravessaria mesmo o inferno se isso mantivesse Sunshine a salvo. Poderes ou



não poderes.

Todos se dirigiram ao edifício com o Ash fechando a marcha.

—Ooo —disse Fang enquanto Talon trabalhava no cadeado. — Romper e entrar. Traz-me velhas lembranças, não, Vane?

—te cale, Scooby —disse Vane, usando o depreciativo termo dos lobos Katagaria para um filhote tolo e covarde. —E cuida de seu traseiro.

Talon rompeu a fechadura e abriu a porta. Esta rangeu forte enquanto a porta caía de suas dobradiças.

Talon amaldiçoou, então com irritação pôs a porta a um lado.

Entraram no edifício um por um, localizaram-se em forma de leque, e fizeram uma pausa dentro do escuro espaço vazio que estava vestido ao menos de uma década de pó, teias de aranha e imundície.

Cada tanto, um carro passava pelo exterior, seus faróis iluminavam um pouco o arruinado interior.

O lugar estava totalmente silencioso exceto um estranho tamborilar rítmico que provinha de cima e o som dos roedores que corriam pelo chão.

—Uhhhh-uhhhh-uhhh —cantou Fang com uma voz que recordava a alguma banda sonora de um filme de classe B. —Ei Ash, quierrrrres chuparrrrr meu sanguuuue?

Ash lhe dirigiu um olhar divertido, em branco.

—Não, obrigado. A última coisa que quero é de pegar raiva de você, ou alguma outra estranha enfermidade de cão que me vai fazer levantar minha perna em cada árvore.

Vane deu a seu irmão um golpe atrás da cabeça.

—A próxima vez te deixo em casa.

—Ei, isso doeu —disse Fang, esfregando-a cabeça.

—Sim, mas não tanto como o fará isto — Uma voz imaterial saiu em nenhuma parte.

Talon ouviu algo dando voltas pelo ar. Ele moveu sua cabeça bruscamente à esquerda para evitar sua trajetória e o pegou quando passava por seu ombro.

Arqueando uma sobrancelha ante o enorme machado



medieval, sustentou-a e a lançou ao Vane.

Vane curvou seus lábios. O Katagari pareceu menos que divertido.

—Ei imbecil, deveria saber algo — Vane provou o beirada da lâmina com seu polegar. —Se atacar a meu irmão, realmente te caga em mim.

Vane lançou o machado de novo a quem a tinha atirado.

Talon ouviu um gemido um instante antes que os refletores perfurassem a escuridão.

Talon e Ash gemeram de dor, agachando-se e protegendo seus olhos.

Um instante depois, algo rangeu e as luzes se apagaram.

Ash lançou um rápido relâmpago para o canto de onde devia ter saído a ordem, já que Talon ouviu alguém chiar. O aroma de carne queimada encheu o espaço.

Então, os Daimons saíram da escuridão, atacando. Talon alcançou ao primeiro que aproximou e o atirou ao chão. Golpeou a ponta do sapato para liberar a adaga em sua bota, mas antes que pudesse usá-la para matar ao Daimon, outro o pegou na cintura e o empurrou para trás.

—Maldito seja, alimento-daimon —disse Fang com uma gargalhada. —Ei, Vane, quer a carne branca ou a escura?

Vane deu a um dos Daimons no peito com uma faca, diretamente no coração. O Daimon se desintegrou. Ele riu de seu irmão quem a outro Demônio.

—Que tal se eu o pegar por uma perna, você pela outra, pedimos um desejo e atiramos?

Talon fez girar seus olhos, então se girou e usou a ponta de sua bota para terminar ao Daimon que o tinha agarrado.

Depois foi pelo primeiro Daimon, que estava se dirigindo para as costas do Fang. Talon o pegou justo antes que alcançasse ao Katagari.

O Daimon se voltou para ele gemendo, e tentou apunhalá-lo. Talon torceu seu pulso para baixo e tirou a faca de sua mão.

—Má jogada, mancha de tinta —disse Talon, esmurrando ao



vampiro.

O demônio se cambaleou para trás. Talon usou a faca para terminá-lo. O Daimon se desintegrou enquanto as almas roubadas saíam de seu corpo e iam à deriva para o teto.

Algo que viu com a quina de seu olho chamou a atenção de Talon. Ele girou sua cabeça para ver que Ash estava rodeado por um grupo do Daimons.

Ash os rechaçava com seu pau, mas havia tantos deles atacando que se parecia com tentar varrer formigas estando no meio de um formigueiro.

Talon foi ajudar.

Desde onde vinham todos os Daimons?

Eles no geral se congregavam em Nova Orleans nesta época do ano, mas... maldição mas parecia que a metade da sua população mundial estava aqui neste lugar.

Trabalhando juntos, Talon, os Katagaria, e Ash os terminaram.

—Obrigado —disse Ash quando o último se desintegrou.

Talon assentiu e pregou seu srad em uma só adaga, logo a devolveu a sua bota.

—Bem —disse Fang, imitando uma lenta voz grossa do Sul. — Tenho que dizer que é extremamente amável de parte dos Daimons que limpem tudo eles mesmos, quando alguém os mata. Isto é muito melhor que o matar a um Arcadiano. Ele mostrou suas mãos para eles. —Olhe, MA, limpas.

—Fang tem um botão de desligar? —perguntou Talon ao Vane.

Olhando como se queria desculpar-se, Vane negou com sua cabeça.

Mas Talon já não lhes prestava atenção.

Ele tinha coisas muito mais importantes em que ocupar-se.

—Temos que encontrar a Sunshine —disse, dirigindo-se à escada.

—Espera —, chamou-lhe Ash. —Não tem nem idéia do que há aí acima.

Talon não reduziu a marcha absolutamente.



—E não saberei se não subir.

Sem outro pensamento exceto salvá-la, Talon seguiu o descomunal ruído até uma porta no final mais afastado do corredor superior. Quando o alcançou, Vane, Fang, e Ash estavam atrás dele.

Talon açoitou a porta, preparado para a batalha.

Em vez de outro grupo de Demônios, encontraram a Sunshine atada sobre uma cama em um quarto que estava iluminado por uma pequena lanterna. Gemendo, ela se retorcia e girava; como se estivesse queimando.

Aterrorizado de que algo estivesse mal nela, Talon se precipitou a seu lado enquanto Vane e Fang procuraram pelo quarto mais Daimons.

O que lhe tinham feito?

Se eles a haviam prejudicado, ele os perseguiria e os despedaçaria.

Assim que Talon a liberou da cama ela se pegou a ele como se não pensasse soltá-lo.

—Olá, bebê —sussurrou ela guturalmente, esfregando-se contra ele enquanto deslizava suas mãos por seu cabelo e sobre seu corpo. —estive pensando em ti, esperando que viesse por mim.

Esquecendo a outros no quarto, ela o beijou febrilmente e começou a tentar lhe tirar a roupa. Durante um minuto completo, Talon esteve muito atordoado para mover-se.

Então seus hormônios se agitaram, desejando-a tanto como ela o desejava.

Ela o empurrou para a cama, subindo sobre seu corpo como se estivesse pronta a fazê-lo no lugar.

O corpo dele corpo instantaneamente estava ardendo, Talon nunca tinha visto nada como isso. Ele literalmente teve que lutar para manter sua roupa em seu lugar. Não é que se houvesse oposto se tivessem estado sós. Mas não havia nenhum modo de fazê-lo ante uma audiência.

Acheron a olhou, com olhos atormentados.

Havia algo na expressão do Acheron que recordou ao Talon a



alguém voltando a viver um pesadelo.

—Sunshine? —disse Talon, tentando inspecionar se estava machucada. —Estas bem?

—Umm-hum! —, Sunshine gemia enquanto o mordiscava desde seu queixo até seu pescoço. O corpo dele imediatamente estava ardendo e duro por ela.

—Vamos, bebê —suspirou ela em seu ouvido. —Necessito-te. Agora mesmo.

—Ei, Vane —disse Fang. —Eu não sabia que as fêmeas humanas podiam entrar no cio, você sim?

Vane dirigiu um cômico olhar a seu irmão. Isto não conteve o Fang.

—Acha que ela necessitará de um suplente depois que desgaste ao Talon, como uma fêmea Katagari? Normalmente não o faço com humanas, mas com uma peça semelhante poderiam até tentar.

Talon viu vermelho.

Vane pôs sua mão sobre a boca de seu irmão e o atirou para trás.

—Fang, é melhor parar ou Talon poderia te converter em comida de lobo.

Ash sacudiu sua cabeça como se forçasse a si mesmo a despertar de um transe. Afastou de um puxão Sunshine de Talon. Sunshine brigou e riu como uma gata selvagem enquanto lutava por liberar-se. Ash sussurrou algo em uma língua Talon não podia entender e Sunshine imediatamente caiu frouxa em seus braços.

—O que lhe fez? —perguntou Talon com ira.

—Nada perigoso — Com cuidado colocou a Sunshine sobre o colo do Talon. —É um pequeno feitiço para dormir, para mantê-la tranqüila e poder levá-la pra casa a salvo.

Ash levantou a mão da Sunshine e cheirou sua pele. Talon já havia sentido um aroma estranho, de laranja especial que parecia impregnar o corpo da Sunshine.

Ash se voltou para o Vane e Fang.

—Importaria-lhes de olhar se tem alguns tipos esperando lá



em baixo?

Vane assentiu com sua cabeça.

—Faremos outra varredura do edifício para nos assegurar que não há mais Daimons ocultos.

Ele conduziu a seu irmão para fora do quarto. Talon embalava a Sunshine contra seu peito, agradecido de tê-la outra vez, mas preocupado por sobre o que lhe tinham feito. Também tinha notado quão estranho Ash se estava comportando; o homem estava muito mais estranho que o normal.

—O que está mal nela?

Ash soltou um comprido suspiro, cansado.

—Ela está drogada com um droga chamada Eycharistisi — Ante o cenho franzido do Talon, definiu a palavra desconhecida. — Prazer.

—Como disse?

—É um afrodisíaco muito potente. Cobre o corpo com endorfinas e destrói uma a uma todas as inibições. Um toque e tudo o que o usuário pode pensar é em encontrar a alguém e estimulá-lo ao orgasmo.

A raiva descendeu enquanto Talon pensava por que alguém lhe daria tal coisa.

—Pensa que Camulus teve sexo com ela?

—Não, penso que alguém mais o fez como uma mensagem para mim e uma advertência para ti.

—Como é isso?

As bochechas do Ash estavam salpicadas de vermelho, algo que só passava quando o homem se zangava realmente. Em mil e quinhentos anos, Talon só o tinha visto três vezes assim.

—O Prazer era a droga Du jour na Atlântida e não foi produzida desde que o continente inteiro se afundou no fundo do Egeu.

Um mau pressentimento se instalou no interior do Talon. Isto não era a respeito da Sunshine e ele.

Ele estreitou seus olhos sobre o Acheron.

—Que segue, T-Rex? Primeiro alguém me confunde ao ser tão



parecido a ti, mas não foi você. E agora alguém tem o acesso a uma droga que desapareceu faz onze mil anos com sua pátria, e a dá a Sunshine quem foi seqüestrada pelo Camulus. Do que se trata?

—Assim de repente, eu diria que Camulus formou equipe com alguém mais.

—Quem?

Como era o esperado, Acheron não respondeu.

—Necessito-te fora disto.

—É bastante difícil para mim me manter fora disto quando esta pessoa me arrastou para dentro. E não ficarei fora enquanto Sunshine seja ameaçada.

—Fará o que te digo, Talon.

—Não sou seu servente, Ash. Melhor usar outro tom comigo. Rápido.

As bochechas do Ash se tornaram ainda mais vermelhas.

—Está questionando minha autoridade?

—Não, estou questionando seu julgamento. Quero que fale claro comigo sobre com quem e com o que estamos tratando e por que esse homem deu a Sunshine essa droga.

—Não te devo uma explicação, Celta. Tudo o que tem que saber é que tenho um velho inimigo que finge ser eu.

—por quê?

—Bem, obviamente porque não gosta de mim e para ganhar o apoio de meus amigos, agora o entende?

Talon grunhiu pela incapacidade do Acheron de lhe contar a alguém algo sobre seu passado. por que o homem era tão condenadamente reservado?

—É um animal ou um semideus?

—A última vez que comprovei, ele era humano.

—Então por que ele se parece contigo? É um parente?

—Não vou jogar as 'Vinte Perguntas' contigo, Talon. Ele não é teu assunto. Ele é meu.

—Ao menos me dirá como posso diferenciá-los no futuro?

Acheron se tirou seus óculos de sol.

—Nossos olhos. Sou o único humano que alguma vez tenha



nascido com uns olhos como estes. Ele não os tem e não tirará seus óculos de sol por medo a revelar-se a si mesmo.

—por que este tipo está atrás de você?

—Ele me quer morto.

—por quê?

Acheron se afastou um passo dele.

—Suas ordens são simples. Retorne ao pântano. Não sei quanto da droga lhe deram, mas estou seguro que ela ainda sentirá seus efeitos quando despertar. Confia em mim, quando ela o faça, vai pôr um grande sorriso em seu rosto.

—Confia em mim —repetiu Talon. —É gracioso como segue dizendo isso quando você nunca confia em ninguém nem sequer nos fatos mais básicos sobre você. por que isto, Ash?

Como esperava, Ash não respondeu. E naquele instante, Talon compreendeu como se devia sentir Sunshine quando tratava com ele.

Era uma maravilha que ela o tolerasse.

—Ei Ash —lhe chamou Vane de abaixo. —Há algo aqui que precisa ver.

Talon pegou Sunshine e a levou para baixo. Ash saiu atrás deles.

Vane e Fang estavam em um pequeno quarto fora do principal. Sobre a parede longínqua alguém tinha pintado um misterioso símbolo grego de três mulheres e um bando de pombas. Três notas estavam em cima da cabeça de cada mulher.

Talon viu que uma era para ele, uma para o Sunshine, e uma para o Ash.

Cruzando o quarto, Acheron arrancou as notas, abrindo a que estava dirigida ao Talon e a leu em voz alta.

—Não me escutou, Celta. Adverti-te de mantê-la em seu pântano onde ela estaria a salvo. Aposto que está te fazendo em pedaços por não saber quando, onde, e como vou matá-la. Mas te asseguro, vou matá-la.

Ele abriu a dirigida a Sunshine a seguir e a leu em voz alta também.



—Talon, estas lendo a carta de Sunshine? O que? Não confia em sua namorada? Não se preocupe. Ela não foi infiel. Ao menos não ainda, embora isto foi difícil. Tivemos que atá-la para lhe impedir de agarrar-nos a cada um de nós.

Talon bramou de raiva.

—Então me ajude, vou encontrar a esse filho da puta e lhe arrancar o coração.

Furioso, Ash abriu a última, mas esta vez ele não a leu em voz alta.

A nota lhe estava dirigida. A letra era diferente.

Conheço-te, irmão. Sei tudo o que tem feito.

Sei como vive.

Sobre tudo, sei a mentira que diz a ti mesmo para poder dormir.

me diga, o que pensariam seus Caçadores Escuros se alguma vez soubessem a verdade sobre você?

mantém fora de meu caminho ou os verei todos mortos.

E te verei no Mardi Gras.

Ash fez uma bola com a nota e a jogou para o ar e a desintegrou com seus pensamentos. Uma fúria impotente se precipitou sobre ele, prendendo fogo a seu sangue. Se Styxx queria uma guerra, então mais lhe valia juntar um lote completo de Daimons.

Styxx não tinha idéia de contra o que estava jogando.

—O que dizia? —perguntou Talon.

—Nada. Leva Sunshine a seu lugar e mantém ali até que a droga desapareça, logo me chame — Ash esfregou seus olhos enquanto os Katagaria lhes conduziam fora do edifício.

Uma vez fora, Talon colocou Sunshine no carro enquanto outros faziam guarda.

Vane tinha seus braços dobrados sobre seu peito enquanto olhava ao Ash.

—Então, Ash, onde te deixa isto?



—Basicamente fodido. Nas próximas vinte e quatro horas tenho que encontrar um modo de conseguir tirar o Zarek daqui antes que os policiais o encontrem, e a não ser que me equivoque com minhas conjecturas, o seguinte ato de meu Nêmeses será lhes dizer ao Kyrian e ao Julian quem é seu novo vizinho.

Talon fixou seu olhar no Acheron.

—Ele quer sua atenção dispersada e não enfocada.

Ash assentiu.

—Sim, e ele está fazendo um trabalho realmente bom com isso.

Uma idéia ocorreu ao Talon.

—Sabe? acredito que todos estivemos esquecendo algo.

—E que é?

Talon assinalou aos Katagaria para lhe recordar ao Acheron que os lobos pátria não eram o único grupo do Were-Hunters na cidade.

—Seu amigo não sabe sobre o Santuário. Penso que temos que ir pôr ao clã de ursos sobre aviso. Estou seguro que Papai Peltier e os moços estariam mais que felizes de nos emprestar uma mão no Mardi Gras. Eles me devem alguns favores, e se os Daimons saem como fizeram esta noite, necessitaremos toda a ajuda que possamos conseguir.

—Verdade.

—E se fosse eu —seguiu Talon, —seguiria adiante e comunicaria as notícias ao Kyrian sobre o Valerius como pensava fazer. E manteria ao Zarek em reserva aqui na cidade.

—E que passa com a polícia?

—Confia em mim, T-Rex, conheço minha cidade. A polícia vai estar tão distraída com o Mardi Gras que Zarek poderia apresentar-se e eles não se dariam conta que é ele. Mas se eu estivesse em sua situação, fingiria que Z está fora daqui no caso de seu 'amigo' está observando. Chama o Mike e faz voar com o Eric sob escuridão para que eles pensem que é Z. E mantém ao Zarek escondido e enterra ao Valerius até essa noite.

Acheron esticou sua mandíbula.



Abraço Noturno -

"Night Embrace"

Dark Hunters 4 -Talon e Sunshine - Sherrilyn Kenyon

—É um risco.

—Também o é viver em um pântano.

Vane avançou.

—Posso estabelecer sentinelas ao redor do lugar do Talon. Se eles fizerem um movimento sobre ele outra vez, Fang e eu podemos estar ali em um segundo.

—por que estariam disposto a nos ajudar? —perguntou Talon.

—Pensei que era sua política deixar aos Caçadores Escuros que se apodreçam.

—É. Mas ainda devo uma ao Acheron — Se deu volta para o Acheron. — Quando isto tenha terminado, te considere totalmente pago.

Acheron assentiu.

—Feito.

Talon saudou o grupo, logo subiu a seu carro e se dirigiu pra casa.

Enquanto se ia do distrito, tomou a mão da Sunshine na sua e a conservou apertada. Seus ossos se sentiam tão frágeis em sua palma embora conhecia a força que esta dama possuía. A graça e a determinação.

Tinha tido tanto medo quando Camulus a tinha levado.

Não gostou de viver com esse medo. Não gostou de sentir nada. Tinha estado sem emoções portanto tempo que as ter agora o machucavam mais.

Como tinha sentido saudades de sua serena calma. Ele estava acostumado a ter o controle completo e cada vez que a olhava sentia que voltavam essas emoções fora de controle.

Sunshine o havia enlouquecido tão profundamente em seu coração que sabia que nunca seria o mesmo outra vez. E não era somente porque ela fora Nynia. Era porque ela era ela.

Sunshine tinha a força, a coragem, e o fogo. Ela era sua própria pessoa e gostou do desafio dela.

Era preciosa para ele.

Talon a amava agora mais do que tinha feito alguma vez como homem. E a dor daquele pensamento era bastante para mutilá-lo.



Talon a levou em braços até seu lugar e a pôs com cuidado sobre seu sofá-cama, não estava seguro do que Acheron lhe tinha feito, mas dormia placidamente.

Seu telefone soou.

Respondeu e reconheceu que era Ash ao outro lado da linha.

—Retornou com ela?

—Sim, está dormido ainda.

—Bem. Estava preocupado pelos dois.

Ele franziu o cenho. Esta era a voz do Acheron mas isto não era algo que Acheron normalmente admitiria.

Todos seus instintos continuaram em completo alarme. Este não era definitivamente Acheron. A voz e o tom eram os mesmos, mas agora que sabia que havia dois deles, podia ouvir a diferença em suas personalidades.

Este era o impostor.

—Então quanto tempo pensa que acontecerá a droga abandone seu sistema? —perguntou Talon.

—Não sei. Uma dose pode lhe manter bombeando entre um e três dias.

—Sério? Parece saber muito sobre isso.

—Sim, pois quando eu era mortal era tão viciado nela que estava disposto a vender minha alma por ela.

—E quem poderia ser você? —perguntou Talon.

—Perdão?

—Sei que não é Acheron.

Uma risada escura soou em seu ouvido.

—Muito bem, Caçador Escuro. Muito bem. Por isso, deixarei que sua Sunshine viva mais um dia.

Talon suspirou.—Moço, tem muito que aprender sobre mim se pensar que alguma vez poderia ser uma ameaça para mim ou para os meus. Se te aproximar dela outra vez, farei botas com sua pele.

—Ah, não acredito. Mas estou impressionado que esta vez me descobrisse. Eu tinha começado a me perguntar se alguma vez seria capaz de nos distinguir.

Talon apertou sua mão sobre o telefone.



—Pois bem, se for imitar ao Acheron, poderia tentar aprender um pouco mais sobre ele.

—Confia em mim, Caçador Escuro —disse ele, sua voz confidente e malvada. —Sei que Acheron é muito melhor que você. Sei coisas sobre ele que lhe deixariam mudo e lhe fariam odiá-lo para sempre. Ele não é como você e outros pensam.

—Eu o conheci durante quinze séculos. Acredito que conheço uma ou duas coisas a respeito de seu caráter.

—Você acredita? —perguntou sarcasticamente. — Você sabia que ele tinha uma irmã a quem deixou morrer? Que ela estava só a uns passos dele no corredor, gritando por sua ajuda. E que enquanto ele jazia num drogado e bêbado estupor, ela foi despedaçada?

Talon estava horrorizado pelo que o homem descrevia. Mas ele conhecia o Acheron melhor que isso. Acheron nunca, drogado ou não, nunca estaria tão mal para não ir em auxílio de um estranho. Quando isso caísse sobre os que estavam sob seu amparo, Acheron moveria o céu mesmo para mantê-los a salvo.

—Não acredito.

—Fará. depois de que tenha terminado aqui, todos vocês conhecerão a verdade sobre ele — O impostor desligou o telefone.

Talon jogou seu telefone sobre a criado-mudo e pôs suas mãos sobre seu rosto. Isto era um pesadelo.

Ele estava dividido entre sua necessidade de proteger a um amigo que conhecia desde fazia milhares de vidas e uma mulher cuja alma significava mais que sua própria vida.

E ele nunca se havia sentido mais necessitado. Inclusive quando tinha visto seu tio ser assassinado. Ao menos então ele havia sustentado uma arma em sua mão e tinha visto seus atacantes.

Esta vez, não havia nada sólido para pegar-se. Havia dois inimigos aí. Gente fingindo ser Acheron e o outro um deus covarde com uma rancorosa vingança.

O que ia fazer?

Girou e olhou a Sunshine.



Seu cabelo negro era uma nuvem escura sobre seu travesseiro. Seu rosto estava relaxado e pacífica, sua pele bronzeada uma visão calmante contra seus lençóis. Inclusive agora podia senti-la em seus braços, sentir o calor de seu corpo sob o seu, o calor dela roçando sua pele.

Como poderia protegê-la?

—Confia no Morrigan, Speirr. Nunca duvide de sua lealdade. Nunca faça perguntas sobre suas ações. Somente sabe que quando ela possa, ela sempre te ajudará.

Essas foram as últimas palavras que seu pai lhe disse.

Fechando seus olhos, Talon ainda poderia ver a cara de seu pai na luz da luz aquela noite. Vendo o orgulho do homem mais velho e o amor brilhando nele enquanto seu pai o abraçava e o enviava à cama.

manteve-se obstinado a aquelas palavras, e ninguém jamais o tinha derrotado em batalha. Nem por emboscada ou por engano.

No final, tinha sido o inimigo em casa quem o tinha destruído. A última pessoa de que tivesse suspeitado.

Seu primo tinha querido ser o rei a toda costa e sabia que o único modo de consegui-lo seria matando tanto Talon como a Ceara.

Talon nunca tinha suspeitado que seu primo decidisse a morte de sua tia e seu tio.

Talon tinha sabido da traição do homem só depois que os Druidas tinham matado a ele e a Ceara.

A noite em que Talon se revelou para tomar a vingança sobre seu clã, seu primo tinha confessado tudo, tentando conseguir que Talon o protegesse.

Isso não lhe tinha importado. Jovem, zangado, e machucado, Talon tinha empreendido sua vingança contra todos eles, e logo se desprendeu de suas emoções e tinha endurecido seu coração.

Endurecido até que uma bela estranha o tinha resgatado em uma tranqüila rua com seus grandes olhos negros que o abrasaram.

Ele se apaixonou por ela. De sua risada, de seu engenho.

Ela o tinha feito sentir outra vez. Tinha completado.



Sem ela, ele não queria viver absolutamente.

Mas recusava vê-la morta por culpa dele.

—Tenho que deixá-la ir.

Não tinha outra opção.

CAPÍTULO 13

Zarek estava parado sobre o cruzamento elevado de Jackson Brewery, olhando para a rua Wilkinson. Ele tinha suas mãos obstinadas ao corrimão de ferro enquanto olhava fixamente às pessoas abaixo que andava ao longo da rua Decatur, entrando e saindo das lojas, restaurantes, e clubes.

A ordem tinha vindo do Acheron, supunha-se, que ficaria dentro de sua casa da cidade até o Mardi Gras. Provavelmente deveria havê-lo escutado, mas acatar ordens não era exatamente algo no que ele se destacasse.

Além disso, o áspero clima de fevereiro na Alaska o manteve completamente amarrado à casa. Odiava a sensação de estar preso.

Quando tinha abandonado Fairbanks, faziam vinte e cinco graus abaixo de zero. Agora faziam quatorze graus em Nova Orleans e até com o vento frio que vinha do rio, não era nada como ao que ele estava acostumado.

Esta era uma cálida noite do verão em comparação.

Embora no fim de junho e julho no Fairbanks pudessem fazer até trinta e dois, quando o sol se punha e ele podia sair ao crepúsculo misterioso que nunca se voltava completamente escuro, ele era condenadamente afortunado de sentir uma noite tão cálida como esta.

E certamente, a finais do verão no Fairbanks, ele era realmente afortunado se podia estar fora menos uns minutos antes que o sol se levantasse outra vez e o fizesse voltar pra dentro.



Durante novecentos anos, ele tinha estado banido a aquele terreno cruel, extremo.

Agora tinha passado, ele tinha um indulto. Fechando seus olhos, Zarek inalou o ar, que era espesso, com vida. Cheirou a mescla de comidas e o rio. Ouviu o som da risada e as farras.

Realmente gostava desta cidade. Não lhe admirava que Talon e Kyrian a tivessem reclamado.

Ele só sentia que não pudesse ficar aqui um tempo mais longo. Permanecer onde havia outros de sua classe. Onde houvesse gente com a que pudesse falar.

Mas estava acostumado a desejar coisas que não podia ter. A porta sobre sua direita se abriu e um saiu um pequeno moço. O miúdo era bastante lindo para um mordedor de tornozelos. Ele tinha o cabelo castanho curto e soluçava. O menino se deteve bruscamente ao ver Zarek que está de pé ali. Zarek não fez conta.

—Ei, senhor! —disse o menino, com sua voz tremendo. —Pode me ajudar? Estou perdido.

Zarek suspirou e se separou do corrimão.

Ele se meteu sua mão de garra no bolso de suas calças e girou.

—me acredita, menino. Conheço o sentimento.

Ele ofereceu sua mão nua ao menino e ficou aniquilado pelo pequeno e crédulo que era o moço. Ele não podia recordar um momento em sua vida no que alguém alguma vez tivesse estendido a mão a outro e acreditado em que não lhe fizessem mal.

—Então, a quem procuramos? A sua mamãe ou a seu papai?

—Minha mamãe. Ela é realmente bonita e grande.

Zarek cabeceou.

—Qual é seu nome?

—Mami.

Vamos, isso era... era realmente útil, não?.

—Quantos anos tem, menino?

—Tenho todos estes — E se sorveu suas lágrimas e sustentou quatro dedos. —Quantos anos tem você?

—Muito mais que quatro dedos .



O menino sustentou todos os dez.

—Todos estes?

Zarek riu apesar dele.

—Vamos —disse, abrindo a porta. —Estou seguro que há alguém dentro que pode ajudar a encontrar a sua mamãe.

O moço limpou seu rosto com sua manga. Enquanto Zarek lhe conduziu à Cervejaria. Eles não tinham ido muito longe quando ouviu o ofego de uma mulher.

—O que está fazendo com meu filho?

—Mami! — O moço correu para a mulher.

Ela tomou em braços ao e jogou ao Zarek um olhar feroz e suspicaz lhe deixando saber que uma saída precipitada seria sábia.

Algumas noites não era benéfico parecer escuro e sinistro.

—Segurança! —chiou ela.

Zarek amaldiçoou e voltou correndo à porta. Ele saltou sobre o corrimão à escada, baixou os e rapidamente se perdeu na multidão.

Ou isso pensou.

Assim que ele estava a metade de caminho pelo Wilkinson, viu o Acheron esperando nas sombras.

Isto era justo o que malditamente necessitava, Acheron irritado por encerrar Nick no armário e sair da casa enquanto lhe tinha ordenado que ficasse no lugar.

Zarek grunhiu.

—Não comece, Ash.

Acheron levantou uma sobrancelha.

—Começar com que?

O cabelo em sua nuca se arrepiou. Acheron estava muito relaxado e não havia nenhuma tensão em seus ombros como Acheron sempre tinha quando eles entravam em contato o um ao outro.

Eles se tinham declarado seu mútuo desgosto fazia mais de dois mil anos.

O homem frente dele atuava como se Zarek fora um dos Caçadores Escuros com os que Acheron era amistoso.



Isto enviou um calafrio por sua coluna.

O ódio e a cólera que tinha, e o Acheron amistoso o puseram nervoso.

—Não está aqui para me aporrinhar? —perguntou Zarek.

—Vamos, por que faria eu isso? — Ele o aplaudiu no ombro.

Zarek riu enquanto de afastava dele.

—Quem diabos é você?

—O que está mau, Zarek?

Não havia nenhum modo de que este fosse Acheron.

Zarek usou sua telecinesia para atirar os óculos de sol da cara do homem. Em vez de olhos de remolinante mercúrio, este homem os tinham azuis.

O estranho estreitou seus olhos humanos sobre ele.

—Isso foi imprudente.

A seguinte coisa que Zarek soube, foi que era golpeado com um raio de deus.

Talon estava amarrado a sua barra de exercício, fazendo abdominais invertidos quando Sunshine finalmente despertou.

Gemendo, ela se sentou na cama, devagar. Languidamente.

—Está tão quente aqui —disse ela, sua voz baixa e gutural.

Talon relaxou seu corpo enquanto a olhava, deixando-se pendurar ao reverso enquanto as pontas de seus dedos roçavam o chão.

—Como se sente?

Ela passou sua camisa, sobre sua cabeça, e ele imediatamente se esticou ao ver o sutiã de seda negro que cobria seus seios.

—Faminta —suspiro ela, abrindo o frente de seu sutiã. —E não de comida.

Ele arqueou uma sobrancelha ante isso, e ante o modo em que ela deslizou suas próprias mãos sobre seus peitos, e para baixo a suas calças.

Ah, isto era cruel.

Ela tirou as calças devagar, sensualmente.

—Necessito-te, Talon.



—Acredito que necessita uma ducha fria.

Ela se moveu para ele como uma leoa à espreita.

Hipnotizado, Talon não se moveu até que ela o alcançou e deslizou sua mão por suas coxas. Ela baixou sua cabeça para esfregar seu nariz e lambe a parte de atrás de seus joelhos.

Talon gemeu ante o bem que se sentia. Seu corpo se endureceu e palpitou enquanto se elevava e tratava de desenganchar suas botas do balcão. Mas nunca teve a oportunidade. Sunshine encontrou seus lábios e o beijou apaixonadamente.

Sunshine diretamente não podia pensar enquanto se retirava e o olhava fixamente com seus olhos negros como a meia-noite. Seu corpo estava vivo. Ardendo. Tudo no que ela podia focar era sua palpitante necessidade.

o ter dentro dela. Um ardor por ter suas mãos sobre seu corpo.

Ela nunca havia sentido uma luxúria tão potente. Semelhante fome de saborear e sentir cada diminuto bocado do corpo de um homem.

Ah, como o desejava.

Ela tomou as mãos dele e as levou para seus seios.

—Faz o amor comigo, Talon. Por favor.

Talon vacilou.

—Não sei se deveríamos fazê-lo contigo influen...— Ele se deteve na metade da oração quando ela baixou suas calções até seus joelhos.

Possuía por uma poderosa luxúria como nunca tinha conhecido, Sunshine com cuidado mordiscou o sensível osso do quadril. Ele gemeu profundamente em sua garganta, estimulando-a enquanto ela passava sua mão por entre seus curtos cachos, deixando-os enredar-se ao redor de seus dedos até que ela tomou em sua mão.

Talon não podia enquanto uma onda de prazer depois de outra o atormentava.

Ela deslizou sua mão por seu eixo, fazendo endurecer-se



ainda mais.

—Hmmm! —suspirou ela. —O que temos aqui?

Ela tomou a ponta de seu eixo com sua boca, rodeando-a com sua língua, levando profundamente até seu úmido calor. Alcançando suas pernas nuas, ele grunhiu de prazer e a atraiu mais perto.

Ela o introduziu mais em sua boca enquanto seus dedos acariciavam seu testículo, enviando pontadas de prazer por seu corpo inteiro.

Era condenadamente bom estar pendurando aí. Tão bom como senti-la, se não tivesse estado tão bem amarrado sem dúvida teria estado no chão nesse exato momento.

Fechando seus olhos, Talon saboreou a sensação de sua língua e de sua boca que o acariciava, lambendo, chupando, de sua mão estimulando seu êxtase até um nível perigoso.

Talon rodeou sua cintura com seu braço e mordiscou o ponto sensível em seu quadril. Ela gemeu profundamente em sua garganta. A vibração reverberou por seu corpo inteiro.

Sunshine tremeu enquanto Talon separava suas pernas. Sunshine enlaçou seus braços ao redor de sua cintura, desfrutando enquanto ele a acariciava meigamente com seus dedos. Ela poderia sentir os músculos de seu estômago esticando-se com cada movimento. A tensão de ambos a fazia delirar, e quando ele tomou em sua boca, ela gemeu em voz alta.

A cabeça dela cambaleou, seguiu brincando com sua língua e lábios enquanto ele fazia magia sobre seu corpo com sua boca. Ela nunca havia sentido nada como este intercâmbio. A necessidade mútua de tocar o um ao outro e dar o um ao outro prazer.

A língua dele se deslizava sobre seu sexo, acariciando-a, levando-a a tal altura que seus joelhos se sentiam débeis. Ela deslizou suas mãos de seu traseiro, a seus ombros, pressionando mais perto. Ela rebolou descaradamente contra ele, todo o tempo lambendo e brincando em troca, provando a salinidade de seu corpo.

Seu corpo tremeu um instante antes que as ondas de prazer a atravessassem. Gritando, ela deixou que a liberação a alagasse.



De todos os modos ele mordiscou e brincou até que o último tremor atravessou seu corpo.

Só então Sunshine se retirou. Ele levantou a vista para ela e riu.

—Eu gosto do se gosto —disse ele, sua voz rouca.

Lhe devolveu o sorriso.

—Sabe, seu rosto está muito vermelha.

Ele riu enquanto se elevava e desenganchava seus pés da barra.

—E tenho dor de cabeça por isso, mas realmente não me preocupa se minha cabeça exploda. Você merece mais que isso.

Ele começou a tirar seu calção, mas ela o deteve. Arrastando suas mãos e lábios abaixo por seu resistente traseiro, suas pernas, lhe tirou os sapatos e bermuda.

—vou lambe-lhe da cabeça aos pés. Ele arqueou uma sobancelha.

Ela deslizou seus dedos entre os dedos de seus pés, enviando calafrios por todas as partes dele.

—vou fazer te gritar por piedade antes que termine contigo.

Agora havia uma promessa que ele queria que se cumprisse. Talon fechou seus olhos e gemeu enquanto ela lambia os dedos de seu pé, um por um. Sua língua se deslizava sensualmente entre eles, eletrificando e fazendo que seu corpo se endurecesse ainda mais. Mais rígido.

Então, ela subiu por seu corpo, suas unhas arranhando sua carne.

—Você é meu brinquedo —disse ela disse em um malvado acento eslavo.

Talon riu enquanto ela mordiscava a parte traseira de suas pernas. Sua língua e dentes brincavam com a carne de suas pernas, e do interior de suas coxas.

Com uma risada gutural, ela se retirou e lhe sorriu.

Talon a olhou acaloradamente enquanto ela segurava seus seios em suas mãos e os deslizava ao redor de seu membro. Ele apertou seus punhos enquanto ela se esfregava acima e abaixo



dele.

—Você gosta disto? —perguntou ela em um tom malicioso.

—Sim —disse ele, sua voz profunda e rouca.

—Então vamos ver que mais posso encontrar que você goste.

Sunshine o conduziu até o sofá-cama e o empurrou para trás em uma posição reclinável, então ela avançou lentamente subindo devagar em cima de seu corpo, e se sentou escarranchado sobre seus quadris.

Ela ofegou enquanto ele deslizava seus dedos dentro dela. Estava tão molhada para ele, tão quente. Ela necessitava seu contato.

Ele a pôs de costas contra o colchão, logo se ajoelhou entre suas pernas.

Com o coração dela pulsando, ela o olhou.

—Ponha seus pés sobre a parede atrás de mim.

Ela fez o que lhe pediu.

Ele levantou seus quadris, e entrou nela.

Sunshine gritou de prazer enquanto ele a enchia. Ele era tão grosso e completo, suas estocadas imperiosas, enquanto se balançava entre suas pernas. Nesta posição, ele era capaz de penetrá-la completamente enquanto ela fora capaz de levantar mais seus quadris e acompanhá-lo em cada uma de suas investidas, conduzindo cada vez mais profundamente e mais duro.

Talon grunhiu ao senti-la tão bem. Colocou suas mãos sobre seus quadris, movendo-se mais rápido.

Ele se deslizou sobre ela com um braço sobre o colchão, e beijou seus lábios enquanto que com sua mão livre deslizou seus dedos pelo úmido triângulo de pêlo negro e acariciou sua fenda.

Seu corpo inteiro tremeu enquanto seus dedos a acariciavam ao mesmo tempo em que investia. Ele se introduziu profundamente nela e logo fez uma pausa, saboreando a sensação de seu úmido calor. Ah, como necessitava desta mulher. Necessitava dessa conexão com ela.

Não era só físico entre eles. Era muito mais.

Ela gemeu, então devagar começou a balançar-se contra ele.



—Assim, neném —sussurrou ele em seu ouvido. —me monte todo o queira.

E ela o fez.

Fechando seus olhos, ele apertou seus dentes para demorar seu orgasmo para poder senti-la tomar seu prazer dele. Ele a amava assim. Selvagem e exigente. Ela estava completamente desavergonhada em seus braços.

Como tinha sentido falta e quão condenadamente agradecido estava de tê-la outra vez.

Ele queria possuí-la. Encadeá-la a ele para o resto da eternidade.

Se soubesse como.

Desesperado pela necessidade, ele se apoiou em seus joelhos e tomou o mando outra vez.

Sunshine grunhiu pelo êxtase enquanto Talon se mergulhava de repente nela, ainda mais profundo que antes. Ela foi ao encontro de suas investidas com uma necessidade frenética.

E quando ela acabou outra vez, ele gemeu seu nome.

Ela o ouviu rir profundamente em seu ouvido antes que ele se unisse a ela.

Ela riu enquanto ele se separava dela e se deitava sobre o sofá-cama. Beijando, ela se colocou sobre ele como se fosse uma manta.

—Mmm —suspirou ela. —Isto é o que quis te fazer a primeira noite em que nos encontramos.

—O que? Esfolar-me até me tirar os miolos?

Ela golpeou de brincadeira seu estômago.

—Isso também, mas não, eu queria ser sua manta.

Ele deslizou suas mãos por seu cabelo, embalando sua cabeça.

—Neném, pode ser minha manta cada vez que sinta o impulso.

Ela definitivamente sentia o impulso. Rindo perversamente, esfregou-se contra ele, logo lhe deu um beijo profundo, apaixonado.

—Sabe que não estou saciada de você? —disse ela usando suas palavras.



—Não?

Ela sacudiu sua cabeça.

—Só comecei.

À alvorada, Talon estava suarento e esgotado. E estava dolorido em lugares nos que ele não sabia que um homem pudesse estar dolorido.

Ele não estava seguro se alguma vez quereria voltar a ter sexo...

Talon riu do pensamento. Sim, justo. Mas ao menos queria umas horas de descanso antes que tivessem outra maratona.

Ele ainda respirava pesadamente enquanto Sunshine finalmente ficou a dormir, deitada a seu lado com sua mão enredada em seu cabelo e sua perna cobrindo as coxas nuas dele.

Cristo, Ash não tinha brincado sobre seu apetite. Ela tinha retorcido seu corpo em posições que ele não sabia que era capaz de realizar. Agora mesmo, ele não tinha absolutamente nenhuma energia. De fato, não queria deixar essa cama outra vez, e se ela tivesse ido por uma vez mais e o tivesse agarrado, até poderia ter choramingado.

Gemendo ante o pensamento, ele alcançou a criado-mudo, agarrando seu telefone, e chamou o Acheron para constatar. Só esperava que esta vez o telefone em realidade funcionasse.

Fez.

como sempre, Acheron respondeu ao primeiro chamado.

—Ei!, é o Ash bom ou o Ash mau?

—Bem, o mau, sou o que tem a arma.

Talon suspirou na resposta. Esta era um encontro do filme Army of Darkness que Acheron adorava.

—Só o verdadeiro Ash seria o bastante estranho para atirar aquele encontro.

—Gee, obrigado, Celta. O que acontece? Sunshine despertou?

—Sim, fez.

—E você é ainda capaz de caminhar e te mover?

—Deixemo-lo aí.

Ash lançou uma meio sorriso curto.



—Sim, bem. Então que necessita?

—Tive uma chamada do impostor não muito depois que retornei aqui com o Sunshine.

O silêncio total lhe respondeu. Ele até inclusive podia ouvir a estática sobre a linha do celular.

—Ei, T-Rex, está ali?

—Estou aqui. O que te disse?

—Sobre tudo que te odeia. Ao princípio pensei que fosse você, mas disse um par de coisas que não me soaram corretas.

—Como quais?

—Ele disse que, imagine, que tinha sido viciado na droga que subministraram a Sunshine. Conseguir algo pessoal de você é como tirar um dente a um leão sem tranquilizador.

Outra vez Acheron estava totalmente silencioso.

—Ei, amigo, ainda está comigo? —perguntou Talon.

—Ele disse algo mais?

—Sim, ele disse que tinha uma irmã a que tinha deixado morrer. Chamei de mentiroso e passamos aos insultos, então me desligou.

Talon ouviu o Nick no fundo chamando o Ash enquanto Zarek grunhia ao Nick que o deixasse tranquilo.

—Algo anda mau?

—Nick somente trouxe o Zarek. Está ferido. me deixe lhe soltar.

—Bem, mas me chame e me avise como continua.

—Farei — O telefone estava morto.

Bom, isso também era estranho. Franzindo o cenho, Talon deixou seu telefone e retornou a Sunshine.

Sunshine despertou gritando. Talon a pegou enquanto se derrubava sobre o sofá-cama.

—Shh —sussurrou ele contra seu cabelo. —Sou eu, Talon. Está a salvo.

Ela tremia contra ele.

—Pensei que ainda estava... — Ela apertou seus braços ao redor dele. —Ai Deus, Talon, estava tão assustada.



A cólera perfurou seu coração.

—Sinto não ter podido te proteger. Eles lhe fizeram mal?

Ela sacudiu sua cabeça.

—Eles somente me assustaram. Sobre tudo ao que eles chamavam Styxx.

—Styxx? Como o rio grego?

Ela assentiu com a cabeça.

—Ele tinha uma aparência de louco. Horripilante. Seus olhos estavam tão cheios de ódio e tinha um grunhido constante. Camulus tinha que estar sempre acalmando.

Talon chiou seus dentes. Tinha a total intenção de encontrar a ambos os cretinos e fazê-los pagar.

—Sinto muito, neném. Prometo-te, que eles nunca conseguirão pôr suas mãos sobre você outra vez.

Sunshine entrelaçou seus braços ao redor dele.

—Estou tão contente de que me encontrasse, mas como sabia onde estava?

—Camulus me chamou.

As notícias a atordoaram.

—por quê?

—Não sei. Penso que ele só quer jogar com minha cabeça. Ele é assim retorcido.

Ela se sentou, sentindo-se doente estômago.

—O que me deram?

—uma espécie de droga. Um afrodisíaco. Eles o usaram contigo?

—Não —disse ela. —Eles me obrigaram a bebê-lo, logo me deixaram sozinha. Era realmente repugnante. Ainda me sinto enjoada e estranha — Ela o olhou e sorriu. —Mas recordo o que fiz contigo.

—Sim, eu também.

Ela riu e seu corpo protestou pelo movimento.

—Está tão dolorido como eu?

—me deixe te dizer que não tenho nenhuma pressa por sair da cama.



Sunshine percorreu sua tatuagem enquanto se reconfortava por estar a salvo com ele.

Era tão bom senti-lo a seu lado outra vez. Ouvir o som de sua voz. Ela recordava os disparos que eles lhe tinham dado e quão aterrorizada tinha estado pensando que poderia ter morrido pelas feridas.

Agora não havia nenhum sinal de que alguma vez lhe tivessem disparado.

—Estou tão contente de que eles não lhe mataram —suspirou ela.

—me acredite, sinto da mesma maneira sobre você.

Ela deslizou sua mão sobre o mamilo dele e logo se congelou quando de repente se sentiu doente.

—Sunshine?

Ela abandonou a cama e se precipitou no banheiro. Talon a seguiu e a sustentou enquanto ela descarregava o resto da droga de seu sistema.

Sunshine não soube quanto tempo esteve ali. Parecia que ela nunca deixaria de vomitar.

Talon ficou com ela todo o tempo, sustentando seu cabelo, lavando seu rosto com um pano frio, úmido.

—Está bem? —perguntou ele quando ela finalmente se deteve.

—Não sei. Sinto-me horrível.

Ele beijou a parte superior de sua cabeça.

—irei conseguir te uma Coca Cola e algumas bolachas. Isso te ajudará a assentar seu estômago.

Lhe agradeceu, logo foi ao lavabo a escovar os dentes enquanto ele ia conseguir a Coca Cola.

Quando ela deixou o banheiro, encontrou ao Talon esperando-a na cama.

Ela se sentou ao lado dele e pôs os cobertores sobre seu corpo. Ela estava ainda instável e enjoada. Talon lhe deu uma bolacha e uma lata da Coca Cola.

—Hmm! —disse ela, tomando as dele. —Deve gostar muito de



mim para deixar comer bolachas em sua cama.

Ele retirou o cabelo da cara dela. Seus olhos a queimaram com sua intensidade.

—Sim, eu gosto.

Suas palavras enviaram um calafrio por ela.

—Faz, Talon? Ou é Nynia a que você gosta? Quando me olha, vê Sunshine ou sua esposa?

—Vejo ambas.

Sunshine se abateu com sua resposta. Isto não era o que queria ouvir.

Toda sua vida, tinha lutado por ser ela. Seus pais a aceitaram, mas os tipos os que tinha saído tinham querido trocá-la.

Inclusive Jerry.

O último tipo com o que saiu só estava interessado nela porque recordava a sua ex-namorada.

Agora recordava ao Talon a seu ex-esposa.

Ela não podia ganhar com a morta.

por que alguém não podia amá-la só por ser Sunshine? Talon seria tão sensível e atento se ela não fosse sua esposa reencarnada?

—O que você gosta de mim? —perguntou, mordiscando sua bolacha.

—Eu gosto de seu fogo e eu gosto de seu corpo.

—Guauu, obrigado. Isso significa se fosse gorda e horrível tivesse saído correndo pela porta?

—Você sairia correndo pela porta se eu o fora?

—Touche — O homem era rápido com as respostas. — Provavelmente. Sem dúvida, romperia-a tratando de escapar de você.

Ele riu disso.

—Eu teria saído atrás de você se o fizesse.

—Você?

—Sim.

Mas perseguiria Sunshine ou a Nynia?

Pergunta-a a atormentava.



Sunshine se inclinou e beijou sua frente.

—Tem que dormir. Parece realmente cansado — E o estava.

Era quase o meio-dia e, a diferença dela, ele não acostumava a permanecer levantado todo o dia.

—Bem. Recorda, Nick é um quatro e um signo de libra no telefone se necessitar algo. E não vá longe. Camulus voltará, só que não sei quando. Ao menos aqui os crocodilos o demorarão. Então te assegure de ficar o bastante perto para poder te alcançar se algo se passar.

Ela assentiu.

—Se não estiver na cabana, estarei só do outro lado da porta pintando. Prometo.

—Bem — Ele fuçou sua bochecha meigamente, logo a beijou. —Verei-te em umas horas.

Sunshine o meteu na cama, enrolou, apagou as luzes, e silenciosamente foi para fora pintar.

Enquanto a tarde transcorria com ela sentada no pórtico, compreendeu que Talon tinha vivido aí durante séculos e em todo esse tempo nunca, nem uma vez tinha visto a beleza do pântano durante a luz do dia.

Ele nunca tinha visto a luz do sol salpicando a água. Nunca tinha visto o vibrante verde do musgo sobre o toco do molhe. De noite a borda não tinha essas cores.

Era uma verdadeira perna que tivesse que viver assim... Só em um mundo sem...

Ela se abateu enquanto a palavra raio de sol retumbava em sua cabeça.

—Cristo —resmungou. —Que idiotice era essa?

De todos os modos isso não fazia que seu coração deixasse de sofrer por ele.

Ele era um solitário.

Pelo Camulus, Talon não deixava a ninguém aproximar-se dele. Que terrível devia ser.

No crepúsculo, ela recolheu seus materiais de arte e retornou para dentro sob o olhar atento do Beth. Sunshine



enrugou seu nariz ao crocodilo mandona e lhe jogou os restos de suas bolachas.

Fisicamente, Sunshine se sentia muito melhor, mas mentalmente estava dolorida.

Ela observou ao Talon enquanto dormia. Ele era uma criatura da noite. Literalmente. Ela não poderia mudá-lo. Jamais.

Ele era mortal.

Ela era humano.

Não havia nenhuma esperança para eles.

O pensamento a fez querer gritar.

Eles estavam realmente além de qualquer acerto.

Mas Talon teria que estar de acordo, e logo o que? Ela teria que ser sua esposa? Ele esperaria que ela fosse como Nynia?

Ela tremeu ante a idéia. Sem ofender, mas como Nynia ela tinha sido uma imbecil.

Não estava mal viver para agradar a seu marido, mas como Nynia ela tinha levado isso a um nível inteiramente novo. Nynia não o tinha questionado, nunca lhe reprovou nada.

Ele dizia salta, e ela tinha saltado e nem sequer o tinha incomodado para lhe perguntar quão alto. Tudo o que ele tinha querido, ela tinha feito, independentemente de seus próprios pensamentos ou desejos.

Ela tinha sido uma esposa igual a protagonista do filme Stepford Wives.

Sunshine nunca pensou que pudesse chegar a comportar-se assim, se o tivesse que fazer. Ela era aberta e obstinada. de vez em quando, era até um pouco egoísta.

Ela queria uma sociedade mútua com um homem. Alguém quem pudesse respeitar suas necessidades como artista. Alguém quem pudesse apreciá-la enquanto ela o apreciava a ele, com faltas e tudo.

gostava-se a si mesmo. Gostava de sua vida.

Com o Talon, ela nunca estaria bastante segura se ele a amava por ser Sunshine ou se a tolerava devido à Nynia.

Como saberia ela alguma vez a verdade?



Talon despertou ante a suavidade do roçar da mão dela sobre seu cabelo. Ele não teve que abrir os olhos para saber quem o estava tocando. Ele podia sentir a de todas maneiras em seu coração.

Sunshine.

Ele piscou abrindo os olhos para vê-la sentar-se a seu lado.

—bom dia —disse ela.

—Tardes.

Lhe deu uma xícara de café. Talon tomou um gole, esperando estremecer-se, mas em realidade estava bom. Muito bom.

Ante seu olhar surpreendido, ela riu.

—Meus pais vendem café no bar. Não posso beber essa bebida, mas realmente sei como fazê-lo.

—Faz muito bem.

Ela resplandeceu.

Talon se sentou na cama para olhá-la.

—O que fez enquanto eu dormia?

—Trabalhei. Tenho que me encontrar com um cliente e lhe mostrar algumas peças das que me encarregou. Se realmente gostar, ele vai me dar um contrato para subministrar o material gráfico e os murais para sua cadeia de restaurantes.

—De verdade? —perguntou, impressionado pelas notícias.

Seus olhos brilharam pelo entusiasmo, suas bochechas se ruborizaram. O que ele dissesse poderia significar muito para ela.

—Se consigo o contrato, não trabalharei mais na praça. Finalmente terei bastante dinheiro para abrir meu próprio estúdio.

—Sabe, que eu poderia te dar o dinheiro para isso.

Uma tristeza a embargou.

—Também poderiam meus pais, mas isto é algo que quero fazer sozinha. Não quero que ninguém me dê nada.

Ele entendeu isso bem. Ele tinha passado a maior parte de sua vida mortal provando-se a si mesmo ante outros.

—Nunca dói ter ajuda.

—Sei. Mas não seria o mesmo. Além disso, penso que estaria



realmente bem entrar em um restaurante e ver meu trabalho pendurado ali.

—Sim, seria. Espero que consiga o contrato.

Ela riu outra vez.

—Quanto a ti? Que esperas?

—Espero que minha cabana nunca saia voando em um furacão durante as horas de luz do dia.

Ela riu.

—Sério.

—Sou sério. Poderia ficar feio se o fizesse.

Ela se sentou sobre seus joelhos.

—Realmente não tem nenhum projeto para o futuro, verdade?

—Não há nada que planejar, Sunshine. Sou um Caçador Escuro.

—Alguma vez pensou em deixá-lo?

—Nunca.

—Não, inclusive agora?

Ele se calou como pensando.

—Se eu pudesse passar do Camulus talvez. Mas...

Sunshine assentiu, entendendo aquela escolha muito bem. Camulus se tinha rido dela quando ela tinha perguntado se ele poderia alguma vez perdoar ao Talon.

—A terra falecerá antes que eu o deixe em paz. Enquanto que esteja vivo, ele pagará por tomar a vida de meu filho.

Mas não disse ao Talon sobre isso. Ela não queria transtorná-lo.

De algum modo, ela encontraria outro caminho ao redor do Camulus.

—Bem —disse ela. —Não o mencionarei outra vez. Vamos somente desfrutar das hora que temos.

—Sonha como um plano.

Eles passaram a noite silenciosamente, jogando jogos e conversando. Sunshine vagou por sua cozinha e até que encontrou muitos provisões para fazer pintura para o corpo, comestível.

Talon a introduziu nos tiros do Reddi-Whip de chocolate e se



deleitou com o êxtase em seu rosto enquanto ela comia a pecaminoso creme batido.

E Talon finalmente conseguiu empapá-la em chocolate e lambê-lo até limpá-la completamente.

Quem tivesse pensado que ter a uma artista podia ser tão divertido?

Talon jamais em sua vida tinha desfrutado de algo mais que dessa noite. Ele nunca riu tanto. Sentido tão bem e cômodo. Não havia forma de esconder-se dela. Conhecia tal qual era, tanto como Caçador Escuro como homem.

Ela dormiu não muito depois da meia-noite e o deixou só para pensar neles.

Talon saiu a sentar-se no pórtico. Estava pacífico e frio fora. A névoa sobre o pântano era espessa e ele podia ouvir a água movendo-se ao redor.

Durante séculos tinha sido sua solitária existência.

Ele não podia contar as vezes que tinha estado sentado aí só, somente escutando a escuridão.

E do outro lado da porta fechada ele tinha o céu que o esperava.

Se só pudesse conservá-la.

Como um homem poderia vencer a um deus? Isso era possível?

Como um homem mortal, o pensamento nunca lhe tinha ocorrido, mas agora...

Agora ele se perguntava...

Talon foi à cama umas horas depois da saída do sol. Só tinha dormido aproximadamente uma hora quando ele ouviu que Sunshine revoava ao redor de seu escritório.

—O que está fazendo? —perguntou dormitado.

—Procuro as chaves do bote.

—Para que?

—Disse-te, tenho que ir me encontrar com um cliente.

Talon esfregou seus olhos imprecisos enquanto tentava entender o que ela dizia.



—O que?

—Contei-te sobre isso ontem à noite, recorda? supõe-se que o encontrarei perto das onze. Prometo que me encontrarei com ele e logo voltarei assim que possa.

—Não pode fazer isso.

Ela fez uma pausa e o olhou.

—Disse-te quão importante é isto para mim. Para minha carreira.

—Sunshine, não seja estúpida. É sobre sua vida do que falamos.

—Sim, é — Ela voltou a procurar no escritório. —E não vou deixar que uns doentes psicóticos arruinem tudo o que quero. me acredite, se o inseto estranho me aproxima hoje, asseguro-te que farei que seja o último engano que jamais cometa. Eu não sabia que eles estavam atrás de mim antes. Agora sei e me posso cuidar.

Zangado porque ela o desafiava, Talon se levantou.

—Não vou deixar que saia daqui.

—Não me diga o que tenho que fazer, Talon. Meu próprio pai não me ordena. Sou uma mulher adulta, com meus próprios pensamentos, e não deixarei que alguém dite minha vida.

—Demônios!, Sunshine, seja razoável. Não quero que lhe machuquem.

—por quê? Por que me ama?

—Sim, por isso.

Ambos ficaram congelados enquanto o grunhia as zangadas palavras.

O coração dela revooou. Ela queria acreditar nisso. Desesperadamente. Mas era verdade?

—Sério? —perguntou ela, sua voz espessa e pesada.

Talon olhou enquanto ela abria o cofre de prata lavrada que estava sobre seu escritório e sustentava o pingente idêntico ao dele, só que mais pequeno.

O pingente de uma mulher.

O pingente da Nynia.

Lhe deu a caixa aberta.



—Ou é a Nynia a que amas?

Talon fechou seus olhos, incapaz de suportar a imagem do pingente de sua esposa, que deveria ter destruído fazia séculos.

Mas não pôde.

Ele o tinha encerrado ali e mantido fora de sua vista.

Nunca tinha estado fora de seus pensamentos.

Sunshine fechou a caixa e a devolveu ao escritório.

—Tenho que fazer isto. Por mim. Não viverei minha vida com medo. Camulus sabe que estamos juntos. Ele pode tomar ou me matar aqui tão facilmente como o pode fazer na cidade. Ele é um deus, Talon. Não é que possamos nos ocultar dele.

Talon se estremeceu ante as palavras dela. Em sua mente, ele viu seu tio reduzido enquanto que ele lutava por chegar a seu lado. Viu o golpe assassino que tinha enviado a seu tio ao chão antes que Talon pudesse alcançá-lo.

A dor rasgando seu peito. Ele bem entendia a necessidade da Sunshine de provar-se a si mesmo, de ter algo próprio. Mas ele não podia enviá-la aí sozinha, desprotegido.

Além disso, ele necessitava sua força completa para lutar e protegê-la, o que significava que precisava descansar mais. Se ele saísse essa noite, enquanto estava esgotado, poderia obter que os matassem a ambos.

Se ele voltasse para a cama enquanto ela estava aí, não tinha dúvidas que ela sairia da cabana ao minuto em que fechasse os olhos.

E se ela tomava seu bote, ele estaria estado parado aí fora até que pudesse conseguir que Nick lhe trouxesse outro bote ao abrigo.

Maldita seja!.

—Bem —disse ele com irritação, alcançando seu telefone celular. Havia só uma pessoa, além do Ash, que tinha a força e os poderes para lutar com um deus e possivelmente evitá-lo. —Pode ir, mas levará a alguém contigo.

—A quem?

Ele levantou sua mão lhe pedindo silencio até que Vane



respondeu.

O Katagari não pareceu particularmente feliz de ouvir sua voz.

—Não te dava permissão de me chamar, Celta.

—me poupe, Moço lobo. Necessito um favor.

—Deverá-me um favor por isso.

Ele olhou a Sunshine.

Por ela.

—E estou disposto a pagá-lo —disse ao Vane.

—Bem então, o que necessita?

—Pode tomar forma humana na luz do dia?

Vane se mofou.

—Obviamente. Alguma vez tentaste responder um telefone sem polegares? Sem mencionar o fato em que te estou falando em inglês e não em lobo.

Talon grunhiu pelo sarcasmo.

—Sim, mas pode te manter e lutar à luz do dia?

Ele suspirou ante isso.

—OH sim. A luz do dia não me incomoda.

—Bom. Sunshine tem que ir ao Jackson Square esta manhã.

—Discutiu isto com o Ash?

—Não.

Vane riu.

—Vivendo sobre o precipício. Eu gosto disso. Bem, então o que necessita que faça?

—Quero que a proteja até que eu possa fazê-lo depois que caia a noite.

—Um cão guardião partindo. me dê aproximadamente meia hora para chegar ali.

—Bem, obrigado.

—Eu diria quando gostar, Celta, mas este é um trato de um só sentido.

—Sim, sei.

Sunshine franziu o cenho enquanto ele pendurava o telefone.

—Quem era esse?



—Esse era Vane.

—É um Caçador Escuro também?

—Não, amor. Estas a ponto de conhecer seu were-wolf.

CAPÍTULO 14

Vane não era somente um were-wolf, descobriu Sunshine. Era "o" were-wolf, pela dura, fera aura que projetava.

Ele entrou na cabana levando um par de jeans descoloridos e uma camiseta branca com uma jaqueta de motoqueiro desgastada, botas negros, e um corpo que causaria um entupo de tráfico.

E quando ele se tirou seus óculos de sol, ela ficou sem respiração.

Igual ao Talon em estatura, ele era incrivelmente magnífico. Seus olhos alarmantemente verdes eram um contraste perfeito com seu cabelo que a primeira vista parecia castanho extremamente escuro mas olhando mais de perto parecia uma mescla de todas as cores conhecidas. Havia rastros de cinza e ouro, vermelho e negro. Ela nunca tinha visto um cabelo assim em sua vida.

Ao menos não em um humano...

Ele o levava comprido e solto até o pescoço. Ela supunha que ele não se ocupava para nada dele, só o penteava com suas mãos e saía

Mas o que mais a cativava nele era a crua sexualidade, abertamente masculina, que gotejava. Uma que estava igual ao atrativo sexual do Talon. Vane se moveu com a graça fluída de um predador, com sua cabeça para baixo como se estivesse preparado para atacar.

Grrrr, mas o homem era uma besta atraente.

—Chegou cedo —disse Talon.

Vane encolheu os ombros, seu corpo era uma sinfonia de movimento.



—Não tomou tanto tempo deixar a matilha como pensava.

O were-wolf a contemplou e lhe dirigiu um sorriso que fez derreter seus joelhos.

—Realmente vais confiar a sua fêmea, Celta?

—Sim, porque neste pântano, Eu mando.

Vane arqueou uma sobrancelha ceticamente.

—É uma ameaça?

—É uma promessa, Vane. Tenho meu exército acampando sobre sua soleira para proteger a sua família. Peço o mesmo de você.

—Respeitarei sua confiança, Celta. Mas só porque sei quão raramente você o dá.

Houve um olhar de entendimento mútuo entre eles. Vane ficou seus óculos de sol.

—Estas pronta, bebê?.

Sunshine ficou rígida ante a repentina amostra de carinho. Ele poderia ser lindo, mas ela não tinha nenhuma intenção de lhe permitir seguir com isso.

—Não é meu noivo ou meu irmão, então deixa isso 'de bebê', okay?

Lhe dirigiu par de covinhas assassinas.

—Sim, senhora — Ele sustentou a porta aberta até que ela passou por frente dele. —Vejo-te de noite, Celta.

—Sim, fará.

Sunshine fez uma pausa sobre o pórtico e olhou ao redor.

—Onde está seu bote?

—Não faço as coisas em bote. É ruidoso e toma muito tempo.

—Então como vamos sair aqui?

Vane riu endemoniadamente e lhe ofereceu sua mão.

—Confia em mim?

Estava brincando?

—Não, até que te conheça — Ele riu, um som quente, rico que era sedutor e encantador, embora de uma maneira estranha, não teve nenhum efeito verdadeiro sobre ela.

Ela poderia apreciar quão atraente era, mas seu coração e



lealdade pertenciam ao Talon.

—Tudo bem, então, Dorothy —disse ele. —Fecha seus olhos, estala seus calcanhares três vezes, e diga, "Não há nenhum lugar como nossa casa".

—O que?

antes que ela pudesse piscar, ele tomou sua mão e eles cintilaram do pórtico a uma área de bosque onde um pequeno rastro se abriu caminho entre as árvores. Ela não tinha nenhuma idéia de onde estavam, mas a cabana do Talon não se via por nenhuma parte.

Sunshine ofegou.

—O que fez?

—Transportei-te.

—Quem é você, Scotty?

Lhe dirigiu um olhar insultante como se desfrutasse de seu desconforto.

—Isto é chamado corretamente um salto lateral de tempo. Somente te movi horizontalmente através do tempo, do pórtico do Talon, atravessando o pântano, onde está oculta minha motocicleta. Simples.

—Tempo horizontal? Não entendo.

—O tempo flui em três direções —lhe explicou. —Para frente, para trás, e lateralmente. Se não fazer nada absolutamente, o tempo sempre flui para frente, mas se pegar o Rytis correto, pode escolher uma das outras direções.

Totalmente confusa, lhe olhou com o cenho franzido como tentando compreender o que lhe dizia.

—O que é o Rytis?

—A falta de um melhor termo, é o espaço distorcido.

Quando ela seguiu franzindo o cenho, ele tirou a jaqueta.

—me deixe explicar desta maneira — Ele sustentou o ombro de sua jaqueta em sua mão direita o final da manga com a esquerda. —O tempo se parece com isto... Se quer ir daqui —disse, movendo sua mão direita —aqui —disse, movendo a esquerda, —vê quão longe tem que viajar?



Ela assentiu enquanto notava a longitude de sua manga. O homem tinha braços realmente longos.

—O Rytis são essencialmente ondas invisíveis que se movem ao redor de nós todo o tempo. Por sobre tudo o planeta elas ressonam e fluem e às vezes se torcem. Em essência, fazem isto — Ele comprimiu a manga entre suas mãos para que sua mão direita e esquerda estivessem uma ao lado da outra. —Agora para viajar de mão em mão, só toma uns segundos em vez de várias horas.

—Wow —suspirou ela quando entendeu. —Então pode viajar em alguma direção de tempo? Até pode voltar no tempo?

Ele assentiu.

—E como faz isso? Como agarra esse Rytis?

Ele pegou a jaqueta de novo.

—Bebê, neste mundo, sou o poderoso Oz e não há muito que não possa fazer.

OH, este tipo se estava voltando irritante.

—Deixa de me chamar bebê.

Ele inclinou sua cabeça para ela e se moveu para uma árvore. Dois segundos mais tarde, uma motocicleta brilhante cinza escura apareceu do nada.

—Bem, agora como fez isso?

—Em resumo, sou um feiticeiro. Posso torcer cada lei de física conhecida pela humanidade e umas quantas ainda não descobertas.

Ela estava impressionada.

—Esse é um talento sério.

Outra vez aquela escura e profunda risada.

—Bebê, se não estivesse com o Talon, eu te mostraria onde estão meus verdadeiros talentos.

Ela apostaria que o faria.

Lhe deu um capacete.

—Chama-me bebê somente para me irritar, verdade?

—Meu pai sempre dizia que nasci para inflamar suas partes inferiores. Suponho que não o posso remediar.



—me faça um favor. Tenta.

Mostrando suas covinhas, tirou-se seus óculos de sol, pôs no bolso interior de sua jaqueta de motoqueiro, e colocou o capacete sobre sua cabeça.

—Então me diga —disse ela. —Se pode fazer todas essas coisas mágicas, por que montamos uma motocicleta na cidade? Não poderíamos somente saltar o tempo até o parque?

Ele sujeitou sua correia sob seu queixo enquanto lhe respondia.

—Eu poderia. Mas como Acheron tão freqüentemente diz, só porque pode fazer algo, isso não significa que deveria fazê-lo. Pessoalmente, não quero ser uma experiência de laboratório de algum tipo, então tento não passar por áreas povoadas se posso evitá-lo.

Isso tinha sentido para ela.

—Já que viaja no tempo, alguma vez pensou em trocar o passado?

—Sim.

—Alguma vez o fez?

Ele sacudiu sua cabeça e uma seriedade escura caiu sobre seu rosto.

—Há alguns poderes neste mundo que é melhor deixar de lado. A mudança do destino de alguém é definitivamente um deles. me acredite, os Destinos têm uma desagradável maneira de machucar a qualquer o suficiente tolo para fazer uma confusão em seus domínios.

Suas palavras sinistras soaram em seus ouvidos. Ele soou como se alguma vez tivesse cometido esse engano, e ela quis perguntar se o tinha feito, mas algo dentro lhe disse que o deixasse passar.

Sunshine pôs seu capacete, logo subiu à parte traseira da motocicleta e fez todo o possível por manter alguma distância entre eles. Vane era um homem formoso, mas algo nele a punha extremamente nervosa, e não era o fato de que fosse um were-wolf ou um caminhante do tempo.



Havia algo nele no que não podia confiar.

A pedido dela, levou-a a pequena galeria de arte onde guardava seu carro de ilustrações fechado e a ajudou a levá-lo ao Jackson Square.

Quando chegaram, era um pouco depois das dez, e já havia uma enorme multidão reunida.

—Não entendo—disse Vane enquanto levava o carro dela até o stand da Selena. —por que estas armando a loja se somente quer te encontrar com um cliente?

—Cameron disse que queria ver tudo o que vendo. Se tiver que arrastar tudo para ele, também poderia vender a outras pessoas.

Lhe mostrou onde colocá-lo.

Vane o fez, mas não pareceu muito contente com isso.

Selena fez gestos quando os viu.

—Alguém novo, Sunny?

—Não, ele é somente um...

—O Cão guardião —disse ele, lhe estendendo sua mão. —É Selena Laurens, não? A irmã mais velha da Amanda?

Selena assentiu com a cabeça enquanto estreitava sua mão.

—Conhece a Amanda?

—Se conhecer o Kyrian.

—Sou eu ou todo mundo conhece o Kyrian? —perguntou Sunshine.

Selena riu, logo se voltaram para o Vane que estava abrindo a mesa dobradiça da Sunshine onde ela geralmente colocava suas peças de cerâmica mais bonitas.

—Estamos à luz do dia então sei que não é um CO. É um Escudeiro?

Ele ficou rígido.

—Não me insulte. Não me mandam nada.

—Não és muito amistoso —explicou Sunshine enquanto acomodava suas coisas.

—Penso que tem raiva ou algo.

Vane a olhou meio divertido, com meio sorriso perturbador.



—Sabe, Sunshine, eu gosto de seu espírito.

Sunshine começou a responder, mas sentiu a alguém olhando-a.

Assustada e ansiosa, olhou ao redor à multidão até que viu uma brilhante, e sorridente cara que lhe era tão familiar como a sua própria.

Sunshine iluminou a cara.

Inclusive embora ela não fosse muito alta, a mulher anciã se destacava na multidão e isto não era só pela camisa insanamente vermelha brilhante que levava. A mulher tinha uma essência e presença que era tão poderosa e forte como as do Vane ou do Talon.

Seu cabelo cinza aço tinha sido recolhido em duas tranças ao redor de sua cabeça. Seu rosto estava sulcado por uma vida de felicidade e risadas, e seus olhos marrons escuros eram brilhantes e amáveis. A classe de olhos que assinalavam às pessoas uma mulher extremamente sábia.

—Grammy! —disse Sunshine, enquanto a mulher se aproximava. —O que faz por aqui? Pensei que jurou que nunca poria um pé outra vez em Nova Orleans durante o Mardi Gras.

Sua avó a abraçou fortemente, logo se retirou para olhá-la. Tinha passado quase um ano da última vez que se viram.

OH, era grandioso ver sua avó outra vez! Sua avó deslizou sua mão acima e abaixo de seu braço como se ela mesma se assegurasse que Sunshine estava sã.

—Bem, essa era minha intenção, mas sua mãe chamou e me disse que tinha toda tipo de perguntas sobre ser uma celta. Então pensei em passar e te surpreender.

—Pode estar segura que o fez. Mas estou contente de que esteja aqui.

Sua avó arqueou uma sobrancelha censora enquanto olhava ao Vane.

—E você quem é?

—Vane Kattalakis.

Ela olhou cortante a Sunshine.



—Onde está esse Talon sobre o que sua mãe fala?

—Ele vai vir mais tarde, Grammy.

Ela assentiu, logo tirou um pequeno medalhão de debaixo de sua camisa e o colocou ao redor do pescoço da Sunshine.

—O que é isto?

Sua avó o ajustou para que estivesse à vista de todo o mundo.

—Mantém isto perto de seu coração, por um tempo. Se esse homem vier por ti outra vez, deixa-lhe saber quem te protege.

—Que homem? —perguntou, esperando que sua avó não soubesse sobre seu seqüestro.

Sabia.

—Sei o que aconteceu, Sunny. Sabe que sei.

Demônios! Sua avó tinha alguns misteriosos talentos psíquicos.

—Não acredito que seu colar o assuste, Grammy.

—Surpreenderá-te. E se isto não o faz, então merecerá o que receba — Sua avó a acariciou sobre o ombro e se deu volta a Selena. —Esteve praticando os exercícios que lhe ensinei Srta. Laurens?

—Sim, senhora. Posso sentir que meus poderes crescem cada dia.

—Bom. Agora melhor voltar para Starla. Se esse fétido bastardo se aproximar de meu bebê...

—Avó! —ofegou Sunshine. Ela nunca em sua vida ouviu sua avó usar tal palavra.

—Bem, é. Assustando a minha neta. Ferverei suas verrugas em azeite e alimentarei com sua cabeça aos lobos.

Vane teve ânsias ante isso.

—Você sabe que aos lobos realmente não gosta de comer cabeças. Carne, sim, mas as cabeças são realmente duras para as mandíbulas. Para não mencionar, o de pegar o crânio entre os dentes.

Sua avó lhe dirigiu um olhar desdenhoso.

—Você se está fazendo o simpático comigo, moço?

—Sim.



—Jovem —disse sua avó em um tom arrogante, —sua mãe não lhe ensinou alguns maneiras?

—Minha mãe só me ensinou uma coisa e, juro-lhe, isso não eram boas maneiras.

Sua avó assentiu.

—Dou-me conta. Mas você ainda tem uma lição muito importante para aprender na vida.

—E isso é?

—Um dia você vai ter que deixar que alguém mais que seu irmão e sua irmã se aproximem de você.

Seu rosto se voltou de pedra e o olhar em seus olhos foi selvagem e feroz.

—O que sabe você sobre meus irmãos?

—Se eu fosse você me preocuparia. Tem um caminho difícil por frente, Vane Kattalakis. Sinto não poder aliviá-lo para você, mas o seu é viajar só. Somente recorde, você é muito mais forte que o que pensa que é.

—me acredita, senhora, minha força é uma coisa da que nunca duvido.

Sua avó riu ante isso.

—É assombrosa a quantidade de mentiras que dizemos a outra pessoa, verdade?

Sua avó deu as costas a ele.

—Selena, Sunshine. Vocês duas tomem cuidado. E Sunshine, quando chegar a noite, segue seu coração. Faz o que te ordena e isso não te falhará.

—Bem, Avó, farei.

Sua avó a beijou na bochecha, logo partiu para a Santa Ana.

depois de que esteve fora da vista, Sunshine se voltou para ver que Vane parecia inquieto.

—Sinto muito. Ela faz isto a muita gente. Tende a dizer o que lhe cruza pela cabeça.

Vane não falou. Em troca, dobrou seus braços sobre seu peito e se apoiou para trás contra a grade negra de ferro que rodeava a praça.



Sunshine terminou de estabelecer seu posto, logo comprovou seu relógio.

Faltava pouco para que Cameron chegasse, então ela tirou seu bloco de papel de desenho e começou a rabiscar.

antes que se desse conta tinha desenhado um retrato do homem que a tinha seqüestrado.

Vane olhou o desenho.

—Malditamente parecido.

Sunshine ficou fria.

—Conhece este tipo?

—Bom, sim. É obvio. Também Talon. Selena provavelmente também o conhece.

—Selena —disse Sunshine, olhando a seu amiga. —Sabe quem é?

—Sim, é Acheron.

—Quem é Acheron? —perguntou ela. Todos ao seu redor seguiam mencionando seu nome, mas ela não tinha nenhuma idéia de quem ou o que era.

—A falta de uma melhor explicação —disse Vane, —é o chefe do Talon.

—por que o chefe do Talon me seqüestraria? Acredita que quer me manter afastada do Talon?

Vane riu disto.

—Não é seu estilo. Se Ash queria te manter a distância do Talon, ele somente se mostraria em sua porta e te assustaria. Além disso, foi ele quem conduziu o resgate.

Bem, era bom sabê-lo.

Mas por que parecia como o tipo que a tinha seqüestrado?

Seu cenho se fez mais profundo.

—Ele estava ali quando Talon me salvou do Camulus?

—Sim e eu também. Não se recorda?

Ela sacudiu sua cabeça. Tudo o que ela podia recordar era ao Talon.

—Quão bem conhece o Talon e ao Acheron? —perguntou ao Vane.



Ele se encolheu de ombros.

—Somente conheço o Talon, mas cruzei caminhos com o Acheron um momento ou dois ao longo dos séculos.

—Você é imortal também?

Ele sacudiu sua cabeça em um não.

—Minha raça só vive muito mais que os humanos.

—Quanto tempo?

—Aproximadamente mil anos, pode variar em um século ou dois.

Wow. Isso é um bom momento.

Sunshine não podia imaginá-lo que seria ter todo esse tempo para planejar seu futuro. Mas algo dentro de lhe disse que podia ser tanto uma maldição como uma bênção viver muito tempo, sobre tudo se tinha que viver só.

Sunshine olhou Vane enquanto ele explorava a multidão ao redor deles. Aqueles olhos cor entre verde e avelã pareciam observar tudo.

—por que é tão aberto para falar enquanto que Talon se recusa a me dizer algo?

Ele se encolheu.

—Não fiz um juramento de silêncio, e calculo que nos últimos dias viu suficiente de merda horripilante para te dar conta que saber a respeito de mim é o menor dos problemas. Além disso, desafio a lhe dizer a alguém que sou realmente um lobo que pretende ser humano.

Ele fez uma pausa e lhe sorriu aberta e diabolicamente.

—Você desafia —disse ele devagar. —Isso, minha amiga, conseguirá que lhe encerrem em um quarto acolchoado.

Ela não tinha nenhuma dúvida sobre isso absolutamente. E isso explicava por que se sentia tão livre de falar sobre suas "diferenças".

—É realmente um lobo?

Ele assentiu.

—Então como pode ser humano?

—Somos uma classe diferente que sua gente. Minha raça foi



criada faz aproximadamente nove mil anos quando meu bisavô decidiu salvar as vidas de seus filhos manipulando magicamente seu DNA com o de uns animais seletos. Assim fomos criados. Um filho foi com a metade dos dois sangues. Um que tinha coração humano e outro que tinha um coração de animal. Descendo diretamente do animal.

—Então tem o coração de um lobo?

Outra vez, assentiu.

—E a moral e o instinto de conservação de um também.

—Alguma vez desejou ser humano?

—Não, nenhuma vez. por que quereria?

E ainda assim ela sentiu que ele ocultava algo. Havia muito mais de seus sentimentos do que estava disposto que a admitir e era óbvio que não queria que ela escavasse nisso.

Então ela trocou de tema.

—Dói-te quando troca de forma? parece-se com os filmes onde te faz tudo peludo e os ossos rangem?

Ele suspirou ante isso.

—Não. Isso é estritamente uma dramatização de Hollywood. Já que somos nascidos da magia, principalmente o dirigimos sem dor. Sinto tanto dor ao me transformar como o que você sentiu quando te levei da cabana do Talon até minha moto. Tudo o que sente é um comichão elétrico que te atravessa. É em realidade agradável se o fizer bem.

—Deve ser fantástico ser capaz de fazer todo isso — Ela inclinou sua cabeça, entortou os olhos seus olhos, e o olhou.

—O que está fazendo?

—Tentando imaginar como pareceria como lobo.

—Reza para nunca averiguá-lo.

Ela se distanciou dele.

—Sabe que penso, que vocês moços deveriam deixar de assustar gente.

Não disposta a investigar mais à frente, Sunshine seguiu esperando.

Infelizmente, Cameron não apareceu.



Vane tentou levá-la de retorno ao Talon mas ela se recusou.

—Talvez chegue só tarde. Talvez tinha uma reunião ou algo assim. Não posso partir.

Vane deu um grunhido baixo muito parecido ao de um lobo e tomou assento atrás do posto, apoiando-se contra a grade negra de ferro enquanto ela se sentava sobre seu tamborete, apregoando suas mercadorias e esboçando.

A tarde se prolongou, mas nada passou.

Cameron ainda não apareceu.

Selena partiu às quatro para um breve descanso.

Vane agora se sentava sobre o meio-fio da calçada atrás dela. Suas pernas longas se esticavam sobre a rua, e tinha os tornozelos cruzados. apoiava-se para trás sobre seus braços. A posição esticava sua camiseta de algodão sobre seu corpo impecável.

—Faz isto cada dia? —perguntou ele.

—Mais ou menos.

—Homem, isto é aborrecido como o inferno. O que faz para impedir de te voltar louca?

—Pelo geral desenho ou pinto, e antes que me dê conta, o dia passou e é hora de ir pra casa.

—Bem, não entendo.

—Gente que não é artista nunca o faz.

—Olá, Sunshine, tem algo novo?

Sunshine deu volta para ver o Bride McTierney aproximar-se dela pelo fronte do carro. Alta, do tipo bem voluptuoso, Bride tinha a cara de um dos anjos do Botticelli. Seu cabelo era uma cor mogno tão escuro que parecia negro a não ser que Bride estivesse ao ar livre. Então era de um profundo e luminescente vermelho. Bride pelo geral o tinha recolhido com um broche e mechas que caíam ao redor de seu rosto.

Verdadeiramente adorável, Bride era uma de suas clientes regulares. Ela até tinha tomado algumas das pinturas da Sunshine e as tinha usado em sua pequena loja de modas.

—Não —disse Sunshine, —infelizmente. Não estive pintando fantasias ou coisas do Jackson Square ultimamente. estive



trabalhando sobre tudo em peças por encomenda.

—Má sorte, acabo de mudar a um apartamento novo e esperava que tivesse algo para as monótonas paredes.

Sunshine franziu o cenho. Ao Bride gostava de seu lugar no Iberville.

—por que te mudou?

—Taylor não gostava de vir à cidade de noite então pensei que seria mais fácil se vivesse mais perto de onde trabalha.

—Mas você trabalha no centro.

—Sei. Esse é um dos sacrifícios que temos que fazer por amor — Ofereceu a Sunshine um sorriso, mas Sunshine podia dizer que era só uma fachada.

Isso era exatamente do que Sunshine tinha medo.

por que será que sempre a mulher é quem se tem que sacrificar por amor? Somente por uma vez, um tipo não podia fazê-lo em troca?

Bride suspirou.

—me chame se pintas algo novo que eu goste, OK?

—Farei. A propósito, realmente estas bem? perdeste peso?

Bride resplandeceu.

—Estou um número mais baixo. Mas tenho que te dizer que passo fome todo o tempo.

—Sim, mas estás para matar.

—Obrigado. Taylor me contratou aulas de aeróbicos em seu clube quatro vezes por semana e isso ajudou para conseguir descer o peso.

—Não soa como que desfrute muito disso.

A dor obscureceu os olhos do Bride enquanto ela afastava seu olhar.

—Só que odeio pôr roupas de ginástica e logo entrar em um quarto cheio de mulheres que realmente não necessitam dessas aulas. Isso me dá vontade de ir a um Krispy Kreme e me esquecer da dieta.

Sunshine riu.

—diga-me isso . Pessoalmente penso que não deveriam fazer



nada exceto sacos de juta para alguém com um numero 34.

Bride riu outra vez.

—Falando de números de roupa e de mulheres fracas suponho que o melhor é voltar à loja. te cuide, OK?

—Também você.

Bride se foi em direção a sua loja.

—Quem era essa? —disse Vane levantando-se e olhando fixamente a Bride com um brilho faminto em seus olhos.

Como o fez? O homem, ou mas bem o lobo, moveu-se em um misterioso silêncio.

—Seu nome é Bride McTierney. Ela possui uma pequena loja de moda sobre o Iberville.

—Ela é... muito bonita.

Sunshine se assombrou de que ele o pensasse. A maior parte de tipos se sentiam intimidados ou indiferentes ante a aparência estilo 'pintura do Rubens' de Bride.

Vane parecia como se acabasse de ver uma supermodelo em pessoa.

Agora isto poderia ser bom...

Ele piscou e voltou a sentar-se sobre o meio fio da calçada.

—Sabe, poderia apresentá-los.

Ele levantou a vista para ela, logo jogou uma olhada à distância. De todos os modos ela tinha vislumbrado pesar em seus olhos verdes.

—Os Lobos não socializam com pessoas. Vocês tendem a assustar-se quando sabem o que somos. Para não mencionar, que suas fêmeas são bastante frágeis. Eu não gosto de ter a necessidade de me conter por medo de machucar ou matar a minha companheira quando estou aparelhando.

—E as pessoas pensam que eu digo o que me vem à cabeça. Jesus. Você não esconde nada, não?

—Disse-te que não sou humano. Não compartilho suas inibições.

Ela supôs que isso era verdadeiramente certo. Mas era uma pena. Bride poderia ter um homem que a aceitasse como era e não



que a pusesse em restritas dietas e regimes de exercícios todo o tempo.

—Então —disse Vane depois de uns minutos. —O que acontece você e o Celta? Têm só uma troca carnal casual ou há algo mais?

—por que pergunta?

—Porque me perguntaste minha biografia completa. Suponho que fazer o mesmo contigo é justo.

Sunshine se sentou ao lado dele.

—Não sei. Quando estou com o Talon é como se nos encaixemos. Como se ele fosse uma parte de mim que eu não sabia que tinha perdido até que o encontrei.

—Ele sente da mesma forma?

Ela suspirou melancolicamente.

—Quem sabe? Com ele é difícil falar às vezes. Não estou realmente segura de que ele me ame.

—Verdade. As emoções não aparecem ser seu ponto forte. De todos os modos deve lhe importar muito para que me tenha chamado.

—Porquê pensa?

—Ir contra as ordens do Acheron não é algo agradável de fazer para um Caçador Escuro. Esse homem tem o controle de vida-morte deles. Em segundo lugar, Talon estava disposto que a negociar comigo para te manter a salvo. Outra vez, outra coisa não inteligente de fazer.

—por quê? não vais fazer mal, verdade?

—Não neste momento, mas quando você considera o perigo em que minha gente vive, ficar em dívida com um Slayer Katagari está a um passo da estupidez visível.

—Um Slayer o que?

—O termo verdadeiro para o que sou.

Sunshine lhe olhou com cenho franzido.

—Bem, e que é exatamente um Slayer Katagari?

—Alguém que mata sem remorsos.

Um calafrio desceu por sua coluna vertebral e ainda assim



encontrou-se difícil de acreditar que ele pudesse ser capaz de tal coisa. Ele era selvagem, sem dúvida, mas não parecia completamente sem consciência apesar do que dizia.

—Você realmente faria isso?

—Bebê, eu mataria a minha própria mãe e sem pensá-lo duas vezes.

Ela recordou o que sua avó havia dito sobre seus irmãos.

—Sim, mas mataria a seu irmão ou a sua irmã?

Ele afastou o olhar.

Lhe deu uma cotovelada.

—Não é tão amoral como pretende, Vane Kattalakis. Penso que pode haver mais humano dentro de você do que você pensa.

Sunshine voltou para seu posto e se sentou sobre seu tamborete. Ela seguiu explorando as pessoas ao redor dela, mas quando o sol se pôs e Cameron não apareceu, não viu ninguém que remotamente parecesse uma ameaça.

Bem, ninguém mais que seu guardião.

Talon se levantou e se vestiu antes do ocaso. Ele perambulou pela cabana, morrendo por abandoná-la e encontrar Sunshine.

Ansioso, marcou o número do Vane.

—Ela está ainda viva e ilesa —disse Vane sem saudar. — Sunshine —a chamou, —é o Celta que quer um pequeno seguro de que não te comi ou algo pelo estilo.

Talon esfregou sua cabeça ante o estranho humor do Vane enquanto esperava que Sunshine se aproximasse do telefone.

—Talon?

—Oi neném, está bem? —perguntou Talon, aliviado imediatamente por ouvir sua suave voz sulina em seu ouvido.

Era o mais bendito som o que ele tivesse escutado alguma vez.

—Estou bem. Não aconteceu absolutamente nada. Isto esteve realmente aborrecido hoje. Exceto Vane. Ele é interessante em um sentido muito Lobuno.

Ele riu. Seu humor foi imediatamente ligeiro só por saber que



ela estava bem.

—Acredito-te. Tome cuidado e estarei aí assim que possa.

—Bem. Até mais tarde.

Seu coração se apertou quando lhe fez um ruído de beijo, logo devolveu o telefone ao Vane. Deus, como amava a essa mulher.

—Ahh, Tally, eu também te amo.

—te cale, cheirador de virilhas. Não tem permissão me fazer ruídos encantadores, só meu amor o está.

Vane suspirou.

—Sabe, realmente vou fazer lhe pagar isso um dia.

—Sim, levarei umas quantas kibbles extra para ti.

Vane riu abertamente.

—Por isso, rato de pântano, deve-me um prato extra de costelas especiais.

—Tem-no. Agora me diga, como o estas fazendo? Conserva sua forma humana sem problemas?

—Estou estupendo. Inclusive mantenho a maior parte de minha roupa e tudo isso.

—Sim, faz. Não quero que seu fracote corpo deixe cega a minha Sunshine ou algo assim.

—Confia em mim, se ela não se ficou cega olhando seu gordo e peludo traseiro, o meu não vai fazer lhe mal algum.

—Peludo? me perdoe, mas você definitivamente me confunde com seu irmão.

Vane riu outra vez.

—Sério, o sol se porá em aproximadamente quinze minutos. Sairei-me para lá imediatamente.

—Estou cuidando o forte, Custer. Não se preocupe.

—Obrigado, Bull. Vejo-te em um momento.

Talon desligou e esperou até poder sentir o comichão sobre sua pele que sempre o alertava que o sol se fora e estava a salvo para sair.

Foram aproximadamente quarenta e cinco minutos depois de que obscurecesse quando Sunshine pediu ao Vane que fosse até o stand da Coca-cola que estava à volta da esquina e lhe conseguisse



algo para tomar.

Ele se negou, mas ela finalmente o convenceu que estaria na vista de todos e não sairia dali até que ele voltasse

Tão logo ele saiu, ouviu o assobio baixo da Selena.

—Esse homem é aterrador com A maiúsculo. Tem Assassino em Série escrito por todos lados.

Sunshine deu volta para ver um homem extremamente alto, de cabelos castanhos dar a volta na esquina. Os cavalos que estavam alinhados sobre a Rua Decatur sopraram inquietos enquanto ele passava.

Era como se eles sentissem algo maligno nele.

Parecia tão incrivelmente sinistro que seu estômago se atou.

—Deveria chamar o Vane?

—Não sei — Selena se levantou de sua mesa e se moveu para parar-se ao lado da Sunshine. —Se ele fizer um movimento sobre você, eu o pegarei e você grita.

—Bem. Talvez ele somente seguirá andando direito por frente de nós.

Ele não o fez.

Ele jogou uma olhada a seu posto quando chegou até elas, logo fez uma pausa.

O olhar fixo da Sunshine caiu sobre a garra de prata sobre sua mão esquerda.

Ele não falou uma palavra quando se aproximou de seu posto. Ela tragou e instintivamente se aproximou da Selena. O homem seria incrivelmente formoso se não parecesse tão feroz.

Ela trocou nervosos olhares com a Selena.

Seu escuro e mortal olhar se cravou nas terrinas de aparência grega que ela tinha desenhado para o catálogo de um museu. Com uma suavidade da que não o teria acreditado capaz ele deslizou sua mão sobre uma terrina com figuras vermelhas.

Um brilho de saudade obscureceu seus olhos, como se o desenho trouxesse alguma lembrança agri-doce para ele.

—Você fez isto?

Ela em realidade se estremeceu quando seu intenso olhar



negro se encontrou com o seu. Ele tinha uma voz profunda, provocadora, que era pesadamente acentuada; tomou um minuto entender sua pergunta.

—Sim.

—Bonito trabalho.

Ela não poderia ter estado mais atordoada se ele tivesse tomado uma arma e dado um tiro.

—Obrigado.

Quando ele colocou a mão em seu bolso, ela se preparou para gritar pelo Vane até que se deu conta que ele somente tirava sua carteira.

—Quanto?

—O que está fazendo aqui?

Ela olhou mais à frente do homem para ver o Talon aproximar-se. Seus compridos e zangados passos lhe trouxeram para seu lado. Rápido.

—Não é seu fodido assunto, Celta —grunhiu o estranho.

—te afaste da Sunshine, Zarek. Ou juro que te apanharei.

Zarek colocou sua carteira de novo em seu bolso e deu volta para enfrentar ao Talon.

—Tenta, Celta, e terei seu coração em meu punho.

Talon se equilibrou e o empurrou para trás.

Zarek se balançou para ele, mas Talon o esquivou e o empurrou outra vez.

Vane saiu de nenhuma parte para separá-los.

—Né!, né!, né! —grunhiu ao Talon, obrigando a afastar-se do Zarek. —O que passa aqui?

—Melhor que jamais te encontre perto dela, Zarek. Advirto-lhe isso.

Zarek o empurrou com sua garra, logo se girou e se dirigiu com ira para o edifício Presbytere.

Sunshine estava aterrorizada quando viu o olhar selvagem na cara do Talon. Ele realmente parecia capaz de matar a alguém.

—Talon?

—Fique atrás —advertiu Vane. — Estas bem, Celta?



Talon não podia responder. Tudo o que podia sentir era a crescente fúria dentro dele. A exigência, a necessidade quente que tinha de rasgar ao Zarek em pedaços.

No momento que tinha visto o Zarek, sua mente havia tornado a ver o Zarek no beco com sua vítima. Que Deus ajudasse ao homem se ele alguma vez atacasse Sunshine dessa maneira. Ele o mataria independentemente das conseqüências. Sem comentários, Talon puxou Sunshine contra ele e a sustentou ali. Fechou sua mão em seu cabelo, inalou seu quente aroma a patchouli, e se deleitou com a paz que sentiu sustentando-a.

—supunha-se que tinha que vigiá-la, Vane —grunhiu ao Were-Hunter.

—Era somente Zarek, Celta. te acalme. Ele não fazia nada mais que olhar seus pratos.

—Ele poderia lhe haver feito mal.

—Mas ele não o fez.

—Sim, e você é malditamente afortunado por isso.

Zarek ainda jogava fumaça enquanto caminhava pelo Pirate's Alley.

Quando ia aprender? Sempre que tinha tentado ajudar a alguém, tudo se dava volta e o golpeava a ele no traseiro.

Ele tinha reconhecido à mulher ao momento que a tinha visto e se perguntava por que Talon a tinha deixado desprotegido.

Ele apertou seus dentes.

—Bem. Deixa-a morrer.

por que se preocupava de todos os modos?

Quando ele se aproximou do final do beco, deteve-se. Uma sensação estranha, fria o percorreu. Isto não o tinha sentido da noite em que tinha passado de humano a Caçador Escuro.

—Zarek.

Ele se deu volta para ver nada mais nem nada menos que ao Dionísio ante ele. O deus grego tinha seu cabelo castanho curto impecavelmente penteado. Levava uma jaqueta escura de tweed sobre um suéter azul marinho com gola alta e se parecia com um



bem pago ladrão corporativo.

—Se for arremeter contra mim, Dionísio, faz.

Dionísio riu.

—Por favor me chame Dion. Dionísio está tão passado de moda.

Zarek ficou rígido quando o deus se aproximou dele. O poder existente era inegável e isto causou que o ar ao redor dele chispasse.

—por que está falando comigo?

Dionísio assinalou o Pedestrian Mall com o polegar.

—Ouvi por acaso seu pequeno incidente com o Talon. E estive pensando que nós poderíamos fazer um trato.

Zarek se mofou da idéia.

—Seria como fazer um pacto com Lúcifer.

—Sim, mas eu não cheiro a enxofre. E me visto melhor. Luc sempre se parece com um alcoviteiro — Ofereceu um cigarro ao Zarek. —Vamos, toma um. Até é de sua marca.

Zarek tomou e o olhou com desconfiança enquanto acendia o cigarro.

—Então, qual é o pacto?

—Simples. Tenho um moço na cidade que me está fazendo alguns favores. Encontrou-te com ele ontem à noite. É o que se parece com seu chefe.

—Sim, conheço bastardo. Devo uma também.

—Sei. Foi desafortunado que vocês se encontrassem assim. Mas se pode deixar de lado sua cólera, penso que você gostará de meu trato muito mais.

—E é?

—Meu moço necessita de umas coisas. Em realidade nós poderíamos te matar, mas penso que um homem como vocês de 'especiais' capacidades e habilidades estaria melhor em nosso lado que à deriva toda a eternidade como uma Sombra imaterial.

Dionísio fez uma pausa.

—Segue falando.

—Tudo o que preciso é que não cace. Vá pra casa como



Abraço Noturno -

"Night Embrace"

Dark Hunters 4 -Talon e Sunshine - Sherrilyn Kenyon

Acheron quer e permanece ali até o Mardi Gras. Durante minha celebração, Styxx entrará em contato. Ihe ajude com os preparativos finais e te darei o que mais quer.

—E o que é o que mais quero?

—O final de seu sofrimento.

Zarek teve que lhe dar o crédito ao deus, ele sabia bem o que oferecer.

—Não tenta me enganar, verdade?

—Juro-te pelo rio Styxx que se nos ajudas, tirarei-te de sua dor. Completamente. Sem truques. Nenhuma escapatória. Uma rajada e estará além da morte.

—E se não o faço?

Dionísio riu malvadamente.

—Hades tem um agradável canto do Tartarus esperando por ti.

Zarek tomou uma tragada de seu cigarro e riu misteriosamente.

—Como se me assustasse. O que é o que vai fazer? Rasgar a carne de meu corpo? Romper meus ossos? Ainda melhor, por que não me derrubar e me pisar muito forte até que sangue ou me faça uma merda para juntar com pá? Ah espera, faz isso, e consegue a fita de vídeo.

Os olhos verdes do Dionísio arderam.

—Não posso que acreditar Artemisa te deixe viver.

—Não posso acreditar que seja um deus sem uma melhor ameaça que isso. Mas não se preocupe —disse enquanto parecia que Dionísio estava preparado para golpear. —Eu odeio a estes malditos idiotas de todos os modos e não poderia me preocupar menos a quantos deles converte em Sombras.

O deus se acalmou imediatamente.

—Suponho que sabe meu número de celular? —perguntou Zarek.

Dionísio assentiu.

—Estaremos em contato.

—Bem, verei-te na terça-feira.



Ante a insistência do Talon, Sunshine recolheu suas coisas e deixou que os homens o levassem de retorno a sua galeria de arte. Mas quando eles começaram a afastar-se, ela os deteve.

—O que está fazendo? —perguntou Talon enquanto ela abria a pequena porta lateral sobre seu carro.

—Nada.

Lhe olhou com o cenho franzido quando ela tirou o tigela que Zarek tinha estado olhando. Ela o deu ao Vane.

—Importaria-te dar isto ao Zarek por mim?

Talon estava horrorizado.

—Está louca?

—Não, Talon. Esse homem sente muita dor. Penso que ele poderia receber um pouco de bondade de alguém.

Vane se mofou.

—O que ele poderia receber são um bom par de patadas no traseiro.

—Vane, por favor — Sunshine o impulsionou a tomá-lo.

Ele o fez, a contra gosto.

—Bem, mas se ele o lança contra mim, vou querer alguma compensação.

Ela o beijou na bochecha.

—Pouca compensação, mas em presença do Talon, conformarei-me com ela.

Vane tomou o tigela e partiu rua abaixo.

Ela se voltou para o Talon quem ainda franzia o cenho.

—Zarek o estrelará de um golpe contra uma parede e o romperá na primeira oportunidade que tenha.

—Não acredito. Inclusive se o faz, sempre posso fazer outro.

Ele a ajudou a fechar seu carro e logo o conduziu de novo à rua.

—Tem um coração tão generoso.

—Isso é o que todos me dizem. Então, iremos caçar ao Styxx?

—Demônios, não. Não me vou arriscar a que lhe façam mal.



Lhe grunhiu.

—Escuta, minha avó me disse algo esta tarde. Ela me disse que seguisse meu coração esta noite. Não sei o que ela quis dizer com isso, mas eu confio nela. É uma psíquica extraordinária. Tudo o que ela me há dito se cumpriu.

—Olhe, Sunshine, não posso evitar o que disse. Só sei que não estou disposto que a deixar que algo te passe. Quando Nynia morreu, estive perdido e frio, e não estive quente depois. Não até que senti suas mãos sobre mim. Da única maneira que fui capaz de me arrumar isso sem ti foi enterrar o que sinto, mas parece que não posso fazer mais isso. Quando estou contigo tudo o que posso fazer é sentir e necessitar.

—Assim é como me sinto eu, também.

—Onde nos deixa isso, então?

—Não sei, Talon. Espero saber.

Talon pôs seu braço sobre seu ombro enquanto caminhavam pela praça. Ele notou outros casais ao redor deles.

Como sentia não poder ser um casal normal, feliz, sem outra preocupação que o pagamento da hipoteca.

Mas isso não era o importante.

Camulus estava jogando com ambos e Sunshine ia ser machucada.

Talon só conhecia um modo verdadeiro de protegê-los a ambos.

—Onde vamos? —Sunshine perguntou.

—vamos ver um deus por um milagre.

CAPÍTULO 15

Ash rangeu os dentes, Artemisa deslizava suas mãos por seu longo cabelo vermelho. Entrecerrou os olhos enquanto a olhava realizar um laço entre os seus dedos e avançou rapidamente



fazendo ondulação para frente e para trás entre as pontas de seus dedos.

—Tenho que ir —disse ele.

Ela pôs uma cara de maneira sedutora, deslizando sua mão cheia de graça para baixo sobre o seu peito despido, suas unhas raspando a pele com cuidado.

—Não quero que vá.

—Libera-me, Artie. Tenho que encontrar Styxx antes que haja dano a alguém mais. Ele quase matou Zarek a noite.

—E o que te preocupa? Zarek estará melhor morto.

— Isso vale para a maioria de nós.

Ela passou dolorosamente suas unha pelos braços dele, que estavam amarrados na cabeceira da cama por um par de suaves cordas de ouro

—Odeio quando me falas assim. Es tão ingrato depois que faço por ti.

Oh sim, ela havia feito tanto por ele. Isso sim, e muito pouco disto teria sido amigável ou agradável.

—Não me faça romper suas ataduras, Artie — Se ele usasse seus poderes para desatar suas cordas 'especiais' enviaria um sinal ao Olimpo que alertaria os outros deuses da sua presença em seu templo. Sempre que a 'visitava', seus poderes eram seriamente limitados. Ele podia fazer truques do tipo abrir portas, vestir-se e desnudar-se, mas algo mais que isso seria advertido pelos deuses Olímpicos e faria que eles investigassem a fonte do desconhecido poder.

Essa era a única coisa que Artemisa temia.

—Você gostaria disso, verdade? Fazer que Zeus ou um dos outros lhe encontrassem em minha cama?

—Então deixe-me ir.

As cordas de ouro se desataram de seus pulsos. Ash suspirou enquanto movia seus braços pela primeira vez desde a alvorada e deixava que a circulação voltasse para suas mãos.

Uma onda de esgotamento o golpeou, mas a tirou de cima.

como sempre, Artemisa não lhe tinha deixado dormir



absolutamente enquanto tinha estado com ela, e tinha estado acordado durante dois dias completos.

Estava tão cansado, não queria nada mais que dormir.

—OH, adivinha o que averigüei para ti —disse Artemisa. — Meu inútil irmão, Dion, uniu-se com o teu irmão e com o deus celta da guerra, Camulus, em uma declaração de poder. Isso é um disparate ou o que?

Acheron se congelou.

—O que disse?

—Dion e Cam pensam que eles podem voltar a recuperar sua divindade e querem usar a seu irmão como cabeça. pode-se dizer, cabeça de turco? — Ela riu. —Só imagine, um esquecido deus celta da guerra, meu irmão, cuja única fama é a de chupador de vinho e vago, e seu irmão, cujo único mérito é parecer-se contigo. E pensam que esse ignorante pode lhes conduzir à glória — Ela suspirou, logo riu outra vez. —Não posso esperar a ver o que estes perdedores planejaram.

Acheron a olhou fixamente. Ela podia subestimar suas capacidades, mas ele tinha uma vaga suspeita do que tentavam fazer.

No Mardi Gras, a barreira entre este mundo e no que a Destruidora Atlante estava retida seria fina.

Podia haver só uma razão para que eles tivessem Styxx em seus projetos...

Eles queriam liberar à Destruidora e o único modo de fazê-lo seria matando ao Ash.

De uma ou outra maneira. Ash ia assegurar se de que isso não acontecesse.

Vêm Mardi Gras, todos eles teriam uma grande surpresa.

Não tinham nem idéia de com quem nem com o que tratavam. A Destruidora estava muito além de sua capacidade de mandar ou controlar. Uma vez solta, era a deusa antiga mais desumana imaginável. Uma que tinha assassinado a cada membro de sua própria família. Depois, ela teria destruído a terra inteira se não tivesse sido detida e encarcerada.



Se Camulus e Dionísio pensavam negociar com ela depois de matá-lo, estavam pateticamente enganados.

Ele quase riu ante a idéia deles tratando de raciocinar com ela.

A noite do Mardi Gras seria interessante, sem dúvida.

—A propósito —disse Artemisa enquanto se reclinava nua sobre a cama e deslizava seu pé nu pela espinha dorsal dele em uma longa e cálida carícia, —seus meninos foram muito maus enquanto estava aqui.

Ash deixou de esfregar sua punho e a olhou.

—O que quer dizer?

—Em direta desobediência a suas ordens, Zarek saiu a dar uma volta e cedo esta noite, ele e Talon brigaram no French Quarter.

A cólera se precipitou por ele.

—O que? Quando?

—Faz aproximadamente duas horas.

—Demônios, Artemisa —grunhiu ele. —por que não me disse?

Ela se encolheu de ombros e deslizou sua mão sobre seus peitos nus em um esforço por chamar sua atenção para ela.

—Eu gostava onde estavas e sei que se lhe houvesse isso dito, teria-te partido.

Ash a olhou iradamente. Seu egoísmo não conhecia nenhum limite. Zangado com ela, estalou os dedos e devolveu sua roupa sobre seu corpo. Fez seu cabelo negro e recolheu sua mochila do chão.

—Odeio essa cor de cabelo em ti —disse ela irritada, voltando seu cabelo de negro a loiro.

Ele ficou rígido.

—Sim, pois a única cor que odeio mais que o loiro é o castanho — Ele fez seu cabelo negro outra vez, trocando logo o dela a um tom que fazia jogo.

Seu chiado furioso percorreu o templo enquanto Ash mentalmente mandava a si mesmo de volta a Nova Orleans.



Sunshine sentiu a adrenalina precipitando-se enquanto se aproximavam do bar de motoqueiros no 688 da Avenida Ursulinas. Este era o melhor lugar na cidade para encontrar amigos, comer boa comida, e encontrar todo tipo de coisas divertidas para fazer.

—Não me disse que íamos ao Santuário.

Talon franziu o cenho.

—Você sabe sobre o Santuário?

—Carinho, não há nenhuma mulher nesta cidade que não saiba sobre o Santuário, a Terra dos Maravilhosos Deuses. Juro-lhe isso, minhas amigas e eu queremos nos unir e propor a 'mamãe O' um prêmio por sua política contra contratar a qualquer homem que não seja realmente muito atraente.

Ela notou a careta ofendida em seu rosto e não pôde menos que rir.

—Não é que você não seja atraente. Você certamente pode ter um lugar no Santuário Hotties. Mas enfrenta, jamais notaste que este lugar é como Hooters para as mulheres?

—Não. Francamente posso dizer que nunca notei quão lindos são os homens no Santuário. Tão pouco jamais me preocupou.

O exterior do clube era o típico edifício de Nova Orleans que tinha sido construído em 1801. Os tijolos eram de uma cor ferrugem e um enorme pôster se balançava sobre as portas passadas de moda. Mostrava uma lua cheia que se elevava sobre uma colina onde uma motocicleta estava estacionada e com orgulho proclamada esse lugar como o Santuário, Lar dos Howlers. Os Howlers era o grupo musical do lugar e eram, também um enormemente atraente grupo de homens.

O bar estava aberta vinte e quatro horas do dia, sete dias da semana, e estava dirigida pela família Peltier. A proprietária, era Mamãe O, tinha onze atraentes filhos quem outra vez garantiam à mulher um prêmio por embelezar a cidade.

Cada um deles era um espécime masculino de primeira que garantia fazer ofegar a uma mulher.

Dev Peltier estava na porta quando eles entraram. Um



verdadeiro gorila, ele era um em um grupo de idênticos quadrigêmeos. Sunshine nunca tinha encontrado a uma mulher que não queria levar a um dos quadrigêmeos pra casa. Em realidade, elas queriam levá-los todos a sua casa e usá-los como jogos de suportes no dormitório. Só que não eram livros o que suas amigas queriam pôr entre os quadrigêmeos.

Dev tinha um par de olhos de cor penetrante azul e o cabelo comprido ondulado e loiro que caía até a metade de suas costas. Da única maneira que ela sabia de diferenciar ao Dev de um de seus irmãos era a tatuagem de arco-e-flecha em seu braço.

Ela fez uma pausa ao dar-se conta que era idêntica à marca sobre o ombro do Talon.

—Ei, homem! —disse Dev com um profundo, quente e estremecedor acento mescla entre francês e canjún quando viu o Talon. Os dois chocaram os cinco.

—Onde estiveste?

—Fora, aqui e lá. Você?

Dev lhe dirigiu um malicioso sorriso zombador.

—Sobre tudo dentro e fora.

Talon riu.

—Eu não vou ali.

Dev a olhou e piscou os olhos.

—Hi, pequena Sunshine, por que está andando com este perdedor? Perdeu uma aposta ou algo?

—Ou algo —disse ela com uma risada.

—Conhece o Dev? —perguntou-lhe Talon, seu corpo ficou rígido como se houvesse ciúmes.

—Sim —respondeu Dev antes que ela pudesse. —Ela vem todo o tempo. Ela e Aimeé jogam na parte de atrás.

—Vem aqui sozinha?

Sunshine empurrou ao Talon no ombro.

—Pára? Não é meu pai e ninguém me incomoda aqui graças a Dev e a seus irmãos.

—Assim é Talon, conhece minha política. Ninguém acossa a uma mulher no Santuário a não ser que ela queira ser acossada.



—A exceção deve ser Aimeé —não pôde resistir a adicionar Sunshine. A única filha no grande clã Peltier, Aimeé não podia aproximar-se de um homem sem que um de seus irmãos ou seu enormemente alto e musculoso pai lhe dessem um golpe.

—Duplamente maldito — Dev inclinou sua cabeça para o ataúde que estava na quina à direita da porta de entrada do clube. —Este é o último idiota que pediu a minha irmã para sair.

Talon riu outra vez.

—Há outro lugar ao que não quero ir. Procuro o Eros, esteve por aqui já?

—Acima na despensa jogando pôquer com o Rudy, Justin, e Etienne.

—Obrigado — Talon a conduziu pela metade da frente do balcão onde as mesas e os reservados estavam preparados para o jantar. O lugar essa noite estava bem lotado e a música dos Howlers era ruidosa e atordoante.

—Talon —gritou Sunshine em seu ouvido. —por que você e Dev têm a mesma marca de arco e flecha em seus corpos?

Ele jogou uma olhada para trás onde Dev estava de pé na porta.

—Dev pensa que é gracioso levar o sinal de... — Sua voz se acalmou, mas ela entendeu o que queria dizer pelo brilho em seus olhos.

O sinal de arco devia ser o sinal de assinatura de um Caçador Escuro.

—Ele é um também?

—Não, ele é completamente de outra classe.

Começava a entender.

—Outra classe como Vane?

Ele fez uma pausa e baixou sua cabeça para poder falar sem ser ouvido por acaso.

—Sim, e ao mesmo tempo, não.

Então ele devia ser um Were-besta de uma classe diferente.

—Isso significa que toda sua família é capaz de trocar... —ela trocou de sobre a marcha quando um paroquiano se aproximou



muito— sua roupa a um pouco completamente novo?—terminou ela.

Ele assentiu.

Wow! Quem diria? Uma Were-Família inteira dirigindo um dos lugares mais populares na cidade. Muito chique.

Talon se endireitou e se dirigiu à parte de atrás onde estavam as mesas de pôquer. Havia uma carregada escada de pinheiro que conduzia à área superiora, onde mesas adicionais estavam dispostas para as pessoas que queria comer e olhar à banda enquanto tocava embaixo.

Inclusive a área de acima estava preparada para essa noite.

Sem deter-se, Talon a conduziu através dos clientes e se dirigiu à última mesa da esquerda, que estava em um canto.

Cinco pessoas estavam sentadas nela e quatro deles jogavam pôquer. Etienne Peltier era mais magro que seu irmão mais velho Dev, mas não menos musculoso. Ele tinha ombros largos, lisos cabelos loiros e um rosto que só podia ser chamado angélico. Mas como Sunshine tinha aprendido em mais de uma ocasião, o diabo mesmo residia nesse formoso corpo. Ninguém queria cruzar-se com o Etienne.

Rudy St. Michel estava sentado ao lado do Etienne. Com uma aparência meio acabada, ele se parecia com o típico vagabundo de Nova Orleans com o cabelo comprido negro e vistosas tatuagens cobrindo cada centímetro de carne visível. Ele tinha começado a trabalhar aí aproximadamente um ano atrás e era o responsável pelas máquinas de jogo de baixo.

Outro gorila, Justin Portakalian, tinha suas costas contra a parede e uma perna longa, revestida de couro estirada sobre uma cadeira de madeira enquanto entregava duas cartas ao Rudy. Ele era tão magnífico como qualquer dos Peltiers, de média compleição, cabelo castanho escuro e olhos cor avelã que brilhavam com malícia. Com dois metros e com uma má atitude que redefinia o termo, era alguém que Sunshine sempre tentava evitar. Ele não falava muito e tinha atirado a seu último namorado pela porta de atrás. Literalmente.

Ela também tinha ouvido o rumor de que Justin tinha estado



na prisão por assassinato, e algo em sua mortal conduta adicionava bastante credibilidade a essa especulação.

Às outras duas pessoas não as conhecia. Era um motorista loiro que tinha a uma formosa ruiva sentada em seu colo. Ele levantou a vista, viu o Talon, e a risada desapareceu de seus lábios.

—O que faz aqui, Celta?

—Tenho que falar contigo.

—Não pode ver que estou ganhando?

Talon olhou as fichas de pôquer ao lado de seu cotovelo.

—Sim, e também posso ver que está fazendo armadilha.

—O que? — Os outros homens de repente se animaram.

—Talon, estúpido! — O loiro esclareceu sua garganta. —Ele só estava brincando. me dêem um minuto, sim?

Rudy suspirou para o Justin e Etienne enquanto acomodava as cinco cartas em suas mãos.

—Não sei por que vocês moços se estão reclamando. Os dois estão fazendo armadilha também.

Etienne riu com uma risada encantadora e despreocupada enquanto Justin dirigia uma olhada menos divertida Rudy.

O motoqueiro loiro começou a afastar-se da mesa, logo voltou depressa para trás e levantou as cartas.

—No caso de —disse a outros. Assim que o loiro se afastou deles, Talon os apresentou. —Sunshine, apresento ao Eros e Psique.

Sunshine os olhou curiosamente.

—Eles só acreditam que esses nomes são lindos, não? Não são realmente Eros e Psique.

Eros lhe dirigiu um olhar incômoda.

—por que ela se dirige para mim?

—Cupido —disse Talon, uma nota de advertência de sua voz.

—Seja amável — Ele se voltou para Psique. —Pode me fazer um favor, Psique, e manter Sunshine ocupada enquanto trato com seu marido?

—Certamente doce — Psique pôs seu braço sobre os ombros de Sunshine. —vamos ver que classe de problemas podemos



encontrar lá embaixo.

Sunshine seguiu a Psique à escada que conduzia ao chão inferior, não longe da pista. A área inteira estava abarrotada de bailarinos e gente que queria ouvir os Howlers cantar, e com mulheres que queriam comer-se com os olhos aos membros da banda.

Ela e Psique se aproximaram de uma mesa do fundo onde um tipo chamado Nick Gautier jogava um jogo com o Wren, um dos ajudantes de garçom do Santuário. Wren era um tipo tranqüilo, tímido, que tinha um aura ao seu redor que dizia que preferia ser invisível. De todos os modos havia algo perigoso nele. Do tipo que dizia que brigaria com muito gosto com qualquer o bastante estúpido para incomodar seu introvertido espaço.

Seu escuro cabelo loiro era longo, e ele o levava tranças num estilo que não era totalmente rastafári, mas que não estava longe tão pouco. Seus olhos eram uma cor cinza tão pálida que pareciam quase descoloridos.

Quanto ao Nick Gautier, Sunshine o tinha encontrado aí umas vezes. Sua mãe era um das cozinheiras e ele freqüentemente entrava para jantar e jogar um jogo rápido de bilhar com o Wren.

—Olá, damas —disse Nick com seu leve acento Cajún.

Psique tomou o taco de sua mão.

—Acomoda suas bolas, Nick. Queremos jogar.

Nick riu.

—Psique, uma coisa que uma mulher nunca deveria dizer a um homem é que acomode suas bolas.

Não lhe fazendo caso, Psique olhou ao Wren.

—Não te importa, verdade?

Wren negou com sua cabeça e fez um sinal a Sunshine. Sem uma palavra, ele rapidamente desapareceu na multidão.

—Não queríamos incomodá-los, moços —disse Sunshine ao Nick.

—OH, não se preocupe por isso. Wren e eu jogamos muito. Ele tinha que retornar à cozinha de todos os modos. Vocês senhoras querem algo para beber?



—Cerveja —disse Psique.

—Água.

Ele assentiu com a cabeça e partiu.

Sunshine olhou como Nick rumava para a multidão. Ela se voltou para Psique.

—Você e Eros vêm aqui freqüentemente?

Ela assentiu.

—Até te vi aqui umas vezes. Pelo geral anda com Aimeé e outra garota de cabelo negro.

—Trina.

—Essa é ela.

Psique tomou a bola branca e a alinhou.

—Sim —disse ela enquanto atirava, enviando a seis das bolas às frestas. —Sou uma deusa e Eros é um deus.

—Como sabia...

—Sou uma deusa. Posso ouvir cada pensamento em sua cabeça — Ela riu de Sunshine enquanto punha giz na ponta de seu taco.

—É um fato realmente incômodo de saber.

—Você acredita? — Psique suspirou através da ponta, deixando o giz de lado, logo enviou três bolas mais às frestas. —E porque sei o que pensa, a resposta é sim.

—A resposta a que?

—Se Talon realmente te ama.

Sunshine fez uma careta enquanto Psique afundava o resto das bolas que estavam sobre a mesa.

—Não sei. Há vezes que sinto que não pode me falar da Nynia. Penso que ele a ama mais que a mim.

Psique acomodou as bolas outra vez.

—Não te ofenda, mas isso é estúpido. Você e Talon são companheiros de alma. Ele sempre te amará não importa quem ou o que seja. Você, minha amiga, poderia te voltar como uma baleia jorobada e ele te amaria. Ele não pode dirigi-lo. Os dois estão destinados um ao outro.

—Sim, mas...

—Não há nenhum mas, Sunshine — Ela se moveu para parar-



se a frente dela.

—Sou a deusa das almas e dos companheiros da alma. A diferença de outros deuses do Olimpo, sei quando vejo duas pessoas que foram criadas um para o outro. Se tanto você como Talon morressem esta noite e mais tarde voltassem a nascer em pólos opostos da terra cedo ou tarde se reuniriam. Esse é um talento especial que têm os companheiros da alma. Só pode sobreviver, demônios, até pode estar com outra pessoa, mas nenhum de vocês jamais estará completo sem o outro.

Ela jogou uma olhada para cima, aonde tinham deixado aos moços.

—Você dois podem lutar contra isto tudo o que queiram. Mas tudo o que vão conseguir é fazer suas vidas miseráveis.

Ela acariciou o ombro da Sunshine.

—Sei que não acredita. Sei que levará tempo antes que o aceite. E está dito, o problema com sua relação não é se ele realmente te ama. É que ele não pode permitir-se nem sequer pensá-lo.

—por quê?

—Porque ao minuto que o faça, Camulus te matará. Talon sabe. Ele não se permitirá te amar por medo de que morra outra vez.

Sunshine engoliu sua saliva ante suas palavras. Tudo seguia voltando para aquele irritante deus celta.

—Há algum modo de evitar ao Camulus?

—Talvez.

—Talvez? Isso é o melhor que me pode fazer?

—Ei!, isso é melhor que não.

Verdade, mas ainda queria mais esperança que isso.

—E quanto a Artemisa? —perguntou Sunshine, —inclusive se conseguimos passar ao Camulus, que acontece ela?

Psique girou seu taco em suas mãos enquanto pensava naquele fato que não podia esquecer-se.

—Ela é difícil. Com ela tem que negociar com muito cuidado.

—Então é possível que eu pudesse falar com ela?



—É possível.

Na mente da Sunshine dava voltas a idéia. Realmente poderia haver esperança para eles?

Talon conduziu Eros ao depósito e fechou a porta. Quinn Peltier tinha tirado o som o quarto umas décadas atrás para assegurar que os Peltiers e outros amigos escolhidos pudessem ter intimidade de forma urgente se o necessitavam.

Ao princípio, o quarto tinha sido planejado como um lugar onde ocultar-se no caso que um deles, por acaso, convertesse-se em urso enquanto o clube estava ocupado, mas com o tempo se converteu em um lugar conveniente para que um dos irmãos tomasse a uma mulher bem disposta sem ter que sentir a ardência de esperar.

Mas essa era outra história.

Talon acendeu a luz suave e enfrentou ao Eros.

—Necessito um favor.

—Favor, demônios. Não sabe que se supõe que vaporizo a qualquer Dark-Hunter que fique perto de mim?

Talon o olhou divertido.

—Recordarei a próxima vez que me peça emprestado dinheiro para jogar sem que Psique saiba.

Eros riu cordialmente.

—Bom ponto. Bem, o que posso fazer por ti?

Talon vacilou. Silenciosamente, rezou para que Eros lhe desse uma resposta diferente ao que ele temia.

—Conhece deus celta Camulus?

Eros se encolheu de ombros.

—Não realmente. Ele anda com Ares, Kel, Altar, e outros deuses da guerra. Sendo o deus do amor e a luxúria, não tendo a me associar com eles. por quê?

—Porque fui amaldiçoado por ele e quero saber se há alguma forma de romper a maldição.

—Francamente?

—Sim.

—Muito provavelmente não. Os deuses da guerra por regra



geral não são realmente muito indulgentes. Esse tipo vem com uma mentalidade de destruição maciça. Mas depende do que fez e que usou como maldição.

—Matei a seu filho e ele proibiu que eu jamais ame a um humano. Quando o faço, ele os mata.

—Ooo —suspirou Eros. —Lamento, homem, mas algo assim, você pode esquecê-lo e ir. A vingança corre profundamente nos ossos dos deuses da guerra. Agora, se tivesse o sangue de um deus, poderia ter alguma influência. Tem-na?.

—Não. Sou totalmente humano, sangue sábio, de todos os modos.

—Então estas totalmente fodido.

Talon apertou seus dentes ante a verdade, ainda quando não estivesse surpreso por isso. Ele não tinha compreendido até então que tinha começado a ver um futuro para ele e Sunshine.

Aí no fundo de sua mente realmente tinha estado a esperança.

Mas era em vão.

—Não há nenhum modo de conservar a Sunshine.

Ele não se deu conta que tinha falado em voz alta até que Eros disse,

—se a amas, então estou seguro que ela pagará por isso.

Talon se reforçou para o que tinha que fazer. Inclusive embora isto lhe arrancasse o coração e o fizesse querer gritar. Ele sabia que tinha que fazer isto.

Era o único modo de protegê-la.

—Bem, então. Tenho uma última petição.

Eros lhe deu um olhar pormenorizado.

—Quer que eu lhe dispare com a flecha de chumbo para matar seu amor.

Ele assentiu.

Eros se tirou seu colar de arco de ao redor de seu pescoço e o fez maior.

Talon pegou sua mão enquanto ele apontava.

—Ainda não. OK? Só quero um pouco mais de tempo com ela.



Pode esperar até a meia-noite?

Encolhendo o arco de novo ao tamanho de colar, Eros assentiu e apertou ao Talon no ombro.

—O amor morde, homem. me acredite, sei.

Talon pensou em Psique e ele sentiu uma pontada de ciúmes.

—Sim, mas você conseguiu manter seu amor.

—Verdade. Sou um maldito afortunado nesse departamento

— Eros trocou como se algo o fizesse sentir incômodo. —Onde quer que lhe dispare?

—Em algum lugar que não doa.

Eros levantou seus olhos.

Talon respondeu seriamente.

—O clube Runningwolf. Terei-a ali à meia-noite.

Assentindo, Eros deu dois passos.

—Verei-te a meia-noite.

—Obrigado, Eros. Devo-lhe isso.

—Sim, deve-me isso.

Talon inclinou sua cabeça em entendimento mútuo. Agora estava endividado com o Vane e com o Eros. Na forma em que ia, provavelmente ia perder mais que sua alma inteira antes de tudo estivesse dito e feito.

Ele só rezava para que no final, Sunshine não perdesse a vida.

Mas ele não pensaria nisso agora. Tudo o que tinha eram umas horas mais para passar com a mulher que amava.

Queria desfrutar do pouco tempo que eles tinham antes que ela aprendesse a odiá-lo.

Talon deixou o quarto e parou até que viu o Sunshine embaixo jogando bilhar com Psique.

Ela estava tão formosa ali. As luzes se jogavam em seu cabelo negro-meia-noite. E seu corpo viçoso, doce... Era a perfeição.

Sunshine era tudo para ele.

Os pensamentos do Talon se dispersaram quando compreendeu que um homem magro de meia altura se dirigia a Sunshine e ela não parecia feliz de vê-lo.

De repente, sua conversação se intensificou em uma luta



verbal. Sunshine estava irritada enquanto empurrava ao homem com seu dedo e para trás.

Psique deixou seu taco e deu um passo entre eles.

Talon viu vermelho.

Sem pensar nos gorilas ou em outra coisa que Sunshine pôs sua mão sobre o corrimão e balançando suas pernas e se atirou ao chão de abaixo.

As pessoas ofegaram e se assustaram.

A dor fuzilou sua perna e piorou quando deu um passo.

Talon não preocupou.

A única coisa que ele via era a cara zangada de Sunshine. O único som que ouvia era sua voz zangada.

—Como pôde fazer isso Jerry, você é uma víbora!

—Disse-lhe isso antes, Sunny, tudo é aceitável nos negócios.

—Mas ele era meu cliente. Sentei-me aí todo o dia esperando para lhe mostrar.

—Sim, bem, dormiu, perdeu.

—Aqui está outro refrão —disse Talon, agarrando ao tipo e girando para enfrentá-lo. —Ninguém se mete com minha moça.

Sunshine congelou ante a cara do Talon. Era realmente horripilante. Ele olhava fixamente ao Jerry como se estivesse a ponto de fazer filé do Jerry.

—Está bem, Talon —disse ela, não querendo meter no problema ou, pior, que fosse detido por golpear à lesma.

Ela sabia, pela expressão do Jerry, que morria por dizer algo vil, mas o impressionante tamanho e a ferocidade do Talon mantiveram seus lábios selados.

Ela tomou o braço do Talon.

—Vamos, bebê, vamos.

Talon realmente queria rasgar ao tipo. Como se atrevia a roubar o cliente da Sunshine? Ele sabia quanto lhe importava.

Sua cólera golpeava em protesto, pressionado contra o controle que ele estava acostumado a manter controlado.

—Quem é este estúpido? —perguntou Talon a Sunshine.

—Estava acostumado a ser meu marido, como você.



Os olhos do Talon flamejaram.

—O mesmo.

Jerry não podia ter brilhante mais impressionado se Talon em realidade o tivesse golpeado.

Talon olhou Sunshine. Uma parte dele se sentia extremamente traída por que ela tivesse ousado casar-se com alguém mais. Não importava que ela não tivesse tido nenhuma idéia sobre sua vida passada juntos.

Isso ainda doía.

Seus olhos lhe pediram perdão.

—Eu ia dizer te.

—Quando Sunshine?

Ela se deu volta e jogou uma olhada ao Jerry.

—É um idiota. Não posso acreditar que alguma vez fui bastante estúpida para me casar contigo.

Ela começou a afastar-se entre a multidão agora silenciosa.

—Sunny —a chamou Jerry. —te assegure de ir ao Fallini's algum dia e admirar meu trabalho. Recorda quando o olhar que o melhor artista ganhou.

Talon viu as lágrimas em seus olhos.

Seu temperamento explodiu.

Girando seus ombros, deu-se volta e esmurrou ao Jerry com tal força que o liquidou. Ele aterrissou com um golpe seco sobre a mesa do fundo, enviando as bolas de bilhar às frestas.

Vários membros do clã dos ursos amaldiçoaram enquanto as câmaras cintilavam.

—Que modo de procurar parecer despercebido, Celta —disse Justin arrogantemente ao lado dele.

Talon ignorou à pantera. Ele tomou a mão da Sunshine e a conduziu através da multidão.

Nick se encontrou com ele e Sunshine na porta.

—Homem, Ash vai jogar fumaça quando souber sobre isto. Não posso acreditar que tenha feito isto com a multidão pelo Mardi Gras apinhada para testemunhá-lo. É pior que Zarek.

—Só te assegure de limpá-lo.



—Limpá-lo, demônios. Você sabe que somente 'câmaras' tomaram o truque de seu salto de lá de cima? Minha mamãe agora pensa que anda em drogas e suspeita que Kyrian as vende. Estamos fodidos. Minha vida é uma condenação. Estou a ponto de ser exortado sobre trabalhar para traficantes de droga... outra vez. Minha mamãe, bendito seja seu coração, é tão ridícula, nem sequer se dá conta que trabalha para ursos. Estou bem fodido.

—Não se preocupe por isso —disse Dev enquanto lhe unia. — Cuidamos às suas costas, Celta. Limpar indiscrições é nossa especialidade. Nenhum humano aqui o recordará amanhã e nos asseguraremos que nenhum aparelho eletrônico tão pouco mostre algo. Cada um que fotografou só obterá a foto de uma grande mancha negra.

—O que passa comigo? —perguntou Nick. —Não quero nada de seus manejos mentais.

—Eu disse humanos, Nicky.

Nick olhou extremamente ofendido.

—Obrigado —disse Talon ao Dev.

—De qualquer maneira. Verei-te amanhã para o Mardi Gras.

Talon inclinou sua cabeça ao urso e conduziu Sunshine fora ainda quando sentia que sua perna inteira estava rota pelo salto.

Uma vez que estiveram na rua, ele a enfrentou.

—Esteve casada?

—Isso foi há sete anos, Talon. Eu era jovem e estúpida.

—Esteve casada —repetiu ele. —Com ele.

Sunshine tomou ar e suspirou.

—Sim.

—Não posso acreditar.

—Ah, vamos, Talon, me dê uma pausa. Não agarre isso contra mim quando eu não tinha nem idéia de que existia. Se alguém tiver direito a zangar-se, penso que deveria ser eu.

—Perdão?

—Selena me contou sobre você e seu representante, amigo. Como te deitaste com cada mulher bonita em Nova Orleans. Quer me falar sobre isso?



—Isso é diferente.

—por quê? por que sou uma mulher? Sabia que eu não era uma virgem, Talon. O que esperava?

Talon não sabia. Mas isso realmente não lhe importava.

depois desta noite, ela o odiaria de todas maneiras. Quão último queria era passar a noite brigando com ela.

Esse era todo o tempo que eles alguma vez teriam.

—Bem, Sunshine. Tem razão. Sinto muito.

Sunshine ficou atônita. Esta era a primeira vez que ela conhecia um tipo que cedesse tão facilmente.

—É você realmente?

—Sim —disse ele, seus olhos sinceros. —Não quero brigar, sim? Vamos só esquecê-lo e ir comer.

Ela levou a mão dele a seus lábios e beijou seus nódulos.

—Sonha bem.

Foram a uma pequena cafeteria sobre o Iberville, ela notou que ele tinha uma leve claudicação.

—Está bem?

—Sim, somente torci a perna quando saltei sobre o corrimão —disse ele. —Sempre que me ponho furioso, tendo a perder meus poderes de Caçador Escuro, e sem eles, meu corpo se faz humano.

—Necessita de um médico?

Ele sacudiu sua cabeça.

—Sempre e quando ficar tranquilo, isto vai curar-se enquanto comemos.

Talon a manteve perto dele todo o tempo que tomou chegar ao restaurante e sentar-se. Ele memorizou tudo sobre ela. Ele sempre a recordaria assim e aquelas lembranças viveriam dentro dele, tanto os dela como os da Nynia.

Ou ele perderia todas aquelas lembranças quando Eros lhe disparasse?

Sua mente de algum modo os deformaria para que ele não pudesse amá-la mais?

Seu estômago se atou ante o pensamento. Como seria não ter o consolo das lembranças da Nynia e Sunshine?



Não recordar a suavidade do contato, o aroma de patchouli sobre sua pele?

A forma em que seus olhos se iluminavam quando o olhava?

Chiando seus dentes, ele tentou não pensar nisso, ou sentir a dor em seu coração.

Isto não era sobre ele e o que estava a ponto de perder.

Isto era sobre ela.

Ele tinha que fazer isto por ela.

Ela se sentou no reservado frente a ele, a cabeça dela se inclinava enquanto comia. A luz da vela refletia a escuridão de seu cabelo, fazendo sua pele de um bronzeado cremoso. Um bronzeado cremoso que o fazia água de boca por prová-lo.

Talon observou os gestos cheios de graça de suas mãos enquanto comia sua salada de grãos-de-bico. Gostou daqueles dedos longos, finos. Amava brincar com eles em sua boca, senti-los sobre seu corpo.

—O que te fez querer ser artista? —perguntou ele.

—Amo trabalhar com minhas mãos.

Ele a alcançou através da mesa e tomou sua mão esquerda com a sua. Ele estudou a curva delicada dela, o modo em que a sentia em sua palma.

—Tem mãos formosas.

Ela riu e apertou a dele com as suas.

—Obrigada. Elas são o mais valioso que um artista jamais pode ter. Estava acostumado a ter pesadelos em que algo lhes passava, uma ferida severa ou queimadura o que me impediria de voltar a usá-las para a cerâmica ou para desenhar. A Arte é minha vida. Não sei o que eu faria se eu não pudesse criar.

Talon fechou seus olhos enquanto a agonia o invadia. Suas emoções se formaram redemoinhos, mas as controlou. Ele tinha que fazê-lo.

O relógio fazia tictac para eles.

Sunshine lhe deu um bocado de sua salada e ele fez todo o possível por não estremece-lo.

—por que seus olhos já não são âmbar? —perguntou ela.



Ele tragou o bocado e tomou um gole de vinho.

—Parte da carga de ser Caçador Escuro. Convertemo-nos em predadores para poder detectar e matar aos Daimons. Nossos olhos se fazem negros e se dilatam muito mais que os olhos humanos para que possamos ver na escuridão.

—E suas presas? Usa para chupar sangue?

Ele sacudiu sua cabeça.

—Não. Nunca gostei de sangue. As presas são somente parte do assunto também.

—E você gosta do que faz?

—Há vezes quando é divertido e desafiante e às vezes é um pouco aborrecido. Geralmente não me importa.

Ela pareceu aceitar isso.

Ela comeu durante uns minutos antes de falar outra vez.

—Talon, por que entregou sua alma?

Ele olhou ao vazio. Em sua mente, ele podia ver aquele dia tão claramente. Ele tinha estado convexo sobre o altar, suas mãos atadas em cima de sua cabeça, seu peito nu e tinham marcado com sangue os símbolos expiatórios. Esse tinha sido um dia fresco, e cada membro de seu clã tinha estado ali.

Vestido com roupas negras, o sacerdote de Druida tinha cuidado dele e tinha rido cruelmente.

—Agarrem a Ceara.

As palavras de seu primo ressonaram em sua cabeça. Tinha-lhe tomado um minuto completo antes que entendesse o que estava passando. Horrorizado, Talon tinha visto a seus homens pegar os braços de sua irmã.

—Speirr! me ajude, brathair, por favor!

Ele tinha lutado contra as cordas até que seus punhos sangraram e arderam. Ele tinha gritado para que a liberassem.

Como um animal enjaulado, ele tinha tentado alcançá-la.

Uma e outra vez, ela a chamou.

—É a vontade dos deuses que ambos morram pelo que fez sua mãe.

Seu primo tinha perfurado fundo sua adaga profundamente



no coração da Ceara.

Ela tinha contemplado ao Talon, seus olhos aterrorizados e cheios de lágrimas enquanto lutava por respirar.

O pior de tudo, ele tinha visto a decepção em seus olhos.

Ela tinha acreditado nele, tinha acreditado nele para que a protegesse.

Os homens a tinham liberado e tinha caído sobre a terra, aterrissando sobre suas mãos e joelhos.

—Speirr? — Sua voz tinha tremido enquanto dirigia uma mão ensangüentada para ele. —Não quero morrer — sussurrou ela, sua voz como a de uma menina.

Ante seus olhos, ela tinha morrido.

Ofegando na fúria, ele tinha deixado que seu grito de batalha retumbasse e logo ele tinha amaldiçoado a todos. Ele tinha chamado à ira do Morrigan e não lhe tinha feito conta.

Foi Artemisa quem tinha respondido a seu grito de vingança.

A última coisa que tinha visto era ao Druida que atirava sua cabeça para trás e fazia um corte selvagem através de sua garganta.

Talon respirou profundamente uma e outra vez e procurou enterrar aquelas lembranças. Isso era o passado e agora ele tinha Sunshine para cuidar.

—Foi fúria de juventude —disse com uma calma que não sentia. —Tinha perdido muito em tão curto tempo... a minha tia, meu tio, a ti e a nosso filho. depois de que te perdi, andei vagando imerso na pena. Lutei para fazê-lo cada minuto de cada dia. A única coisa que me manteve foi saber que o clã e Ceara me necessitavam. Quando os Druidas vieram a mim e me disseram que teria que entregar minha vida aos deuses para proteger ao clã, foi em realidade um alívio. Não pensei duas vezes lhes permitir me colocar sobre o altar de sacrifícios.

Talon chiou os dentes enquanto via sua irmã em sua mente outra vez. A forma em que ela tinha brilhante aquele dia.

—Ceara chorava, mas ela tentava ser forte. Tudo ia como devia, até que Murrdyd se dirigiu para ela e disse aos membros de



meu clã que a agarrassem. Ele disse que ambos tínhamos que morrer para apaziguar aos deuses.

—Isso era a verdade?

—Não. Ele queria ser rei. Necessitava que tanto Ceara como eu estivéssemos fora de seu caminho, os herdeiros legítimos. Posso entender seu desejo de me matar, mas não que tivesse que matar a Ceara. Essa foi a injustiça que não pude suportar.

Ela colocou sua mão sobre a dele.

—Bebê, sinto tanto.

Ele espremeu a mão dela enquanto piscava contra a agonia em que caía. O único consolo que jamais conheceria na vida era o contato desta mulher.

—Então eram eles ao final.

—O que fez?

Talon esclareceu sua garganta quando tentou esmagar as lembranças daquela noite. As desculpas. Ele tinha parecido um monstro raivoso contra seu povo.

O único pensamento em sua mente tinha sido alcançar seu primo.

Fazer que o bastardo pagasse.

—Fui através do povo que matando a cada homem que se interpunha entre mim e os que tinham matado a Ceara. As mulheres e filhos escapavam enquanto lutava para alcançar ao Murrdyd. depois de que me vinguei dele, queimei o povo inteiro até a terra.

—E estiveste servindo a Artemisa após?

Ele assentiu.

—Alguma vez a encontraste?

—Somente um momento quando ela veio para negociar comigo por minha alma. Ela me encontrou na região inferior onde as almas estão apanhadas depois que abandonam este mundo, mas ainda tem que viajar ao seguinte.

—Não a viu após?

Ele sacudiu sua cabeça.

—Não nos permitem ter contato com os deuses. Eles nos



vêm como uma abominação.

—Mas que passa com o Eros?

Ele suspirou e sentiu uma pontada de humor ao pensar no irreverente e amante da diversão deus do amor.

—Ele é um pouco diferente. Por alguma razão, gosta de andar conosco.

Sunshine considerou suas palavras enquanto terminaram o jantar. Pobre Talon. Ele tinha passado por tanta dor. Tanta pena.

Em certa medida lhe incomodava que ainda a confundisse com a Nynia. Elas poderiam compartilhar uma alma, mas em última instância, eram duas pessoas completamente diferentes.

Não, que ela realmente importasse. Enquanto que ele estivesse destinado a Artemisa e amaldiçoado pelo Camulus, não poderia ser livre. Ele nunca poderia ter um futuro.

Quando tinha falado com Psique, a deusa lhe havia dito como convocar a Artemisa.

Sunshine realmente queria ter uma agradável conversa com aquela deusa e ver se talvez Talon poderia ganhar sua liberdade outra vez. Se ela obtivesse isso, então talvez eles poderiam fazer algo para deter o Camulus também.

Depois que pagaram pelo jantar, abandonaram o restaurante e se dirigiram ao clube de seu pai.

Sunshine não sabia por que Talon queria levá-la pra casa, mas ela trataria que passassem inadvertidos para que pudessem ter um pouco mais tempo a sós.

Talon a conduziu à pista de baile.

Sunshine nunca antes tinha compreendido quão quente poderia ser um homem quando dançava. Pessoalmente, sempre tinha pensado que a maior parte de homens pareciam bastante ridículos.

Mas não Talon. Ele era a coisa mais sexy que alguma vez tivesse visto em sua vida.

Quando a canção terminou, Talon a pediu para que apresentasse a seu pai e irmão. Eles estavam sentados um ao lado do outro, ocupando do trabalho administrativo e encantados com



as contas do clube enquanto Wayne os ajudava.

—Olá, Papai, Storm, Wayne.

Eles levantaram a vista sorriram até que viram o Talon atrás dela.

—Sunshine, estas bem? —perguntou seu pai.

—Estou bem. Somente queria que conhecessem o Talon. Talon, meu pai, Daniel Runningwolf.

Talon ofereceu sua mão, mas seu pai declinou.

—Sou um shaman e não posso te tocar.

Talon cabeceou com um olhar que disse que entendia.

—Lamento, não sabia.

Wayne se desculpou.

depois de que partisse, os olhos marrons escuros de seu pai brilharam severamente enquanto percorria com seu olhar fixo a Sunshine.

—Starla não me disse que seu noivo era um desalmado, gatita.

—Ela provavelmente pensou que te daria conta. Ou não?

—Sim.

Sunshine rapidamente procurou trocar de tema.

—Como está Mamãe?

—Ela está bem. E você, como está?

—Estou bem, Papai. Não se preocupe.

—Sou seu pai, Sunshine. me preocupar com ti é minha ocupação de jornada completa.

Ela riu dele.

—E o faz muito bem.

De todos os modos a olhou menos que apaziguado.

Talon deu um passo a adiante.

—Daniel, poderia falar com você?

Sunshine franziu o cenho ante a nota sinistra da voz do Talon. Os olhos de seu pai se estreitaram ainda mais antes de assentir com a cabeça sutilmente.

—Sunshine, fica com o Storm.

Ela olhou como os dois se foram e uma onda de terror se estrelou contra ela. Algo estava definitivamente mal.



Talon conduziu a seu pai à outra esquina do balcão. Ele jogou uma olhada a Sunshine e seu coração se retorceu.

—O que é o que quer comigo? —perguntou Daniel.

—Olhe, já sei que não gosta.

—Que eu não gosto? É um assassino sem alma. Concedo-te, que o faz de maneira protetora, mas isso não troca o fato básico que faz muito que não és humano.

—Sei. É por isso que estamos aqui. vou liberar a Sunshine a seu amparo esta noite. Há algumas pessoas que querem danificá-la e eu realmente apreciaria se você a cuidasse. Ficarei perto, fora de sua vista, até manhã de noite no caso da coisa que está atrás dela tentar tomá-la outra vez.

—Por isso minha esposa me diz, Sunshine não te deixará abandoná-la voluntariamente.

—Em quatro minutos, ela jamais quererá pôr seus olhos sobre mim outra vez. Prometo.

Ele franziu o cenho.

—O que quer dizer?

Talon esclareceu sua garganta enquanto jogava uma olhada ao grande relógio Budweiser sobre a parede do balcão.

Seu tempo estava acabando.

Condenados, Destinos.

—Nada —disse silenciosamente. —Só tem minha palavra, que sua filha é dela.

Daniel assentiu.

Enquanto Talon voltava para o Sunshine, todo seu interior lhe doía. Ele não podia suportar pensar o que Eros estava a ponto de fazer. Isto o machucava a um nível tão profundo que era incalculável.

Mas tinha que ser feito.

Eles não podiam estar juntos. Era tolo pensar de outra maneira.

Ele tinha que fazê-lo para salvar a vida dela.

Pela extremidade do olho, viu o Eros aparecer em sua forma de deus. Invisível às pessoas, o deus do amor era facilmente



perceptível para os sentidos de Caçador Escuro do Talon.

—Estas seguro? — A voz do Eros retumbou em sua cabeça.

Talon se inclinou, beijou a Sunshine com cuidado nos lábios, e logo assentiu.

Ele sustentou seu rosto entre suas mãos, e olhou fixamente a seus olhos marrons, esperando o momento quando se voltassem escuros pelo ódio. Esperando que ela ficasse rígida e o amaldiçoasse.

Eros levantou seu arco e disparou diretamente em Sunshine.

Talon tragou enquanto esperava dolorosamente que atirasse nele.

Adeus meu amor.

Lhe fez uma careta.

—Ow! Talon, golpeou-me?

Ele sacudiu sua cabeça e esperou que o ódio entrasse em seus olhos.

Não ocorreu.

Os segundos passavam lentamente enquanto que o cenho dela se fazia mais profundo.

—Não me sinto bem — Ela esfregou seu coração onde Eros lhe tinha disparado.

Então, incrivelmente, ela procurou e enfocou seu olhar no Eros.

—Cupido?

Eros olhou ao redor nervosamente.

—Pode ver-me?

—Pois, sim —disse ela.

Eros trocou e parecia um pouco verde.

Talon franziu o cenho enquanto um mau sentimento o atravessava.

—O que aconteceu, Eros? por que ela não me odeia?

Eros parecia até mais incômodo.

—O que passa é que vocês dois devem ser companheiros de alma, verdade?

—Sim —respondeu Sunshine. —Psique disse que o fomos.



Eros emitiu um sorriso zombador e vergonhoso.

—Oops. Acredito que preciso ter uma conversa com minha esposa. Maldição, ela me deveria ter me dito isso.

—Oops? —repetiu Talon. —Eros, oops melhor que não esteja em seu vocabulário.

Eros esclareceu sua garganta.

—Ninguém me disse que vocês dois eram companheiros de alma. Olhe, este —ele manteve firme seu arco —só trabalha sobre a luxúria e teimosia. Os companheiros da alma são de tudo, outro jogo. Esse tipo de amor, não posso matá-lo. Nada pode.

Sunshine ofegou enquanto entendia o que estava passando. Naquele momento, ela quis estrangular ao Talon.

—Tentou conseguir fazer que te odiasse?

Agora Talon a olhou tão envergonhado como Eros.

—Carinho, posso te explicar.

Ela o olhou airadamente enquanto a raiva agitava cada partícula de seu corpo.

—OH, vais ter que te explicar bem. Como te atreve a tentar pôr em ridículo minha mente e meu coração? Não aprecio que tenha feito algo tão rasteiro.

—Sunshine —disse seu pai. —Ele tem razão. Não pode ter um futuro com ele. Ele não é humano.

—Não me preocupa o que é ele. Ele e eu temos algo juntos e não posso acreditar que ele fizesse algo como isto.

—Eu proíbo que o volte a ver — O tom de seu pai era severo.

Ela girou sua cólera para seu pai.

—Não tenho treze anos. Não me preocupa que me proíba ou não, Papai. Isto é entre ele e eu.

—Não te verei morrer outra vez —disse Talon devagar, acentuando cada palavra.

—E eu não serei manipulada. Nem me renderei.

Talon girou e saiu feito uma fúria do clube, suas emoções ferviam.

Ele não podia fazer isto. Ele não podia.

Ele tinha que deixá-la ir.



Era pelo bem de ambos.

Sem olhar atrás, foi para sua motocicleta. Subiu, mas antes que pudesse arrancá-la, Sunshine o pegou por braço.

—Não vais desfazer te de mim assim.

Lhe mostrou suas presas.

—Não entende que sou?

Sunshine tragou. De repente tudo o que Psique lhe havia dito teve sentido. Ele não era Speirr, o líder de sua gente. O pequeno moço assustado que tinha convertido seu coração em pedra para viver. O homem que tinha roubado o coração da Nynia e logo a tinha reclamado como nenhum outro poderia.

Este era Talon, o Caçador Escuro que passava a eternidade protegendo a estranhos do escuro mal na noite

Ela o amava muito mais.

Ele fazia que seu coração cantasse. Sem ele, jamais poderia imaginar um futuro.

Ela não sabia como vencer tudo o que se interpunha entre eles, mas valia a pena lutar por ele.

—Sei que é, Talon. É o homem que nasci para amar. O único homem que nasci para amar.

—Não sou um homem. Não mais.

—Você é meu e não te deixarei sem lutar.

Talon não sabia o que fazer. O tom de sua voz o traçou.

Ele queria espreme-la e abraçá-la para sempre.

Ele queria apartá-la e amaldiçoá-la. Fazer que o odiasse.

Ela deu um passo para seus braços e o beijou profundamente.

Talon gemeu ante o sabor dela. Embora sabia que não devia, ele a atraiu atrás de sua moto e arrancou, logo partiram no tráfico.

Com seu amor e sua cólera mesclada, ele os conduziu fora da cidade, todo o caminho ao beirada de seu pântano. Todo o tempo o aroma e a sensação dela impregnando, fazendo suas emoções até mais voláteis. O corpo dela estava pressionado ao dele que era em tudo o que podia pensar.

Seu calor, seu amor.



Ele tinha que tê-la.

Incapaz de suportá-lo, entrou nos bosques e apagou o motor.

Sunshine estava um pouco temerosa do olhar selvagem dele enquanto a observava fixamente.

Seus olhos ardiam com o fogo e a paixão enquanto a agarrava e a beijava ferozmente.

Sua fome se derramou por ela, incitando-a. Ela estreitou seus braços ao redor de seus ombros enquanto ele a apoiava sobre o tanque de gasolina.

Ela nunca o tinha visto assim. Era como se todas suas emoções estivessem fora de controle, como se vivesse só para tocá-la. Ele beijou seu pescoço e seu rosto enquanto suas mãos afrouxavam sua blusa para que ele pudesse tomar seus seios em suas mãos.

Ele era selvagem e indômito e lhe pareceu que tinha mais de duas mãos. Era como se a tocasse por toda parte ao mesmo tempo.

Ela o desejava desesperadamente. Desejava com a mesma necessidade que ele tinha por ela.

Ela beijou seus lábios, esfregando-se contra seu virilha, enquanto passava sua camiseta por sobre sua cabeça. Ela deslizou suas mãos sobre a ampla extensão de seu peito, sentindo seus músculos agrupar-se e flexionar-se.

Ele empurrou sua saia por cima de seus quadris.

—Necessito-te, Talon —sussurrou ela.

Talon queria possuí-la. Cada parte dele gritava por isso. Nunca em toda sua vida sentiu algo como isto. Tinha que entrar dela. Tinha que tocá-la. Tinha que sentir suas mãos sobre sua própria pele, seu fôlego contra seu pescoço.

Era uma necessidade tão poderoso que o sacudiu.

Ela o apalpou enquanto desabotoava suas calças, liberando sua ereção. Ele tremeu quando ela tomou entre suas mãos.

Ele se afogou ante o maravilhoso que se sentiam suas mãos sobre ele.

—Isso, Sunshine —sussurrou ele contra seu cabelo. —me leve pra casa.



Ela arqueou suas costas e com cuidado o dirigiu para o úmido calor de seu corpo. Talon grunhiu ferozmente ao senti-la.

Como um animal, fez-lhe o amor furiosamente.

Ofegando e débil pelo desejo, Sunshine o aferrou enquanto ele se esfregava contra ela até que esteve enjoada pelo prazer. Pela primeira vez desde que se encontraram, não ocultou suas presas a ela. Lhe deixou vê-lo como realmente era.

Deixou-lhe conhecer a besta indômita que habitava neste corpo de homem.

Seus olhares se encontraram, ela viu o êxtase em seu rosto enquanto ele se balançava entre suas coxas.

Ela tomou a cara dele entre suas mãos, hipnotizada pelo homem e o predador que ele era.

Toda sua vida tinha ouvido os contos de seres imortais, de vampiros tomando posse de suas vítimas.

Essa noite, ela queria ser dela.

Talon estava fora do controle com ela. Ele sabia. Com suas emoções surgindo, ele não podia pensar. Ele só podia sentir. Ela era seu foco. Seu tudo.

Seu aroma impregnava sua cabeça, cobrindo seu corpo, aumentando seus sentidos.

Ele ouviu o sangue que precipitar-se por suas veias, sentiu seu coração palpitando contra seu peito. O calor de sua suave e feminina pele, que se deslizava contra ele.

Toma-a!

Esse era a ordem selvagem.

Primário.

Exigente.

Se tivesse estado em seus cabais, teria se controlado. Como estava, ele não pôde.

Agora, ele era a besta que espreitava a noite. Seu único pensamento era tê-la, ele se deslizou profundamente dentro dela e logo afundou suas presas profundamente em seu pescoço.

Ele sentiu sua surpresa durante só um instante até que o completo êxtase sexual se derramou por ambos.



Seus corpos e mentes estavam unidos. Acoplados.

Ele sentiu cada pensamento na cabeça dela. Cada emoção. Cada medo. Cada alegria.

Ele viu que no profundo de seu coração ela temia que ele não a amasse tanto como tinha amado a Nymia. Que ele nunca a amasse tanto. Ele sentiu seu desespero e sua determinação.

Sobre tudo, ele sentiu seu amor.

Grunhindo com ferocidade, ele deixou que sua essência se derramasse sobre ele. Deixou-a gotejar-se em cada esquina de seu ser. Não havia mais segredos entre eles. Não mais onde ocultar-se.

Ela estava tão nua para ele como ele o estava para ela.

E o amor dela por ele era o sentimento mais incrível que alguma vez tivesse experimentado.

Talon se empurrava profundo enquanto sua cabeça e corpo explodiam. Seus orgasmos foram tão ferozes que não pôde manter a motocicleta direita. antes que ele soubesse o que tinha passado, eles estavam sobre a terra, ainda enredados enquanto recuperavam o sentido.

Sunshine lhe olhou sob a luz da lua, com sua roupa desarrumada e adoração em seu rosto.

Em sua mente, ela ainda podia ouvir os pensamentos dele. Seu medo de perdê-la, sua necessidade de protegê-la.

Ela viu sua culpa porque tinha permitido morrer a sua irmã. Sua necessidade corrigir o que tinha feito mal com a Nynia.

A tristeza e a pena que viviam dentro dele como companheiras constantes.

Sobre tudo, ela viu sua necessidade de tê-la. Sua necessidade de não lhe falhar.

Ela sentiu seu poder e força, que eram diferentes ao que ela se imaginou. Ele era um predador.

E ele era o homem que ela amava. que a amava e o que estava disposto que a fazer qualquer coisa por ela.

Inclusive entregar sua própria vida.

—Amo-te, Talon —suspirou ela.



Talon não podia acreditar o que tinha feito enquanto esfregava sua mão contra o pescoço dela e tirava os signos reveladores de sangue. Seu gosto impregnou sua mente, seus sentidos.

Zarek tinha tido razão, era o mais incrível vôo que jamais tivesse conhecido. E agora que ele tinha visto dentro de seu coração...

Deuses, o que tinha feito?

Em um momento de paixão descuidada, ele tinha semeado as sementes da destruição de ambos.

CAPÍTULO 16

Ela não parecia fixar-se no fato que ele a tinha mordido, o que era uma coisa muito boa.

Mas ele não podia tirar de sua mente.

O gosto dela.

Os sentimentos dela.

O amor dela.

Isto o atormentaria para sempre.

Sunshine foi ao banheiro a arrumar-se enquanto ele acendia o abajur de seu escritório.

Uns segundos mais tarde, alguém bateu na porta.

Talon tirou seu srad de sua bota. Os visitantes não vinham freqüentemente a sua casa.

—Quem é?

—Sou Ash, Celta. Não tenha um ataque ao coração.

—É Acheron ou Styxx?

—É T-Rex e não levo óculos de sol.

Preparado para um truque, Talon abriu a porta com cuidado. Realmente eram os "velhos olhos horripilantes" e não parecia contente.

—O que faz aqui? —perguntou Talon.



—Daimons Brigões. O que passa contigo?

Ele entendeu o sarcasmo e a condenação na voz do Ash.

—Havia Daimons aqui? Onde?

—Eles atacaram a guarida dos Katagaria e fui ajudar ao Vane e ao Fang.

Talon se estremeceu ante as notícias. Ele deveria ter estado aí para ajudar a lutar. Maldição, havia fodido esplendidamente.

—Estão bem?

—Não. Sua irmã e seus cachorrinhos foram assassinados na briga.

O coração do Talon se estremeceu ante as notícias. Essa era uma dor que conhecia muito bem. Os irmãos estariam devastados com sua perda.

—Homem, sinto muito.

—Então, onde estava?

antes que pudesse responder, Ash respondeu por ele.

—Espera, isso sei. Estava no Santuário luzindo seus poderes ante um ônibus completo de turistas japoneses que estavam armados com câmaras digitais e videocâmaras. Felicidades, amigo, tornamo-nos globais.

Talon se cobriu a cara com a mão.

—OH Cristo, diz a sério?

—Pareço que estou brincando?

Não, ele parecia realmente de saco cheio.

—Não posso acreditá-lo —disse Talon.

—Você? Você não pode acreditar? Eu sou o que tem que ir ante a Artemisa para te salvar o rabo. Ela já está fudidamente revoltada com o Zarek, agora como infernos lhe explico que o Senhor-frío-tranquilo-e-calmo estava fazendo sua versão do Homem Arranha em um bar carregado de turistas para terminar sendo a atração principal nas notícias de Tóquio como amostra do que está mal na cultura americana? —Pergunta. Quantas regras tem quebrado em menos de um minuto? —prosseguiu, —o pior de tudo, agora tenho ao Nick que me chama, querendo saber por que ele tem que manter tudo em segredo enquanto tipos como vocês



correm por aí expondo-se a si mesmos ao azar. O pequeno idiota até quer um aumento porque ele pode guardar um segredo enquanto que nenhum de vocês pode.

—Posso te explicar.

—Bem, estou esperando.

Talon tentou encontrar uma razão para o que tinha feito.

Não havia nenhuma.

—Bem, não posso explicá-lo. me dê um minuto.

Ash estreitou seus olhos.

—Ainda estou esperando.

—Estou pensando.

Sunshine saiu do banheiro, logo empalideceu assim que viu o Acheron. Ela pegou um dos machados do Talon da parede e foi para ele.

Acheron o pegou em sua mão enquanto ela o balançava sobre sua cabeça.

—Ei!

Sunshine se deu volta para o Talon.

—Ele é quem me seqüestrou!

—Não o fiz —disse Acheron suscetivamente enquanto se liberava de seu apertão.

—Este é meu chefe, Sunshine. Acheron.

Ela formou um pequeno O com sua boca.

—Vane me disse que os dois pareciam iguais. Ele não estava brincando. Embora agora que estou um pouco mais tranqüila, realmente te parece muito a ele. Ele era horripilante, mas você... você é realmente horripilante.

—Se tivesse mais tempo, tomaria como um elogio completo — Fez ao Talon um gesto de mando. —Fora, Celta, assim podemos terminar nossa conversação.

Talon não gostava de ser mandado, mas neste caso não tinha nenhuma opção.

Ele realmente o tinha quebrado e Ash tinha direito a expressar-se.

Talon os tinha posto a todos em uma situação muito má.



Ele saiu para parar-se sobre o molhe onde Ash esperava com as mãos sobre seus quadris.

A cara do Ash estava salpicada pela fúria.

—Sabe, realmente tive uma noite maravilhosa hoje. Consegui dizer ao Julian e ao Kyrian que Valerius está na cidade e passei, OH não sei, três, quatro horas tentando impedi-los de ir atrás do romano. Então, justo quando podia me relaxar e fazer meu trabalho, descubro que há Daimons no pântano e Talon não está aqui para matá-los. E por que não estava Talon aqui? Porque Tarzan se balançava de um balcão para salvar sua Jane da Chita. Agora, tudo o que posso fazer é ficar aqui e dizer por favor próximo fiasco, aqui mesmo...

Talon o olhou iradamente.

—Não tem que ser tão sarcástico. Sei que a fodi, está bem?

—Não, fode-lo foi te encontrar sem suas calças no apartamento de Sunshine. Isto é um pouco mais de grande que só fode-lo.

—Não vou desculpar-me pelo que fiz.

Um tic apareceu em sua mandíbula enquanto Ash olhava à distância.

—Há muitas coisas que vão passar até manhã de noite. Muitos fatores desconhecidos. Que sabemos que não é bom.

—Tenho ao Julian e ao Kyrian, que querem pôr a Valha em uma caixa de pinheiro. Valha, que não quer levantar um dedo para ajudar a alguém que não descenda dos Romanos. Dois lobos cheios de vingança pelo que passou esta noite, Zarek que está mais louco que nunca, e que atualmente é o mais procurado de Nova Orleans. Nick que grita que renuncia porque está farto de limpar atrás dos psicóticos. Uma deusa zangada quem vai querer a cabeça de todo o mundo por isso. E o único Caçador que tenho, que é confiável, é você.

Ash fez uma pausa e o olhou com um brilho severo nos olhos.

—E amigo, sem ofender, mas não foste confiável estes dias.

—Estou bem, T-Rex.

—Não, Talon, não está. Esteve te balançando nas vigas e



golpeando a inocentes humanos devido a Sunshine. Não só arriscou a ti mesmo, mas também a todos nós e aos Peltiers só por proteger a uma mulher de que machucassem seus sentimentos. Onde estava sua cabeça?

A cólera abriu passo através dele.

—Não sou um menino, Ash. Sei o que priorizar.

—Normalmente, faz. Mas pensa com seu coração, não com sua cabeça, e isto fará que matem a todos. Somos Caçadores Escuros, Talon, não sentimos.

Em qualquer outro momento, concordaria com isso, mas neste momento Talon sentia uma enorme e frustrante raiva. Ele não necessitava deste sermão. Conhecia os riscos e os perigos ainda melhor que Ash. Sabia mais que ninguém o que estava em jogo.

—Tenho sob controle.

—Você? —perguntou Ash. —Porque de onde estou parado, não o faz. Desobedeceste-me diretamente quando te disse que mantivera a Sunshine aqui. Fez pactos com os Katagaria e com o Eros, e esse não é seu lugar. Você não tem esse tipo de deveres, Talon. Tem alguma idéia como pode acabar isto?

—Tive que fazê-lo. Tenho que proteger a minha esposa. Não me preocupa o que custe.

—Sua esposa? —Ash sacudiu sua cabeça. —Talon, me olhe.

Talon o fez.

Ash lhe olhou fixamente atentamente, seu olhar fixo frio e insensível.

—Sua esposa está morta. Ela morreu faz mil e quinhentos anos e foi enterrada em sua pátria. Sunshine não é Nynia.

Talon rugiu com sua cólera e dor. Não era verdade. Sunshine era sua esposa. Ele o sentia. Ele sabia. Ela era tudo o que lhe importava.

Tudo o que importava.

antes que pudesse pensá-lo duas vezes, ele atacou ao Acheron. Pegou a garganta do Atlante entre suas mãos e o sacudiu, tentando fazê-lo entender.

—Ela não está morta! —rugiu. —Maldito seja, ela não está



morta.

Ash rompeu seu afeto e usou seus poderes para imobilizá-lo.

Talon riu e grunhiu enquanto tentava liberar-se, mas foi inútil.

E naquele momento, compreendeu quão longe tinha ido.

Tinha atacado ao Acheron.

O pensamento lhe esclareceu mente. Ash tinha razão. Se não se acalmasse e se controlasse, poderia obter que matassem a todos.

A todos eles.

Ash suspirou e o liberou.

—Talon, tem que tomar uma decisão. Os Caçadores Escuros não têm mulheres. Não temos famílias. No final do dia, não temos a ninguém, mais que a nós mesmos. Nossa responsabilidade, nossa única responsabilidade, é a população que não pode proteger-se dos Daimons. Tem que manter a cabeça fria.

—Sei — Talon respirou entrecortadamente.

Ash assentiu. Então seus olhos trocaram a um estranho tom de prata, profundo.

—me diga o que quer fazer. Quer que apresente uma solicitude a Artemisa por sua alma?

Talon pensou nisso. Agora mesmo, ele estava de pé frente a um dilema que nunca tinha pensado confrontar. Nem uma vez em toda sua existência de Caçador Escuro tinha ousado a sonhar que Nynia retornasse.

Que ela...

Ele fechou seus olhos e se estremeceu.

Nynia não voltou. Acheron tinha razão.

Nynia estava morta.

A mulher que agora mesmo estava em sua cabana não era sua esposa.

Ela era Sunshine. Uma mulher vibrante, humanitária quem tinha fogo e guelra.

Ela poderia ter a alma de sua esposa, mas era alguém mais. Alguém que ele não queria viver sem.



Alguém a quem não se atrevia a conservar.

Ele sentiu como se seu coração se fizesse em migalhas. Sunshine era humana. Com tempo, ela poderia esquecê-lo e ter outra vida. Alguém mais a quem amar

O pensamento o perfurou, mas tinha que fazê-lo.

De todas formas, ele a perderia. Ao menos desta maneira, ela teria uma possibilidade de felicidade que não a mataria.

—Não —disse Talon tranquilamente. —Não quero reclamar minha alma sabendo que perderei Sunshine pela ira do Camulus. Não quero minha liberdade a esse custo.

—Está seguro?

Ele assentiu, logo sacudiu sua cabeça negando.

—Francamente, T-Rex, não estou seguro de nada — Ele o olhou. —Alguma vez amaste a alguém?

Acheron encontrou seu olhar estoicamente, e não respondeu à pergunta.

—Você sabe, o problema com a vida e o amor é que ambos são muito diferentes, enquanto a gente poucas vezes o é. Se conhecer esta mulher e realmente a amas, isso não merece a possibilidade de obter a liberdade para tê-la?

—Mas se a perco...

—Isto é um se, Celta. Parece-me que o único certo é que se você ao menos não tenta, então definitivamente a perderá.

—Mas se a deixar ir, ela ao menos estará viva.

—Da maneira em que você viveste desde do dia que Nynia morreu?

—Isso não é justo.

—Não me pagam para ser justo. Pagam-me para lhe dar patadas no rabo dos Daimons — Acheron soltou um suspiro cansado. —Sabe conheci faz séculos a um homem sábio na China quem me disse, "Aquele que deixa que as lágrimas o governem, tem medo de um mestre".

—Confúcio?

—Não, Minh-Quan. Ele era um peixeiro que estava acostumado a vender os melhores zong-zi que alguma vez foi feito.



Talon franziu o cenho ante o comentário inesperado. Assim era a coisa com o Acheron; realmente nunca sabia com o que ia sair.

—É um homem estranho, Acheron Parthenopaeus. me diga, o que faria se fosse eu?

Acheron cruzou os braços sobre seu peito.

—Eu nunca suporia ser outro que não eu mesmo, Talon. Não sou o que tem que agüentar as conseqüências de suas ações. Isso é algo que só você tem que fazer.

Talon suspirou.

—É possível lutar contra um deus e triunfar?

Seus olhos giraram embotados. Talon o olhou curiosamente. Havia algo no passado do Acheron que sua pergunta perturbava. Algo profundo e escuro, a julgar pela aparência da cara do Acheron.

—Os Deuses celtas e gregos se parecem muitíssimo às pessoas. Eles cometem enganos. E esses enganos são os que nos farão ou quebrarão ao final.

—Agora soa como um Oráculo.

—Arrepiante, verdade?

—Não arrepiante, somente irritante — Talon começou a distanciar-se dele.

—Talon.

Ele parou e se voltou para enfrentar ao Acheron.

—Para responder sua pergunta. Sim, pode-lhe ganhar batalhas de um deus. Mas é muito mais fácil negociar — O tom do Acheron lhe disse que falava com a voz da experiência.

—Como negociar com um deus que quer que sofra por toda a eternidade?

—Com muito cuidado, irmão. Com muito cuidado — Acheron jogou uma olhada à distância, ao pântano. —Você sabe, penso que pode estar perdendo de vista um ponto realmente importante.

—E isso é?

—A muito poucos de nós lhe dão uma segunda oportunidade para reclamar o que perdemos. Se Nynia voltou outra vez a ti,



talvez haja uma razão para isso.

Acheron desdobrou seus braços.

—Tem meu número, Celta. Se trocar de opinião sobre a petição, avisa-me. Mas tem que tomar rápido sua decisão. Necessito sua mente clara para amanhã de noite.

—por que me dá uma opção quando não a deu ao Kyrian? Pediu a Artemisa que desse sua alma a Amanda sem que ele soubesse.

Acheron se encolheu de ombros.

—Kyrian não tinha uma opção que fazer. Sem alma, Desiderius o teria matado. Sua vida não está em perigo se não recuperar sua alma, Talon. Somente seu coração o está. E como bem sabe, pode viver sem seu coração. Mas realmente quer?

Havia vezes quando ele seriamente queria que Acheron fosse o moço intrometido de vinte e um anos que parecia ser, e não um homem sábio de onze mil anos.

Esta era definitivamente uma daquelas vezes.

—vou levar Sunshine de volta à cidade comigo.

—Não —disse Talon automaticamente. —Ela fica aqui onde posso protegê-la.

—Essa não era uma pergunta, Celta. Necessita um tempo longe dela para pensar. Tempo para esclarecer seus pensamentos antes de amanhã de noite.

Ele começou a argumentar, logo compreendeu que Ash tinha razão.

Ele ia ter que deixá-la ir de todos os modos. Ele bem poderia fazê-lo agora.

Isso seria mais fácil para ambos.

—Bem, irei procurá-la.

Sunshine soube que algo estava mal no momento em que viu que Talon atravessava a porta.

Seu rosto estava atormentada, seus olhos escuros.

—O que aconteceu? —perguntou ela.

—Acheron vai te levar de volta a seu loft — Sua voz era tão desapaixonada que fez que o estômago dela se contraísse.

—Já vejo. E você está de acordo com ele?



Abraço Noturno -

"Night Embrace"

Dark Hunters 4 -Talon e Sunshine - Sherrilyn Kenyon

—Sim, estou. Penso que é o melhor.

Mas ela não queria ir. A profundidade de quanto queria ficar assustava.

—Já vejo.

Tensamente, ela começou a juntar suas coisas. Mas dentro... por dentro estava morrendo.

Talon não podia suportar vê-la assim. Ele queria agarrá-la e escapar a um lugar onde ninguém pudesse encontrá-los. Mantê-la a salvo.

O único problema era, que ninguém podia ocultar-se de um deus.

cedo ou tarde, Camulus os encontraria e logo ela morreria.

Ele tomou sua mochila enquanto ela a alcançava.

—Tenho-a.

Ela assentiu, seus olhos brilhantes e luminosos.

Nenhum dos dois falou enquanto ele a conduzia ao exterior onde Acheron a esperava. Deu sua mochila ao Ash.

—Isto, uh... foi divertido, Talon —disse ela. —Verei-te outra vez?

Ele olhou ao Ash, quem o olhou com uma sobrancelha arqueada como se ele mesmo quisesse a resposta.

—Não —disse ele devagar.

Ela limpou a garganta, mas não falou. Em troca, caminhou rapidamente para o Acheron.

—Estou preparada.

Ash se distanciou e deixou que ela liderasse o caminho ao catamaran.

—Celta —disse ele, —se trocar de opinião sobre nossa discussão, me chame.

Talon assentiu.

Seu coração se rompia, enquanto olhava a Sunshine apertar o cinto. Ash ligou o barco e logo os dirigiu para o pântano.

terminou.

Ela tinha ido.

Sou a Escuridão. Sou a sombra.



Sou o Soberano da Noite.

Eu, só, entre a humanidade e os que a querem ver destruída.
Sou o Guardiã.

O Cuidador dos sem alma.

Nem Humano, nem Apolita, existo mais à frente do reino da
Vida, mais à frente do reino dos Mortos.

Sou o Caçador Escuro.

E sou Eterno... a não ser que ache um coração puro que nunca
me trairá. Um cuja fé e coragem podem me devolver minha alma e
me devolver à luz.

Se não fosse pelo Camulus...

—Não dão a todos nós uma segunda possibilidade para
reclamar o que perdemos. Se Nynia voltou, talvez haja uma razão
para isso.

Sofrendo, ele deu as costas à imagem da Sunshine o deixando
e voltou caminhando à cabana. Fechou a porta e olhou ao redor.

Havia tanto vazio agora que Sunshine se foi. Ela tinha
enchido sua casa de felicidade. Sobre tudo, ela o tinha enchido de
felicidade.

Seu olhar caiu sobre a sacola de cosméticos rosa sobre seu
escritório. Ela o tinha esquecido junto com sua escova e laços para
o cabelo.

Pobre Sunshine, ela sempre esquecia coisas.

—Speirr?

Ele se deu volta bruscamente para ver a Ceara ao lado dele.

—Lurach, está aqui para me julgar também?

—Não, meu brathair, estou aqui só para falar contigo.

—Sobre o que?

Ela estendeu a mão para ele e logo a deixou cair quando
recordou que eles não podiam tocar-se.

—Só quero te dizer antes de ir que cheguei a um acordo com
o deus Bran para nascer de novo.

Os pulmões do Talon se paralisaram.

Não podia mover-se.

Não podia respirar.



Ir-se a Ceara?

Não! A palavra se estalou através dele.

Ela não podia abandoná-lo. Não agora. Não depois de todo este tempo. Ela era o único consolo que lhe tinha ficado.

E ao mesmo tempo, ele não podia permitir-se lhe dizer isso. Lhe fazer saber quanto queria que ela ficasse.

Quanto necessitava que ficasse.

Se o fizesse, ela faria o que lhe pedisse e abandonaria seu futuro...

Ele nunca poderia ser tão egoísta.

—O que fez que esteja de acordo finalmente? —perguntou-lhe ele, tomando cuidado de manter seu tom de voz tranquilo.

—É o momento, Speirr. Quero viver minha vida outra vez. Para encontrar todas as coisas que não tive da última vez. Amor. Filhos. Inclusive um trabalho e uma hipoteca.

Ele não podia rir de sua tentativa de humor, não enquanto a dor dentro dele era tão crua. Tão debilitador.

Mas ele sabia em seu coração que ela tinha razão. Este era o momento para que ela tivesse as coisas que lhe tinham sido negadas todos aqueles séculos antes.

Ele queria que ela tivesse tudo isso e mais. Ela merecia toda a felicidade que a vida podia lhe trazer.

—sentirei tua falta.

—Eu sentirei sua falta também, meu brathair.

Lhe ofereceu um sorriso que sabia era vazio.

—Desejo-te todo o melhor, Lurach. Envio meu coração contigo.

—Sei, Speirr. Amo-te também, mas você tem a Nynia agora. Não estará só sem mim.

Sim, estarei. Porque tão pouco não posso conservá-la.

Ele cabeceou estoicamente.

—Sempre te recordarei, Ceara.

Com olhos tristes, ela suspirou com pesar.

—Melhor ir. Adeus, Speirr.

Talon se afogou com seu adeus. Ele não podia dizer a palavra.



Doía muito para dizê-la. Dizer faria muito verdadeiro e ele queria, desesperadamente, que não fosse verdade.

Ele queria que isto fosse um pesadelo da que poderia despertar.

Mas não o era. Isto era verdadeiro. Tudo isto.

Sunshine tinha ido.

Ceara tinha ido.

Ele não tinha a ninguém.

Sentindo-se abandonado, ele viu a Ceara desaparecer do quarto.

Seu coração se rompeu, afundou-se no chão sobre seus joelhos e fez algo que ele não tinha feito desde dia Nynia tinha sido enterrada.

Chorou.

Em sua mente, podia ver seu pai reduzido pelos Saxões enquanto o moço, Speirr, tinha mantido a sua mãe e suas irmãs a salvo dos cruéis guerreiros.

Ele viu sua mãe e a sua irmã doentes de uma devastadora varíola. viu-se si mesmo trabalhar para Gara tão duro como podia enquanto a anciã obtinha prazer em fazê-lo sofrer.

De noite, ele tinha se ocupado de suas irmãs. E durante aqueles últimos meses da vida de sua mãe quando ela tinha estado muito doente para cuidar-se por si mesmo, tinha tido que cuidar dela também.

Ele viu a Ceara como uma pequena menina inconsolável enquanto ele tentava tudo para cuidá-la. Recordou a Gara jogando-os na noite escura quando não tinham nenhum lugar aonde ir.

Tinha nevando aquela noite também, e em tudo o que pôde pensar foi manter a sua irmã viva.

Ela era tudo o que tinha.

E então ele a tinha levado pela tormenta de neve enquanto ela gritava e uivava. Por léguas de terra congelada até que teve encontrado às pessoas de sua mãe.

Por sua irmã, ele tinha pedido e tinha rogado e lhes tinha permitido golpeá-lo até que não se pôde manter em pé.



Ele nunca tinha pedido nada para ele.

Não antes que encontrasse a Nynia.

Ele a tinha tomado e a tinha feito dele, e por sua própria estupidez a tinha perdido.

Eles nunca poderiam estar juntos. Nunca.

Sou a solidão.

Sou a dor.

Talon bramou de cólera.

De repente, algo à direita chamou sua atenção. Talon franziu o cenho.

Havia algo se sobressaindo de sua cama.

Ele se moveu para isso e o pegou.

Seu coração deixou de golpear. Então começou a pulsar.

Sunshine tinha deixado a ele. Havia três paisagens pintadas à luz do dia.

Eram formosos, mas nem de perto tão formosos como a mulher que os tinha dado.

Uma mulher que lhe tinha dado os mais valiosos presentes de sua vida.

Ele encontrou uma nota intercalada entre duas das pinturas.

Abrindo-a, ele sentiu um nó em seu estômago.

Isto é o pântano tal como eu o vejo, mas o que não posso capturar no tecido é como eu te vejo.

Nenhum pincel ou pintura jamais mostrará o herói que é. Nunca serei capaz de retratar o som de sua voz quando sussurra meu nome. A forma em que minha pele se estremece quando me toca.

A paixão de você dentro de mim.

Amo-te, Talon. Sei que não posso te ter. Ninguém jamais pode domesticar a uma besta selvagem.

Você tem um trabalho que fazer e eu também. Só espero que quando pensar em mim, isto te trará um sorriso a seu rosto.

Amarei-te para sempre,



Sunshine

Ele releu a nota quatro vezes.

Durante séculos, ele tinha amado a Nynia. Mas o que sentia por Sunshine era muito mais.

"Sim, pode ganhar batalhas de um deus" as palavras do Acheron se abateram em sua mente.

Talon deixou escapar um fôlego entrecortado.

Sim, ele poderia ganhar. Ele sairia amanhã de noite e cuidaria do Mardi Gras para o Acheron.

Mas uma vez que isso se terminasse...

Ele ia convocar ao Camulus e terminar isto de uma vez por todas.

Para o alvorecer da quarta-feira, ele ou Camulus estaria morto.

CAPÍTULO 17

Sunshine não estava segura do que fazer com o Acheron enquanto entravam em seu loft.

Ele era magro e monstruosamente alto, e esses olhos...

Ela tremeu.

Algo sobre eles o fazia parecer como que podia ver diretamente através dela. Como que podia ouvir cada pensamento que ela tinha.

Ela deixou cair sua mochila ao lado da poltrona e o olhou dar uma volta ao redor de seu loft, como se assegurasse que ninguém estava aí, e ainda assim ela sentiu que era mais hábito que uma verdadeira necessidade de ter que verificar se estavam sós.

Ele tinha uma graça mortal ao andar. Longos passos de predador. Havia algo intrinsecamente sexual no Acheron. Algo premente, sedutor. Só de estar perto dele a fazia querer



estender a mão e tocá-lo.

Era como se ele exsudasse poderosos feromônios, e ao mesmo tempo, assustava-a. Ele era um letal e formoso animal que a parte selvagem de uma mulher tinha desejos de abraçar, ainda quando a outra parte sabia que era provável que ele te arrancasse o braço quando te devolvesse o abraço.

Ele era magnético e feroz e a fazia querer escapar pela porta.

Quando ele falou, o som poderoso de sua voz a fez saltar, mas o que mais a sacudiu foi quão erótica era sua voz. Era tão profunda que retumbava e cada sílaba que dizia mandava calafrios por sua coluna como uma carícia sedutora. Ela nunca tinha estado perto de ninguém cujo corpo completo e seu caráter parecessem ter sido feitos sem nenhum outro objetivo que atrair sexualmente às mulheres.

Moço, isso sempre funciona.

—Seu irmão, Storm, está lá embaixo, limpando. Poderia querer fazê-lo passar a noite contigo.

—Como sabe que Storm está lá embaixo?

—Só sei.

Ela franziu o cenho. Ele era até mais misterioso que sua avó.

—por que não fica?

—Quer que o faça?

Não, não realmente. Mas ela não queria ofendê-lo.

—Provavelmente tem coisas que precisa fazer.

Lhe dirigiu um sorriso hermético que parecia indicar que tinha ouvido sua resposta verdadeira.

—Então, boa noite, Sunshine.

Ele começou a enfiar para a porta.

—Acheron, espera — Ele fez uma pausa e a olhou. —Estou fazendo o correto deixando ir ao Talon? —perguntou ela. —Você o necessita, verdade?

Seus olhos de mercúrio a chamuscaram.

—Penso que tem que escutar o que sua avó te disse, Sunshine. Segue a seu coração.



—Como sabia sobre isso?

Lhe brindou com um indício de sorriso.

—Sei muitas de coisas.

Era um homem muito horripilante. Ela se perguntou se ele seria um membro perdido da família Addams.

Acheron deu volta e saiu por sua porta.

Sunshine ficou ali parada durante vários minutos, debatendo o que deveria fazer com o Talon.

Mas ao final, ela sabia o que seu coração exigia que fizesse...

tinha perguntado a Psique se era possível convocar a uma deusa. Não estava segura se Psique tinha sido honesta, mas havia só um modo de averiguá-lo.

—Artemisa —disse em voz alta. —Convoco-te em sua forma humana.

Nada passou.

Não houve nenhum som, nenhum grande brilho de luz.

Nada.

Deprimida, ela se dirigiu a seu dormitório.

—Quem é você? E por que me chamaste?

Ela se congelou ante o som da irritada, fortemente acentuada, voz atrás dela.

Ao girar, viu uma mulher incrivelmente alta, formosa, que se apoiava em seu sofá. Artemisa tinha um comprido e encaracolado cabelo castanho que rodeava uma cara angélica e vibrantes olhos verdes que não pareciam felizes de estar aqui. A deusa estava vestida com um vestido comprido e branco e estava com as mãos sobre seus quadris.

—É Artemisa?

—Deixe-me ver, me deixe pensar. Chamou a Artemisa ou ao Peter Pan?

Bem, Artemisa definitivamente não era uma pessoa amável. Ela dava um completo novo significado à palavra irritável.

—Chamei a Artemisa.

—Então já que não estou vestida de verde e tenho o corpo de uma mulher e não de algum moço pré-adolescente, suponho que



devo ser ela.

—Sempre é assim tão irritante?

—Você sempre é assim estúpida? — Ela cruzou seus braços sobre seu peito e dirigiu a Sunshine um olhar fulminante. —Olhe, pequena humana, não tenho nada de paciência para ti. Você não é uma de meus sujeitos e esse medalhão ao redor de seu pescoço me ofende enormemente. Tão só me diga o que quer, então posso te dizer que vá a merda.

Isso não pintava nada bem. A senhora - chefe do Talon era uma cadela de temer.

—Quero te perguntar se eu poderia recuperar a alma do Talon de você.

Ela inclinou sua cabeça ante a pergunta.

—Quer dizer Speirr dos Morriganes? O chefe celta que lhe tirei do Morrigan?

—Sim.

—Não.

—Não? —perguntou incrédula Sunshine.

—Há aí um eco? Não, humana, sua alma me pertence e não pode tê-la.

—por que não?

—Porque eu o digo.

Sunshine estava horrorizada. E furiosa com ela também. Artemisa nunca seria votada Miss Simpatia. A deusa necessitava alguns seminários de relações pessoais.

—Bem, então isso o faz oficial, verdade?

Artemisa arqueou uma sobrancelha arrogante.

—Pequena moça, tem alguma idéia de com quem ou o que está tratando?

Sunshine suspirou e rezou para ter paciência. Ela não podia permitir-se perder a compostura com a pessoa que possuía a alma do Talon. Não se ela o queria de volta.

Sem mencionar o pequeno detalhe que como era uma deusa, Artemisa provavelmente poderia desejar vê-la morta se ela a fazia zangar-se o suficiente.



—Sei, Artemisa. Sinto muito. Não pensava te ofender. Estou apaixonada pelo Talon e quero que tenhamos um futuro juntos. Eu faria tudo para mantê-lo comigo. Pode ou não entender isso?

A cara da Artemisa se abrandou um grau, como se ela pudesse identificar-se.

—Sim, entendo.

—Então posso...

—A resposta ainda é não.

—por quê?

—Por que nada neste mundo jamais é grátis. Se quiser sua alma de volta tem que ganhá-la ou pagar por ela.

—Como?

Artemisa se encolheu de ombros.

—Você não pode. Você não tem nada que queira ou valorize, portanto não tem nada para negociar.

—Ah, vamos, é a sério?

—Terrivelmente. —Artemisa cintilou em vapor e desapareceu.

Arre! Sunshine queria estrangular à mulher. Como podia ser tão egoísta?

—Artemisa! —gritou antes de poder deter-se— Realmente é uma merda!

Fechando seus olhos, Sunshine suspirou. O que devia fazer agora? Não havia nenhuma maneira que a vaca egoísta deixasse ir a alma do Talon alguma vez.

O que foram fazer?

Amanda Devereaux-Hunter despertou às sete e trinta da manhã. Ela jogou distraidamente uma olhada ao relógio e fechou seus olhos, logo se sacudiu enquanto caía na conta da hora.

Eram as sete e trinta da manhã e sua pequena filha, Marissa, não tinha despertado para que a alimentasse às cinco.

Não muito nervosa, mas definitivamente preocupada com seu bebê, levantou-se e foi ao quarto dos filhos ao lado do seu.

Enquanto se aproximava do berço, seu coração parou.

Estava vazio.



Tinha só três semanas de vida, não havia nenhuma possibilidade que Marissa se tenha levantado e saído.

OH Deus, era Desiderius!

Ele havia retornado por eles!

O terror a apanhou com a idéia. depois de que ela e Kyrian tinham derrotado aquele monstro, ela tinha tido pesadelos que se repetiam, dele voltando de entre os mortos para vingar-se deles.

—Kyrian!

Ela correu de novo à cama e despertou a seu marido.

—O que acontece? —perguntou ele grunhosamente.

—É Marissa. Foi-se.

Kyrian se sentou, agora totalmente acordado.

—foi aonde?

—Ela não está em seu berço. Não sei onde está.

Ele saltou da cama e pegou suas calças do chão. Sem esperar Kyrian, Amanda correu pelo chão de acima, seu coração palpitando.

Onde poderia estar seu bebê?

A idéia de perder a sua filha era o pior dos pesadelos.

Ela se precipitou escada abaixo para ver se a porta de rua estava aberta. Se talvez alguém tivesse entrado e a tivesse tomado.

Ao entrar na sala de estar, Amanda ficou paralisada. Chocada até o mais profundo, ela fixou seu olhar na imagem mais incrível que alguma vez tivesse contemplado.

Acheron jazia sobre o sofá de couro com a Marissa abraçada placidamente sobre o topo de seu musculoso peito, sob seu queixo.

Um punhado de fraldas estava sobre a mesa ratona com uma mamadeira de leite vazia.

O alívio e a incredulidade a alagaram simultaneamente.

Quando tinha conhecido ao Acheron fazia pouco mais de um ano, ele tinha sido a coisa mais aterradora que ela alguma vez tivesse visto. Um homem imbuído de incríveis poderes e contradições, ela não tinha dúvida que ele poderia desejar esquecer-se de todos eles e agora aí estava, com sua pequena filha embalada meigamente em suas mãos enormes.



—É algo... —A voz do Kyrian se acalmou quando, também, viu. Ela levantou a vista sobre seu ombro.

—Eu não sabia que Ash gostasse dos bebês.

—Nem eu. Pela maneira incômoda em que esteve comportando-se com a Marissa em casa, assumi que não gostava.

Kyrian tinha razão. Ash não tinha feito outra coisa que evitar estar perto da Marissa tanto como o fora possível. Sempre que ela gritava, ele em realidade se deslizava e fazia uma saída precipitada. Amanda nunca tivesse adivinhado que em realidade gostava de sua filha.

Cruzando o quarto, ela se aproximou da bebê.

Ash despertou com um olhar tão selvagem e feroz que ela se afastou com um ofego audível.

Ele se sentou sobre o sofá, mas não se moveu mais.

Ele piscou enquanto olhava ao Kyrian e a ela.

—Lamento —sussurrou Ash. —Não me dei conta que era você.

—Eu somente ia tomar em meus braços.

Ele jogou uma olhada para baixo, a Marissa quem ainda dormia dentro do refúgio de suas mãos.

—Ah. Devo ter dormido enquanto a fazia arrotar.

Ele a deu a Amanda e o modo em que o fez lhe disse muito. Acheron tinha uma perícia que dizia que tinha dirigido a um bebê mais que só umas vezes.

—Espero não te haver assustado —disse ele desculpando-se. —Ela estava chorando quando entrei e fui acima a me assegurar que estava bem — Ele parecia estranhamente pálido, como se os gritos de bebê fossem de algum modo dolorosos para ele.

—Já que os dois ainda dormiam, pensei, filhos, que lhes daria um descanso.

Amanda se inclinou e o beijou na bochecha.

—É um bom homem, Ash. Obrigado.

Um olhar cheia de dor cruzou seu rosto enquanto se afastava dela. Ele se levantou da poltrona e recolheu sua mochila do chão.

—Irei à cama.

Kyrian o deteve quando entrou no vestíbulo.



—Está bem, Acheron? Parece um pouco comovido.

Ash riu disso.

—Quando alguma vez estive comovido?

—Bom ponto.

Ele aplaudiu ao Kyrian no ombro.

—Só estou cansado.

—Sim, eu me perguntava onde esteve ontem. Nunca voltou a dormir.

—Tinha algo do que me ocupar. Algo que não podia esperar.

Amanda suspirou.

—Sabe, Ash, um dia vais ter que aprender a confiar em alguém.

—boa noite, Amanda —disse Ash.

Ele inclinou sua cabeça ao Kyrian e se dirigiu à escada.

Amanda se uniu a seu marido quando Acheron desapareceu acima.

—Não posso acreditar que o conheça há dois mil e cem anos e que saiba tão pouco sobre ele, que até não pode me dizer sua verdadeira cor de cabelo.

Ele se encolheu.

—Ash é tão autônomo e controlado que duvido se alguém alguma vez saberá algo mais que seu nome.

Sunshine jazia em sua cama quando já ia avançada a manhã, recordando o profundo som da respiração do Talon enquanto dormia. Recordava como gostava de manter seu joelho aninhado alto entre suas coxas, seu braço cobrindo possessivamente seu peito com sua mão esquerda enterrada em seu cabelo.

Como sentia falta dele.

Então, seus pensamentos foram à deriva para o passado. Longe em sua outra vida...

—Não vá, Speirr. Há algo mau nisto. Sei.

Zangado, ele tinha atirado seu braço para liberar o de seu afeto.

—Eles assassinaram a meu tio, Nynia. Destroçaram-no ante



meus próprios olhos. Não descansarei até que tenha me vingado.

Como Nynia, ela também tinha tido medo de perdê-lo por pressionar dessa maneira. Ela sempre o atrasaria em todas as coisas. Ele era seu marido. Mas em seu coração, ela sabia que ele estava a ponto de pôr a perder assuntos que nunca se imaginou.

E ela tinha tido razão.

Tal como sabia de algum modo que essa noite poria tudo a perder de uma ou outra maneira.

E se perdia Talon?

Ela não podia pensar mais nisso, não podia pensar em levar adiante sua vida sem ele.

Ela jogou uma olhada ao redor de seu loft, a todas as coisas familiares.

Desde dia em que se divorciou do Jerry, todo que ela tinha querido era sua carreira, sua arte.

Agora, só com suas coisas, estas não pareciam muito importantes para ela.

Sua arte não a abraçava de noite. Não a fazia rir ou seduzia. Não fazia que seu corpo ardesse com o desejo ou tremesse com os orgasmos.

Não pegava ao Jerry no nariz por ser um idiota.

Só Talon o fazia.

Só Talon poderia fazê-lo.

Seu olhar se deteve no dispensador do Snoopy enquanto as lágrimas fluíam.

—Não posso deixá-lo ir.

Se só soubesse como conservá-lo.

Zarek se sentou na esquina obscurecida da sala de estar, escutando que fora, a cidade estava despertando. Ele deveria estar dormindo, descansando para a noite que ia vir, mas parecia que não podia encontrar a paz que necessitava.

Seu telefone soou.

Ele respondeu para encontrar ao Dionísio ao outro lado.

—Está preparado para esta noite?



Zarek tomou um gole de vodca antes de responder.

—Sempre estou preparado para causar problemas.

—Bem. Como Talon está agora sobre o Styxx, requer-se um pouco mais de esforço para os preparativos desta noite. Necessitarei-te para conseguir que Sunshine se separe do celta e que me traga ela. Ela tem que estar no depósito às onze e trinta. Agora descansa e esteja preparado para matar Talon e ao Valerius.

Isso poderia fazer sem problema.

—Que acontece Acheron?

—Deixe-nos isso —O telefone ficou mudo.

Zarek abandonou seu telefone celular e voltou sua atenção à vodca. Ele já tinha bebido três quartos da garrafa. Era uma pena que os Caçadores Escuros não pudessem embebedar-se. Em realidade, nem sequer podiam embotar-se. O único prazer induzido que podiam obter era do sangue humano.

Fechando seus olhos, ele recordou à mulher que tinha provado ontem à noite. Ela tinha estado cheia de paixão. Risadas. Inclusive amor. E ali durante um curto tempo ele não havia sentido outra coisa que a dor aninhada dentro dele.

Ele apoiou sua cabeça para trás contra a parede e terminou o vodca, deixando que seu terso sabor incendiasse sua garganta.

E enquanto se sentava ali, só, ele não podia menos que perguntar-se que sabor teria Sunshine.

Talon se levantou só para cheirar o aroma de terebintina sobre seus lençóis. Deveria ter lavado, mas não podia pensar em perder o último rastro dela

Ele queria a seu Sunshine. Necessitava-a.

E ela estava perdida para ele para sempre.

Suspirando, levantou-se, tomou banho e se vestiu, logo se dirigiu à cidade.

Esta noite decidiria tudo.

Tão logo o sol se pôs, ele montou sua motocicleta e se dirigiu para o Santuário onde Ash lhe havia dito que se encontrariam.



Em vez de encontrar-se no mesmo bar, ele foi ao edifício do lado que também pertencia ao clã urso.

Unido ao bar por uma porta fechada na cozinha, o outro edifício era onde os ursos e certos were-membros do pessoal viviam. a casa estava equipada com um hospital provisório completo, com um doutor e um veterinário.

O santuário era mais que só um bar. Era uma zona segura para qualquer Escuro ou para qualquer Were-Hunter que necessitasse ajuda.

Quando Talon foi admitido no salão da casa Peltier, os quadrigêmeos Peltier já tinham sido enviados a patrulhar a multidão do Mardi Gras procurando Daimons.

Julian e Kyrian estavam encerrados em uma cela acima onde Mama Peltier os protegeria até a manhã. Inclusive no salão, Talon poderia ouvi-los ameaçando matando ao Valerius, quem se apoiava na chaminé com um sorriso sarcástico em seu rosto.

Nick estava sentado em uma cadeira cheia, comendo um saco de batatas fritas e Eric St James sentado sobre o sofá, olhava fixamente ao vazio.

De quase trinta anos, Eric parecia muito mais jovem. Ele tinha comprido cabelo negro e era outro do grupo gótico.

Ele tinha entrado em sua comunidade como uma segunda geração de Escudeiros, mas tinha preferido o status do Dorean, o que significava que não servia a nenhum Caçador em particular. Ele servia a alguém que o necessitasse.

—Acheron, melhor me deixar sair daqui —gritou Kyrian de cima. —Ouve-me?

—Fala como se perdeu a festa —disse Talon ao Ash, quem estava de pé com suas costas contra a parede mais afastada.

—Não tem nem idéia. Decidi que era o melhor manter ao Kyrian e ao Julian encerrados até amanhã. Já chamei e disse a Amanda e a Grace que não se preocupassem com eles.

—Realmente desejo que os solte —disse Valerius ao Ash.

Ash não se incomodou em responder.

Em troca, ele olhou fixamente ao Talon.



—Você quase parece normal esta noite. Te vais manter assim?

—Disse-te que poderia me conter. até agora, está funcionando.

Quando Ash deu um passo adiante para falar, Talon caiu na conta que Zarek não estava em nenhuma parte que pudesse ser visto.

Ele estaria acima também?

—Onde está Zarek? —perguntou ao Ash.

—Tenho-o protegendo a Sunshine.

Isso destruiu sua calma.

—Com um inferno! —rugiu Talon.

—Confia em mim, Talon. Acredito que Zarek fará o correto.

A resposta do Talon foi enfática.

—Não confio nele. Absolutamente. E depois disto, não estou seguro de confiar em ti.

—Já basta de discutir —disse Ash. —Só faz como te disse e tudo deveria resolver.

—Deveria? —perguntou Talon.

Quando Ash falou, havia uma nota estranha de sua voz que fez ao Talon perguntar-se quanto mais Ash sabia do que lhes dizia.

—Temos intuits, Talon, mas o humano pode ser manipulado. Se cada um o fizer como foi instruído, então as coisas deveriam resolver do modo em que eles o propõem.

Talon apertou seus dentes.

—E se não o fazemos?

—Todos estaremos fodidos.

—Cristo, Ash —disse Nick sarcasticamente, —é verdadeiramente um maldito consolo.

Ash lhe jogou um olhar sardônico.

—tento sê-lo de todos os modos.

A resposta do Nick foi simples.

—Pois engana admiravelmente.

Talon ainda fervia.

Ash falou com todos eles.



—Necessito que cada um saiba que temos uma noite realmente sinistra a nossa frente. Parece que Dionísio e Camulus combinaram suas forças para tentar e conseguir reabilitar-se ante todos seus deuses.

—Como pensam fazer isso? —perguntou Valerius.

—Os dois não são o bastante fortes para fazê-lo sós. Eles necessitam o poder de um terceiro deus para ajudá-los.

—Que deus? —perguntaram todos eles simultaneamente.

—Apollymi.

—E quem demônios é Apollymi? —perguntou Talon. Jamais tinha escutado sobre ela.

Uma comissura da boca do Ash se levantou ironicamente.

—Ela é uma velha deusa que remonta a meus tempos. Uma que tem poderes sobre a vida, a vingança, e a morte. Os Atlantes se referiam carinhosamente a ela como a Destruidora.

—parece-se ela ao Hades? —perguntou Valerius.

—Ah não —disse Ash sinistramente, —esta deusa faz que Hades pareça um Boy Scout. Apollymi remata a suas vítimas com um martelo de ferro e comanda um exército de demônios mau formados. A última vez que alguém a liberou, pragas e sofrimento impregnaram o mundo e ela enviou Atlântida diretamente ao fundo do mar. Ela se dirigiu através da Grécia, deixando devastado o país inteiro, e atrasando culturalmente milhares de anos antes que finalmente fosse devolvida a sua cela. A Destruidora soltará o santo inferno sobre esta terra. Começando com Nova Orleans.

—Ah bom —disse Nick sarcasticamente— Justo o que eu gosto de saber dessas coisas.

Ash não fez conta.

—Bom, e como tentam liberar à Destruidora? —perguntou Talon.

Ash suspirou.

—O único modo de fazê-lo é com o sangue de um Atlante.

—Seu sangue —disse Talon.

Era um pouco cantado, já que Ash era o único Atlante que estava vivo.



Ash assentiu.

—Na meia-noite, a soleira entre este plano e no que ela vive será o bastante fina para atravessá-lo. Se eles a soltarem...

—Alguém mais tem uma úlcera? —perguntou Nick.

Talon não fez caso a sua pergunta.

—Como os detemos?

—Com muita fé e fazendo exatamente o que lhes diga que façam.

Nick suspirou ante isso.

—Algun outro além de mim pensa que Ash está sendo um pouco muito vago a respeito de tudo isto?

Cada um exceto Ash levantou suas mãos.

—Não são graciosos —lhes disse Ash.

Ash contemplou ao Valerius.

—Necessito-te nas ruas com os Peltiers. Às onze e trinta, Dionísio planeja soltar a seus Daimons sobre a população para nos distrair. Mata a qualquer deles que encontre.

—Nick —disse Ash—, quero que você e Eric estejam preparados para mobilizar-se se forem necessários.

Os Escudeiros assentiram.

Ash pôs seus óculos de sol

— Talon, você fica comigo. Você e eu vamos atrás do Dionísio e sua equipe.

—Somente por curiosidade —disse Talon, —como sabe tudo isto?

Ash não fez conta.

—Bem, meninos —disse Ash, —saíam e cuidem das ruas.

—Só uma pergunta? —disse Eric.

—ok.

—Talvez estou sendo denso, mas por que estão estes tipos procurando o poder agora? por que não fizeram isto o ano passado ou em algum outro momento? por que esperaram?

A resposta do Ash não foi consoladora no mais mínimo.

—Esta não é a primeira vez que eles tentaram recuperar seus poderes. Esta é somente a melhor oportunidade de êxito que



tiveram.

—Bem —disse Eric devagar. —Então, o que aconteceu com seus poderes para começar?

Talon respondeu pelo Ash.

—Quando um deus deixa de ser adorado, seus poderes diminuem. Se um deus é derrotado por outro deus, então uma parte de seus poderes é absorvida pelo vencedor e ele perde sua capacidade de recuperar sua antiga posição.

Eric assentiu.

—Bem, uma última coisa. O que acontece se eles realmente recuperam seus poderes?

Ash olhou ao longe.

—Esperemos que não o averigüemos.

—por quê?

—Por que segundo o mito Atlante, a Destruidora, supõe-se, é quem causará o Telikos, o fim do mundo. Sem dúvida Dionísio e Camulus pensam que Apollymi estará tão embargada pela gratidão quando eles a liberem, que não pensará duas vezes em unir-se a eles e compartilhar seu poder com eles. O que eles não sabem é que houve realmente uma boa razão para que Apollymi fosse encarcerada pelos deuses Atlantes. Inclusive outros deuses temeram a ira de Apollymi, e no final, ela os matou a todos. Algo que façamos, não devemos deixar que escapam. Se eles a liberarem esta noite, todo que o conhece sobre esta existência mudará. Tudo.

—Temos que salvar ao mundo —disse Talon. —Outro dia na vida.

Ash suspirou.

—E não se esqueçam que temos coisas que fazer.

Talon assentiu, mas em seu coração, ele sentia não poder ver Sunshine uma vez mais.

Ele não queria morrer sem ver seu rosto outra vez.

O dever, como incomodava.

Valerius saiu primeiro.

Talon, Nick, e Eric saíram pela porta de atrás com o Ash



fechando a marcha.

Enquanto Ash deixava a casa, a porta se fechou de repente, apanhando o final da cauda de seu comprido abrigo negro.

Ash se deteve pelo puxão e amaldiçoou.

Nick uivou de risada ao ver o Acheron apanhado.

—Não agarre isso oh malvado que esta dentro de você...

Ash arqueou uma sobrancelha.

A porta se abriu por si mesmo, liberando seu casaco, então se fechou de um golpe outra vez.

Nick ficou sério imediatamente.

—E isto te põe de novo em seu lugar.

Ash revolveu o cabelo do Nick como um irmão mais velho.

—Cuida nossas costas e acalma os nervos da Amanda até que Kyrian retorne.

—Tem-no.

Ash e Talon abandonaram o ornamentado pátio e se dirigiram à multidão de turistas e vizinhos que eram tão espessos como a névoa.

Havia centenas de pessoas fora. Centenas quem não tinha nem a mais mínima idéia que o destino do mundo descansava nas mãos dos dois homens vestidos de negro que caminhavam devagar para eles.

Dois homens que estavam cansados esta noite. Desalentados.

Um porque fazia muito que tinha deixado de sentir algo exceto a pesada carga de suas responsabilidades.

Ash não queria nada mais que só um dia poder deitar-se e descansar.

Um dia para encontrar um momento de castigada comodidade.

Ele tinha passado a eternidade esperando uma segunda oportunidade.

Esperando para escapar dos restos de seu passado e a maldição que tinha feito de seu futuro.

Esta noite, ele tinha que enfrentar a seu irmão pela primeira vez em onze mil anos.

Os dois nunca tinham estado em um mesmo pé de igualdade.



Styx o tinha odiado do momento de seu nascimento.

Para o Ash, esta ia ser uma longa, longa noite.

Os pensamentos do Talon estavam em Sunshine. Na curva aprazível de seu rosto. A beleza de seu contato.

Estava ela pintando em seu loft?

Estava pensando nele?

—Amo-te.

Suas palavras se rasgaram por ele.

Talon apertou seus dentes, desejando estar tocando-a. Esperando que no final desta noite ela estivesse a salvo do Camulus para sempre.

—Fé, Talon —disse Ash como se conhecesse seus pensamentos.

—Estou tentando.

Talon suspirou.

Sua própria morte não lhe importava. Era Sunshine a que não podia permitir morrer.

Certo ou errado, ele se ocuparia disso, e quando chegasse a manhã ela estaria a salvo.

Sem importar o que custasse.

CAPÍTULO 18

Sunshine seguiu as indicações do Zarek para ao Distrito Warehouse, mas chegar ali através do pesado tráfego não tinha sido fácil. Eles provavelmente poderiam ter caminhado mais rápido.

Normalmente o tráfego não a tinha incomodado; entretanto, Zarek não estava exatamente amistoso, e entre seu humor ácido e os farristas bêbados na rua quem se mantinha cambaleantes no caminho, seus nervos estavam bastante alterados.

Ela não estava realmente segura por que eles tinham que sair essa noite, mas Zarek lhe tinha assegurado que Ash queria que ela



se movesse por segurança.

Lhe tinha prometido que Talon seria capaz de lutar melhor se soubesse que ela estava escondida do Camulus e Styxx.

—Desde quando foste Caçador Escuro? —Perguntou ela, tentando fazer algo para aliviar a tensão entre eles.

—Se não te importar, por que pergunta?

—Bem, na verdade é o Sr. Quente e Quieto, não?

Ele a olhou com frieza.

—Quando matas coisas para viver, isso te dá direito a deixar a calidez e claridade de lado.

—Talon não é assim.

—Bem, parabéns pra ele.

Ela grunhiu enquanto apertava de repente os freios para evitar golpear a um homem disfarçado como um touro. Ele golpeou o capô de seu carro e gritou, logo se precipitou através da rua.

Sunshine avançou outra vez, cada vez mais devagar, pára-choque-contra-pára-choque.

—Você não gosta de Talon, verdade?

—Desejo vê-lo morto cada vez que o vejo.

Ela franziu o cenho ante o tom enfadado do Zarek.

—Não posso me dar conta se pensa isso ou não.

—Penso.

—por quê?

—Ele é um estúpido e tive muitos estúpidos em minha vida.

—Também odeia ao Ash?

—Neném, odeio a todo mundo.

—Inclusive a mim?

Ele não respondeu.

A Sunshine depois de tudo não lhe importava isso. Havia algo realmente horripilante no Zarek. Algo frio e inalcançável. Era como se ele obtivera prazer no fato de afastar a todo mundo dele.

Ao menos passaram vinte minutos antes que Zarek a impressionasse fazendo uma pergunta pessoal.

—Está apaixonada pelo celta, verdade?

—Sim.



—por quê? O que tem ele que te faz preocupar-se por ele?

Ela sentiu que Zarek estava perguntando algo muito mais profundo que isso. Era como se o conceito de amor fosse tão alheio a ele que lutava por lhe encontrar sentido.

—Ele é um bom homem que me faz rir. Ele me olha e me derreto. Quando estou com ele, parece que posso voar.

Zarek girou sua cabeça, afastando a dela e olhou à multidão do Mardi Gras lá fora.

—Alguma vez estiveste apaixonado? —tentou ela outra vez.

Outra vez, ele não respondeu. Em troca a dirigiu a um depósito sobre a rua St. Joseph.

O lugar era escuro e imponente.

—Isto é aonde se supõe que vamos? —perguntou.

Ele assentiu.

Ela estacionou em um beco atrás do edifício, e abandonaram o carro.

Zarek a conduziu por uma porta de atrás e por uma série de escadas. Abriu uma porta ao final de um vestíbulo e a deixou entrar primeiro.

Sunshine deu um passo para dentro. A primeira vista, pensou que o alto homem loiro era Acheron com uma nova cor de cabelo. Mas quando viu o Camulus parado a seu lado, soube que não o era.

Era Styxx quem estava de pé entre o Camulus e um homem moreno que ela não reconheceu.

Sunshine se deu volta para correr.

Zarek fechou a porta sinistramente e tomou posição bloqueando-a. A expressão de seu rosto lhe disse que não tinha nenhuma intenção de deixá-la passar.

—Vêem, vêem, disse a aranha à mosca —disse Camulus.

Sunshine levantou seu queixo enquanto enfrentava aos homens. Camulus era extremamente formoso, mas tinha um sorriso que era pura maldade.

Inclusive mais que Zarek e isso era difícil de obter.

O homem que ela não conhecia era monstruosamente alto com o cabelo loiro e uma barbicha de cabrito. Ele tinha um aspecto



extremamente refinado, de alguém bem educado.

—vou arriscar me a supor que você é Dionísio —disse Sunshine, recordando o que Selenia lhe havia dito uma vez sobre o deus patrono do Mardi Gras.

Ele riu como se sentisse adulado por que ela o conhecesse.

—Culpado.

Camulus soltou um comprido suspiro.

—Ela é tão brilhante. É quase uma vergonha matá-la. Mas... OH bem.

—Não pode lhe fazer mal —disse Zarek da porta— Me prometeu que não seria danificada se a trouxesse aqui.

—Então menti —disse Dionísio. —me desculpe.

Zarek começou a dirigir-se ao deus, mas Sunshine o deteve. Ela não estava realmente segura de por que tinha feito isso, só lhe pareceu que ele era a coisa mais próxima a um aliado que tinha naquele quarto.

Ela se voltou para o Camulus, sabendo exatamente como ele planejava fazer mal ao Talon essa noite.

—Não vou deixar-te me matar em frente do Talon.

Todos eles riram. Todos exceto Zarek.

—Você não pode nos deter —disse Camulus.

Zarek jogou uma olhada para ela, logo o voltou a fazer enquanto seu olhar escuro caía sobre seu colar.

—Uh, deuses, penso que vocês esqueceram algo.

Dionísio curvou seu lábio.

—Não esquecemos nada.

—OH, bem —disse Zarek sarcasticamente, —então vocês devem estar preparados para saber que ela leva um Medalhão de Sinal.

Eles ficaram sérios imediatamente.

—O que? —Camulus grunhiu.

Sunshine tirou o colar de sua avó de entre sua camisa e o sustentou ante eles. Ela realmente não podia acreditar que poderia lhe ajudar, mas vamos, algo neste ponto valia a pena o intento.

—Minha avó disse que a Morrigan sempre me protegeria.



Camulus amaldiçoou.

—Ah, isto não está bem. —Ele amaldiçoou outra vez.

—Essa coisa realmente funciona? —sussurrou ao Zarek.

—mais do que supõe —ele sussurrou atrás. —Ele não pode te matar sem fazer zangar ao Morrigan.

—Bem, quem o diria? —disse ela assombrada pelo conhecimento. —Bem.

—Sim —Zarek assentiu. —Melhor que uma cruz com o Drácula.

Ela sorriu.

—Isto também trabalha contra Dionísio? —Ele assentiu. — Ah, isso está bem. Muito, muito bem. Okay, então, vamos conversar.

—Conversar sobre o que? —Dionísio riu.

—Não contigo. Com ele — Ela indicou ao Camulus com a cabeça. —Quero falar sobre a maldição do Talon.

Os olhos do Camulus arderam contra ela.

—O que tem isso?

—Quero que a tire.

—Nunca.

Lhe apresentou seu medalhão.

—Faça O... —Ela deu uma olhada de lado ao Zarek. —Isto tem algum poder de lhe fazer dano?

—Só se ele te faz mal primeiro.

Maldição. Que tipo de amparo era isso? Ela precisava ter uma conversa com quem quer que esclarecesse coisas.

Um brilho interessado aliviou os olhos do Camulus. Ele a olhou como se o aborrecesse.

—Ah bem, já que não posso te matar, imagino que terei que contentar matando ao Talon em troca.

O terror a consumiu.

—O que?

Camulus se encolheu de ombros despreocupadamente.

—É bastante chato deixá-lo viver felizmente para sempre quando minha intenção era fazê-lo sofrer. Já que você não pode



morrer, terá que ser ele.

Sua mão tremeu enquanto sustentava o medalhão em um repentino apertão suarento.

—Artemisa não se zangará se você matar a um de seus soldados?

Ele olhou ao Dionísio, quem se pôs-se a rir.

—Artemisa, querida como é, definitivamente se preocuparia. Entretanto, ela não começará uma guerra com o panteão celta por isso. A diferença de mim, Cam está a salvo de sua ira.

—Não é legal isto? —Camulus perguntou.

Sua risada feliz desdisse suas palavras horríveis.

Sunshine quis gritar. Isto não podia estar passando.

Por salvar-se a si mesmo, tinha condenado ao Talon a morrer.

Não! Ela não podia deixar que isso passasse.

—Bem, tem que haver outro caminho.

Camulus estreitou seus olhos como se estivesse pensando no assunto.

—Possivelmente o haja. me diga, Sunshine. Quanta a felicidade significa Talon para ti?

—Tudo —disse ela sinceramente.

—Tudo. Bem, isso certamente é muito. —Seu olhar se tornou aço gelado, espantoso— Isso significa tanto como sua própria alma?

—Sunshine —disse Zarek. —Não o faça.

—Você, cale-se —grunhiu Dionísio.

Zarek fez ranger seus nódulos.

—Não me diga o que fazer. Eu não gosto disso.

Sunshine não fez conta.

—O que me diz, Camulus?

Ele colocou suas mãos em seus bolsos e atuou despreocupadamente como alguém que estava conversando sobre o tempo, não selando a sorte do destino imortal dela.

—Um trato simples. Eu tiro sua maldição. Você me dá sua alma.

Sunshine vacilou.



Abraço Noturno -

"Night Embrace"

Dark Hunters 4 -Talon e Sunshine - Sherrilyn Kenyon

—Isso parece fácil.

—É.

—O que vai fazer com minha alma uma vez que a tenha?

—Nada absolutamente. Manterei-a comigo, justo como Artemisa mantém ao Talon.

—E meu corpo?

—Um corpo não necessita de uma alma para funcionar.

Zarek pôs uma mão sobre o ombro dela.

—Não o faça, Sunshine. Nunca pode confiar em um deus.

—Te asseguro que pode —disse Styxx. —confiar neles é a melhor coisa que fiz.

—Não sei —ela suspirou, procurando em seu coração e em sua mente, tentando decidir o que deveria fazer.

Acheron e Talon estavam de pé na rua lotada. Havia gente por toda parte, a maior parte deles bêbados enquanto celebravam o Mardi Gras.

Talon deu uma segunda olhada a um homem que dançava ao lado dele levando um fralda grande e um falso par de asas de ouro. Seu cabelo comprido loiro estava amarrado atrás com uma corda de ouro e sustentava um arco em uma mão e uma garrafa do Jack Daniel`s na outra. Bêbado, o homem arbitrariamente disparava suas flechas de ouro sobre as pessoas que passava junto a ele.

—Eros! —disse Talon bruscamente, agarrando o arco dele. —O que faz?

—Divirto-me.

Acheron deslizou um menos divertida olhar sobre "o traje" do Eros.

—O que é esse traje?

Eros se encolheu de ombros.

—Se não poder vencê-los, te una a eles. Eles esperam ao Cupido em um fralda, então aqui estou, um lindo Cupido em uma fralda — Ele lançou um braço sobre os ombros do Talon. O deus estava tão bêbado que mal nem podia sustentar-se em pé só. — Né!, averigüei algo interessante. Dion formou uma equipe com



outro deus para as festividades de esta noite. E acreditaria, que é o mesmo tipo sobre o que me perguntava? Como se chamava, Camululu?

Talon ficou frio ante o nome.

—Camulus?

—Sim, ele. Ouvi Dion dizer que se reuniria com sua mulher e que o Caçador Escuro psicótico da Alaska ia entregar-lhe.

Seu sangue ferveu, Talon afastou ao Eros e empreendeu a viagem de volta para seu carro.

Acheron o pegou. Pelo aspecto da cara do Ash, ele pôde dar-se conta que isto não era nada que Ash já não soubesse.

—Talon...

—Sabia! —Talon grunhiu ante a traição. —Como pôde?

Ash lhe dirigiu um olhar duro.

—Está bem, Talon.

—Como o inferno. —A raiva o pegou com força. Como pôde Acheron havê-lo traído? Como pôde pôr Sunshine nas mãos de um homem que ele sabia que ia entregar a um deus que queria castigá-lo?

—Maldição, maldito seja, cria do diabo!

Ele golpeou ao Acheron diretamente na mandíbula.

Ash tomou o golpe sem estremecer-se, mas quando Talon se moveu outra vez para ele, ele apanhou sua mão.

—Isto não serve para nada.

—Isto me faz sentir melhor.

Ash o pegou pelo ombro de sua jaqueta de couro e o sustentou imóvel.

—me escute, Talon. O único modo de salvá-los aos dois é manter seu controle. Confia em mim.

—Estou farto de confiar em ti, Ash. Especialmente quando não é recíproco. me diga que passa aqui e por que enviou ao Zarek sabendo que a ia entregar.

—Assim é como se supõe que sejam as coisas.

A raiva o derrubou. Ele não era nenhum filho para ser exortado sobre o destino.



—Quem demônios é você para dizer isso? Não é um deus, ainda quando pretende sê-lo com seus vagos comentários de rabo e horripilantes poderes. Você não conhece o futuro mais que eu – grunhiu Talon. —Se ela morrer por me ajudar, matarei-te.

—me escute, Celta –disse ele bruscamente. —Se quer romper a maldição do Camulus, os dois têm que enfrentá-lo juntos esta noite. Este é o único tiro que jamais terá para te liberar.

Ao Talon não gostou de nada disso. Condenado Ash por seu segredo.

—Onde estão eles?

—Estão em um depósito. Se te acalmar, levarei-te. A noite está longe de terminar, Talon. Olhe dentro de você e acha a paz que estava acostumado a ter. Se não a encontrar, estará perdido antes que comece a lutar.

Talon o fez, mas isso era difícil. Quase impossível. Mas não tinha nenhuma opção. Ele tinha que acalmar-se ou seria inútil para o Sunshine.

Quando sua cabeça estivesse clara, Acheron o deixaria ir.

—te acalme — A voz pareceu vir de dentro da cabeça do Talon.

Ash colocou uma mão sobre seu ombro.

Um instante eles estavam sobre o Bourbon Street, ao seguinte estavam fora de um depósito.

—O que fez? —Talon perguntou, perguntando-se quantas pessoas os tinha visto desaparecer.

—Faço o que tenho que fazer. Não se preocupe, ninguém nos viu partir ou chegar. Não cometo esse tipo de enganos.

Talon o esperava.

Ash sustentou a porta aberta para que ele e Talon entrassem no edifício.

Eles estavam a metade de caminho do quarto principal quando uma coisa semelhante a um relâmpago cintilou de cima. Os gritos rasgaram o ar.

Talon perdeu sua tranquilidade e saiu disparou pelas escadas com o Ash entusiastamente sobre seus calcanhares.



Eles se precipitaram por uma porta e quase foram atropelados pelo Zarek que estava vestido de sangue e levava a Sunshine em seus braços.

—Que diabos? —Talon perguntou, aterrorizado pela visão. — O que lhe passou?

Antes que Zarek pudesse responder, a porta voou de seu marco.

—Corram! —Zarek gritou.

Ninguém teve a possibilidade. Um enxame de demônios alados entrou voando ao quarto. Talon amaldiçoou. Ele nunca tinha visto nada como eles. Eram da cor do ferrugem e chiavam como espíritos malignos enquanto voavam para eles.

Eles tinham três caudas de farpas que dirigiam como chicotes.

Acheron sustentou suas mãos em alto e os fez estalar com a energia elétrica. Eles retrocederam, mas seguiram vindo.

—Tirem Sunshine daqui —ordenou Acheron.

Eles se dirigiram de novo à escada só para encontrar ao Daimons que subiam.

Talon tirou dois srads, tirando quatro das criaturas, mas nem sequer isso os fez diminuir.

—Estamos rodeados.

Acheron falou em uma língua que Talon não podia entender. Os demônios fizeram uma pausa e voaram ao redor como se aturdiram por sua ordem.

—Isto não deterá os demônios por muito tempo —gritou Ash, sua voz apenas perceptível sobre o bater etéreo das asas e os trovões.

Ash levantou suas mãos e os Daimons entraram correndo no que aparentava ser uma barreira invisível entre eles.

Talon conduziu Zarek abaixo ao vestíbulo esperando encontrar outra saída do edifício.

Ele empurrou abrindo uma porta a um quarto menor.

—Acredito que ela está morrendo — A voz do Zarek enviou uma frieza elétrica por ele.



—Ela não está morrendo.

—Talon, penso que ela morre –repetiu ele.

Esquecendo aos demônios, Talon a tirou dos braços do Zarek e a pôs com cuidado no chão.

Seu rosto estava tão pálida que o sacudiu.

—Sunshine? –sussurrou ele, seu coração ressonando. —Bebê, pode me olhar?

Ela o fez, mas em vez da vibração que ele estava acostumado a ver, viu a dor e profundo arrependimento.

—Está livre, Talon —ela sussurrou. —Fiz romper a maldição.

—O que?

—Ela negociou sua alma com o Camulus para que te liberasse — Zarek curvou seu lábio a ele. —Disse-lhe que não o fizesse, que era um truque. Mas não me escutou e assim que ela acessou, o bastardo lhe disparou.

Talon se afogou.

—Não! —ele rugiu a ambos. —Sunshine, por quê?

—Ele disse que te mataria. Pensei que somente tomaria minha alma, Talon. Eu não sabia que ele faria isto. Eu não sabia que ele não podia tomar posse de minha alma sem me matar primeiro.

Talon arrancou o medalhão do pescoço da Sunshine.

—Maldita seja, Morrigan —gritou ele, lançando contra a parede. —Como pôde abandoná-la também?

Ela pressionou sua mão fria contra os lábios dele.

—Shh, Bebê. Não diga isso. Isto é minha culpa.

—Disse-lhe que sempre havia uma armadilha. Mas ela não fez as perguntas corretas.

Os lágrimas desceram pelo rosto de Talon enquanto a olhava lutar por respirar. Uma e outra vez em sua mente ele recordou cada momento de seu tempo juntos, tanto nesta vida como na anterior.

Ele viu a cara brilhante e sensível da Sunshine a primeira vez que tinham feito o amor. Viu-a lutar com Beth por seu cavalete.

Ouviu-a cantar "Puff, o Dragão Mágico" enquanto rabiscava.

Ele tomou suas mãos nas suas e as beijou, com seu aroma de



pintura, terebintina, e patchouli. As mãos que criaram obras de arte impressionantes.

As mãos que poderiam rasgá-lo com um simples contato...

—Não vou perder-te outra vez —ele suspirou. —Não assim.

Zarek avançou.

—O que está fazendo celta?

—te afaste de mim.

Talon colocou suas mãos sobre sua ferida do peito e fechou seus olhos, forçou-se a acalmar-se, obrigando a suas emoções a que o abandonassem, e logo ele convocou seus poderes de Caçador Escuro, e deixou que se derramassem sobre ele. Sua força imortal permitida, levantou-se. Esta se inchou e se moveu de suas mãos para o corpo dela.

Seus braços ardiam enquanto ele absorvia sua ferida em seu próprio peito.

Normalmente, isto doía quando o fazia. Esta noite, a dor mutilava porque esta não era uma ferida pequena.

Esta era mortal.

Ofegando pela dilaceradora agonia de seu coração sendo perfurado, Talon caiu longe dela.

Sunshine ficou imóvel, esperando que a dor voltasse.

Não o fez.

Com medo de estar já morta, ela procurou o lugar em seu peito onde Camulus lhe tinha dado o tiro. Não havia mais uma ferida ali.

—Talon? —Ela se sentou para ver que Zarek o olhava fixamente a ele.

—OH Deus, não! —ela gritou enquanto via o Talon jazer no chão a sangrando. Ela se arrastou a seu lado e tomou em seus braços. —O que fez?

—Ele tomou suas feridas em seu próprio corpo —explicou Zarek. —Agora, em vez de morrer você, morrerá ele.

—Não, Talon, não! Por favor não morra —lhe pediu.

—Shh —Talon disse silenciosamente. —Está bem.

Ash atravessou correndo a porta, olhou-os e amaldiçoou.



—O que aconteceu?

—O celta absorveu suas feridas.

A voz do Zarek era apenas mais que um sussurro e cheia de incredulidade.

Algo golpeou a porta. Com força.

—Não se preocupe —disse Ash. —Tenho um escudo sobre o quarto. Os deuses não podem acontecer aqui até que eles o violem.

—Sim, mas da forma que vão, eles terão a porta derrubada em qualquer momento —disse Zarek. Ele empurrou ao Ash para o Talon. —Vê, tira o daqui. Cuido-te as costas.

—Está seguro? —Ash perguntou.

Zarek assentiu.

—Então me ajude, Escravo —grunhiu Dionísio do outro lado da porta, verei-te aniquilado por isso.

Zarek riu com frieza.

—Vêem, consegue alguns.

Ash abriu a porta sobre o lado oposto do quarto.

Sunshine estava aterrorizada. Ela não sabia o que acontecia. Ainda não podia acreditar que Zarek tivesse mudado e os estivesse ajudado. Tão pouco podia pensar na visão do Talon coberto de sangue.

Tudo passava tão rápido que queria escapar e esconder-se. Mas não podia.

Talon necessitava que fosse forte por ele e ela se recusava a lhe falhar.

Enquanto começava a afastar-se do Zarek, ele a chamou.

—Sunshine? —ela olhou para trás, a ele. —Obrigado pela tigela.

Então ele girou para esperar aos deuses, para interpor-se entre a barreira do Ash e a porta.

Assombrada por suas ações, Sunshine correu para ajudar ao Ash a levar ao Talon abaixo ao vestíbulo e dentro do último quarto à esquerda.

Ash o pôs com cuidado no chão, logo usou seus poderes para selar o quarto.



A mão da Sunshine tremia enquanto se ajoelhava ao lado do Talon. Ele estava pálido e tremia. Seu corpo inteiro estava coberto de suor e sangue.

—Resiste, bebê —sussurrou ela, sem estar segura se ele podia ouvi-la agora. —Ele é imortal, não? —perguntou ela ao Ash. —Ele estará bem.

Ash sacudiu sua cabeça.

—Seu coração está perfurado. Quando deixar de pulsar, ele morrerá. Outra vez. —Com cara severa, Ash levantou a vista ao teto. —Artemisa! —gritou ele —ponha seu rabo aqui, agora mesmo.

Um brilho de luz quase cegou a Sunshine enquanto a deusa aparecia ao lado dela.

Artemisa dirigiu um olhar furioso ao Acheron.

—Qual é seu problema?

—Necessito a alma do Talon. Agora.

Ela riu com incredulidade a ele.

—me perdoe, Acheron, mas não pagaste o preço por ela.

—Artie, ele está morrendo. Não tenho tempo para negociar.

Ela se encolheu de ombros.

—Então cura.

—Não posso e você sabe. Esta é uma ferida mortal de um deus. Não me permitem interferir com isto.

Sunshine sentiu um fluxo de ondulação elétrico pelo quarto.

A raiva obscureceu sua visão enquanto ela olhava fixamente a egoísta deusa. Sunshine começou a equilibrar-se para ela, mas Ash a pegou e a atirou para trás.

Sunshine tremeu de medo e de cólera.

—dêem-me isso agora. —A profunda voz do Acheron parecia como trovões. —Faz e te darei uma semana de submissão total.

Um brilho interessado obscureceu os olhos da Artemisa.

—Que sejam dois.

Sunshine viu a fúria e a resignação na cara do Ash.

—Feito.

Artemisa estendeu sua mão e uma grande pedra castanha apareceu em sua palma.



Quando Ash foi tomar a, Artemisa a afastou de seu alcance.

—Virá para mim ao amanhecer.

—Farei, juro.

Artemisa riu de satisfação, logo deu a pedra ao Ash. Ash se voltou para o Talon. Então, ele encontrou o olhar fixo da Sunshine.

—Sunshine, vais ter que tomar isto em sua mão e sustentá-lo sobre o sinal de marca até que sua alma volte para seu corpo.

Ela a alcançou, mas Talon pegou seu pulso. Ela não sabia que ele estava ainda consciente até que sentiu o debilitado apertão a seu braço.

—Ela não pode, Ash.

—Talon! —disse ela, zangada porque ele a detinha. —O que está fazendo?

—Não, Sunshine —sussurrou Talon, sua voz tensa. —Se isso tomas, vai deixar uma cicatriz em sua mão. Isto poderia te deixar incapaz de desenhar ou de pintar para sempre.

Seu maior medo.

Ela olhou dentro dos olhos cheios de dor do Talon.

Seu maior amor. Não havia nenhuma dúvida.

Ela pegou a pedra da mão do Ash, logo gritou enquanto esta chamuscava sua carne.

—Olhe aos olhos do Talon — Ela ouviu a voz do Ash dentro de sua cabeça. —E pelo bem do Zeus, por favor não deixe que se vá sua alma. te concentre...

Ela o fez e a dor diminuiu, mas de todos os modos podia sentir o fogo da pedra que chamuscava sua mão.

O tempo se deteve enquanto ela se olhava fixamente nos olhos de azeviche do Talon. As lembranças desta vida e da antiga misturas em sua mente. Ela recordou sua própria morte, ao Talon que a sustentava em seu final.

Ela se agachou e o beijou.

—Estou contigo, amor.

Talon tomou seu último fôlego e se relaxou. Seu próprio coração deixou de pulsar quando o terror cru a consumiu. Por favor, por favor, deixa que isto funcione!



Ash colocou sua mão sobre a marca de arco e flecha do Talon. Devagar, o calor se desvaneceu e a pedra trocou de apagada a colorida.

De todos os modos sua mão se queimou.

Quando esteve completamente fria, ela deixou cair a pedra e esperou.

Talon não se movia. Não respirava.

Ele jazia aí, completamente imóvel e sem lhe responder.

—Talon? —perguntou ela, todo seu corpo sacudido pelo medo de que ele tivesse morrido.

Justo quando ela esteve segura que ele estava morto, ele deu um fôlego profundo e abriu seus olhos.

Sunshine soltou um alegre grito enquanto olhava seus olhos de âmbar.

Ela o abraçou enquanto a porta atrás deles voava ao abrir-se.

Os Daimons, os demônios, e os dois deuses irromperam no quarto. Não havia nenhum sinal do Zarek em nenhuma parte. Ela só esperava que eles não o tivessem matado.

Talon se levantou de um salto e ficou entre Sunshine e outros.

Ash ficou de pé, preparado para lutar.

—É meia-noite —disse Dionísio com uma gargalhada. —Que comece a função.

Os demônios se moveram a um lado e no meio apareceu o "gêmeo" do Acheron.

—Olá!, Acheron —disse Styxx em um tom que não era quente nem de boas-vinda. —passou tempo muito verdade? Onze mil anos mais ou menos.

Talon conteve o fôlego. Ele não podia acreditar o que via.

Ele o tinha suspeitado, mas agora a realidade caía sobre ele. Ash tinha tido um irmão gêmeo todo este tempo.

por que o tinha oculto? E como podia Styxx ainda estar vivo e não ser um Caçador Escuro também? Isto não tinha sentido.

Styxx se aproximou do Acheron.

—Vá embora, Styxx —disse Ash severamente. —Não quero



te fazer mal, mas vou fazer o se me obrigar. Não te deixarei liberá-la.

Styxx encontrou o olhar fixo do Talon e riu.

— Isto se parece com alguma telenovela má, verdade? Gêmeo bom, gêmeo mau — Seu olhar furioso retornou ao Acheron. — Mas, não somos realmente gêmeos, ou não, Acheron? Somente compartilhamos o mesmo útero durante um tempo.

Styxx se moveu para estar de pé atrás do Ash, quem estava notavelmente tenso. Isso não parecia próprio do Ash permitir a alguém lhe fazer isso e ainda ele parecia estar congelado por alguma força invisível.

Styxx estava tão perto dele que apenas uma mão os separava. Eles não se tocavam.

Styxx se inclinou para frente para falar em um tom baixo perto do ouvido do Ash.

— Contar-lhe-emos quem é o bom do Acheron? Eu deveria lhe dizer qual de nós viveu sua vida com dignidade? Qual de nós era respeitado pelos Gregos e Atlantes e de quem riam?

Styxx estendeu sua mão ao redor do pescoço do Ash e a colocou no ponto exato onde a cicatriz do Ash com frequência morava.

Ele atirou ao Ash para trás contra ele para que poder sussurrar ao ouvido do Ash em uma língua que Talon não podia entender.

Ash ofegou como se estivesse nas convulsões de um pesadelo.

Seus olhos estavam atormentados e com o olhar ausente, sua respiração desigual. De todos os modos ele não se moveu para romper o afeto do Styxx.

Talon olhou, inseguro do que ele deveria fazer. Certamente Ash poderia dirigir isto. Ele nunca tinha conhecido nada que Ash não pudesse dirigir.

— Hei aqui, Acheron — disse Styxx em inglês, entre dentes apertados. — Recorda o passado. Recorda o que foi. Quero que volte a viver todo aquilo. Que volte a viver cada coisa asquerosa que alguma vez fez. Cada lágrima que fez verter a meus pais por



ti. Cada momento que tive que te olhar e me envergonhar de que levasse minha cara.

Talon olhou como lágrimas enchiam os olhos do Ash e tremia. Ele não conhecia que segredos ocultava Ash, mas eles deviam ser horríveis para afetar o de tal modo.

Pessoalmente, não lhe preocupava o que tivesse feito Ash em seu passado. Durante mil e quinhentos anos, ele nunca soube que Ash fizesse nada que não fosse caridoso e decente.

Segredos ou não, os dois eram amigos.

—Deixa ir —ordenou Talon.

Styxx levantou sua cabeça, mas se recusou a liberar o Ash. Ele apertou sua sujeição sobre a garganta do Ash.

—Recorda quando morreu, Acheron? A maneira em que meu pai e eu lhe encontramos? Nunca fui capaz de esquecê-lo. Cada vez que pensei em ti, essa é a imagem que tenho. É repulsivo. Asqueroso.

—Mata —pediu Dionísio, —e abre a entrada.

Styxx não pareceu ouvi-lo, sua atenção estava fixada no Ash.

Camulus se equilibrou para eles com uma adaga. Talon se precipitou e eles lutaram pela arma.

Os demônios atacaram enquanto Styxx seguia burlando-se e insultando ao Ash.

—Mata, Styxx —pediu Dionísio outra vez. —Ou perderemos a entrada.

Styxx tirou uma adaga do interior de seu casaco.

Esquecendo-se de sua luta com o Camulus, Talon tentou alcançá-los.

Mas não pôde fazê-lo.

Styxx levantou sua mão e dirigiu a adaga diretamente ao coração do Ash. Ele a enterrou até o punho.

Ash ofegou e arqueou suas costas como se algo o houvesse possuído. A adaga voou pelo ar, chocando-se contra uma parede em cima da cabeça do Dionísio. Luz saía da ferida, logo, chamuscando se fechou.

No próximo instante uma onda expansiva passou através do



quarto, golpeando a cada um e derrubando-os. Styxx foi jogado a um canto longínquo enquanto os deuses eram cravados ao chão.

Acheron se levantou do chão, para abater-se várias polegadas em cima deles.

Incapaz de estar de pé frente à força desconhecida, Talon engatinhou lentamente para o Sunshine e a sustentou perto para poder proteger a do que acontecia.

Ninguém poderia estar de pé. Nem sequer os deuses.

Relâmpagos de luz saíam disparados do corpo do Acheron, voando janelas e as luzes. Energia elétrica golpeava e assobiava tudo ao redor. Acheron pôs sua cabeça para trás enquanto os raios de luz trespassaram os seus olhos e boca. Eles pareciam emanar através dele e logo saíam, ao quarto, emitindo brilhos de luz.

O Daimons demônios e explodiram em um flash brilhante.

Um dragão alado pareceu sair da manga do Acheron e se formou redemoinhos a si mesmo ao redor dele como se o protegesse.

Ou possivelmente o devorasse.

Em toda sua vida, Talon nunca tinha visto nada como isso.

—O que é isto? —Camulus perguntou. —Styxx, o que fez?

—Nada. É isto a abertura do portal?

—Não —disse Dionísio. —Isto é algo completamente diferente. Ninguém me falou a respeito disto — Ele levantou a vista para o teto e gritou: Artemisa!

Artemisa apareceu e imediatamente foi jogada no chão com o resto deles.

Talon apertou sua sujeição sobre Sunshine, quem lhe pegou ferozmente enquanto tremia contra ele.

Artemisa olhou ao Acheron e seu rosto se ruborizou de cólera.

—Quem é o idiota que incomodou ao Acheron? —exigiu ela.

Os dois deuses indicaram ao Styxx.

—Idiotas! —grunhiu. —No que estavam pensando?

—Tínhamos que matar a um Atlante para liberar à Destruidora —disse Dionísio. —Acheron é o único que ficou.



—Ah, vocês são tão estúpidos! —soltou Artemisa. —Sabia que seu plano tinha que ser mau. Não podem matá-lo com uma adaga. Em caso de que não o tenham notado, ele não é humano. Onde estava seu cérebro?

Dionísio curvou seus lábios para ela.

—Como ia ou seja que seu mascote era um assassino de deuses? Que classe de idiota se ata a um de sua classe?

—Bem, vejamos, o que se supunha que tinha que fazer? —disparou Artemisa. —Ter sexo com o Sr. Todo Poderoso Assassino de deuses ou conseguir minha própria limusine do Mardi Gras e me estender com ele? —Ela apontou ao Camulus, quem parecia extremamente ofendido por seu comentário.

—Você é tão idiota —disse a seu irmão. —Não é nada assombroso que seja o deus patrono da fraternidade dos moços bêbados.

—me perdoem — Talon tentou cortá-los. —Vocês deuses poderiam enfocar-se por um segundo? Temos uma pequena situação aqui.

—OH, te cale —interrompeu Dionísio. —Eu sabia que deveria ter retornado quando te atropelei.

A mandíbula do Talon se afrouxou.

—Foi você o que me golpeou com a limusine?

—Sim.

—Demônios, moço —disse Camulus ao Dionísio. —Está caindo em profunda picada. Ontem deus grego... hoje condutor incompetente de limusine. Merda, e eu me conectei contigo? O que estava pensando?. Artemisa tem razão, que classe de idiota escolhe uma limusine para derrubar a um tipo para que possa ir casa com sua esposa morta? É afortunado de não havê-lo matado e fazer voar o plano inteiro.

—Ei!, alguma vez tentaste conduzir uma dessas coisas? Isso não é exatamente fácil. Além disso, ele é um Caçador Escuro. Eu sabia que isso não o mataria. Somente necessitava algo que o machucasse o suficiente para fazer que ela o levasse pra casa. Preciso te recordar que isso realmente funcionou?



Artemisa lhes grunhiu.

—É tão patético. Não posso acreditar que nós compartilhemos um genes em comum.

Ihe jogando um olhar de repugnância a seu irmão, Artemisa lutou contra a força invisível que os dominava. Como o resto deles, ela não podia alcançar ao Ash.

—Acheron! —chamou-Ihe. —Pode me ouvir?

Uma risada imaterial encheu o espaço.

Ash inclinou sua cabeça para frente e mais relâmpagos fluíram por ele. A besta parecida com um dragão apertou sua sujeição ao redor dele e cuspiu um fôlego ardente à deusa.

Artemisa tentou alcançar a perna dele, mas foi forçada a retroceder, a afastar-se dele.

—Vocês sabem, gente —gritou Camulus. —A idéia era de matar ao Acheron, liberar o Apollymi, e reclamar nossos estado de deuses. Não zangá-lo e acabar o mundo. Pessoalmente, não quero ser o chefe de nada. Mas se alguém não parar este cara, esse cântico que ele faz vai desfazer a vida como a conhecemos e acabar com o mundo.

—O que vamos fazer? —Sunshine perguntou ao Talon.

Só uma coisa veio a sua mente.

Ele tinha que trazer para o Acheron a seus cabais.

Talon beijou seus lábios, logo se afastou dela. Ele não tinha retornado da morte para recuperá-la, só para perdê-la agora.

Ele convocou o resto de seus poderes e Ihes permitiu que aninhassem nele. Ele não tinha mais sua imortalidade de Caçador Escuro, mas realmente conservava todos os poderes psíquicos que Ihe tinham dado.

Esperava que fossem suficientes.

Ele se levantou devagar de seus pés

Um raio de relâmpago veio para ele.

Talon o desviou. Ele se moveu devagar pelo torvelinho até que alcançou o lado do Ash. Enquanto se acalmava, ele parecia estar protegido da ira do Ash.

—Deixa ir, T-Rex.



Ash lhe falou em uma língua que ele não entendeu.

—Ele diz que te afaste ou morrerá —traduziu Styxx. —Ele está convocando à Destruidora.

—Não posso lhe deixar fazer isto —disse Talon.

A risada ressonou outra vez.

Querendo distrair ao Acheron do que estava cantando, e sem saber que mais tentar, Talon se precipitou sobre ele.

Pegou ao Ash aproximadamente pela metade e atirou para o chão. O dragão se arqueou em cima, chiando.

Talon não fez caso disso enquanto golpeava ao Ash.

Sunshine sustentou seu fôlego enquanto os olhava lutar. O edifício inteiro se sentia como se fosse a partir-se em dois.

O chão abaixo dela se sacudia.

Eles estavam encerrados juntos como duas grandes bestas primitivas e o destino do mundo dependia de quem ganhasse e ou de quem perdesse.

Ela sussurrou uma prece enquanto os olhava, intimidada pela beleza mórbida e a graça de sua batalha.

Zarek atravessou a porta, sangrando, e imediatamente foi arrojado para trás, contra uma parede.

Artemisa tentou outra vez alcançar ao Acheron e outra vez ele a atirou atrás enquanto lutava com o Talon.

—Darei-lhe o crédito ao moço —disse Camulus. —Sempre foi um lutador.

Talon deixou de lutar quando ouviu aquelas palavras.

“Nunca pôde aprender seu lugar, Speirr. Você nunca soube quando deixar sua espada e jogar limpo.”

Camulus tinha tido razão. até agora, Talon nunca sabido quando lutar e quando retirar-se.

Estar tranquilo era o que lhe tinha permitido alcançar ao Ash.

Então, ele recordou o que Acheron lhe havia dito na noite em que se feito um Caçador Escuro.

“Posso te mostrar como enterrar essa dor tão profundamente dentro de você que não te incomodará mais. Mas te advirto que nada é dado livremente e que nada dura para



sempre. Um dia algo virá para te fazer sentir outra vez e com isso, trará toda a dor dos anos sobre você. Tudo o que enterraste sairá e isto poderia destruir não só a ti, mas também a alguém perto de você."

Ele se perguntou agora para quem estavam destinadas essas palavras. Para ele ou para o Ash?

Ele levantou a vista ao Acheron e viu a fúria do homem que o atacava. Isto era o que Ash tinha querido dizer aquela noite.

Ambos tinham mantido tal controle sobre eles portanto tempo que sua fúria lhes cegava a razão. Isto os fazia atacar quando precisavam retirar-se e replantar a linha de batalha.

Fechando seus olhos, Talon convocou à calma tranquilizador, como Acheron lhe tinha ensinado.

Ash se precipitou sobre ele outra vez.

Desta vez, em vez de lutar, Talon o abraçou como a um irmão.

Possuindo de uma força e um poder que Talon nunca tinha conhecido antes, ele segurou suas mãos ao redor da cara do Ash e tratou que seu velho amigo o olhasse.

Os traços do Ash não eram mais formosos ou humanos. Eram os de um demônio torcido. Seus olhos estavam vermelhos de sangue e amarelos, e não havia nenhuma piedade neles. Eram frios. Viciosos.

As cores se formaram redemoinhos e dançaram como o fogo.

Talon nunca tinha visto nada como isto antes.

Quem sabia que Ash tinha esta força de poder?

Mas ele tinha que detê-lo.

De uma ou outra maneira.

—Acheron —disse com calma, devagar. —chega.

Ao princípio ele não pensou que Ash o tinha ouvido. Não antes que Acheron girasse sua cabeça para ver o Sunshine no chão.

—Talon —ele falou com voz rouca.

Os olhos do Ash piscaram, então ele olhou de novo ao Talon.

De repente outra onda de poder se disparou através do quarto, esta em direção inversa a do princípio. Era como se o poder solto retrocedesse dentro do Acheron.



O dragão subiu ao alto do teto, logo desapareceu.

Os traços do Ash se transformaram de novo na cara do homem que Talon conheceu todos esses séculos.

Ash piscou seus olhos agora de prata e olhou ao redor como se ele despertasse de um pesadelo.

Sem um só comentário, Ash se afastou um passo do Talon, envolvendo seu peito com seus braços, e caminhou através do quarto como se nada tivesse passado.

Ao passar ao lado da Artemisa, ela quis alcançá-lo, mas ele esquivou seu contato e seguiu andando.

Artemisa se dirigiu a seu irmão com um grunhido.

—Só espera até que Papai consiga pôr suas mãos sobre você.

—Eu? Ele sabia o que eu tinha planejado para esta noite. Espera até que eu lhe diga sobre o Acheron!

Artemisa curvou seu lábio.

—OH, te cale, só sabe relinchar — Ela levantou sua mão e o desvaneceu do quarto. Styxx se encolheu enquanto Artemisa lhe dirigia seu olhar fixo.

—Você —disse ela, seu tom grosso com aborrecimento.

Styxx trágou de forma audível.

—Como pode proteger algo como ele? depois de que morri, fui enviado aos Campos Elíseos enquanto ele foi...

—Não te concerne —ela disse, interrompendo. —Você e sua preciosa família, vocês lhe deram as costas e o condenaram por algo que não era sua culpa.

—Não era sua culpa? Por favor — Styxx tentou dizer algo mais, mas sua voz desapareceu.

—Assim está melhor —disse Artemisa. —Gracioso, vocês dois parecem crianças choronas. Agradeço ao Zeus, que Acheron não tem essa característica repugnante. Mas claro, ele sempre foi um homem e não um garotinho chorão.

Ela apoiou ao Styxx contra a parede.

—Não posso acreditar. Dava-te uma existência perfeita. Sua própria ilha, cheia de tudo o que alguma vez pudesse desejar, e o que tem feito? passaste a eternidade odiando ao Acheron,



tramando modos de matá-lo. Você não merece piedade.

—Não pode me matar —chiou Styxx. —Se o fizer, Acheron morre também.

—E amaldição o dia que os Destinos ataram sua vida à tua — Ela estreitou seus olhos sobre ele como se não quisesse nada mais que estilhaçá-lo, aí, onde ele estava de pé.

—Tem razão. Não posso te matar, mas posso te fazer viver no pior inferno que alguma vez pudesse imaginar.

—O que é o que vais fazer comigo? —perguntou Styxx.

Ela riu malvadamente.

—Já verá, pequeno humano, já verá.

Styxx desapareceu.

Artemisa se deu volta para enfrentá-los. Ela suspirou e pareceu acalmar-se evidentemente.

—Cuida da sua alma, Speirr —disse ao Talon. —Sabe que esta foi comprada para ti a um custo muito importante.

Então ela também desapareceu.

Isso os deixou a sós com o Camulus.

—Bem —disse Talon ao deus celta. —Parece que seus amigos lhe abandonaram.

Camulus suspirou.

—Que pena. Excesso, Guerra, e Destruição. Juntos, teríamos tido um grande tempo sobre a terra. Ah bem. Eu só terei que me lhe contentar tirando isso outra vez. depois de tudo, ela me deu sua alma e agora desejo reclamá-la e certamente, a coisa divertida sobre as almas, é que só podem ser reclamadas de um morto.

Camulus começou a aproximar-se dela.

Talon tirou seus srad, preparado para dar batalha.

De em nenhuma parte, um brilho iluminou o quarto. Este se converteu em uma forma que era quase tão querida para o Sunshine como para o Talon.

—Grammy? —Sunshine perguntou com incredulidade.

Sua avó deu um passo entre eles e Camulus. Ela se enfrentou ao deus celta com um severo cenho franzido.

—Não tema, querida, não tem nada...



Camulus estava horrorizado ante sua aparição.

—Morrigan? O que está fazendo aqui? Isto não te concerne.

—É obvio, que sim —disse sua avó transformada de uma pequena senhora anciã na formosa deusa da guerra que Talon tinha encontrado em seus dias como um homem mortal.

Talon estava gelado.

Sunshine balbuciou.

—Perdão? O que é isto?

Sua avó olhou a Sunshine desculpando-se.

—Não queria que soubesse desta maneira, pequena, mas Acheron e eu tínhamos que detê-los antes que soltassem ao Apollymi. E para conseguir liberar o Talon, necessitávamos aos dois aqui para enfrentar ao Camulus.

Talon ficou pasmado.

Ash sabia sobre tudo isto? por que não o havia dito?

Morrigan se voltou para o Camulus.

—Lamento, CAM. Por uma vez esqueceu ler a letra pequena. Esteve de acordo com o Bran para deixar que Nynia nascesse de novo de pais mortais para sua artimanha. Mas nunca especificou que seus avós deviam ser mortais também.

—Já que não pude ajudar ao Speirr a evitar sua maldição e seu pacto sem lhes declarar a guerra a ti e a Artemisa, pensei que o menos que poderia fazer era lhe devolver a sua esposa no corpo de alguém que não pudesse tocar. Nynia agora nasceu de novo como Sunshine, é a carne de minha carne, sangue de meu sangue. Como Speirr bebeu de seu pescoço, ele tomou meu sangue nele e agora ele, também, tem meu amparo.

Camulus amaldiçoou.

Sua avó enrugou seu nariz.

—Isto é péssimo, verdade? Não poder matá-la ou a ele, a não ser que queira lutar comigo.

Talon intercambiou um olhar atordoado com o Sunshine.

—Um dia, Morrigan. Um dia...

Camulus se desvaneceu do quarto.

A Morrigan suspirou, logo girou para enfrentá-los.



—Felicidades, filhos.

—Estou livre? —perguntou Talon, ainda incapaz de acreditá-lo.

A Morrigan assentiu.

—Com seus poderes de Caçador Escuro intactos.

Sunshine vacilou.

—Ele é ainda um Caçador Escuro?

—Não —disse sua avó. —Artemisa o liberou de seu juramento quando devolveu sua alma. Uma vez que os poderes psíquicos são outorgados a alguém, eles permanecem com ele para sempre.

Sunshine riu.

—Então ele pode sair na luz do dia agora?

—Sim — A Morrigan pareceu, de repente, incômoda. —A propósito, há algo que tenho que lhes dizer aos dois.

—O que? —perguntaram ao unísono, ambos com medo do que ela pudesse dizer.

—Por causa de como trabalha nosso panteão, vocês dois são...

—Ela se mordeu o lábio e retorceu suas mãos.

—Somos o que? —incitou-a Talon, aterrorizado do que vinha depois.

Quando se tratava com um deus, a gente nunca podia ser muito cuidadoso.

—Você é imortal a não ser que renuncie.

Sunshine piscou.

—O que?

Sua avó se esclareceu sua garganta.

—Você e seus irmãos nasceram imortais, doce. É por isso que ainda parece um bebê mesmo com trinta anos.

—Isto significa que Mamãe é imortal também? —perguntou ela.

—Não. Já que seu pai não o é, ela decidiu que renunciaria a sua imortalidade para envelhecer com ele. Mas já que era meu sangue a que lhe deu sua imortalidade, isto passou que ela a ti e logo depois de você ao Talon.

A alegria se abriu passo através do Talon.

—Quer dizer que nunca mais terei que vê-la morrer outra



vez?

—Nunca. A não ser que o escolha.

—OH, diabos, não —disse Talon, rindo.

—Acreditava-me nisso — A Morrigan se distanciou. —Bem, estou segura que têm muito que fazer. Como planejar um casamento. Ir fazer muitos bebês. —Ela tomou suas mãos nas suas e logo as pressionou juntas. —Espero um grande número de bisnetos de vocês dois.

Morrigan desapareceu, deixando-os para olhar-se fixamente o um ao outro maravilhados.

Sunshine passou a língua por seus lábios enquanto olhava para cima. Ela não podia acreditar tudo o que tinha passado essa noite.

Sobre tudo, ela não podia acreditar que tivesse Talon para ela.

—Então qual é nosso primeiro curso de ação?

Um familiar olhar entrou nos olhos cor âmbar.

—Tentar fazer um bebê?

Ela riu dele.

—Soa bem, mas provavelmente tomará o resto da noite retornar a sua cabana.

—Verdade, mas seu loft não está muito longe...

Sunshine riu.

—Não, não o está.

Ele beijou sua mão e logo a conduziu fora do quarto

Eles abandonaram o edifício e se mesclaram com a monstruosa multidão de celebrantes do Mardi Gras que se dirigiam pra casa. O coração da Sunshine estava leve enquanto eles caminhavam de mãos dadas, até alcançar a rua.

ficou sem fôlego, quando ela atirou Talon para trás enquanto uma gigantesca limusine por pouco o choca. Então ela pôs-se a rir.

—O que passa contigo e as limusines do Mardi Gras?

—Não são as limusines, amor, é você. Sempre que estar ao redor, todo o resto desaparece de minha vista.

Ela mordeu seu lábio travessamente.

—Se segue falando assim, definitivamente te levarei pra



casa, encerrarei-te, e atirarei a chave.

— Isso está bem para mim, somente te assegure de estar nua quando o fizer.

CAPÍTULO 19

Zarek olhou enquanto Talon e Sunshine desapareciam na multidão. Ele estava feliz por Sunshine, mas não podia entender o que eles sentiam o um pelo outro.

Ele nunca tinha conhecido nenhuma classe de amor.

— Merda — grunhiu, coxeando ao afastar do edifício.

Ele precisava retornar a sua casa da cidade.

— Dionísio virá por ti.

Ele fez uma pausa ante o som da voz do Acheron atrás dele.

— Então?

Ash suspirou enquanto se aproximava.

— Não podemos ter uma trégua?

Zarek se burlou do pensamento.

— por quê? O mútuo desdém nos fazem tão bem.

— Z, estou muito cansado para isto. me dê algo para usar com a Artemisa. Algo que lhe faça querer te dar outra oportunidade.

Zarek riu amargamente.

— Sim, claro. depois do que vi ali, francamente não esperará que acredite que ela atira de sua corrente, verdade? Tão estúpido pareço?

— As coisas não são sempre como parecem.

Talvez, mas Zarek não estava disposto que a aceitá-lo. Ele se havia fodido esplendidamente essa noite. No momento em que tinha atacado aos deuses, ele sabia que o fariam pagar.

Não é que isso lhe preocupasse.

Que viessem por ele.

— Olhe — disse, dando suas costas ao Acheron, — estou



cansado e faminto, e só quero me deitar até que minhas feridas se curem, de acordo?

—De acordo.

Zarek fez uma pausa enquanto um grupo de estudantes de colégio tropeçou, rindo e gracejando o um ao outro. Ele os olhou curiosamente.

Eles giraram na esquina e desapareceram.

Ele olhou a seu redor, aos turistas bêbados e a quão vizinhos gritavam e ovacionavam. Era quase a uma da manhã e de todos os modos a cidade estava viva e vibrante ainda quando a multidão tinha começado a dispersar-se.

—Quando volto? —perguntou Zarek, temendo a resposta.

—Amanhã. Nick irá recolher-te aproximadamente às duas. Ele terá uma caminhonete com vidros obscurecidos que possa te levar até a pista de aterrissagem sem te expor à luz do dia.

Zarek fechou seus olhos e se estremeceu ao pensar em voltar para a Alaska. Umas semanas mais e chegaria a primavera.

Ele estaria amarrado à casa outra vez.

Um brilho a sua esquerda chamou sua atenção. Três segundos mais tarde, um Daimon veio correndo atravessando a multidão. O Daimon mostrou suas presas e grunhiu ao Zarek como se não tivesse nenhuma idéia da quem enfrentava.

Zarek riu malvadamente, antecipando o que estava a ponto de fazer.

—O que é você? —perguntou o Daimon quando não conseguiu assustá-lo ou intimidá-lo.

Zarek torceu seus lábios.

—Ah por favor, me deixe te dar uma descrição de meu trabalho. Eu, Caçador Escuro. Você, Daimon. Eu golpeio, você sangra. Eu Mato, você morre.

—Não desta vez — O Daimon atacou.

Atuando por instinto, Zarek o pegou pela garganta e usou sua garra para matá-lo.

O Daimon se evaporou enquanto Valerius vinha correndo através da multidão.



O romano respirava com força e obviamente tinha estado perseguindo o Daimon por algum tempo. Valerius olhou ao Ash e inclinou sua cabeça, então jogou uma olhada ao Zarek e se congelou.

Zarek encontrou seu olhar chocado sem estremecer-se. Segundo as ordens do Ash, ele tinha barbeado a barba sobre seu queixo.

O reconhecimento obscureceu os olhos do Valerius enquanto estava de pé ali sem piscar.

Zarek lhe dirigiu um sorriso sardônico.

—Surpresa —ele disse tranquilamente. —Arrumado que não o viu chegar.

Sem outra palavra, ele se mesclou com a multidão, deixando ao Valerius e Acheron seus próprios finais.

VALERIUS

NOVA Orleans AO AMANHECER

Irmãos. A palavra pesava no coração do Valerius enquanto olhava fixamente o busto de mármore em seu vestíbulo. Essa era a cara de seu pai.

Essa era a cara de seu irmão.

Zarek.

A dor o atormentou enquanto estava parado ali tentando reconciliar o passado com o presente. por que nunca tinha visto a semelhança?

Mas ele sabia. Ele nunca havia realmente olhado Zarek antes dessa noite.

Escravo de baixa extração, Zarek tinha estado tão por debaixo dele que apenas lhe tinha dado uma olhada ao moço.



Só houve um tempo em suas vidas quando ele realmente o tinha visto.

Ele não podia recordar agora por que Zarek tinha sido golpeado. Em realidade, ele nem sequer podia recordar qual de seus irmãos tinha cometido o ato que tinha causado o castigo de Zarek. Tanto poderia ter sido sua maldade como a de outros.

Ele só recordava que essa era a primeira vez que ele tinha reconhecido ao Zarek como uma pessoa.

Zarek tinha estado sobre o chão empedrado, com seus braços cruzados sobre seu peito, suas costas nua, cheia de cicatrizes, ensangüentada e ferida.

O que mais tinha golpeado ao Valerius foi a expressão na cara do Zarek. Os olhos do moço tinham estado ociosos. Vazios. Nenhuma lágrima era evidente.

Valerius se tinha perguntado nesse momento por que Zarek não tinha gritado pelas chicotadas tão fortes, mas então se deu conta que Zarek nunca chorava.

O desventurado escravo nunca tinha pronunciado uma só palavra enquanto eles o golpeavam. Não importava o que dissessem ou fizessem, o moço tomava como um homem, sem soluços, sem rogos. Somente com forte e frio estoicismo.

Valerius não podia compreender tal força em alguém que era mais jovem que ele.

antes de compreender o que fazia, tinha estendido a mão e havia tocado um dos vergões sobre as costas do Zarek. Em carne viva e sangrando, pareciam tão dolorosos que lhe era impossível imaginar-se como se sentiria ter semelhante ferida, muito menos as costas inteira cheia delas.

Zarek não se moveu.

—Necessita... —Valerius se tinha afogado sobre o final da oração.

Ele tinha querido ajudar ao Zarek, mas sabia que ambos seriam castigados se alguém o visse fazer tal coisa.

—O que estas fazendo?

A voz zangada de seu pai fez que ele saltasse.



—E-e-eu estava me...me... olhando suas costas —respondeu francamente.

Seu pai tinha estreitado seus olhos sobre ele.

—por quê?

—Tinha c-c-curiosidade.

Valerius odiava como sempre gaguejava perto de seu pai.

—por quê? Pensa que isto o machuca?

Valerius também tinha tido medo de responder. Seu pai tinha esse olhar morto que freqüentemente aparecia em seus olhos. Um olhar que significava que o afetuoso e amante pai se foi e que o brutal comandante militar estava ali, em troca.

Por muito que amasse a seu pai, ele temia o comandante militar, quem era capaz de qualquer classe de crueldades a sangue frio, até contra seus próprios filhos.

—me responda, moço. Pensa que isto lhe faz mal?

Ele assentiu.

—E preocupa-se se isto lhe faz mal?

Valerius tinha piscado para afastar suas lágrimas antes que o traíssem. A verdade era que realmente lhe importava, mas ele sabia que seu pai voaria de raiva se ele alguma vez o desafiasse ao dizer isso em voz alta.

—N-n-não. Não me i-i-importa.

—Então demonstra.

Valerius piscou, de repente com medo do que isto significasse.

—Demonstrá-lo?

Seu pai tinha recuperado a vara do suporte e a tinha dado.

—lhe dê dez chicotadas mais, ou verá eu lhe dando vinte.

Com o coração doente e com sua mão tremente, Valerius tinha tomado o chicote e lhe tinha dado as chicotadas.

Não estando acostumado ao manejo de uma vara, ele tinha errado à costas do Zarek completamente. Suas chicotadas caíam sobre os braços e pernas sem cicatrizes do Zarek. Carne virgem que nunca tinha sido golpeada antes.

Pela primeira vez Zarek tinha gemido e tinha retrocedido



ante as chicotadas. Sobretudo ante a última chicotada que tinha talhado através do rosto do Zarek, diretamente debaixo de sua frente.

Zarek tinha gritado, tampando seu olho enquanto o sangue se escorria entre seus dedos sujos.

Valerius tinha querido vomitar quando ouviu seu pai elogiá-lo por cegar ao escravo.

Seu pai em realidade o tinha acariciado nas costas.

—Hei aqui, meu filho. Sempre golpeia onde eles são mais vulneráveis. Será um bom general algum dia.

Zarek tinha elevado a vista para ele então e o vazio se foi. O lado direito de seu rosto estava coberto de sangue, mas com seu olho esquerdo, Zarek tinha mostrado toda a dor e a angústia que sentia. Todo o ódio que estava dirigido tanto para dentro como para fora.

Aquele olhar queimava por dentro ao Valerius até este dia.

Seu pai tinha golpeado Zarek outra vez pela insolência daquele olhar.

Nada lhe assombrava que Zarek os odiasse a todos. O homem tinha o direito de fazê-lo. Mais agora Valerius conhecia a verdade sobre a ascendência do Zarek.

Ele se perguntava quando tinha conhecido Zarek a verdade. por que ninguém jamais o havia dito.

Zangado, Valerius pegou o busto de pedra de seu pai.

—por quê? —exigiu, sabendo que nunca obteria uma resposta agora.

E agora odiava a seu pai mais que nunca. Odiava o sangue que corria por suas veias

Mas ao final do dia, ele era romano.

Esta era sua herança.

Bem ou mau, ele não podia negá-lo.

Levantando em alto sua cabeça, retirou-se do vestíbulo para seu dormitório acima.

Mas enquanto ascendia os degraus da escada, ele arremeteu uma última vez.



Abraço Noturno -

"Night Embrace"

Dark Hunters 4 -Talon e Sunshine - Sherrilyn Kenyon

Girando, chutou com sua perna, lhe dando no pedestal.

O busto de seu pai caiu contra o chão de mármore e se quebrou.

NOVA Orleans, ESSA TARDE

Zarek se reclinou enquanto o helicóptero voava. Ele estava indo pra casa.

Sem dúvida morreria ali.

Se Artemisa não o matasse, ele estava seguro que Dionísio o faria. A ameaça do Dionísio soava em seus ouvidos. Pela felicidade de Sunshine, ele tinha contrariado a um deus que estava seguro o faria sofrer ainda piores horrores que aquele de seu passado.

Zarek ainda não sabia por que o tinha feito, salvo pelo fato que foder às pessoas era a única coisa que realmente lhe dava prazer.

Seu olhar caiu sobre sua mochila.

antes de saber o que fazia, tirou terrina feito a mão e sustentou entre suas mãos.

Ele deslizou suas mãos sobre os intrincados desenhos que Sunshine tinha esculpido. Ela provavelmente tinha passado horas sobre este tigela.

Acariciando com mãos carinhosas...

"Eles perderam o tempo com uma boneca de trapo e se voltou muito importante para eles; e se alguém a afastava deles, eles gritavam..."

O parágrafo do Pequeno Príncipe transpassou sua mente. Sunshine tinha perdido muito de seu tempo nisto e lhe tinha dado seu trabalho.

Ela provavelmente não tinha nenhuma idéia de quanto seu simples presente o havia tocado.

—Realmente é patético —suspirou ele, agarrando o tigela em sua mão enquanto curvava seu lábio com repugnância— Isto não significou nada para ela e por um pedaço de argila sem valor você



te sentenciaste a morrer.

Fechando seus olhos, ele tragou. Era verdade.

Uma vez mais, ele ia morrer por nada.

—E o que?

Deixem morrer. Talvez então encontraria algum tipo de consolo.

Zangado por sua própria estupidez, Zarek estilhaçou o tigela com seus pensamentos. Tirando seu reproduutor MP3, pôs a reproduzir Hair of the Dog do Nazareth, colocou os fones e esperou que Mike clareasse os vidros do helicóptero e deixasse entrar a letal luz do sol sobre ele.

Era, depois de tudo, por isso Dionísio tinha pago para que o Escudeiro o matasse.

TARTARUS

Os gritos rodearam ao Styxx, perfurando a escuridão. Ele fez seu melhor intento por ver algo e só viu as estranhas luzes fantasmagóricas de olhos que estavam se desesperados por servir de algo.

Esse lugar era frio. Gelado. Ele procurou seu caminho ao longo de uma rocha escarpada só para dar-se conta que estava encerrado em uma pequena cela de dois por dois. Não havia nem suficiente espaço para que ele pudesse deitar-se comodamente.

De repente, uma luz apareceu ao lado dele. Provinha de uma jovem mulher, formosa, com cabelo vermelho escuro, pele clara, e o verde formando redemoinhos aos olhos de uma deusa. Ele a reconheceu imediatamente.

Ela era Mnimi, a deusa da memória. Ele a havia visto incontáveis vezes em templos e sobre volutas.

Ela sustentava uma antiga lamparina em sua mão enquanto o estudava de perto.

—Onde estou? —perguntou Styxx.

Sua voz era débil e aprazível, como uma brisa que sussurra



através de lâminas de cristal.

—Estas no Tartarus.

Styx x tragou sua afronta. Quando ele tinha morrido anos atrás na antiga a Grécia, ele tinha sido localizado no paraíso dos Campos Elíseos.

Tartarus era onde Hades desterrava às almas más que desejava torturar.

—Não pertenço aqui.

—Onde pertence? —perguntou ela.

—Pertenço com minha família.

Os olhos dela estavam embaçados pela tristeza enquanto o considerava.

—Todos eles nasceram de novo. A única família que agora deixaste é o irmão que odeia.

—Ele não é meu irmão. Ele nunca foi meu irmão.

Ela levantou sua cabeça como se escutasse algo ao longe.

—Estranho. Acheron nunca se sentiu assim sobre você. Não importa as vezes que foi cruel com ele, ele nunca te odiou.

—Não me interessa o que ele sente.

—Verdade —disse ela como se conhecesse seus pensamentos mais íntimos, como se ela o conhecesse melhor que ele mesmo. — Francamente, não te entendo, Styxx. Durante séculos, foi dada a Ilha Desaparecida como seu lar. Tinha amigos e todos os luxos conhecidos. Isso era tão pacífico e formoso como os Campos Elíseos, e ainda assim tudo o que fez foi planejar mais vingança contra Acheron. Dava-te as lembranças de sua formosa casa e família, de sua pacífica e feliz infância para lhe consolar e em vez de obter prazer deles os usou para abastecer de combustível seu ódio.

—Culpa-me? Ele me roubou tudo. Tudo o que alguma vez esperei ou amei. Por ele minha família está morta, meu reino perdido. Inclusive minha vida terminada devido a ele.

—Não —disse ela brandamente. —Você pode mentir a ti mesmo, Styxx, mas não a mim. Foi você quem traiu a seu irmão. Você e seu pai. Você deixou que seu medo te cegasse. Foram suas



próprias ações as que o condenaram não só a ele, mas também a ti mesmo também.

—O que sabe disso? Acheron é mau. Sujo. Ele profana tudo o que toca.

Ela dançou seus dedos pela chama da lamparina, fazendo-a piscar misteriosamente na escuridão da pequena cela. Todo o tempo seus olhos o queimavam com sua intensidade.

—Essa é a beleza da memória, verdade? Nossa realidade sempre está nublada por nossas percepções da verdade. Você recorda acontecimentos de uma maneira e então julga a seu irmão sem saber como foram as coisas para ele.

Mnimi colocou uma mão sobre seu ombro. O calor de lhe chamoscou a pele e quando falou seu tom soou malvado, insidioso.

—Estou a ponto de te dar o mais precioso dos presentes, Styxx. Ao final, terá compreendido.

Styxx tentou correr, mas não pôde.

O toque ardente do Mnimi o manteve imóvel.

Sua cabeça girou enquanto ele se precipitava atrás no tempo.

Viu sua formosa mãe jazer sobre sua cama dourada, seu corpo coberto pelo suor, seu rosto cinzento, enquanto uma assistente retirava o úmido bebê, o loiro cabelo e seus pálidos olhos azuis. Ele nunca soube que sua mãe parecesse mais cheia de alegria que esse dia.

O quarto estava lotado por funcionários da corte e seu pai, o rei, estava de pé ao lado da cama com seus ministros. As longas janelas, de vidros lapidados estavam abertas, deixando que o alívio do ar marinho refrescasse o calor do último dia do verão.

—É outro formoso moço —proclamou felizmente a parteira, agasalhando ao bebê recém-nascido com uma manta.

—Pela doce mão do Apollymi, Aara, tem-me feito orgulhoso! – disse seu pai enquanto um ruidoso grito jubiloso se repetia pelo quarto— Moços gêmeos para governar sobre nossas ilhas gêmeas!

Rindo, sua mãe olhou como a parteira limpava ao primogênito.

Então Styxx conheceu o verdadeiro horror do nascimento do Acheron, aprendendo o escuro segredo que seu pai tinha oculto



dele.

Acheron foi o primogênito. Não ele.

Styx, que estava agora no corpo infantil do Acheron, lutou por respirar com seus pulmões recém-nascidos. Ele finalmente tinha tomado um profundo, claro fôlego quando ouviu um grito de alarme.

—Zeus tenha compaixão, o mais velho está mal formado, Majestades.

Sua mãe levantou a vista, sua frente franzida pela preocupação.

—Como é isso?

A parteira o levou a sua mãe, que sustentava ao segundo bebê contra seu peito.

Assustado, o bebê só queria ser consolado. Procurava o irmão que tinha compartilhado o útero com ele esses meses. Se somente pudesse tocar a seu irmão, tudo estaria bem. Ele sabia.

Em troca, sua mãe pôs a seu irmão fora do alcance de sua vista.

—Não pode ser —soluçou sua mãe— É cego.

—Não cego, Majestade —disse uma anciã mulher sábia enquanto dava um passo adiante, entre a multidão. Seu traje branco estava pesadamente bordado com fios de ouro, e levava uma coroa adornada de ouro sobre seu cabelo cinza descolorido. — Foi enviado pelos deuses.

O rei estreitou seus olhos com ira olhando à rainha.

—Foi infiel? —Ele acusou a Aara.

—Não, nunca.

—Então como é que ele veio de seu ventre?. Todos aqui o presenciamos.

O quarto em sua totalidade olhou à mulher sábia, que olhava fixa e inexpressivamente ao diminuto e necessitado bebê que gritava para que alguém o sustentasse e lhe brindasse com consolo. Calor.

—Ele será um destruidor, este filho —disse ela, sua anciã voz alta e clara para que todos pudessem ouvir sua proclamação. —Seu



toque trará a morte a muitos. Nem sequer mesmos os deuses estarão a salvo de sua ira.

—Então mate agora — O rei ordenou a seu guarda tirar sua espada e matar ao bebê.

—Não! —disse a mulher sábia, parando ao guarda antes que pudesse realizar a vontade do rei. —Mate a este infante e seu filho morre também, Majestade. Suas forças da vida estão combinadas. É a vontade dos deuses que você deverá criá-lo até a maturidade.

O bebê soluçou, sem entender o medo que provinha daqueles a seu redor. Tudo o que ele queria era ser sustentado como seu irmão era sustentado. Por alguém que o abraçasse e lhe dissesse que tudo estava bem.

—Não criarei a um monstro —disse o rei.

—Você não tem nenhuma opção — A mulher sábia tomou ao bebê da parteira e o ofereceu à rainha. —Ele nasceu de seu corpo, Majestade. Ele é seu filho.

O bebê chiou ainda mais forte, procurando outra vez a sua mãe. Ela se afastou dele, apertando ao segundo recém-nascido ainda mais apertado que antes.

—Não o amamentarei. Não o tocarei. Afastem-no de minha vista.

A mulher sábia levou a filho a seu pai.

—E o que diz de você, Majestade? Você não o reconhecerá?

—Nunca. Esse filho não é meu filho.

A mulher sábia suspirou e apresentou o infante ao quarto. Seu apertão era frouxo, sem amor ou compaixão evidente em seu contato.

—Então o chamarão Acheron pelo rio do infortúnio. Como o rio do submundo, sua viagem será escura, comprida e duradoura. Ele será capaz de dar a vida e tomá-la. Andará por sua vida só e abandonado, sempre procurando a bondade e sempre encontrando a crueldade.

A mulher sábia olhou à infante em suas mãos e pronunciou a simples verdade que atormentaria ao moço pelo resto de sua



existência.

—Tomara que os deuses tenham compaixão de você, pequeno. Ninguém mais jamais o terá.

MONTE OLIMPO

Enquanto Ash se aproximava do templo sagrado da Artemisa, ele abriu as grandes portas duplas com sua mente.

Com sua cabeça em alto, pegou as alças acolchoadas de sua mochila que antes eram negras e andou pela dourada entrada adornada para entrar no quarto da Artemisa onde ela estava sentada num trono escutando a uma de suas mulheres tocar um alaúde e cantar.

Nove pares de olhos femininos se viraram para olhá-lo com curiosidade.

Sem dizer nada, suas oito assistentes juntaram suas coisas e se precipitaram a sair do quarto como sempre faziam quando ele aparecia. Elas fecharam a porta discretamente atrás de si e o deixaram só com a Artemisa.

Ash recordava imprecisamente a primeira vez que lhe tinham permitido entrar no domínio privado da Artemisa no Olimpo. Como homem jovem havia sentido intimidado pelas colunas de mármore intrincadamente esculpidas que emolduravam o quarto do trono. Estas se elevavam seis metros do chão de mármore e ouro sob seus pés para um teto abobadado de ouro que estava intrincadamente gravado com cenas silvestres. Três lados deste quarto não tinham parede. Em troca, dava a um perfeito céu onde as brancas e amaciadas nuvens flutuavam à altura dos olhos.

O trono em si mesmo não era tão adornado como confortável. Era mais uma enorme cadeira com um só apoio que facilmente podia converter-se em uma cama e ocupava o centro do salão aberto e estava coberta de travesseiros luxuosos e pecaminosos cor marfim com borlas e adornos de ouro.

Só dois homens tinham tido permissão de pôr o pé dentro



deste templo.

O irmão gêmeo da Artemisa, Apolo, e ele.

Isto era uma honra que Ash, com muito prazer, tivesse cedido.

Artemisa estava vestida com um peplos transparente branco que deixava seu gracioso corpo quase nu ante seu olhar. As escuras pontas rosas de seus peitos estavam endurecidas e se marcavam contra o diáfano material, o arena subia alto por suas pernas, lhe dando uma vislumbre do triângulo castanho escuro na união de suas coxas.

Lhe sorriu de maneira sedutora, brindando sua atenção a sua perfeita e formosa cara. Os longos cachos castanhos pareciam tão iridescentes como seus olhos verdes enquanto o olhava com fascinado interesse. Ela jazia sobre seu lado, seus braços dobrados sobre o alto respaldo da cadeira e seu queixo descansando sobre o dorso de sua mão.

Suspirando, Ash cortou a distância entre eles e se deteve de pé ante ela.

Artemisa levantou uma fina e arqueada sobrelancelha enquanto olhava vorazmente o corpo dele.

—Interessante. Parece mais desafiante que nunca, Acheron. Eu não vejo nenhuma prova da submissão que me prometeu. Tenho que revogar a alma do Talon?

Ele não estava seguro que ela tivesse o poder para fazer tal coisa, mas de todas maneiras, não estava disposto que a arriscar-se. Ele a tinha chamado fanfarrona antes e tinha vivido para lamentá-lo.

Baixou sua mochila de seu ombro e a deixou cair ao chão. Então tirou sua jaqueta de couro e com ela cobriu a mochila. Caindo de joelhos, colocou suas mãos sobre suas coxas vestidos de couro, chiou seus dentes e baixou sua cabeça.

Artemisa levantou da cadeira e se aproximou dele.

—Obrigado, Acheron —disse ofegando enquanto se movia para parar-se atrás dele.

Ela deslizou sua mão pelo cabelo dele, trocando a loiro



dourado e liberando o de sua trança para que caísse sobre seus ombros e peito.

Artemisa afastou o cabelo sobre o lado esquerdo de seu pescoço, expondo a carne sob seu olhar. Ela arrastou uma longa unha pela pele nua dele, levantando calafrios sobre seus braços e peito.

E logo ela fez uma coisa, a que ele mais odiava de todas.

Ela suspirou seu fôlego na parte posterior de seu pescoço.

Ele venceu o impulso de encolher-se. Só ela conhecia quanto e por que ele odiava essa sensação. Era uma coisa cruel que o fazia para lhe recordar seu lugar em seu mundo.

—Apesar do que possa pensar, Acheron, não obtenho nenhum prazer em fazê-lo dobrar a minha vontade. Preferiria te ter aqui por sua própria escolha, do modo em que estava acostumado a vir para mim.

Ash fechou seus olhos enquanto recordava aqueles dias. Ele a tinha amado muito então. Tinha-lhe doído as vezes que o obrigaram a afastar-se de seu lado.

Ele tinha acreditado nela e lhe tinha dado a única coisa que nunca tinha dado a ninguém mais, sua confiança.

Ela tinha sido seu mundo. Seu santuário. No tempo quando ninguém o reconhecia, lhe tinha dado boas-vindas a sua vida e lhe tinha mostrado o que era ser querido.

Juntos, riram-se e se amaram. Ele tinha compartilhado coisas com ela que nunca tinha compartilhado com ninguém antes ou após.

Então, quando ele mais a tinha necessitado, ela com frieza lhe tinha dado as costas e lhe tinha conduzido à morte com muita dor. Só.

Ela tinha desprezado seu amor aquele dia e lhe tinha provado que depois de tudo, ela se envergonhava dele igual a sua família tinha feito.

Ele não significou nada para ela.

Ele nunca o faria.

A verdade disso tinha doído, mas depois de todo este tempo ele tinha chegado a entendê-lo. Ele nunca seria nada mais que uma



curiosidade para ela. Um mascote desafiante que ela mantinha perto para seu entretenimento.

Outra vez em um gesto que sabia que ele odiava, Artemisa se ajoelhou a suas costas, seus joelhos roçando gentilmente seus quadris. Ela deslizou sua mão sobre o ombro dele, e logo as baixou a intrincada tatuagem de pássaro em seu braço.

—Mmm —ronronou ela, enquanto esfregava seu rosto contra o cabelo dele. —O que passa contigo que me faz te desejar assim?

—Não sei, mas se alguma vez resolve, avisa-me e me assegurarei de detê-lo.

Ela afundou suas unhas profundamente em sua tatuagem.

—Meu Acheron, sempre desafiante. Sempre exasperado.

Ela puxou a camiseta dele e a tirou de seu corpo.

Ash conteve seu fôlego enquanto ela empurrava suas costas contra sua frente e avidamente deslizava suas mãos sobre o peito nu dele. como sempre, seu corpo o traiu e reagiu a seu contato. Calafrios correram por sua pele e seu estômago se contraiu enquanto sua virilha se endurecia.

O fôlego quente dela caiu contra seu pescoço enquanto deslizava a língua ao longo de sua clavícula. Ele apoiou sua cabeça à direita para lhe dar mais acesso enquanto ela desatava suas ajustados calças de couro.

Com respiração desigual, Ash apertou suas mãos contra suas coxas e esperou o que devia vir.

Ela liberou seu endurecido membro e o embainhou com suas mãos.

A língua dela brincava em seu pescoço, enquanto deslizava sua mão direita para a ponta de sua virilidade, acariciando até que ele esteve tão duro por ela que lhe doía. Ele gemeu enquanto ela afundava sua outra mão, segurando-a e acariciando por debaixo, enquanto sua mão direita seguia brincando.

—É tão grande e grosso, Acheron —sussurrou ela com voz rouca enquanto usava seus dedos para cobri-lo com sua própria umidade de modo de poder acariciá-lo ainda mais rápido. Mais forte.



—Amo a forma em que te sinto em minhas mãos –suspirou ela contra seu cabelo. —A forma em que cheira — Ela esfregou o ombro dele com seu rosto. —O som de sua voz quando diz meu nome.

Deslizou sua língua através de sua omoplata de novo para o pescoço dele.

—A forma em que suas bochechas se colorem quando te excita.

Ela mordiscou sua orelha.

—A forma em que luz seu rosto quando te libera dentro de mim.

Ela esfregou seus peitos contra a coluna dele para poder sussurrar suas próximas palavras em seu ouvido.

—Mas sobre tudo, eu gosto do seu gosto, do seu delicioso sabor.

Ash se esticou quando ela afundou suas longas presas em seu pescoço. A dor momentânea trocou rapidamente a prazer físico.

Elevando seu ombro, ele embalou a cabeça dela contra seu pescoço e se balançou a si mesmo contra as mãos dela enquanto o acariciava ainda mais rápido que antes.

Ele sentiu a ela e seus poderes fluir dentro dele, fazendo-os ainda mais próximos que a intimidade do sexo.

A cabeça dele deu voltas até que não pôde ver nada. Tudo o que podia sentir era a Artemisa. Suas exigentes mãos sobre ele, seu quente e vivente fôlego contra sua garganta, o coração dela pulsando ao unísono com o dele.

Eles estavam sincronizados. O prazer dela era o dele, e durante este momento no tempo, eles foram uma criatura com um só pulsado de coração, unidos em um nível que superava o entendimento humano.

Ele sentiu o desejo dela por ele. Sua necessidade de possuir cada parte de sua mente, corpo, e coração. Ele sentiu como se afogasse. Como se ela estivesse arrancando o de si mesmo, deixando em uma cela fria, escura, onde nunca mais encontraria seu caminho de volta.



Ele a ouviu sussurrar em sua mente.

—Vêem mim, Acheron. me dê seu poder. Sua força. me dê tudo o que é.

Ele lutou contra sua intrusão, e como sempre, perdeu a batalha.

como sempre, ele não tinha nenhuma opção exceto lhe dar o que ela queria.

Ash atirou sua cabeça para trás e rugiu enquanto seu corpo inteiro se sacudia com o completo êxtase do orgasmo. Ainda bebia dele, tomando sua essência e poderes em seu próprio corpo.

Ele era dela. Independentemente do que ele pudesse pensar, querer, ou sentir, sempre lhe pertenceria.

Ofegando e débil pela posse dela, Ash se reclinou contra ela e olhou como um fino rastro de sangue se deslizava por seu próprio peito.

EPILOGO

TRÊS MESES MAIS TARDE

Sunshine sorriu enquanto levava sua pequena caixa de óleos à sala de estar. Tentava levá-los a seu novo estúdio que tinha vista ao pântano do Talon, mas assim que viu seu marido pendurando suas pinturas nas paredes de sua velha cabana, ficou parada olhando.

Ele não parecia saber que ela estava ali. Tinha o martelo pendurando de seu bolso traseiro enquanto levantava a paisagem emoldurada e o colocava sobre a parede.

mal os dois tinham saído de seu loft depois do Mardi Gras, Talon tinha decidido construir uma casa própria para ambos.

Juntos, tinham desenhado cada detalhe. Um quarto de computação extremamente grande e uma garagem para acomodar seus brinquedos, e um aberto e arejado estúdio para sua arte. Até tinham um quarto de jogos com prateleiras onde estava disposta a



enorme coleção de Pastilhas PEZ, onde Snoopy tinha um lugar de privilégio na prateleira do meio.

Mas seu quarto favorito era o menor, que confinava com o quarto principal. que, esperavam com ilusão, seria o quarto dos filhos um dia.

—Conseguí centrá-lo? —perguntou ele, surpreendendo-a ao saber que ela estava de pé atrás dele.

—vê-se bem para mim.

Lhe jogou uma olhada por sobre seu ombro e a apanhou olhando fixamente seu traseiro agradavelmente formado.

—Eu falava da pintura.

—E eu falava de seu traseiro, mas as pinturas se vêem bem também.

Ele riu enquanto se aproximava dela e tomava a caixa de suas mãos.

Deslizou sua mão através do cabelo dela e lhe deu um ligeiro beijo. Sunshine alcançou seus quadris e lhe deu um forte apertão a seu traseiro.

—Segue fazendo isso —disse Talon guturalmente, —e não conseguiremos desembalar nada mais hoje.

Lhe dirigiu um zombador sorriso diabólico.

—Está bem. Não é como que não tenhamos o resto da eternidade para nos mudar.

—Bem, nesse caso... — Ele deixou a caixa e tomou em braços.

Sunshine riu enquanto ele se dirigia para a piscina interior.

—Onde me leva?

O olhar dele era puramente sexual.

—Ao quarto que não estreamos ainda.

—É insaciável.

—Sei. Perverso de coração.

Ao passar pelo corredor, ela o fez baixá-la suficiente para pegar um pequeno embrulho.

Talon franziu o cenho, então a acomodou sobre seu ombro e correu a grande velocidade de volta à casa.

Sunshine ainda ria quando ele a deixou com cuidado ao lado



da piscina.

—O que é isso? —perguntou ele quando lhe deu seu presente.

—Isto é um presente de inauguração da casa para ti.

Ele o abriu para encontrar a um pastilha PEZ do Eddie Munster.

Um amplo sorriso apareceu em seu rosto.

—Não posso acreditar que encontrasse um.

Sunshine levantou a mão direita dele que tinha cicatrizes e a beijou. Então, ela a deu volta sobre as suas costas e estudou o desenho formado redemoinhos da queimadura.

A primeira coisa que Talon fez quando ele a tinha levado a seu loft tinha sido tirar a cicatriz de sua mão feita por sustentar o medalhão.

Agora a queimadura residia na sua mão em vez da dela.

—Amo-te Talon —sussurrou ela. —mais do que jamais saberá.

Ele tocou a bochecha dela com sua mão esquerda enquanto seus olhos âmbar a chamuscavam com sua sincera intensidade.

—Amo-te, também, Sunshine. Obrigado por sua força e por deixar os produtos de soja.

Ela riu disso, logo o beijou apaixonadamente.

Talon deu um passo afastando-se dela enquanto olhava a caixa que ela tinha levado minutos antes. Esta continha a coleção de coisas que eles tinham recolhido de seu escritório, incluindo a caixa que tinha o medalhão da Nynia.

—estive pensando em fazer algo — Ele tirou o medalhão de seu pescoço e o colocou com o da Nynia.

Sunshine franziu o cenho enquanto o olhava abrir a porta do alpendre traseiro que dava ao pântano.

—O que está fazendo?

—Pondo o passado a descansar. Tanto como amei a Nynia, eu te amo mais e não quero que nunca duvide de que olhos estou olhando quando faço o amor contigo.

Ele retrocedeu para lançar os medalhões.

Sunshine tomou a mão. Ela sabia exatamente o que esses medalhões significavam para ele e que o estava fazendo por ela.



Abraço Noturno -

"Night Embrace"

Dark Hunters 4 - Talon e Sunshine - Sherrilyn Kenyon

Beijando seus lábios, ela tomou. retirou-se com um sorriso.

—Nunca duvidarei de você, Talon.

Ela tomou o medalhão dele e o devolveu a seu pescoço.

Ele sorriu meigamente, logo colocou o outro ao redor do dela.

Sua pele formigou ao sentir as mãos dele sobre sua clavícula.

Olhando fixamente a seus olhos, ela recordou a noite em que o tinha conhecido. A imagem da limusine indo a ele.

embora ela devesse odiar ao Dionísio por tudo o que lhes tinha feito passar, ela não podia.

depois de tudo, se o incompetente deus não tivesse intervindo, sua história tivesse tido um final completamente diferente.

Fim

O pastilheiro do Snoopy





Cenas cortadas na versão original editada.

Esta é a cena de luta no pântano que ocorre enquanto Sunshine e Talon estão no Santuário

Vane se sentou ao outro lado do campo em sua forma humana enquanto escutava as conversações ociosas ao redor dele. A metade da manada estava em forma humana enquanto a outra parte eram lobos.

Muitos dos homens estavam agitados. Havia um aroma inquietante no ar. Um que denotava problemas, dos que ninguém podia dirigir. Nem sequer estava seguro o que o estava causando.

Mas ele estava tão nervoso como o resto deles. Uma palavra ou ação equivocada e era provável que ele tomasse uma vida como um Daimon. Muitas, de fato.

Fang se aproximou dele e lhe ofereceu uma cerveja fria.

—Quer ir patrulhar e ver se podemos averiguar o que está passando?

Vane fez saltar a tampa e inclinou sua cabeça para poder ver, do outro lado do corpo do Fang, onde Stefan e outros estavam reunidos. Ele sacudiu sua cabeça.

Se saía com o Stefan com o humor que tinha, um deles terminaria morto.

—O que seja que é, está vindo para aqui. Penso que deveríamos ficar perto das mulheres.

Fang riu disso.

—Eu gosto do modo em que pensa, adelphos. Ficar perto das mulheres é o que faço melhor.

Ele riu das palavras do Fang.

Vane!

Vane se afogou com a cerveja quando ouviu a voz frenética, assustada de sua irmã, em sua cabeça.

O que? Respondeu silenciosamente.

Os cachorrinhos estão chegando. Necessito-te.

Sua cerveja esquecida, Vane ficou de pé e deu um salto e correu



para ela. Encontrou-a um lado do campo, perto de uma pequena saída da água.

—Tenho-te, neném —disse ele gentilmente enquanto se ajoelhava a seu lado para ajudá-la.

Ela lambeu seu queixo, logo choramingou mais quando a dor do trabalho de parto a golpeou.

Fang se reuniu com eles uns minutos mais tarde, trazendo mantas.

—Quer que consiga a Papai?

—Não —disse Vane. —Podemos dirigi-lo.

Enquanto se esticava para acariciar a Anya, seu telefone celular soou. Amaldiçoando pelo inoportuno, respondeu para encontrar ao Acheron do outro lado.

—Estou ocupado, Caçador escuro. Este não é um bom...

—Sei, mas há um maciço número do Daimons convergindo sobre o Miller's Well. Eles vão por sua manada, Vane.

Vane ficou frio com as notícias.

—Está seguro?

—Positivo. Parece que eles querem uma supercarga antes das festividades de amanhã de noite, assim moços, têm que sair dali.

Como desejaria que fora tão simples.

—Anya está de parto. Não podemos movê-la. Mas me assegurarei que outros se vão.

—Bem —disse Ash. —te cruze os dedos e te terei alguns reforços tão logo seja possível.

A implicação atravessou ao Vane e insultou cada parte de animal dele.

—Não necessito sua ajuda, Caçador Escuro. Podemos nos cuidar nós mesmos.

—Sim, é o mesmo, estaremos ali dentro de pouco.

O telefone ficou morto.

Grunhindo, Vane devolveu o telefone a seu bolso e disse ao Fang o que estava ocorrendo.

—Faz que os outros se movam.

Fang assentiu, logo correu a cumprir o pedido.



Ash amaldiçoou enquanto desligava o telefone e andava rapidamente pelo Bourbon Street para Canal. Onde demônios estava Talon?

O Celta supunha-se que devia estar em seu pântano mas não havia sinal dele.

Fechando seus olhos, Ash sentiu que o Celta estava bem. Mas ele não tinha tempo para cuidar da Sunshine. Os Daimons se moviam rápido e não passaria muito tempo antes que alcançassem ao Vane e sua família.

Ele abriu seu telefone e chamou o Valerius que estava ainda em casa.

—Valerius, estou no Bourbon...

—Não me aventurarei por essas ruas de grosseiras iniquidades e plebeu horror, Acheron. Este é o poço negro da humanidade. Nem sequer o peça.

Ash pôs seus olhos em brando ante o tom arrogante do Romano.

—Necessito-te no pântano.

O silêncio lhe respondeu.

—Temos uma situação, Valerius —disse ele severamente. — Um grupo do Daimons está atrás da manada Katagaria e eles têm mulheres em trabalho de parto...

—Onde me necessita?

Ash sorriu. O romano tinha seus momentos. Bons e maus. Por sorte, este era um dos bons.

—Vou para lá — Ash desligou o telefone. Entrou correndo a um pórtico próximo onde ninguém poderia vê-lo e cintilou para chegar ao lado de Valha.

Valerius fez um gesto de surpresa ao ver o Ash em sua sala de estar antes que o romano pudesse nem sequer devolver o telefone sem fio a sua base.

Quão único demonstrou Valerius foi um leve arqueamento



leve de sua sobrancelha direita.

—Não temos tempo para métodos convencionais de transporte —explicou Ash.

antes que Valha pudesse lhe perguntar que queria dizer, Acheron o pegou e eles se materializaram perto da guarida Katagaria.

Valha lhe franziu o cenho.

—Como tem feito isso? É alguma espécie de híbrido do Were-Hunter como Ravyn?

Ash lhe deu um escuro meio-sorriso.

—É uma longa história. A parte pertinente é que não posso usar meus poderes perto dos Katagaria sem lhes obrigar a trocar de forma. Se as lobas embarçados são obrigadas a trocar à forma humana por meus poderes, matará a elas e a seus bebês instantaneamente. Então, luto estritamente como um humano. Seus poderes não são carregados iónicamente, por isso deveria poder lutar como sempre.

Valha assentiu, entendendo.

Acheron tirou sua fortificação de batalha, logo conduziu a Valha para a guarida.

O campo estava em um caos total enquanto os homens, muitos em forma humana, tentavam reunir às lobas grávidas e os cachorrinhos e movê-los sem usar sua magia.

Vane e Fang estavam sobre uma loba grávida em trabalho de parto enquanto outro macho que se parecia assombrosamente ao Vane, ajoelhava-se a seu lado e a sustentava. O homem era grandemente mais velho que os irmãos.

Ash o recordava bem. O desumano chefe Katagari odiava a tudo o que não fora da manada.

Mas vamos, corrigiu-se enquanto olhava ao Vane e ao Fang, seu pai odiava a muitos que estavam na manada também.

—Odeio te deixar, pequena —disse seu pai. —Mas sabe que criarei seus cachorrinhos com amor.

A loba choramingou.

Seu pai se levantou e dirigiu um desdenhoso olhar sobre o



Vane e Fang.

—Isto é sua culpa. Amaldição o dia que tive filhos were-wolf.

Vane grunhiu ante o insulto e se equilibrou por seu pai, mas Fang o deteve.

Seu pai curvou seus lábios.

—Você, melhor os protege jovem. Que Deus os ajude a ambos se algo lhes passar — Ele espreitou a outros.

Acheron e Valha se dirigiram aos irmãos.

—O que estão fazendo aqui? —exigiu Vane assim que os viu.
—Disse-te que podemos dirigir isto.

Acheron plantou o final de sua fortificação na terra e o olhou com paciência.

—Não jogue de herói, Vane. Quão último precisa é lutar por te tirar Daimons de suas costas enquanto Anya está de parto.

Vane estreitou seus olhos.

—Seu sabe algo sobre ajudar a nascer um bebê?

—Se —disse Ash. —ajudei a nascer a mais dos que me correspondiam durante os onze mil anos passados.

Apesar de suas anteriores palavras, Vane pareceu aliviado pela resposta do Ash.

Vane olhou a Valha.

—E você?

A resposta de Valha esteve tão desconjurado, vindo dele, como sua presença aqui.

—Não conheço nada sobre o nascimento de cachorrinhos, senhorita Scarlett, mas posso arrancar a cabeça de um Daimon sem me pôr a suar.

—Bem, ambos podem ficar — Vane se agachou ao lado de sua irmã acariciou seu focinho com seu rosto enquanto a loba ofegava e choramingava. —Agüenta, Anya. Não vou abandonar te.

Ash se sentou a seu lado e esticou sua mão para ela para que o cheirasse.

—Sou um amigo, Anya —disse ele gentilmente. —Sei que está sofrendo, mas vamos ficar contigo e te ajudar.

Ela levantou a vista para o Vane quem fazia ruídos de lobo



atrás dela.

Uma forte maldição soou.

—Vane! —gritou Fang. —Temos jacarés movendo-se por toda parte.

—Está bem —disse Ash. —Estão comigo. Eles não lhe atacam a não ser que os golpeie.

—Está seguro? —perguntou Fang com cepticismo.

—Positivo.

O último da manada Katagaria se foi, deixando a Valha, Anya, os irmãos e ao Ash sós com os jacarés. A tranqüila calma do pântano era quebrada só pelos ofegos e gemidos da Anya.

Enquanto esperavam, Ash compadeceu a pena nos olhos do Vane.

—Ela estará bem —lhe assegurou Valha quando ele o notou também. —Tiraremos-la disto.

—Não —disse Vane, sacudindo sua cabeça. —Tudo o que podemos esperar é salvar a seus cachorrinhos. Tão logo o último saia de seu corpo, ela morrerá.

Valha lhe olhou com o cenho franzido.

—Não seja tão fatalista.

—Não o sou, Caçador Escuro. Ela foi reclamada por seu companheiro. Eles vincularam suas forças de vida. Se não tivesse estado grávida e levando uma nova vida nela quando ele morreu, teria morrido com ele. Assim que os cachorrinhos tenham nascido, ela irá unir-se a ele no outro lado.

O estômago do Ash se apertou de pena e compaixão para ouvir a dor da voz do Vane. Ele sabia quanto significava Anya para os irmãos. Também sabia o que estava a ponto de passar e embora ele quisesse trocá-lo, também sabia que não poderia.

—Sinto muito, Vane.

—Obrigado — Vane arrastou sua mão pelo cabelo branco de sua irmã.

De repente, de em nenhuma parte, uma horda do Daimons atacou.

Vane saltou sobre seus pés para enfrentá-los.



—Não sei nada sobre o nascimento de cachorrinhos —disse ao Ash. —Fica com ela e eu lutarei.

Ash cabeceou e ficou agachado junto à Anya enquanto ela tratava de morder e gemer.

Fang se transformou em um lobo, sua mais forte forma, para lutar, mas Vane permaneceu humano.

Ash ouviu o grito dos Daimons quando encontraram aos jacarés que os estavam esperando.

Anya começou a agitar-se quando a luta estalou. Ash manteve sua atenção enfocada na loba e só levantava a vista para assegurar-se que os Daimons não se estavam aproximando da Anya.

Fang fazia um trabalho notável mantendo-os longe na forma de lobo enquanto Valerius e Vane lutavam com faca e espada. O mau era que os irmãos não podiam usar sua magia mais que o que Ash podia. Qualquer fortuito golpe de sua energia podia golpear acidentalmente a Anya e seus cachorrinhos e matá-los imediatamente.

—Vane!

Ash se sobressaltou ante o som humano da loba. Levantou a vista e viu um Daimon a ponto de atacar ao Vane pelas costas. Prevenido, o Katagari viu o Daimon e girou a tempo para apunhalá-lo no coração e matá-lo.

Anya voltou a deitar-se.

Ash a sustentou quieta enquanto o primeiro de seus cachorrinhos aparecia.

—Isso é —disse ele, com uma voz tranqüila, calmante. — Quase estamos aí.

Um Daimon passou pelos sebes ao lado deles. Ash saltou e se deu volta para defender a Anya enquanto Vane agarrava ao Daimon e o golpeava afastando o deles.

—Tome cuidado com minha irmã —disse Vane entre dentes apertados.

Ash rapidamente voltou para a Anya.

Com os Daimons tão perto agora, ele estava tendo que cuidar



de bebê, a Anya e aos Daimons. Não era fácil.

—Luta —disse a Anya. —Somente um pouquinho mais.

Os seguintes poucos segundos passaram rapidamente e entretanto pareceram mover-se em câmara lenta.

Dois Daimons se afastaram de sua luta com o Fang. Um deles disparou ao Fang com arma de alta voltagem, convertendo-o imediatamente humano. Fang soltou um uivo enquanto seu corpo se convulsionava de modo incontrolável daqui para lá entre lobo e humano.

Vane foi depois do segundo no momento que o primeiro o apontava com a arma e mergulhou na terra. O Daimon pressionou o botão e a rajada não deu ao Vane por uma fração de milímetros.

Pegou-lhe Anya em troca.

Ash amaldiçoou com fúria enquanto Anya se transformava de uma loba a uma mulher e voltava a trocar outra vez. Seus gritos ressonavam nas árvores e logo ela caiu misteriosamente silenciosa.

De volta em sua forma de loba, ela não se moveu absolutamente.

Vane correu para ela, mas era muito tarde.

Ela estava morta.

Ash soltou seu grito de batalha e se precipitou sobre o Daimon que a tinha matado. Ele perfurou com força ao Daimon na mandíbula, logo usou suas mãos nuas para terminá-lo.

Agora que ele podia usar seus poderes sem restrição, Ash teve pouco trabalho com os Daimons restantes.

As transformações do Fang tinham reduzido de velocidade, mas ele ainda alternava entre a forma humana e de lobo enquanto se arrastava devagar para o corpo de sua irmã.

Vane caminhou petrificado para a Anya e se afundou ao lado dela. Ele tomou seu corpo de lobo em seus braços e a embalou como se fora um bebê. Lágrimas corriam por seu rosto enquanto ele se balançava pra frente e para trás com ela e lhe sussurrava em lobo.

Fang soltou um uivo feroz e se converteu em um homem. Seu corpo nu, ele posou sua cabeça sobre as costas da Anya e a



sustentou também.

Ash nunca esqueceria a visão dos três agrupados ali em sua pena. Isto o atormentaria sempre.

Ele recordava o passado, muito bem, para seu gosto...

Uma dor assim nunca se curava completamente. Ele sabia, de fato.

Com cara severo, Ash deu um passo para eles.

—Necessitam-me para...

—Vão-se —grunhiu Vane, sua voz selvagem e fria. —nos deixem sós.

—Poderia haver mais Daimons vindo —lhe recordou Valha ao Vane.

—E os matarei —grunhiu ele. —Matareis a todos.

Não havia nada mais que pudesse fazer para ajudá-los e Ash odiava isso sobre tudo. Os irmãos necessitavam tempo para lastimar-se.

Desintegrando sua fortificação ele girou para Valha que olhava aos irmãos com um olhar fixo, preocupado.

—Não havia nada mais pudesse fazer —disse Valerius ao Vane. —Não te culpe.

Vane soltou um grunhido desumano.

Ash atirou do braço de Valha e o afastou da cena antes do Vane atacasse pela dor.

—O inocente nunca deveria sofrer pelas batalhas de outros —disse Valha sem fôlego enquanto seguia ao Ash.

—Sei —disse Ash, seu coração pesado. —Mas sempre parece ser o caso.

Valha assentiu.

—A fúria, libere-nos.

Ash fez uma pausa ante o encontro latente. "A raiva interna nos libera".

—Sabe, Valerius, há vezes que penso que em realidade poderia ser humano, depois de tudo.

Valerius se mofou disto.

—Confia em mim, Acheron, independentemente da parte



Abraço Noturno - “Night Embrace”
Dark Hunters 4 -Talon e Sunshine - Sherrilyn Kenyon

humana de mim que alguma vez tenha existido, está morta faz um
comprido, comprido tempo.

* * *